1952

DEZEMBRO - N.427

EU SEI TUDO

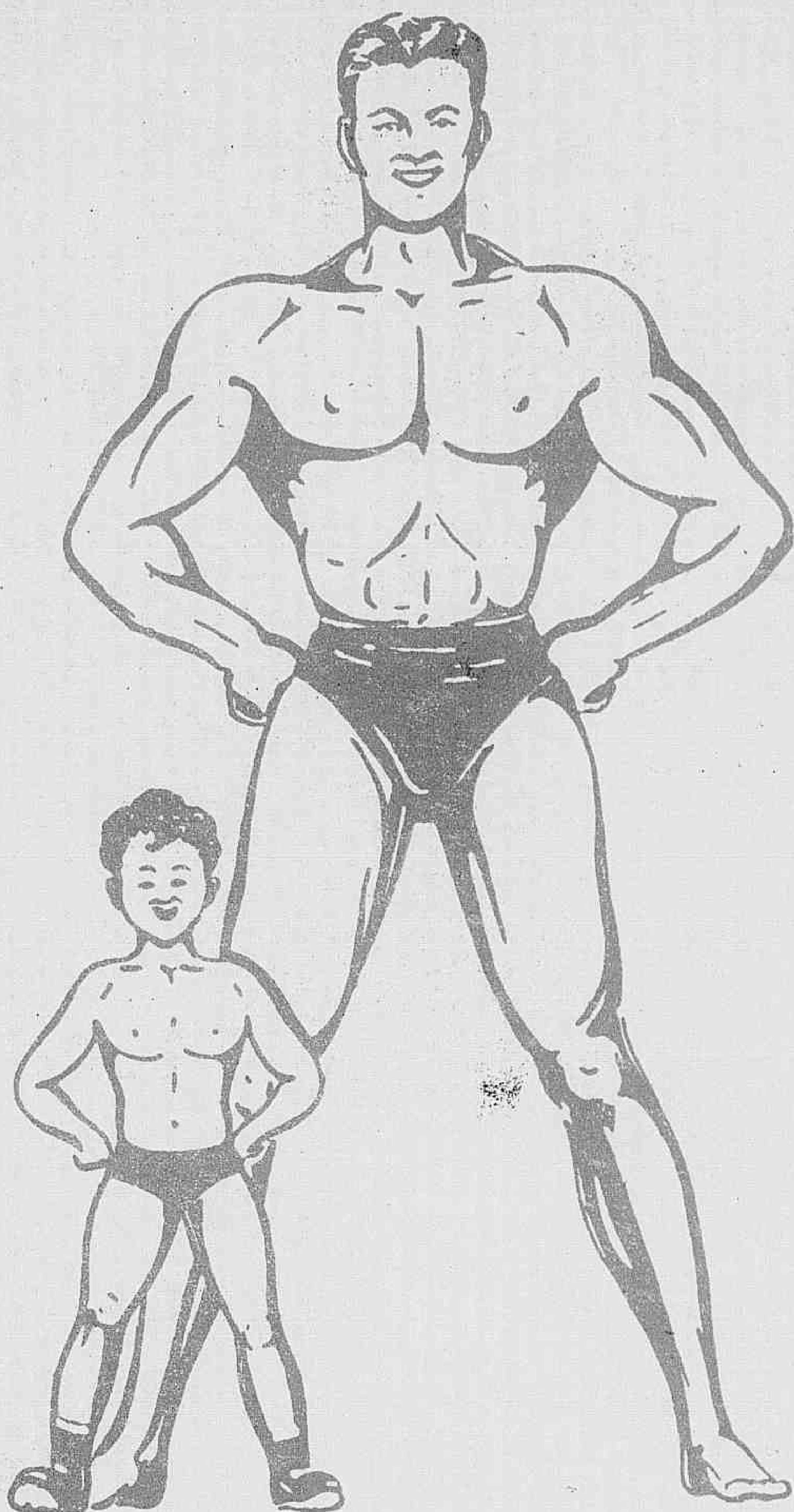
5 CRUZEIROS

ITÁLIA: "calcanhar de Achiles" da NATO?
Falsario ... de acôrdo com a Lei! • Você tem certeza?
O que as mulheres não podem fazer!





ARROZINA



O alimento ideal dos bebês



JÁ ALIMENTOU DUAS GERAÇÕES DE CAMPEÕES



Encontra-se ARROZINA em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil

LABORATÓRIOS BALDASSARRI S. A.

RUA MARIA PAULA, 136 — SÃO PAULO

Filiais:

RIO DE JANEIRO
Rua Juan Pablo, 42 — Distrito Federal

BAHIA — SERGIPE
Rua Dr. Gustavo dos Santos, 32 — Salvador

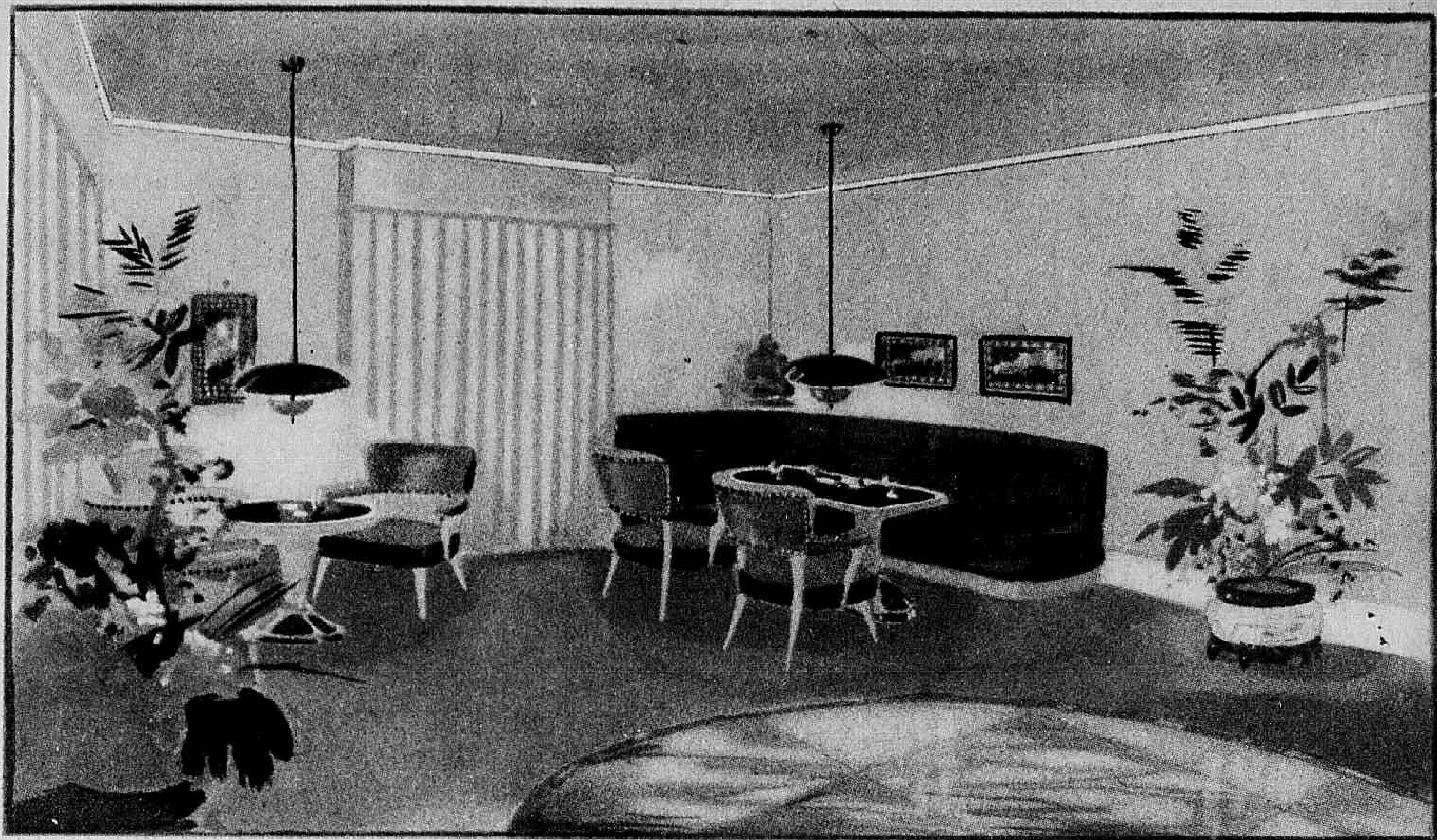
CEARÁ — PIAUÍ — MARANHÃO
Rua Floriano Peixoto, 799 — Fortaleza

PERNAMBUCO — PARAÍBA
Rua da Saudade, 323 — Recife

RIO GRANDE DO SUL
Rua Senhor dos Passos, 70 — Pôrto Alegre

DEPÓSITOS E REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

MÓVEIS e DECORAÇÕES



projeto da CASA NUNES



Visite as novas exposições

— preço ao alcance de todos —

Tapêtes feitos à mão

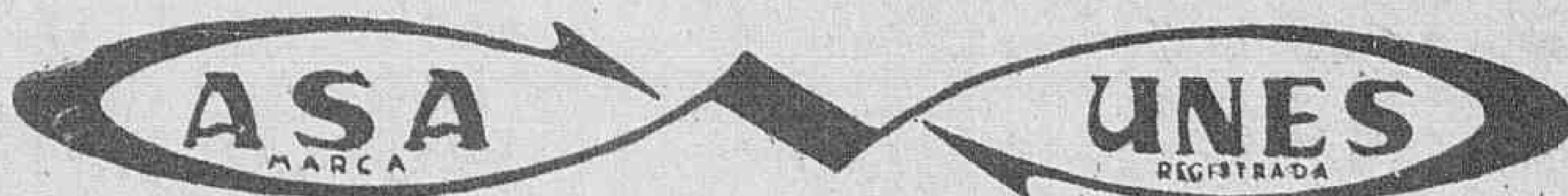
de grande beleza e originalidade

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes e passadeiras

de forração, de tôdas as larguras, em côres lisas e com flores



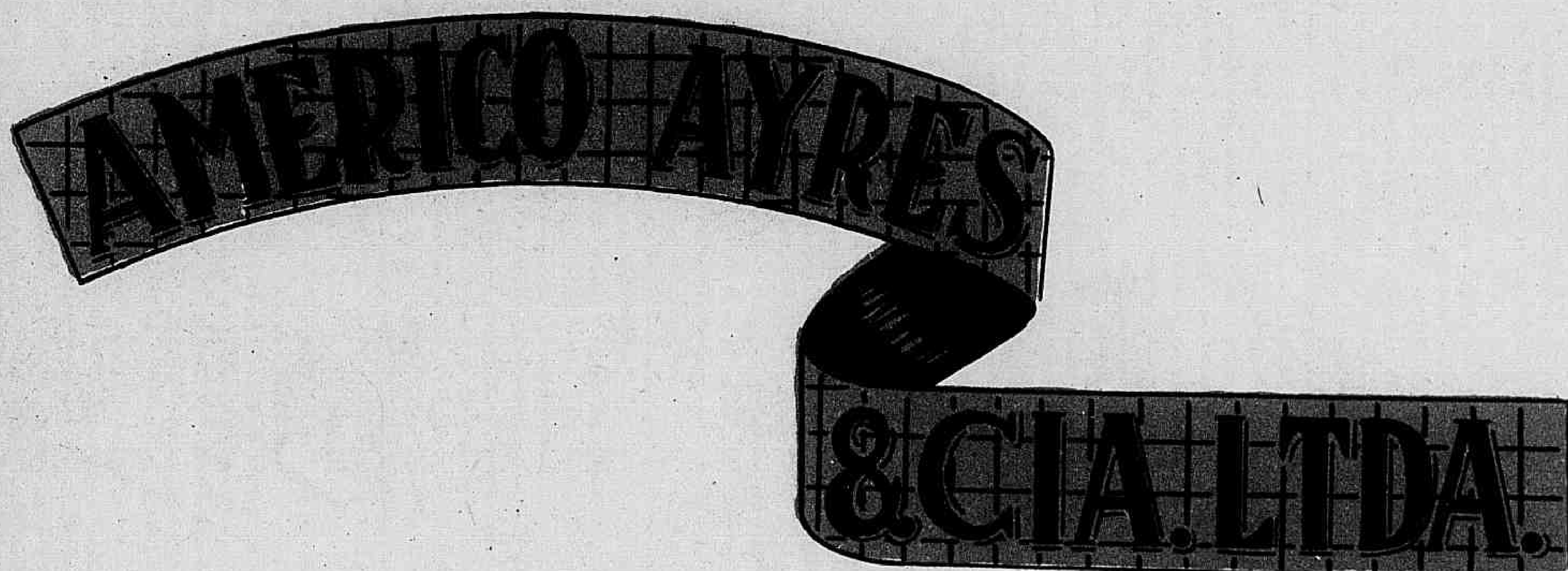


Escritório e Loja

Rua CAROLINA MEYER, 24 - (Meyer)

FONES { Rêde int. 29-0022
Escritório 49-1221

End. Teleg. ROSAYRES



IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

AZULEJOS — LADRILHOS — LOUÇAS SANITÁRIAS — METAIS — FOGÕES — BANHÉIROS BRANCOS E EM CÔRES — MOSAICOS — CERÂMICA — MATERIAIS E FERRAGENS PARA CONSTRUÇÃO EM GERAL

DISTRIBUIDORES DO AFAMADO CIMENTO PORTLAND "MAUÁ"

Nas **5** *Lojas da Perfumaria Meyer*
V. S. encontrará o que desejar!...



Vieiras de Castro & Cia. Ltda. Rio





insinuante
CARIOCA, 46·48 - 7 de SETEMBRO, 199·201
DEVOLVE A IMPORTANCIA COM O MESMO SORRISO COM QUE LHE VENDE.
AT. SEMOG



Diretor: GRATULIANO BRITO

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

Redator-chefe: M. R. de Castro

Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: — nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Bueños Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO (FUNDADO EM 1917)

HISTÓRIA MUITO ANTIGA

HÁ séculos, perto de dois mil anos, deram-se festas que pareciam insignificantes aos que então viviam a vida rústica da Palestina, e que se absorviam, na vida de todos os dias, nos humildes trabalhos de agricultura, êsses primitivos trabalhos que demandavam um enorme esfôrço aos braços humanos que os empreendiam, porque nesses tempos, não havia máquinas a auxiliar o homem e era apenas com o suor do seu rosto e o esfôrço dos seus braços, auxiliado pelos animais, que conseguia arrancar à terra os seus frutos, para se alimentar e à sua família.



Época dum primitivismo são, se a compararmos a esta em que vivemos, mas em que já havia desigualdade na situação dos homens, como sempre haverá; havia pobres e ricos, felizes e infelizes, justos e pecadores, bons e maus, porque assim será sempre também; tal é a condição humana.

Não eram tantos os maus, como agora são, mas já alguns havia e assim Deus, para que fôssem remidos os pecados aos homens, aos que existiam e a todos os que haviam de existir, mandou ao mundo seu divino filho sacrificando-o pelos homens.

Que maior prova de amor podia Deus dar à humanidade? E' ela tão grande que nos deixa abismados ainda hoje e surpreendidos pela cega ingratidão com que é retribuída.

Mas como mandou Deus êsse filho à terra? Como filho de alguma princesa, no palácio de algum poderoso rei? Não; escolheu para mãe do seu filho uma jovem formosíssima e pura, casada com um varão castíssimo e duma reconhecidada bondade. Jovem que desde sempre tinha sido designada para mãe do filho de Deus.

Mas se eram imensas as suas virtudes, se irradiava pureza, bondade, caridade, era também pobre, e seu marido era um modesto carpinteiro.

E quando, numa dourada manhã, dessas manhãs suaves da Palestina, a virgem orava em seu pobre aposento, enquanto seu marido trabalhava no seu humilde ofício, apareceu-lhe um anjo anunciando-lhe que ela seria a mão de Jesus.

Aterrada respondeu:

— Mas como, se não conheço varão?

— Pelo poder Divino — lhe foi respondido.

E assim se realizaram as profecias!

Mas quando era quase chegado o têrmo para o nascimento dêsse Filho, que ela sabia ser um filho de Deus, vieram as ordens do rei da terra, lançá-la em grande aflição, determinando que fôra um recenseamento da população da Palestina e

êles teriam que se dirigir a Belém onde deviam fazer a sua inscrição; mas que viagem tormentosa!

Fechada a sua pobre casinha de Nazaré, ei-los a caminho de Belém, uma jovem que a todo momento esperava o nascimento de um filho e um homem já cansado que a amparava nessa dolorosa viagem, que eram obrigados a fazer.

Cheios de viandantes os caminhos que a Belém levavam, ágeis no caminhar os que a pé seguiam, outros montados em belos cavalos, em camelos, em burrinhos, todos iam depressa, para cumprir essa obrigação e passavam adiante dos pobres viandantes que a custo caminhavam.



Chegaram tarde a Belém; tôdas as casas que recebiam hóspedes, e a que podia chegar a sua pobre bôlsa, estavam cheias e não recebiam mais ninguém. Em terra desconhecida, que fazer?

Anoitecia e a jovem sentia-se desfalecer. Condoído ao vê-la, um homem que passava ofereceu-lhes abrigo na sua modesta casa, numa lapa contígua à sua habitação, às portas da cidade, lapa que êle arranjara à maneira de estribaria e onde abrigava uma vaquinha e um jumento.

Transidos de frio e sem outro abrigo que os defendesse melhor, aceitaram, agradecidos, e ali se abrigaram dessa gélida friagem que do céu descia. Era uma noite de dezembro, noite brilhante de estrêlas como são as noites orientais, e de áspera brisa vinda dos montes que a neve cobria.

E foi nesse abrigo, tão modesto, tão pobre, que nem a humanos era destinado, que veio ao mundo o filho de Deus. Aquêle que poderia ter nascido no mais rico palácio, em dourado berço cravejado de pedrarias, nasceu na modesta lapa que era abrigo de animais. O seu berço foi a mangedoura onde comiam palha os animais que, com o seu bafo, aqueciam o tenro corpinho da criança que tinha a resistência Divina para suportar tôdo êsse desconfôrto.

Nasceu como o mais miserável dos mortais, Aquêle que veio ao mundo salvar os homens e que era mandado por Deus, seu Divino pai.

E assim nô-lo mostram sempre os presepes que séculos e séculos passados, perpetuam a sua entrada nesse mundo onde vinha, não para fazer e viver com regalado confôrto, mas sim para trazer a palavra de Deus aos homens e dar por êles a sua vida num sofrimento atroz.

E êsse presepe é sempre igual visto através dos olhos de todos os artistas de todos os tempos.

Nêle vemos, sempre, o menino sôbre a palha da mangedoura. A Virgem Santíssima e São José adorando-o e os pobres animalzinhos que ali estavam nessa noite divina, parecem também adorar a criança Deus que ali resplandece.

Escultores insignes, pintores de gênio, todos dedicaram a sua arte a representar o presepe e todos representam os pastôres acorrendo com presentes, os reis magos a caminho, guiados pela estrêla, e tudo alvoroçado com a vinda ao mundo de uma criança, filha duns desconhecidos que, abrigados por caridade, eram uns pobres viandantes fatigados.

Como querem explicar os que negam a Divindade de Jesus Cristo, êste afã em presentear a criança desconhecida? Caridade? A caridade ainda hoje é ordenada por Deus, mas não nos leva a presentear as crianças pobres que nascem, cobrindo-as de dons e, muito menos, naqueles tempos em que a Caridade não era o fundo da humanidade.

E os reis da terra deslocarem-se para ir oferecer-lhe os dons preciosos do ouro, da mirra, e do incenso? A inquietação de Herodes, o rico rei que, em seu deslumbrante palácio, sonhava os mais ambiciosos sonhos.

E como explicar que passados séculos, quase dois mil anos decorridos, êsse fato, que a muitos dos rústicos habitantes da Palestina passou despercebido, seja ainda comemorado festivamente em tôdas as partes do mundo, porque em tôdas as partes do mundo há cristãos?

E o Natal em tôda parte se festeja, desde as terras que a neve cobre dum manto gelado e deslumbrante de brancura, àquelas que o sol ardente cresta e torna ressequidas como areias escaldantes, passando pelos suaves climas em que todo o ano é primavera.

A única explicação é a sobrenatural realidade da Divindade de Jesus Cristo que veio ao mundo como um pobre, para poder pregar aos pobres a resignação e dar-lhes a compreensão sofreu tormentos e humilhações para que os que do que é a vida na desigualdade dos bens, que sofrem sejam consolados, e que morreu na mais afrontosa das mortes para que os homens aceitem, com resignação, a morte.

E na Ressurreição nos indica o que poderá

ser a vida eterna para os que cumprirem os mandamentos da Lei de Deus, a mais perfeita e completa lei que existe; aquela que tem uma única interpretação e que os homens desprezam porque, no seu egoísmo, preferem o gôzo imediato. E matam-se, destroem-se, odientos, por motivos de louca ambição e não querem ver que os anos passam e êles desaparecem. Quem os lembra?

E o presepe, essa lição única de humildade, dada por Deus, brilha e resplandece sempre com maior fulgor, embora muitos o queiram aniquilar, destruir e lançar no esquecimento. Mas arrazam-no num país do Norte e, êle renasce em dez países equatoriais, e, mais tarde, volta a brilhar nesse mesmo país.

E sempre em todos os climas, em todos os tempos, o presepe, em chegando o Natal, renasce e todos O adoram. E' uma história muito antiga, mas uma história que perdurará sempre e terá sempre o mesmo interêsse, porque não é uma história dos homens, não é o nascimento de um homem. E' uma história Divina a da vinda ao mundo do Redentor dos homens, que lhes trouxe salvação; o que tantos ignoram e muitos esquecem.

MARIA DE EÇA



A MADONA ADORANDO O FILHO DIVINO

Lourenzo Credi — Galeria Uffizi — Firenzi (Itália)

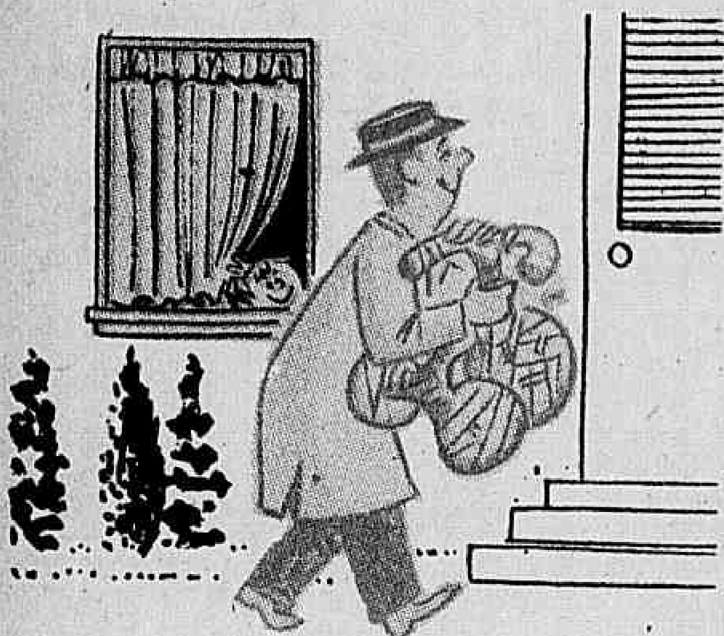


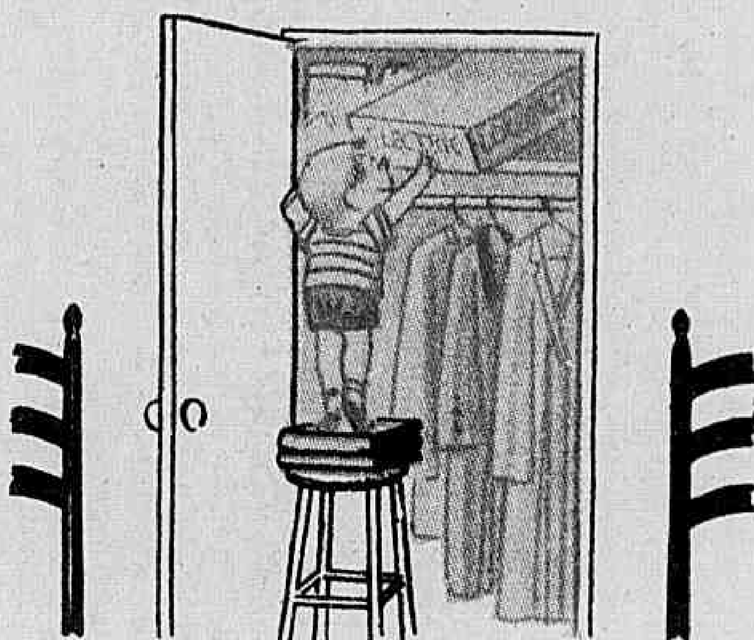
Um parlamentar solicitou, certo dia, a um ministro, que elaborasse detalhado relatório sôbre a proteção a determinado produto de exportação. O ministro escreveu o seu relatório e depois pediu ao seu secretário que o mandasse copiar. Quando êste, finalmente, lhe entregou a cópia, o ministro perguntou o que pensava a respeito.

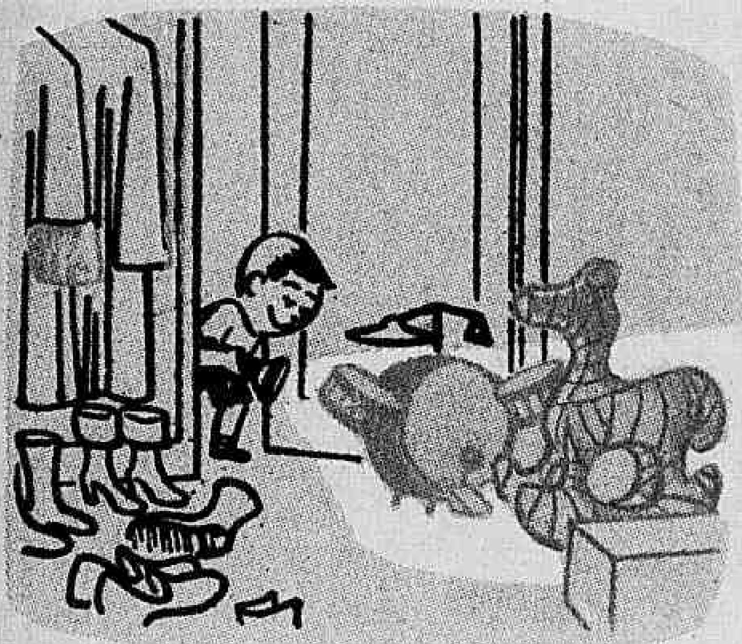
— Para ser franco, Sr. Ministro — respondeu o secretário — o relatório me pareceu muito sutil, muito douto... mas — devo confessar — não pude compreende muito bem se o senhor se declara contra ou a favor dessa proteção alfandegária...

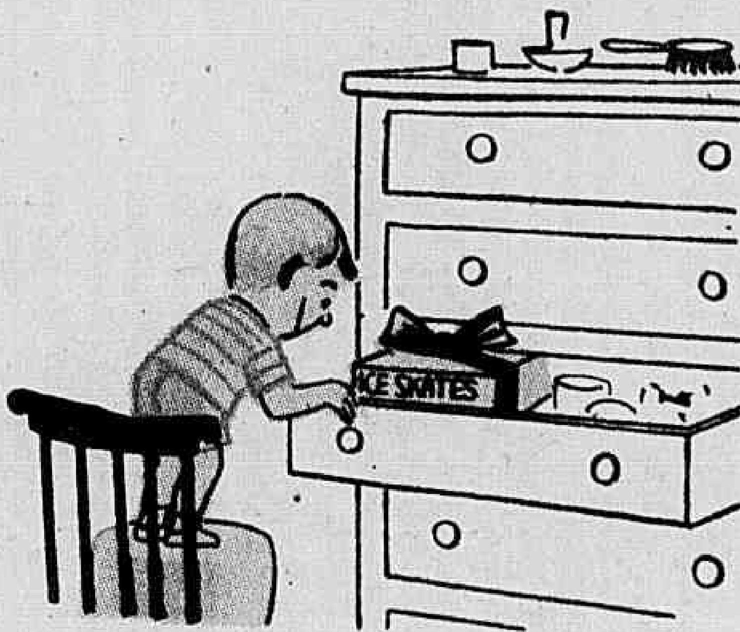
— Obrigado, meu caro... — respondeu o ministro — E' isso exatamente o que desejo!

A semana de Natal

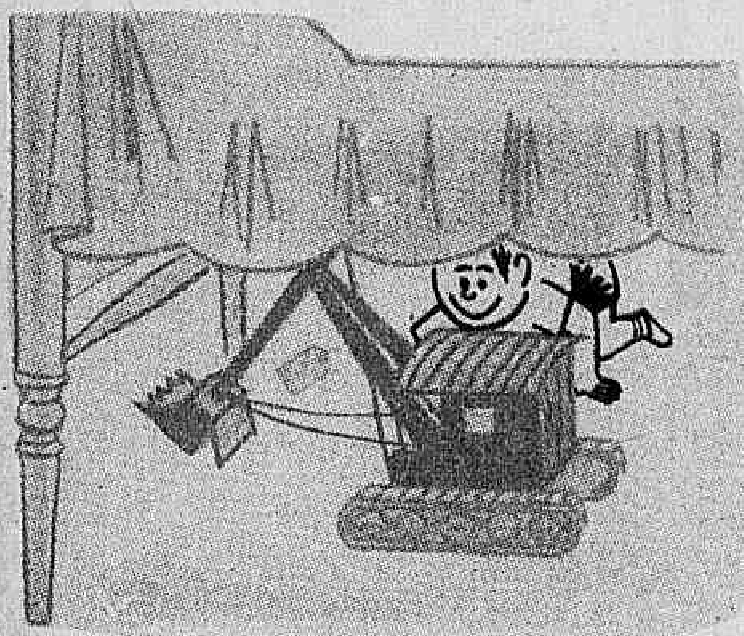

Dezembro, 19

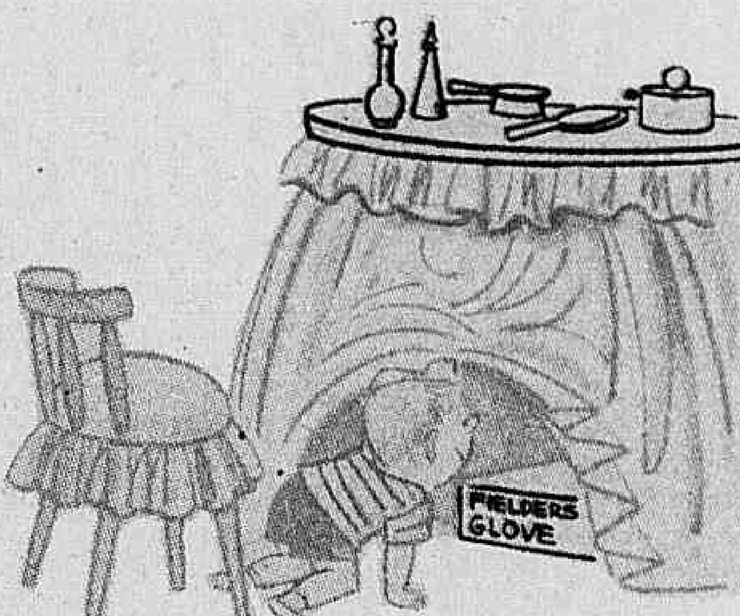

Dezembro, 20


Dezembro, 21

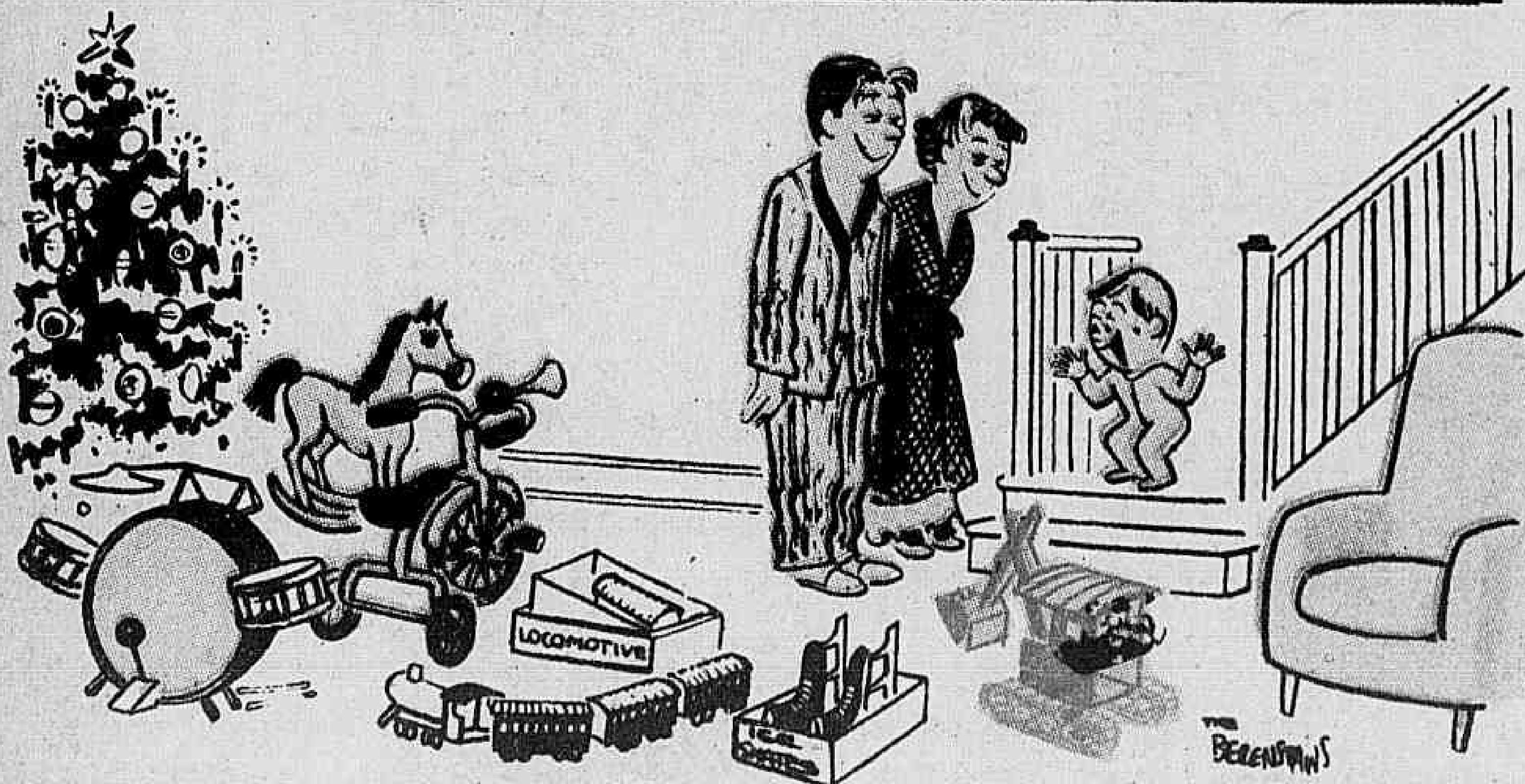


Dezembro, 22


Dezembro, 23



Dezembro, 24



Dezembro, 25

AUTÓGRAFOS

Uma dama escreveu a a Chopin pedindo que fôsse tocar em uma de suas elegantes reuniões. Chopin respondeu pedindo 5.000 francos para comparecer. Não recebeu resposta. Mas, algumas semanas mais tarde descobriu a sua carta na coleção de autógrafos da mesma senhora.

— Madame — disse êle — Se eu soubesse que a minha carta estava destinada a esta coleção, sem dúvida que a teria escrito eu mesmo, em vez de encomendá-la ao meu secretário...



SNOBISMO

Conversa entre duas estrêlas de Hollywood:

— Quando meus brilhantes estão sujos, eu os lavo com amoníaco — disse uma. — Para os rubis, uso vinho do Pôrto, para as safiras, apenas leite e para as esmeraldas, champagne... E você?

— Eu? — respondeu a outra desdenhosamente — Ora... Quando as minhas jóias ficam sujas, eu as jogo fora!



VOCAÇÃO

Nos degraus de uma igreja, três guris se entretêm. Um dêles brinca com um aviãozinho, outro com um automóvel de corda, e o terceiro folheia uma revista onde aparecem bonitas pequenas em maiôs de banho.

— Que é o que você deseja ser, mais tarde? — pergunta o padre.

— Eu, aviador! — respondeu o primeiro menino.

— Eu, campeão de corridas de automóveis — diz o segundo.

O terceiro, mal desvia o olhar da revista:

— Eu? Desejo apenas ser grande!



A SIGNIFICAÇÃO DOS BRINQUEDOS

NO MUNDO DAS CRIANÇAS

NÃO são as crianças, mas as pessoas adultas as que imaginam e fabricam quase todos os brinquedos. As crianças escolhem; mas o fazem entre os objetos que, de certo modo, lhes são impostos!

Já foi observado que os brinquedos são os criadores de muitos primeiros sentimentos e também materiais de construção do mundo das crianças, onde se confundem o sonho e a realidade.

O papel dos brinquedos, portanto, na educação da criança, é tão importante que já está sendo estudado de maneira sistemática. O que ocorre é o seguinte: os brinquedos que oferecemos às crianças nem sempre correspondem, pela utilização que os pequeninos fazem dêles, ao conceito recreativo ou educativo dos adultos.

Alguns pais dão a seus filhos brinquedos que, a seu juízo, podem corrigir seu caráter, avivar ou moderar algumas de suas reações, etc. Porém o tambor que damos à criança logo se transforma em palácio misterioso; o jôgo de construções em esquadrilha de aviões, e o carrinho arrastado por um burro em um submarino!

A fabricação de brinquedos em série é uma das contingências econômicas da nossa época e, também, um dos absurdos mais lamentáveis dos nossos tempos. E' a criança quem dá ao brinquedo a sua significação — e isso é coisa inevitável.

A bola, o **puzzle** e, em geral, todos os jogos de paciência e de habilidade são recomendáveis para os retardados. Mais tarde, os patins e a bicicleta contribuem para dar à criança o senso do equilíbrio.

UMA NOVIDADE: A PSICANÁLISE INFANTIL ATRAVÉS DAS FÁBULAS — A criança repele determinados brinquedos porque os mesmos não correspondem nem ao seu temperamento nem à idéia que faz do divertimento. Foi em vista disso que os pediatras, os professôres e também os fabricantes de brinquedos (no caso responsáveis e grandemente interessados) realizaram alguns estudos sôbre **as crianças que não querem brinquedos.**

Eis as suas conclusões, do maior interêsse para os pais, embora muitas delas









— *Mamãe disse que Papai Noel trará brinquedos bonitos, por que fomos bonzinhos. Deixarei os sapatos de papai porque são maiores...*

nos pareçam exageradas. Porém em alguns meios e em determinados países há a mania da psicanálise e com isso chegou-se a criar a "psicanálise infantil", sendo de temer que os pais — **os atacados** de modernismo pelo menos — mandem psicanalisar os filhos da mesma forma como os vacinam.

Alguns especialistas pretendem, mesmo, submeter as crianças de dois a seis anos de idade a exames psicanalíticos, baseados no método das fábulas. (L. Duss)

"Um herói — seja uma criança ou um animal, se encontra numa situação determinada, que representa um estágio de evolução do inconsciente, e no qual há vários caminhos para escolher."



Como é lógico, as respostas das crianças, numerosas e variadas, revelam **sempre** sentimentos **naturais.** Porém — convém frizar — daí a pretender descobrir num menino de três anos os complexos de Cain e de Édipo, há um imenso abismo!

Não é absolutamente estranhável que um menino recuse aceitar um brinquedo, representando um cãozinho felpudo... se o animal **de verdade**, pertencente ao vizinho, estêve a ponto de mordê-lo ou simplesmente o assustou. Porque, em tais casos, há sempre uma explicação natural, humana e simples, muito longe de complicações de intelecto ou reações psíquicas.

OS BRINQUEDOS BÉLICOS E OS BRINQUEDOS ATÔMICOS — O Dr. Gilbert Robin, do Hospital Infantil de Atlanta, Estados Unidos, e grande estudioso do assunto, assinala com grande acêrto, que **o brinquedo bélico** (que alguns desejariam suprimir por completo) **desenvolve na criança o instinto combativo, indispensável a todo homem na vida. A criança que traz em si êsse instinto se satisfaz. Se não encontrar quem lhe dê fuzis, pistolas, sabres, o arco e flechas dos índios, logo que possa os comprará ou os construirá ela própria. Além do mais, nisso as crianças tomam o exemplo dos adultos, e por isso mesmo os brinquedos bélicos são tão antigos como o mundo.**



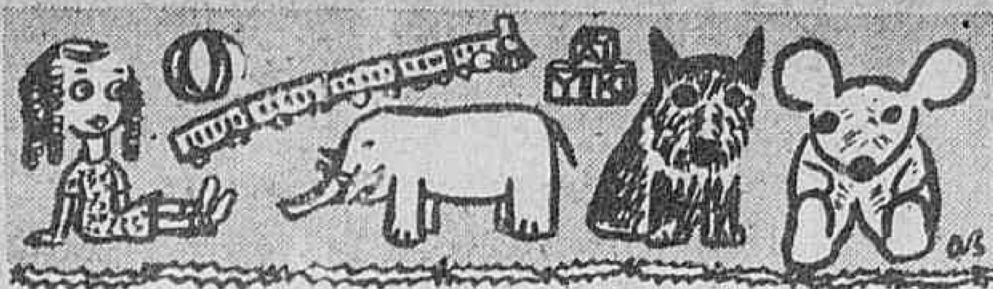
Nos Estados Unidos, uma fábrica audaciosa acaba de lançar no mercado o mais moderno e sensacional dos brinquedos: trata-se, na realidade, de um **contador atômico Gieger,** mediante o qual é possível descobrir a radioatividade de diferentes elementos.

Felizmente, os Norte-americanos não chegaram, neste domínio, a fabricar brinquedos destruidores!

Os psicanalistas asseguram que, se as crianças se afeiçoam a um só brinquedo de uma maneira exclusiva — e as vêzes ciumenta — é porque, com êle, se consolam da falta de afeto e atenção.

Seria necessário considerar se êsse entusiasmo é apenas devido a uma fantasia passageira. Porém os psicanalistas norte-americanos tiraram demasiadas conclusões, e tôdas precipitadas, sôbre as meninas "parecendo meninos", que não gostam de brincar com bonecas e também sôbre os meninos "que se entretêm com a costura e brincam de **roda**". Estas tendências devem ser vigiadas porém sem os exageros muitas vêzes observados e sem que os pais se assustem ou entristeçam com os têrmos pedantes de um pseudo-psicanalista!

Muitas vêzes causa estranheza e mesmo certa inquietação, se algum menino prefere **sistemàticamente** brincar com bonecas. Isto, entretanto, não significa, de nenhuma maneira, que o menino seja um molenga, que receie os riscos e azares dos brinquedos próprios dos meninos, brinquedos sempre mais violentos e que podem terminar em briga e pansadaria. Não! Uma boneca ou



um manequim é — acima de tudo — para um menino ou uma menina (não importa o sexo), a representação de um personagem! Para um menino, uma boneca, embora esteja um pouco disfarçada, pode representar um general, um companheiro de folguedos, um rival... ou simplesmente a essa coisa maravilhosa e que êle não se cansa de estudar: **um ser humano!**

A EDUCAÇÃO MEDIANTE OS BRINQUEDOS — Os criadores de brinquedos educativos — Froebel, Maria Montessori, Decroly — basearam os seus métodos, não nas especulações do sonho, mas no estudo dos atos normais da criança.

E' evidente que o brinquedo científico não pode ser dado à criança, mas sòmente ao adolescente. Entre os cinco e os oito anos, assinala o Dr. Robin, o menino já não obedece, simplesmente, ao impulso de agir; deseja agir **eficazmente** — e bem. Necessita de atos coordenados, combinações motoras ou mecânicas, que o levem ao descobrimento dos mecanismos e da construção manual. Então, um magnífico brinquedo mecânico pode ser mortal para a imaginação. E' completo. Não é possível fazer coisa melhor. Mas... com êle se suprime... o ideal!

O brinquedo mecânico, principalmente quando se conserva intacto graças à zelosa vigilância de pais econômicos, é o complemento de pais egoístas, que procuram fazer tudo, sem deixar liberdade à iniciativa do filho.

Há demasiados brinquedos mecânicos "completos"! Por sua monotonia, depressa aborrecem à criança. Interessam por seu movimento, porém é um interêsse que acaba depressa, pois que são **objetos em movimento** e não **atos analisáveis.**

Se o brinquedo não pode entrar como **elemento** em um **plano de ação** mais vasto, que renove o seu valor, o menino o abandonará. Isto não significa inconstância. Não é paradoxal dizer que o mais educativo que tem um brinquedo mecânico é que o menino, desfazendo-o, talvez compreenda o mecanismo que lhe imprime movimento.



O BRINQUEDO NÃO DEVE SER A CARICATURA DE UM OBJETO COBIÇADO — O menino que deseja um brinquedo mecânico, em geral, o que deseja é assombrar os seus amiguinhos, e só se diverte, realmente, quando o faz funcionar para que os demais o admirem.

Também haveria muito que dizer sôbre o brinquedo científico, que costumamos dar aos filhos; na verdade êsses brinquedos são mais para nós do que para êles, pois que são brinquedos que divertem mais aos pais que aos filhos.

E' de notar que o brinquedo tem um caráter essencialmente efêmero. Em caso contrário, deixaria de ser um brinquedo. E' um objeto do qual deve poder cansar-se a fantasia da criança. Os brinquedos que mais ilusão dão às crianças nem sempre são os mais caros. Nem mais caros são os que êles realmente esperam ou desejam possuir.

Às vêzes, é bastante dar a um menino o que êle pede para que já não o queira mais! Se brinca com êles é para não desgostar a quem o presenteou; por uma espécie de cortesia infantil.

Os brinquedos que preferem são os que se relacionam com o que cada um deseja ser; porém em tempo e lugar determinados: mecânico, domador, general, caçador de ursos, enfermeira, etc.

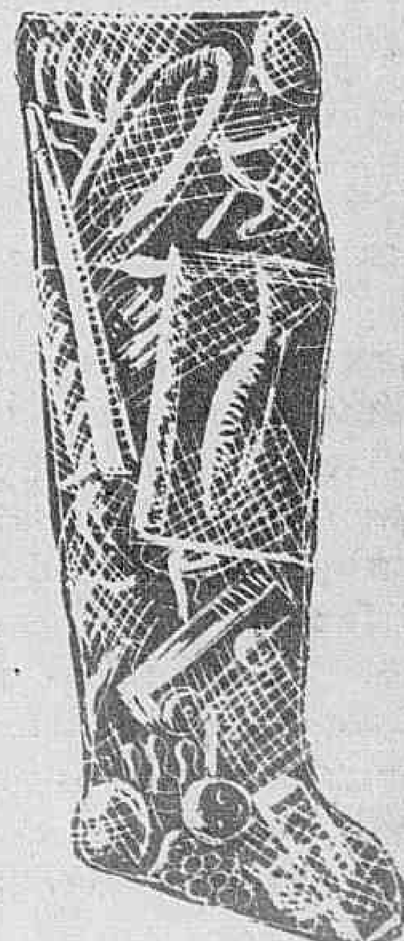
Quantas vocações se revelam e se interrompem pelo presente de um objeto considerado como um verdadeiro brinquedo!

O menino logo sabe diferençar entre um objeto e seu simulacro.

E que tristeza para um menino amante da música ver que seus pais lhe dão um pianinho, ou um violino de brinquedo!

Contra semelhante êrro — poderíamos dizer: **contra semelhante limitação da personalidade** o menino se rebela por instinto. No melhor dos casos, o violino se transforma o mais ràpidamente possível em lancha automóvel e o piano em mesa-telefônica.

Os pais nem notam isso... E essa desatenção é um mal! Porque, realmente, o brinquedo nunca deve ser a caricatura de um objeto ambicionado pela criança.



ENQUANTO NÃO CHEGA A MEIA NOITE



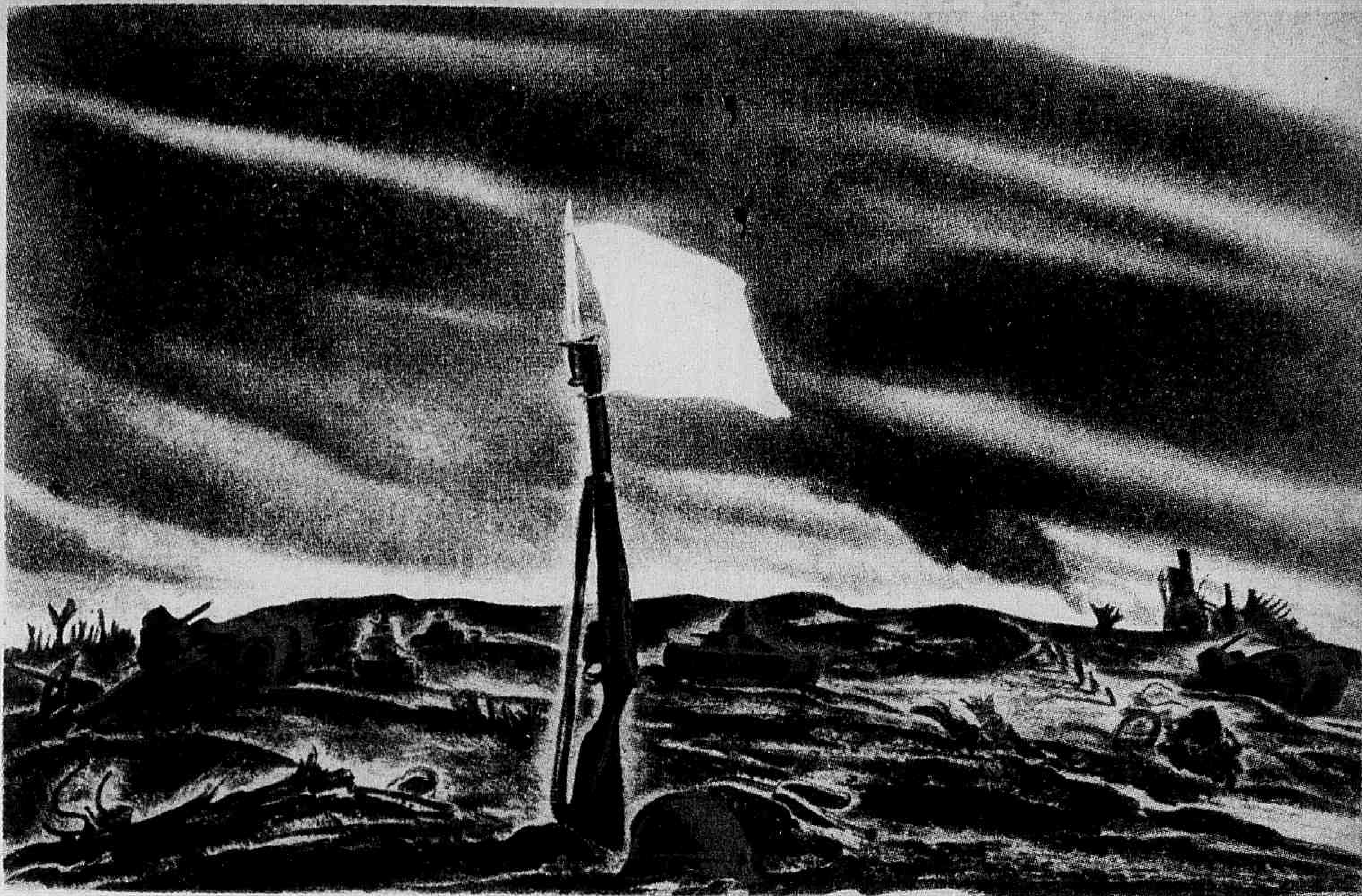
SIM. Enquanto não chega a meia-noite é preciso encher o tempo com coisas alegres, para que todos estejam bem dispostos e de bom ânimo para festejar a **meia-noite.** Há certas pessoas que recebem amigos e parentes e não cuidam muito de impedir que cabeceiem, assaltados pelo sono; para elas, aqui estão algumas sugestões que, por certo, manterão os amigos bastante animados e dispostos para brincar e rir.

Há, por exemplo, uma competição interessante e que consiste em apanhar no solo um lenço, tendo à cabeça uma bandeja e nela um limão, uma laranja ou um ôvo, sendo que êste último diverte mais, em razão do risco que representa; é, entretanto, pouco aconselhável por dois motivos: o preço dos ovos e a limpeza do tapête ou mesmo do soalho, que estaria sèriamente ameaçado.

Outro "número" de sensação é o de fazer uma pessoa com os olhos vendados caminhar sôbre uma superfície "minada" (com qualquer coisa sôbre a qual seja desagradável pisar); cada indivíduo, nessa prova, é **guiado** por outra pessoa (que fàcilmente obrigará o "cego" a pisar mesmo sôbre os objetos). Os norte-americanos, que adoram êsses "passatempos", sempre empregam ovos; entre nós, porém, além de cara, a brincadeira daria um trabalhão para a limpeza das "fritadas". Outros números poderão nascer dos que relatamos, dependendo da imaginação e dos recursos de cada um.







HISTÓRIA E LINGUAGEM DA BANDEIRA BRANCA

OS DIVERSOS MODOS DE TRATAR UMA PAZ

HÁ vários modos de pôr um país em estado de guerra, porém da mesma forma também há vários modos de tirá-lo dêsse estado. A ordem militar pela qual se põe fim à guerra é chamada "alto ao fogo". Em todos os exércitos do mundo é um toque de corneta regulamentar. O corneteiro que tocou o "alto ao fogo", do lado francês, no dia 11 de novembro de 1918, às onze horas da manhã, foi feito — embora fôsse um simples cabo — cavalheiro da Legião de Honra!

O "alto ao fogo" pode ter conseqüências terríveis, quando é ordenado pelo comando militar de um beligerante, sem acôrdo prévio com o seu adversário ou seus adversários.

"ALTO AO FOGO", SEM DISCUSSÃO COM O ADVERSÁRIO VITORIOSO — Neste caso, o toque significa que o beligerante capitula sem condições, voluntàriamente. Então, as hostilidades se encontram suspensas de um só lado. O inimigo continua avançando. O exército que, por decisão de seus chefes, abandonou a luta é considerado, segundo as leis da guerra, como prisioneiro em sua totalidade. Nenhum poder civil ou militar pode proteger as populações civis do país vencido, contra os atos do vencedor.

A História das guerras oferece poucos exemplos dêste tipo de rendição total, determinado pelo fato de que o poder político do país cujo exército se rende não quer discutir com o poder político do inimigo.

Na última guerra, o general holandês Winkelman tomou essa responsabilidade no dia 15 de maio de 1940. (Desde o dia 13 do mesmo mês, o govêrno dos Países Baixos se encontrava em Londres.) No dia 15 de junho, em Bordéus, o presidente do Conselho francês, Paul Reynaud, propôs ao generalíssimo Weygand que ordenasse o "alto ao fogo". Com o firme apoio do vice-presidente do Conselho, marechal Pétain e de vários ministros, entre êles Camille Chautemps, o general Weygand recusou, declarando que não podia "infligir tal humilhação ao Exército francês, que combatera com tanto valor."

Como conseqüência, a 16 de julho de 1940, o ministro dos Negócios Exteriores, Paul Baudoin, recebeu o embaixador da Espanha, Sr. De Loquerica, rogando-lhe que tivesse a bondade de dirigir-se ao govêrno alemão, enviando-lhe uma nota em que pediria comunicação das condições de um armistício.

Na maioria dos casos, o "alto ao fogo" é precedido por contatos, diretos ou indiretos, entre os beligerantes. As negociações referentes às condições preliminares do "alto ao fogo" são realizadas, em geral, por intermédio da "Cruz Vermelha" ou de uma potência neutra.

À hora "H", parlamentares do exército que solicita o "alto" avançam, dirigindo-se de maneira

visível para o terreno descoberto, a "terra de ninguém", bem diante das linhas inimigas. Essa delegação compreende, em princípio, um oficial de grau superior ao de capitão, um oficial subalterno, ambos conhecendo o idioma do inimigo, e um intérprete. Os parlamentares vestem o uniforme regular, não transportam arma alguma e devem apresentar-se diante das linhas inimigas em pleno dia — salvo exceção — precedidos por uma ou várias bandeiras brancas. Devem levar no braço esquerdo um bracelete branco, deter-se à voz de "alto" do inimigo, manifestar com clareza a sua condição e grau e a missão da qual foram encarregados. São, a seguir, conduzidos — às vêzes de olhos vendados — ao pôsto do comando inimigo, mais próximo, de onde se dá aviso às autoridades superiores.



Um parlamentar é pessoa sagrada. Sua missão cumprida, a delegação é conduzida outra vez até ao sítio onde a esperam os portadores de bandeiras brancas, a fim de regressar, juntos, para as suas próprias linhas.

Os parlamentares negociam as condições de ordem geral de "alto ao fogo", isto é, as condições gerais de, primeiro: a capitulação com ou sem condições; segundo: a trégua; terceiro: o armistício.

CAPITULAÇÃO, COM OU SEM CONDIÇÕES — Ao primeiro tipo de capitulação que descrevemos é necessário acrescentar a rendição do inimigo sob condições prèviamente discutidas pelos parlamentares, e a rendição ao inimigo **sem condições, por vontade do adversário.**

As potências aliadas, negando-se a discutir com o govêrno alemão, presidido desde o primeiro de maio de 1945, pelo almirante Doenitz, exigiram uma capitulação sem condições. Os parlamentares alemães apenas puderam dar conta ao chefe do govêrno alemão de que se lhe exigia que desse a ordem de "alto ao fogo" no dia 8 de maio, às vinte e três horas.

No dia 15 de maio, os membros do govêrno alemão e o próprio almirante Doenitz foram prêsos, pura e simplesmente. No dia 19 de maio, o marechal Keitel, o general da aviação Stumpf e o almirante von Friedeburg assinaram o ato de capitulação sem condições. Do outro lado da mesa se encontravam o marechal do Ar, sir Arthur Tedder; o general Eisenhower e o marechal Zukov, comandante do primeiro grupo de exércitos soviéticos.

Entre outras cláusulas, os vencidos assinaram as seguintes:

"Primeira — Os abaixo assinados, em nome do alto comando alemão, capitulam sem condições..."

"Quinta — No caso de que o alto comando alemão, ou certas fôrças sob seu contrôle, não adote atitude em conformidade com o presente ato de rendição, o comando superior das fôrças aliadas e o alto comando soviético tomarão as medidas de castigo ou outras quaisquer que julgarem adequadas ao caso."

O marechal Keitel, como se sabe, foi enforcado. O almirante Doenitz condenado a vinte e seis anos de presídio.

Quanto ao Japão, as coisas ocorreram de modo diferente. No dia 12 de agôsto de 1945, os governos sueco e suíço transmitiram aos aliados a oferta de capitulação do Japão e, a 17 de agôsto, o próprio imperador Hirohito deu a ordem do "alto ao fogo".

Em primeiro de setembro, a bordo do navio norte-americano "Missouri", ancorado na baía de Tóquio, foi assinado o ato de rendição do Japão. Capitulação **sem condições**, segundo foi noticiado. Porém foi o ministro de um govêrno japonês regular, Shigenitsu, quem assinou. Três dias mais tarde, a **88.ª Dieta** japonêsa se reuniu sob a presidência do próprio imperador.

Na realidade, as condições dessa capitulação "sem condições" tinham sido remetidas, a 14 de agôsto, pelo ministro dos Negócios Exteriores norte-americanos, Sr. Byrnes, ao Sr. Grasoli, encarregado de assuntos (?) na legação suíça de Washington. O general MacArthur assumiu a direção efetiva do Japão, porém subsistia um govêrno japonês e a presença do imperador garantia a unidade e a continuidade do Japão.

A pretexto de revelar liberalismo, o general MacArthur permitiu que o partido comunista japonês se reforçasse e o mesmo publicava, a 5 de dezembro de 1945 — ou seja, menos de quatro meses depois de assinada a rendição — o seu programa, que incluía entre outras coisas: a supressão do regime imperial; a proclamação





À esquerda: Em novembro de 1918 o Generalíssimo Foch assinou, pela França, a vencedora, o armistício solicitado pela Alemanha vencida. À direita: Em 1941, no mesmo vagão de estrada de ferro, Hitler e seus auxiliares e generais assinaram, pela Alemanha vitoriosa, o armistício solicitado pela França vencida...

de uma república e recomendações em favor de uma greve geral em caso de conflito com os poderes públicos.

CAPITULAÇÃO EM CAMPO RASO — A capitulação voluntária, em campo raso, é castigada por todos os códigos de justiça militar com a pena de morte e a degradação militar, nos casos mais graves.

Nos demais casos é sancionada pela destituição. O direito espanhol, francês, alemão, inglês, brasileiro, etc., especifica que **a capitulação, "quando tenha lugar sem que se hajam esgotados todos os recursos e meios de defesa, pode constituir um delito de traição ou, pelo menos, de fraqueza e negligência em atos de serviços."**

Exemplos? O general Dupont de L'Etang, que capitulou em Bailén, foi condenado por Napoleão à prisão perpétua; porém Luís XVIII o indultou e o nomeou seu ministro da guerra.

Outros exemplos dessa classe de capitulação em campo raso são Marenga, Ulm, Sedan, etc. Em 1939, os restos do Exército polonês capitularam sem condições nos dias 27 e 28 de setembro, em Varsóvia e Medlin, **porque não lhes restava outro recurso.**

A trégua é uma suspensão provisória das armas que tem, geralmente, caráter **local.** De comum acôrdo são concretizadas tréguas entre os adversários, para enterrar os mortos, evacuar populações civis, etc., etc.

O ARMISTÍCIO — O armistício é uma interrupção temporária das hostilidades por mútuo acôrdo dos beligerantes. Essa interrupção é pedida do mesmo modo indicado mais acima, para o "alto ao fogo" por um dos adversários pràticamente vencido, porém que trata de conservar, diante do inimigo, a sua soberania nacional e proteger tanto quanto possível os interêsses do seu país e do seu povo. O vencedor dita, então, as suas





À esquerda: em 1945, o General Keitel assina, pela Alemanha nazista, vencida e esmagada, o armistício "sem condições", imposto pelos Aliados. À direita: Por sua vez, o Japão durou pouco tempo mais... Aí temos o plenipotenciário nipônico, ao subir para a belonave norte-americana, para assinar a capitulação.

condições de maneira que sua vitória seja compensada, e sua luta não tenha sido vã.

No dia 8 de novembro de 1918, o marechal Foch, chefe supremo dos Exércitos aliados, deu a conhecer aos plenipotenciários alemães as condições de armistício, que foi assinado no dia 11, em Rethondes, em um vagão-salão de estrada de ferro, pelos delegados alemães Erzberg, secretário de Estado, o conde Oberndorff e o general von Winterfeldt.

Os delegados alemães haviam solicitado uma suspensão imediata das armas (o que lhes foi negado), pôsto que as tropas alemãs ainda ocupavam parte da França, da Bélgica e do Luxemburgo. Foi estipulado nas condições do armistício que a Alemanha teria que entregar cinco mil canhões, vinte e cinco mil metralhadoras, mil e setecentos aviões, todos os seus submarinos, cem navios de guerra, cinco mil caminhões, cinco mil locomotivas, cento e cinqüenta mil vagões, etc.

Em 22 de junho de 1940, o convencionado armistício franco-alemão foi firmado no mesmo lugar do bosque de Compiègne, no mesmo vagão utilizado vinte e dois anos antes pelo marechal Foch. O vagão tinha sido levado especialmente para ali, depois de retirado do Museu dos Inválidos, por ordem dos alemães, então vencedores. Levado mais tarde para a Alemanha, êsse vagão foi destruído. Outro, exatamente igual, foi construído e pode ser visto em seu antigo lugar, no Museu do Exército, em Paris.

Um armistício sempre é concluído para um prazo determinado. Desde a Declaração de Bruxelas (1911), a violação de um armistício por indivíduos isolados acarreta o direito a reparação em favor da parte prejudicada.

A reunião em Kaesong, entre oficiais parlamentares norte-americanos e sino-coreanos, proposta pelo general Ridgway, constitui uma entrevista preliminar para um armistício.

O que não significa que seja firmado um armistício nem que as suas condições sejam respeitadas pelos contratantes soviéticos.



VAGÃO DE PRIMEIRA CLASSE

(UMA ANEDOTA DA ÚLTIMA GUERRA)



UM major do Exército norte-americano, que chupava, furiosamente, um grande charuto, no compartimento de 1.ª classe de um trem, viajando entre Londres e Glasgow, ao ver chegar novos passageiros para o mesmo compartimento, gentilmente ofereceu charutos aos recém-chegados. Um dêles, um capitão canadense, aceitou com um "muito obrigado", porém o outro, um civil com tôda a aparência do inglês de cinema, não sòmente recusou como ainda reclamou, lembrando que aquêle era um vagão de 1.ª classe, onde não era possível fumar e exigindo que o norte-americano jogasse fora o charuto.

O major simplesmente trocou o charuto de um canto da bôca para outro e cruzando os braços fingiu ignorar a presença do reclamante, nada mais sendo dito entre êles... até ser atingida a primeira estação. Então o civil chamou um guarda, apontou para o charuto do norte-americano e exigiu que o fumante fôsse expulso do vagão. Porém o norte-americano, sempre calmo, argumentou:

— Não sei que razão tem êsse senhor para implicar com o meu charuto. Se formos verificar quem tem menos direito de estar neste vagão... êle sim, deve ser expulso, pois está viajando aqui com uma passagem de terceira classe!

O guarda examinou o **ticket** do civil e pôde verificar que o mesmo era, realmente, de terceira. Assim, furioso e envergonhado, o inglês teve que abandonar o vagão.

Quando o trem retomou a sua marcha, o canadense, a quem a cena divertira e intrigara ao mesmo tempo, perguntou, cheio de curiosidade:

— Como pôde saber a respeito da passagem?

— Muito simples — explicou o norte-americano entre duas chupadas no charuto fumacento — Eu estava logo atrás dêle, na fila formada diante do "guichet" da Terceira Classe!



VOCÊ TEM CERTEZA?

ESSA pequena pergunta é a principal que um juiz faz ao corpo de jurados. Também é repetida por todos nós, diàriamente. E' coisa muito simples, mas utilíssima; **é como a trava de segurança de um rifle.** Desdenhá-la é provocar explosões prematuras, mania de perseguições, processos judiciais, suicídios, divórcios! Se Otelo tivesse procurado verificar, com absoluta certeza, certos pequeninos fatos, a pobre Desdêmona poderia ter alcançado um melhor fim. Sempre que o ciúme nos bater à porta, ou a cólera nos assaltar com os gritos, "Aja com violência! Tire vingança!" a resposta correta é esta: "Tem certeza?" Muitos assassinatos são frutos de enganos!

Imaginamos que Antônio e João falam de nós em plena rua, com o aplauso de todos. Que o mundo inteiro está contra nós. Mas... temos a certeza? Se esperarmos alguns dias, antes de voltar as costas a Antônio e de atirar insultos a João, acabaremos rindo ao verificar que tudo era falso. Não há nada melhor do que dormir uma noite **sôbre um problema que nos apoquente.** A carta violenta e que desencadearia uma tempestade (se a jogássemos na caixa do correio na véspera) há de nos assombrar na manhã seguinte, se a relermos. Temos certeza da exatidão dos fatos alegados? Das expressões empregadas? Da correção da nossa gramática? A carta é, em suma, uma **bomba** ou um **boomerang**?

E os homens públicos? Que estamos sempre a dizer dêles! E, quantas vêzes, conhecendo-os mais de perto, verificamos que são decentes, abnegados, simpáticos e dignos de respeito! O homem rude e arrogante passa a ser encantador. O sarcástico, superior e o explorador revela-se bom, simples e generoso.

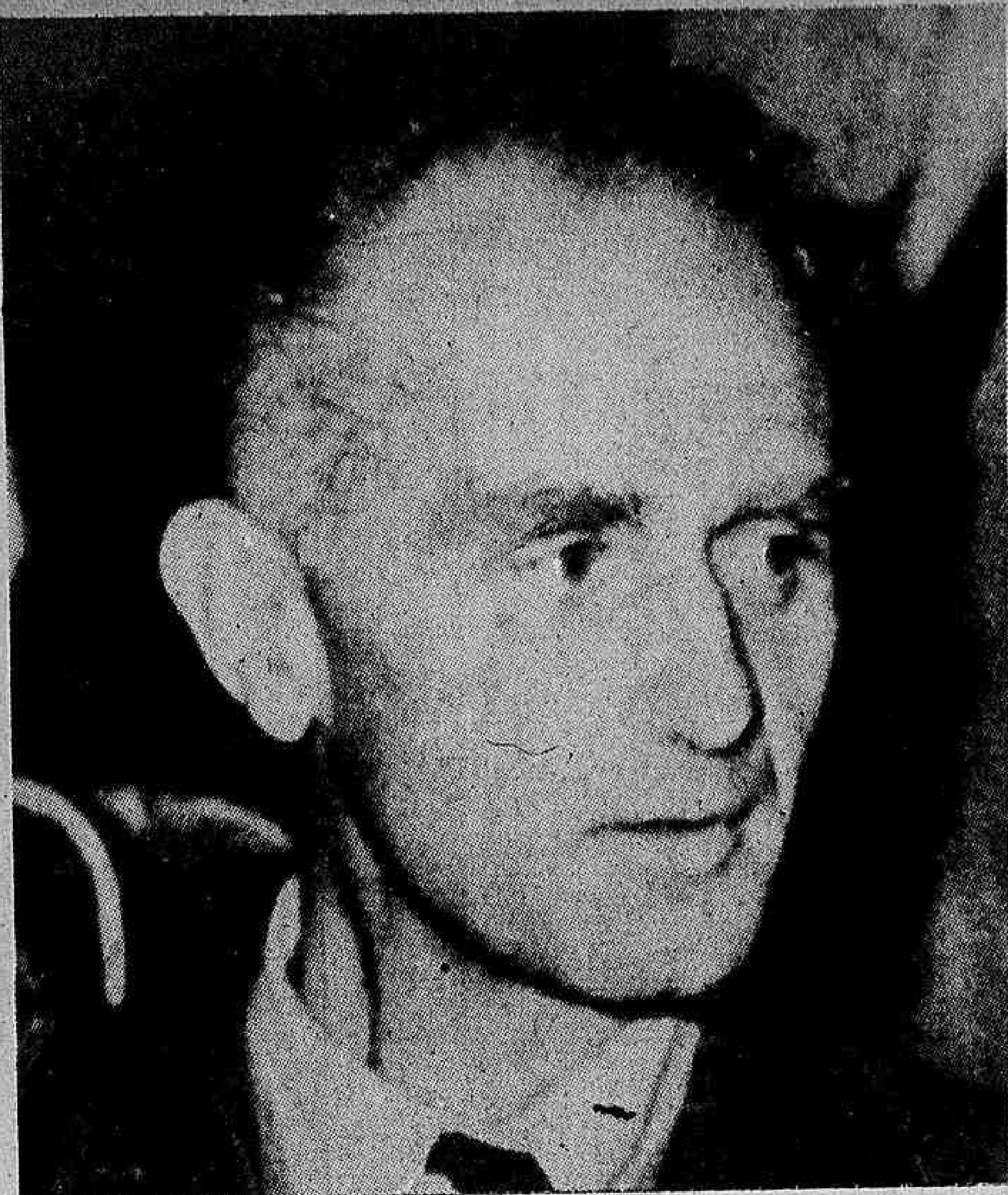
O leitor está certo de que entendeu o que dizia o livro que fechou raivosamente e atirou longe? Tem certeza de que conhece mesmo o sentido das palavras que costuma usar? Se não está, olhe para cima... e procure primeiramente ter absoluta certeza.

Apenas, não tente dizer a um apostador do Jockey Club: "Tem certeza?" (Êle **sempre** está certo!)

Por A. P. HERBERT

HOMENS GIGANTES

HÁ SINAIS EVIDENTES DE QUE SÊRES DE TAMANHO GIGANTESCO VAGUEIAM PELAS REGIÕES GELADAS DO HIMALAIA



Eric Shipton, chefe da expedição. Seus companheiros viram o monstro. Êle fotografou algumas marcas de pés.

ALGUNS meses atrás, uma sensacional história na primeira página do sempre sóbrio e austero "Times", de Londres, pôs tôda a Inglaterra em polvorosa.

Um monstro de características inacreditáveis tinha sido localizado no outro lado do mundo, nas vastidões montanhosas do Himalaia, na fronteira do Tibet com o Reino de Nepal.

Alguns membros da Expedição Eric Shipton ao monte Everest — o mais alto do mundo, 29.000 pés acima do nível do mar — informam em relatório que haviam descoberto imensas pegadas de uma raça de gigantes nas altitudes onde a vida animal ou vegetal de qualquer espécie jamais pôde-se supor que existisse.

A fim de provar que isto não era miragem, os expedicionários enviaram fotografias das misteriosas pegadas à Real Sociedade Geográfica de Londres.

Durante um mês, reportagens sôbre êstes gigantes, chamados os "abomináveis gigantes da neve" do Himalaia, invadiram as páginas da imprensa britânica interessando carteiros, ministros, operárias e duquesas.

As fantásticas criaturas, de mais de 8 pés de altura, eram descritas como uma raça de sêres sub-humanos mais ou menos entre homem e macaco.

Vários dêstes gigantes foram vistos por homens da tribo Sherpa, de tempos em tempos, lá no tôpo do mundo.

Os corpos dêstes homens-feras seriam cobertos por longos cabelos castanhos que os protegiam contra o frio cruel. Êles andavam erectos e suas faces, embora hediondas, eram lisas e estranhamente humanas.

Abrigavam-se em cavernas durante o dia e caçavam à noite; daí serem vistos tão raramente pelos nativos, que por sua vez temiam atravessar a perigosa cadeia de montanhas depois do escurecer.

Diziam — os nativos — serem os gigantes perigosos antropófagos. Os nativos informantes chamavam-nos de "meteh kang-mi", o que só podemos traduzir como "abomináveis gigantes da neve".

Eminentes cientistas britânicos imediatamente ridicularizaram a história como superstição de nativos ignorantes. E quanto às monstruosas pegadas na neve justificavam-nas como sendo de ursos ou mesmo de macacos.

Daí resolveu um empreendedor jornal dominical enviar um repórter ao zoológico de Londres. E lá, autoridades competentes marcaram as patas de ursos e macacos na areia molhada e compararam o resultodo com as fotografias tiradas no Everest. Eram inteiramente diversas.

Um outro jornal resolveu desenterrar um relatório há muito esquecido, feito pelo coronel K. N. Rana, ex-diretor do Bureau de Minas do Govêrno do Nepal.

Em 1921, contava o Coronel Rana, soubera pelo "telégrafo nativo" que um grupo de caça-



Fotografia de uma das marcas encontradas. Esta impressão tem 39 centímetros de comprimento, o que revela, para o seu possuidor, uma altura superior a dois metros e sessenta centímetros!

NO Himalaia!

dores havia aprisionado um "abominável" infantil vivo.

Enviara imediatamente uma expedição para localizar os caçadores e sua prêsa, porém nem sinal dêles foi encontrado no labirinto nevado, entre picos e vales que caracterizavam as vastidões selvagens do tôpo do mundo. Nem foram os caçadores encontrados, vivos ou mortos.

Os parentes acreditaram que êles foram capturados, mortos e comidos pelos enfurecidos gigantes aparentados com a criança capturada. De acôrdo com as informações do coronel, há duas tribos dêstes monstros; em uma êles medem todos mais de oito pés e na outra medem pouco menos de cinco pés de altura.

Supunha também que os gigantes viveriam alimentados por carne de "yak" (rapôsa da região) e os pigmeus se alimentariam de carne humana.

Disse êle também que, entrevistando um grupo de montanheses, soube que êstes haviam encontrado um exemplar do tipo pigmeu num trecho bem concorrido das montanhas. Fizeram-no prisioneiro, amarraram-no com cordas mas o monstro ficou melancólico, recusou-se a comer e morreu de inanição durante o longo trajeto a caminho do mundo civilizado.

Abandonaram a carcassa ignorando o enorme valor e interêsse científico que esta significava.

Muitos cientistas de renome acreditam que o elo de ligação entre o homem e o macaco, se é que existiu,



Os machos têm dois metros e meio de altura, com o corpo coberto de pêlos longos e ásperos. O rosto está desprovido de cabelo e tem aparência estranhamente humana.

pode bem ser uma raça de gigantes com características semelhantes às dos "abomináveis" do Himalaia.

Próximo à cidade de Hallstat, nas montanhas da Áustria, restos foram encontrados de antiga e misteriosa raça de gigantes que aí viveram em tempos pré-históricos, em cavernas cavadas em rocha pura. Pelos utensílios e apetrechos encontrados pode-se calcular que medissem êles 7 pés ou mais de altura. Acredita-se que tenham finalmente morrido por falta de sol e de alimento. Naquelas altitudes nem mesmo o peixe sobrevive.

Mesmo em nosso país há evidência ampla de que já existiram gigantes na face da terra. A tradição de ancestrais gigantescos é comum a um número de índios de tribos norte-americanas tais como os Iroquis, Osages, Tuscaroras, Hurons e Omahas. Lendas dêstes últimos, por exemplo, contam de ancestrais gigantes chamados Pa-snu-ta que constantemente saqueavam outras tribos menores em busca de escravos, mulheres e carne humana. Os Osages contam de ancestrais de estatura gigantesca chamados Mu-a-lush-ka. Muitos antropologistas acham nisto uma indicação de que originalmente êles habitavam o continente perdido de Mu, que submergiu no Pacífico em eras pré-históricas. Todos os habitantes de Mu, supõe-se, eram gigantes.

Provas mais substanciais em forma de ossos, crânios e acessórios, têm sido descobertas por paleontologistas em explorações pelo país.

Tôdas levam a crer na existência de uma raça de gigantes humanos contemporâneos aos dinosauros e outros grandes animais das florestas americanas datando de mais de 12 milhões de anos atrás — milhares de anos antes do aparecimento do homem ou de qualquer outro mamífero antropóide.



O monte Everest, o pico mais alto do mundo

No ano de 1810, pegadas de proporções imensas e antigas foram encontradas marcadas nas rochas sólidas próximas a Brayatone, nas cabeceiras do rio Tenessee.

O calcanhar de uma destas marcas media cêrca de 13 polegadas. Outras marcas mostraram que êstes gigantes tinham seis dedos. No mesmo ano restos de um gigante de seis dedos foram encontrados no Rancho Lompock, na Califórnia. Em 1870, Frank La Fleche, funcionário do Bureau de Índios em Washington, relatou que os Omahas tinham descoberto ossadas incompletas de oito gigantes masculinos num terreno antigo. O crânio dêstes sêres media quase dois pés de comprimento, indicando uma estatura de 12 pés ao todo.

Em 1891, operários cavando para os alicerces de uma construção de casa em Crittenden, Arizona, deram com antiga tumba de lages de granito rosa.

Dentro desta tumba foi encontrado um sarcófago de barro azul muito semelhante aos usados pelos egípcios.

Uma figura em relêvo, no barro, representava um gigante deitado, tamanho natural, inteiramente despido a não ser uma faixa sôbre os rins. Os pés cruzados tinham seis dedos.

Quando o sarcófago foi aberto continha apenas poeira, nada mais. Os restos eram tão antigos que até o crânio, última parte do corpo a se desintegrar, havia desaparecido.

Em 1924, a expedição Dohoney ao Arizona descobriu excavações pré-históricas nos lados rochosos do Canyon Havai Supai. Uma delas representava um homem gigante combatendo um Mamute.

Outra mostrava um Tiranosauro erecto sôbre as pernas trâseiras. Evidentemente, desenhos copiados do natural cuja antiguidade se afirma pelo fato de os dinosauros tiranosauros estarem extintos na América há mais de 12 milhões de anos.

Um dente de gigante foi encontrado fossilizado num veio carbonífero, na profundidade de 130 pés, numa mina em Bearcreck, Montana. A camada sob a qual foi encontrado devia datar entre 30 a 75 milhões de anos atrás.

O crânio de um gigante foi encontrado na ilha de Santa Rosa fora da costa da Califórnia. As arcadas dentárias eram duplas. Uma das mais interessantes descobertas entre as que se tem feito ocorreu em 1943 pelo pessoal do Exército Americano que construía uma pista para aviões no extremo oeste das Aleutas, próximo a Attu. Cavando um trecho de rocha sedimentar de cêrca de seis pés de profundidade, suas excava-

deiras começaram a desenterrar camadas de fósseis incluindo ossos de mamutes e mastodontes.

Perto daí foi descoberta uma sepultura contendo crânio e ossos indubitàvelmente humanos. Êstes crânios variavam em tamanho entre 1 pé e 10 polegadas a 2 pés de comprimento.

Soldados que conseguiram reconstituir mais ou menos os esqueletos afirmam que êstes deviam medir aproximadamente 18 pés e 6 polegadas de altura.

Eis por que os cientistas não vacilaram em desprezar a história dos "abomináveis" do Himalaia. Durante muito tempo êles acreditaram que descendentes da raça gigantesca vivessem em algum ponto isolado da terra. Se tal fôsse provado muito se poderia esclarecer sôbre a origem do homem.

Os fabulosos homens-fortes do Himalaia talvez ainda venham a ser uma importante descoberta científica do século.

JOEL CHARLES

★ ★

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO

Um dos mais altos preços já pagos por uma orquídea foi de dez mil dólares (cêrca de 380 mil cruzeiros) pagos por uma variedade híbrida, de duas flores, na Exposição dessa planta realizada na cidade de Nova York no ano de 1928.



Uma análise de 270 mil apólices de seguros de vida, realizada por uma companhia de Londres, durante um período de dezessete anos, revelou que há uma relação estreita entre a quantia assegurada por apólice e a altura e o pêso de cada segurado. Os baixos e magros pagam seguros menores, enquanto os homens altos e gordos tomam apólices de quantias mais altas.

A mais ambicionada posição ocupada por mulheres, na Inglaterra, é a de **domésticas** da Rainha Elizabeth e das outras rainhas (a rainha-mãe e a rainha-viúva). Atualmente, essas posições são ocupadas por vinte e cinco mulheres, divididas assim em cinco classes: Senhoras do Guarda-Roupa, Damas do Dormitório, Extra-Damas do Dormitório, Mulheres do Dormitório e Extra-Mulheres do Dormitório.

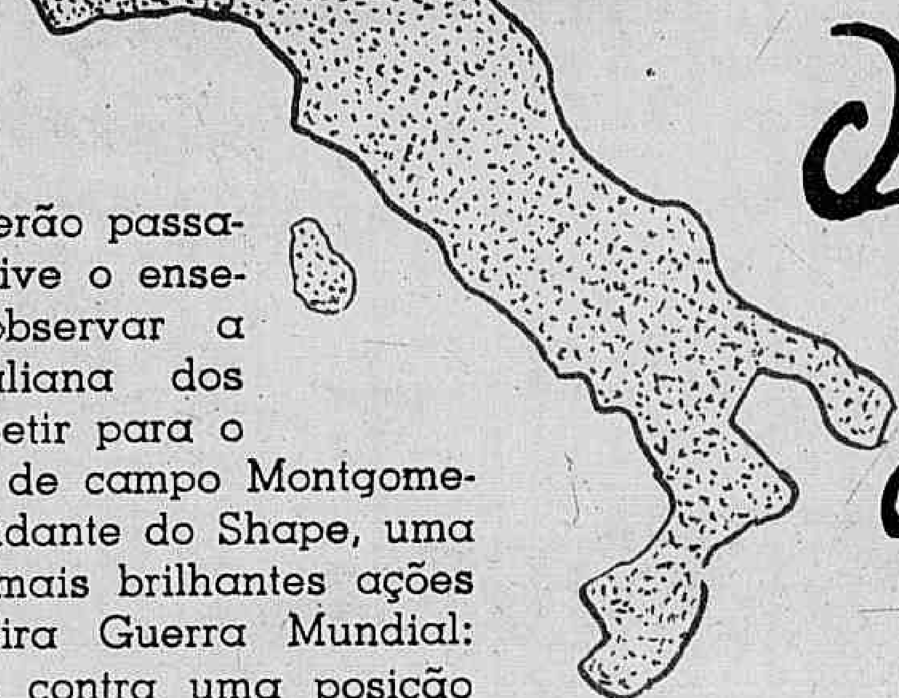
Um extrato de glândula Thymus, testado em muitas e sucessivas gerações de ratos brancos, num laboratório de Estocolmo, Suécia, tanto estimulou o crescimento dêsses animais que alguns entre êles, na sétima geração, oito dias após o nascimento, pesavam três vêzes mais que os ratos não submetidos ao mesmo tratamento.

A fotografia "artística" mais vendida em tôda a história norte-americana foi intitulada "Manhã de Setembro" e que apresentava uma mulher nua, banhando-se num riacho beijado pelos primeiros raios do sol e da autoria de Paul Chabas, em 1912. Depois que Anthony Comstock, presidente da Sociedade para Supressão do Vício, de Nova York, denunciou a fotografia como "infame", quatro milhões de cópias da mesma foram vendidas em apenas seis meses!

Os metralhadores dos bombardeiros da RAF acabam de revelar que o ar rarefeito da África do Norte, com a sua menor resistência, tende a ajudá-los a acertar no alvô visado, enquanto que o ar mais denso que o normal, sôbre a Noruega com o aumento da sua resistência, tende a desviar os projéteis, levando-os a falhar na pontaria.

O maior número de cavalos inscritos e confirmados para um determinado páreo foi registrado para a disputa do Grand National Steeplechase, em Liverpool, Inglaterra, em 1929, quando alinharam para o sinal do "starter" nada menos de setenta e seis animais. Dez sòmente terminaram a carreira que é tão difícil que os cálculos são de 5 para 1 contra a "chance" de qualquer animal prova foi Gregalach, um "azarão" que pagou 100 por 1!

ITALIA - "calcanhar de Achiles" da NATO?



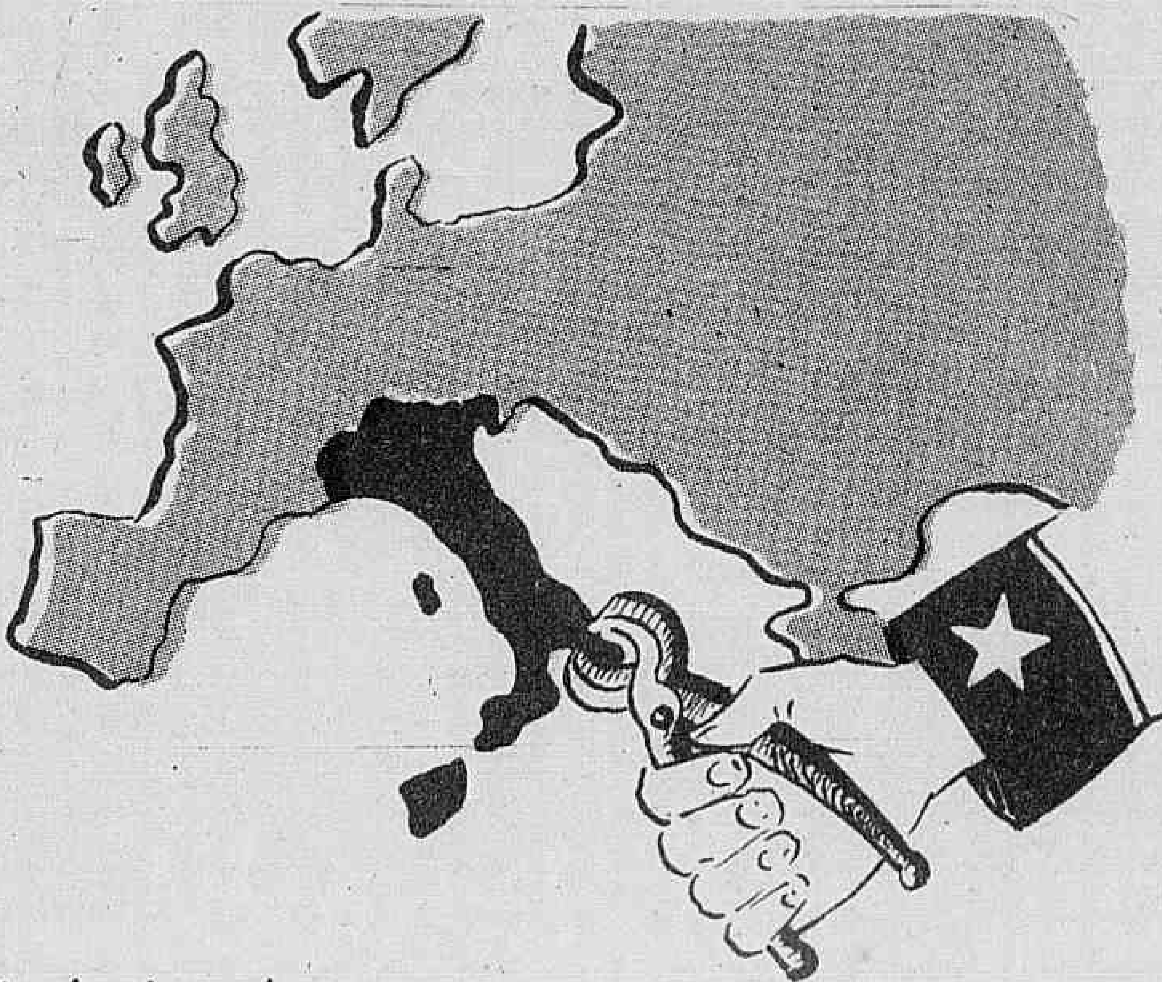
NO verão passado tive o ensejo de observar a tropa italiana dos Alpes repetir para o marechal de campo Montgomery, comandante do Shape, uma de suas mais brilhantes ações da Primeira Guerra Mundial: o avanço contra uma posição nos altos picos do Dolomitas, na fronteira noroeste da Itália. Foi essa uma operação de grande relêvo e mereceu o elogio feito em voz alta por Montgomery, que não escondeu sua excelente impressão dessa tropa.

O único mal é que foi esta uma cópia muito perfeita da batalha travada 36 anos atrás! As armas e equipamento dos modernos alpinistas foram os mesmos que seus pais usaram em 1915! E aquelas não eram armas tiradas do museu mas sim as mesmas com que os italianos contavam para lutar numa possível III Grande Guerra.

Por LEO J. WOLLENBORG

Em duas guerras mundiais a Itália confiou na quantidade de homens para vencer e — duas vêzes pagou com sangue. Estarão os italianos repetindo, agora, o êrro antigo, com o seu novo exército?

O QUE ESTÁ FALTANDO: ARMAS MODERNAS — "Equipamento moderno é a mais urgente e mais importante necessidade da Itália! Receio mesmo não poder falar no assunto em linguagem muito moderada" — disse o almirante Robert B. Carney na última primavera, como chefe do Comando do Sul da Europa, enquanto observava as manobras executadas pelos componentes da NATO, não muito distante da garganta de Friuli. A necessidade de novos materiais e armas modernas, é urgente. Há apenas uns poucos tanques Sherman, enquanto o resto é "lata velha" de antes da Segunda Guerra Mundial, servindo, quando muito, para resolver guerras civis sem maior importância!



A maior parte da artilharia é ainda mais antiquada, sendo metade tirada do exército austro-húngaro dos fins da primeira guerra. Os aparelhos de comunicação, poucos e velhos, quebram-se durante as manobras.

O equipamento motorizado, incluindo veículos de fabricação inglêsa e americana, tem poucas unidades modernas. O mesmo podemos dizer das armas mais leves. O **Lee-Enfield** britânico, da Primeira Guerra Mundial é o padrão mas também ainda são usados modelos italianos de 1891

AVIÕES A JACTO EM CAMINHO! — Não pudemos dizer que nada tenha sido feito desde a II Grande Guerra, cujos últimos momentos tomaram feições de guerra civil, na Itália, com italianos lutando lado a lado dos aliados e outros ao lado dos alemães.

Em 1947, o orçamento da Defesa, na Itália, apresentava um total menor de 250.000.000 de dólares. O orçamento possível para 1952-53 será de 815.000.000 de dólares, com fortes possibilidades de chegar a um bilhão. Graças a crescentes despezas e à chegada de mais e mais material moderno norte-americano de acôrdo com o Pacto do Atlântico o progresso já é visível. A Marinha acrescida de destroyers, escoltas e outras unidades, cedidas pelos Estados Unidos, é uma evidência do que afirmamos. Nas recentes manobras, já demonstrou o papel importante que terá na defesa do Mediterrâneo.

A Fôrça Aérea, até há pouco tempo limitada pelo tratado de Paz a aparelhos leves, foi modernizada com o acréscimo de aviões a jacto, inglêses e norte-americanos. Alguns Vam americanos. Alguns **Vampiros** estão sendo fabricados na Itália com permissão do govêrno britânico e os primeiros a jacto, italianos, acabam de ser construídos, estando sendo submetidos a **tests.** Para julho de 1953, o Ministro da Defesa, Ran-



A Itália dará 12 divisões à NATO. Receia-se, porém, que valham apenas pelo pêso do número, pois em sua maioria usam elas armas antiquadas

dolfo Pacciardi, que presidiu a comissão de reorganização bélica da Itália, em 1948, promete:

"— A nossa Fôrça Aérea incluirá 16 grupos de combate. Seis dêles a jacto. Metade inglêses e metade norte-americanos "F-84". Dentro de um ano devemos completar nosso programa básico para o refôrço das tropas terrestres, num total de cêrca de 12 divisões, prontas para combater — ou qualquer emergência — em 30 dias. As unidades prontas e à disposição do SHAPE incluem 4 divisões de infantaria, 2 brigadas alpinas e 1 brigada armada."

EXCEDENTE EM TROPAS — "Estamos dando prioridade ao desenvolvimento de nossos arsenais e, em julho — ou talvez antes — a brigada já integrada no exército aliado se expandirá até constituir uma fôrça de 4 divisões. A integração de mais 4 brigadas está sendo apressada.

"Os componentes desta fôrça podem ser inspecionados. Soldados (a matéria prima de que são feitos os exércitos) não faltam na Itália! O importante é o equipamento e o treinamento dos mesmos. O contraste entre o excedente em homens e a falta em quase tudo mais é uma condição



Sinal evidente de desorganização e material inferior. Tanques italianos abandonados, quase intactos, diante do avanço do inimigo, mais preparado e melhor armado.

tos assim fizeram por causa do estômago, tendo por objetivo segurança no emprêgo e boas condições de trabalho. E êste fato indica o caminho a seguir para fortalecer o "front" interno, melhorando as condições econômicas e sociais.

Porém por mais encorajador e rápido que seja êste esfôrço, o alvo do restabelecimento militar da Itália (20 divisões terrestres e uma fôrça aérea de 2.500 a 3.000 aparelhos) ainda não foi atingido. Mais do que em qualquer outra parte do mundo o problema da Itália é, antes de tudo, financeiro. Para dar uma idéia dessa situação diremos que: o custo médio da manutenção de 1 soldado italiano é de 1.000 liras diárias, ou 9.000.000 de dólares anualmente, para cada divisão. Para equipar uma só divisão são precisos 160.000.000 de dólares.

O Estado Maior italiano calculou o equipamento e a manutenção por um período de três anos, dentro do programa original da NATO, em 8.000.000.000 de dólares.

Mesmo com alguns cortes e as contribuições norte-americanas esta despesa ultrapassaria mais de duas vêzes o orçamento da Defesa!

crônica na Itália. A sua perda em vidas nas duas guerras tem provado que tropas, apenas, não basta! Sem equipamento próprio, a Itália poderia vir a ser o "calcanhar de Aquiles" da NATO numa III guerra mundial."

QUANTO VALE A ITÁLIA — O almirante Carne disse, recentemente:

"— Se a Itália caísse em mãos inimigas, o Mediterrâneo estaria impedido; os nossos aliados de Este (Grécia e Turquia) ficariam isolados, o centro-oeste com os seus recursos inestimáveis estaria perdido para nós e até mesmo a África estaria ameaçada, senão perdida. A defesa da Itália é uma tarefa cansativa e que exige esforços continuados, com ação vertiginosa. Torna-se complicada, principalmente, pelo grande número de italianos comunistas.

O ministro da Defesa, Pacciardi, garante por sua vez:

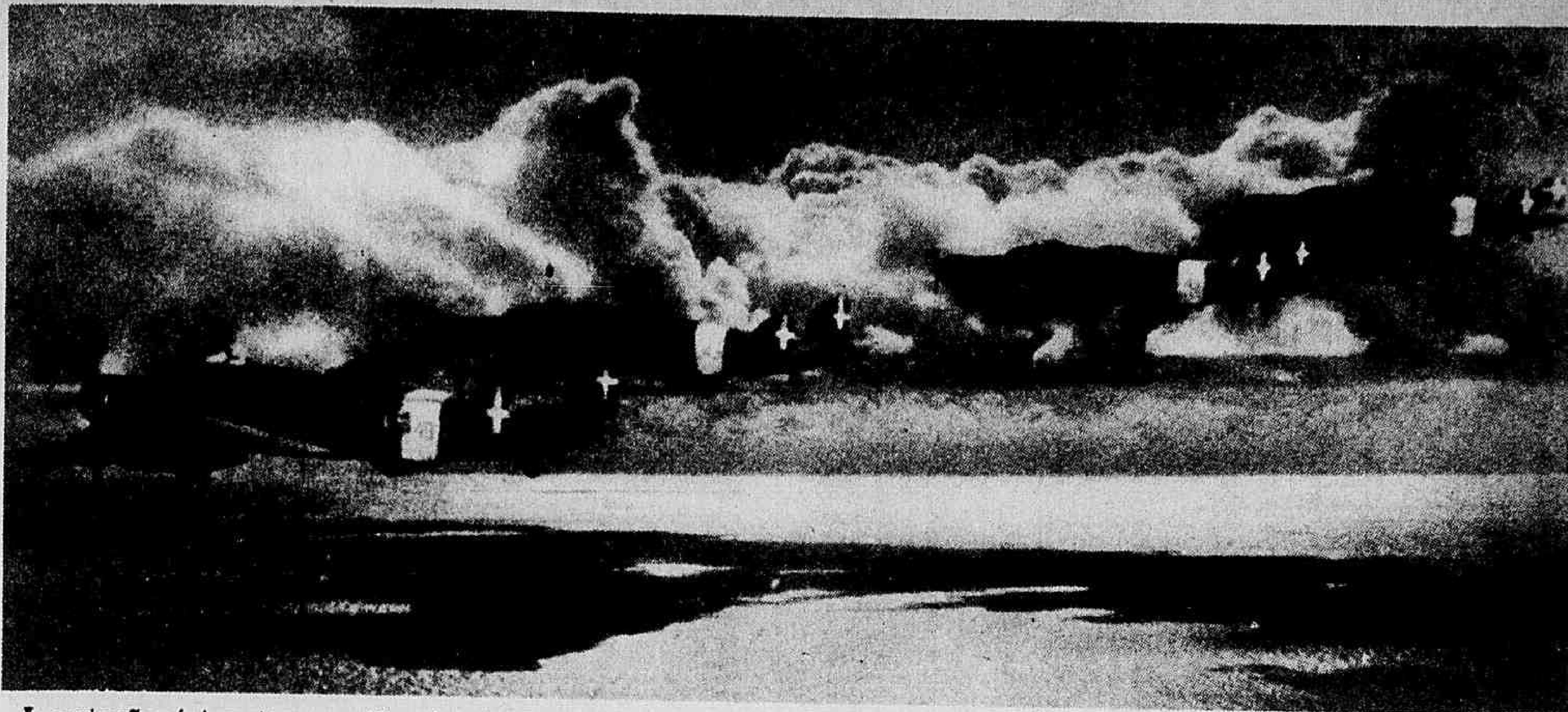
"— Conseguimos esmagar completamente as tentativas comunistas para converter as fôrças armadas; o mesmo não se pode dizer sôbre os operários das fábricas.

COMUNISTAS PELO ESTÔMAGO — Um grande número de operários se afiliou ao comunismo, diretamente ou através da Confederação Geral do Trabalho, que conta com mais de 3.000.000 de vermelhos.

E' desolador admitir que mui-

8.000.000 DE BAIONETAS! — Pode a economia do país, resistir a êsse esfôrço? A resposta é um NÃO definitivo. A receita nacional italiana não





A aviação foi outra sacrificada. Diante de um inimigo absoluto senhor dos ares, ainda assim atacou seus comboios no Mediterrâneo, com grande perda de vidas dos seus pilotos e sem grande dano para o inimigo.

é apenas insuficiente mas irrisória, comparada com a britânica ou a francesa. A média da proporção por pessoa, na Itália, é um sétimo da renda individual de qualquer dêsses países.

Mas a deficiência não é o único obstáculo. A produção, aparentemente, está cercada de bruma, sendo o uso do capital feito em bases pobres.

Em fins de 1951, de acôrdo com a informação de um jornal italiano, a indústria cumpriu menos de 120.000.000 de dólares de contratos militares em vez dos $400.000.000 votados pelo Parlamento.

Na opinião de observadores independentes, com os quais concordamos, muitos chefes militares ainda estão fascinados pela miragem fascista de "oito milhões de baionetas"...

CAPACETES À VISTA! — Pensa-se ainda muito mais em número de combatentes do que em armamentos modernos.

E a política italiana segue um programa perigoso como, por exemplo, convocar 200.000 recrutas, todos os anos, embora a despesa não permita que êles completem o tempo regulamentar.

Em sua visita de despedida à Itália, como supremo comandante do Exército Oriental, o General Eisenhower afirmou que **menos de dois anos de treinamento militar não são suficientes para que o soldado aprenda a tomar conta de si mesmo.**

E o pior de tudo isso é que o novo exército italiano — um mar de capacetes — compõe-se, em grande parte, de homens de idade mais que madura, que não ganharam a última guerra e nada aprenderam tampouco!

ARGUMENTO DECISIVO — Há 166 generais no exército italiano e estuda-se a possibilidade de aumentá-los. Por outro lado os oficiais graduados são poucos (5.833 primeiros e segundos tenentes) e muito mal remunerados, o que não pode incentivá-los.

Para atrair voluntários especializados a fim de treinar as





Assim, sem o amparo de armamento adequado, a tropa se via na contingência de cruzar os braços. Desarmados diante do inimigo, eram aprisionados às dezenas de milhares.

tropas, o exército oferece 10 dólares por mês e uma bonificação de 9 dólares depois de três anos de serviço.

Daí a pergunta de um perito em "mobilização" e "finanças":

"— Não seria melhor se nos tivéssemos concentrado em um Exército de homens bem alimentados e bem pagos, especialistas e treinados, do que procurar valores combatentes, talvez limitados por um tempo muito longo? Se nos tivéssemos dedicado a organizar um exército, criando um núcleo forte e coêso, estaríamos, agora, aptos a contribuir grandemente para a NATO.

A GRANDE QUESTÃO — Como disse um americano: "Os italianos tiveram o melhor exemplo de como construir um exército pequeno, porém forte e eficiente — o exemplo da Alemanha, depois da Grande Guerra — e fizeram justamente o contrário!"

As autoridades italianas, porém, defendem-se:

— Há dois ou três anos — diz Pacciardi — podiam culpar-nos por não havermos concentrado tôdas as nossas possibilidades num pequeno núcleo em vez de espalhá-las em organizações mais amplas; porém, hoje, os fatos provam o contrário. Estamos em posição de contribuir para a defesa geral com um grande número de unidades que suportam equiparação com a maioria das tropas da NATO, tanto em preparo como em eficiência de combate.

Deviam ter discutido muito o assunto, antes de consumado o êrro. Porque não o tendo feito, persiste a grande pergunta:

"— Qual será a melhor maneira de estabelecer uma fôrça de defesa? A qual delas a Itália pode recorrer?"

E' uma pergunta oportuna e imperativa. A economia na Itália continuará a exigir uma resposta!

E, concluindo:

"A política econômica ditará a resposta!"

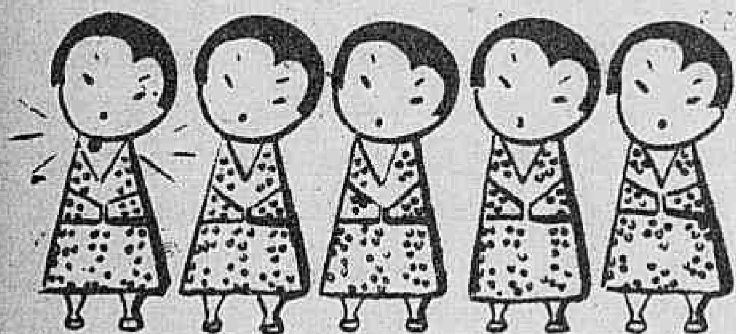
*

NOTA sôbre o autor do presente artigo:

Nascido na Itália, naturalizado norte-americano, serviu no Exército dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mudial. E' constante conferencista na Universidade de Colúmbia e colabora freqüentemente em revistas, sôbre assuntos italianos.

* *

SAIBA RESOLVER OS SEUS PROBLEMAS



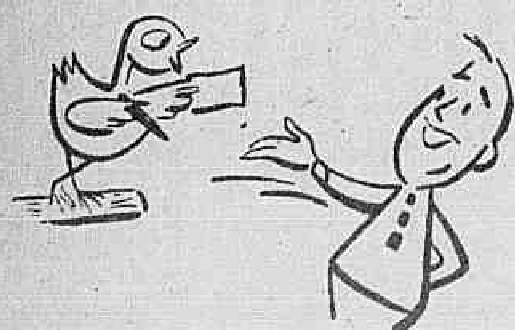
Havia uma vez, no Japão, um senhor feudal que tinha um filho pequeno e um "bôbo" para divertir a sua côrte. Uma certo dia o nobre senhor decidiu divertir-se com o "bôbo" e, com êsse intuito, mandou que vestissem disfarces idênticos no seu próprio filho e também em quatro filhos de seus servos. Os meninos ficaram parecidíssimos e era quase inpossível distinguir um do outro. Assim preparadas as coisas, o nobre desafiou o bufão a que apontasse qual, entre os cinco meninos, era o seu filho. O desafiado, após um rápido exame, exclamou, triunfante:

— Ah, ah, ah... O meu bom senhor esqueceu de pintar também o nariz do próprio filho!

No mesmo instante os outros quatro meninos voltaram o rosto para o filho do nobre... que assim foi denunciado, ficando resolvido o problema. — **T. S. Ishizuka, Nigata-ken, Japão.**

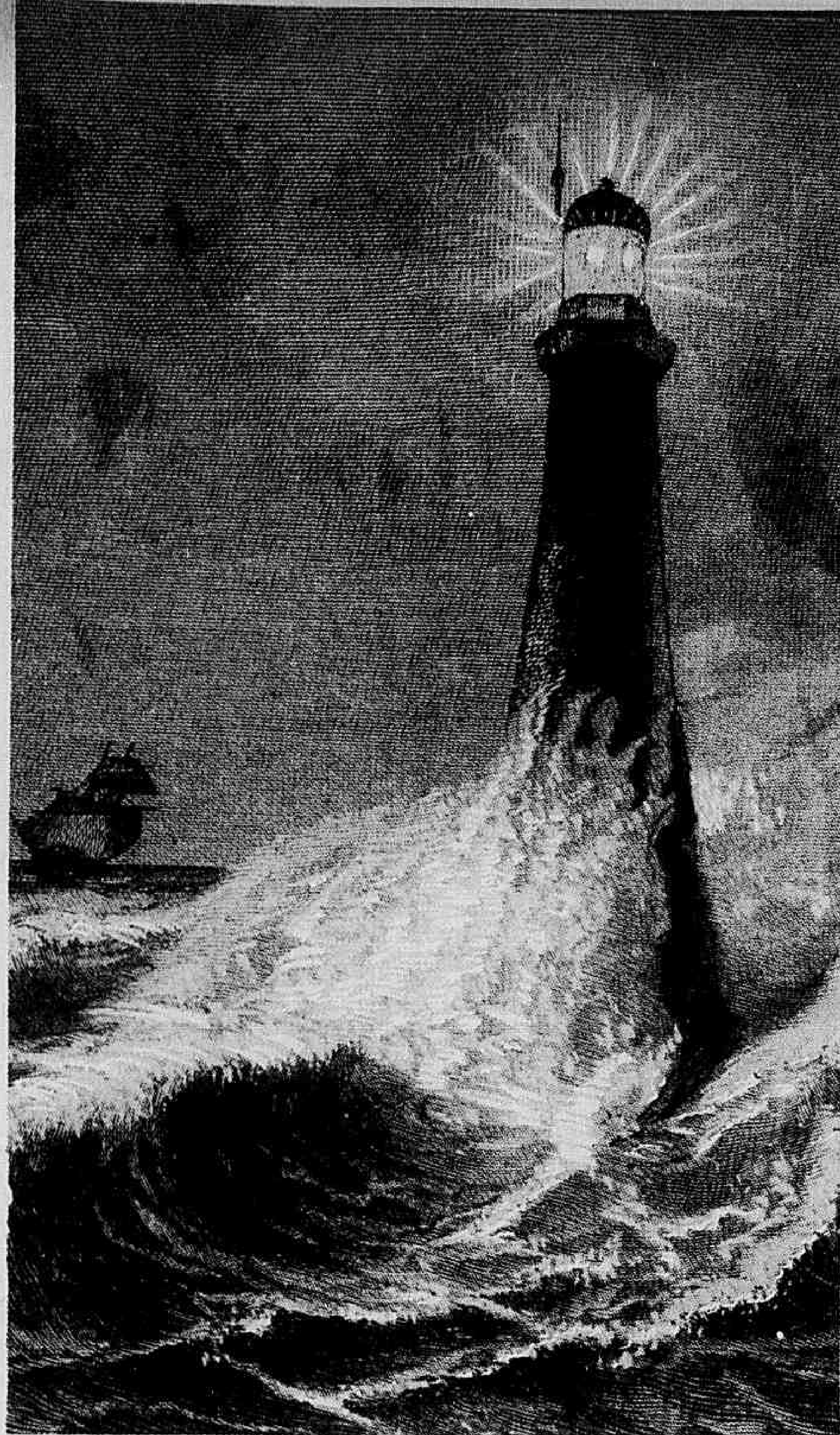
Certa emprêsa comercial vem realizando uma verdadeira revolução na arte de formular *contas de despesas*, documentos êsses que alguém já chamou de "listas de arranjos". Deu instruções a seus cem revendedores viajantes no sentido de que suas contas de despesas fôssem feitas "por via oral", mediante gravadores em fio, que é, justamente, um dos artigos que vende a companhia. E, segundo a mesma emprêsa, já foi conseguido — graças ao novo sistema — diminuir de 27 por cento o "coeficiente de exagêro". Até mesmo dos mais ousados se apodera uma *timidez de cordeiro*, quando se trata de declarar, de viva voz, quanto gastaram em suas viagens. Segundo parece, é mais difícil *dizer* uma mentira do que *escre-vê-la*. — Pablo Steiner, New York — Estados Unidos.





Um toque de teatralidade pode muito bem inclinar os ânimos em favor de quem a êle recorra. Conheço um fabricante de tijolos que tem como passatempo a criação de pombos-correio. Num momento de inspiração, decidiu combinar o seu negócio com o citado passatempo: enviava, por estrada de ferro, a seus freguezes em perspectiva, um dos seus pombos, juntamente com uma lista de preços e o formulário do pedido correspondente. Ao mesmo tempo sugeria que fizessem o seu pedido "por via alada". Muito poucos resistiam à tentação de comprovar se o seu pedido chegava mesmo às mãos do fabricante por aquela via singular. Para convencer-se o enviavam na forma sugerida. Um dêles chegou a comprar meio milhão de tijolos e outro tanto de ladrilhos.

S. W. Carlson — Minneapolis, Minn. — EE. UU.



As furiosas tempestades que assaltam os faróis solitários em alto mar, não perturbam as camadas profundas do Oceano. que vivem uma existência própria com as suas leis físicas e com os seus sêres animados de instintos diferentes.

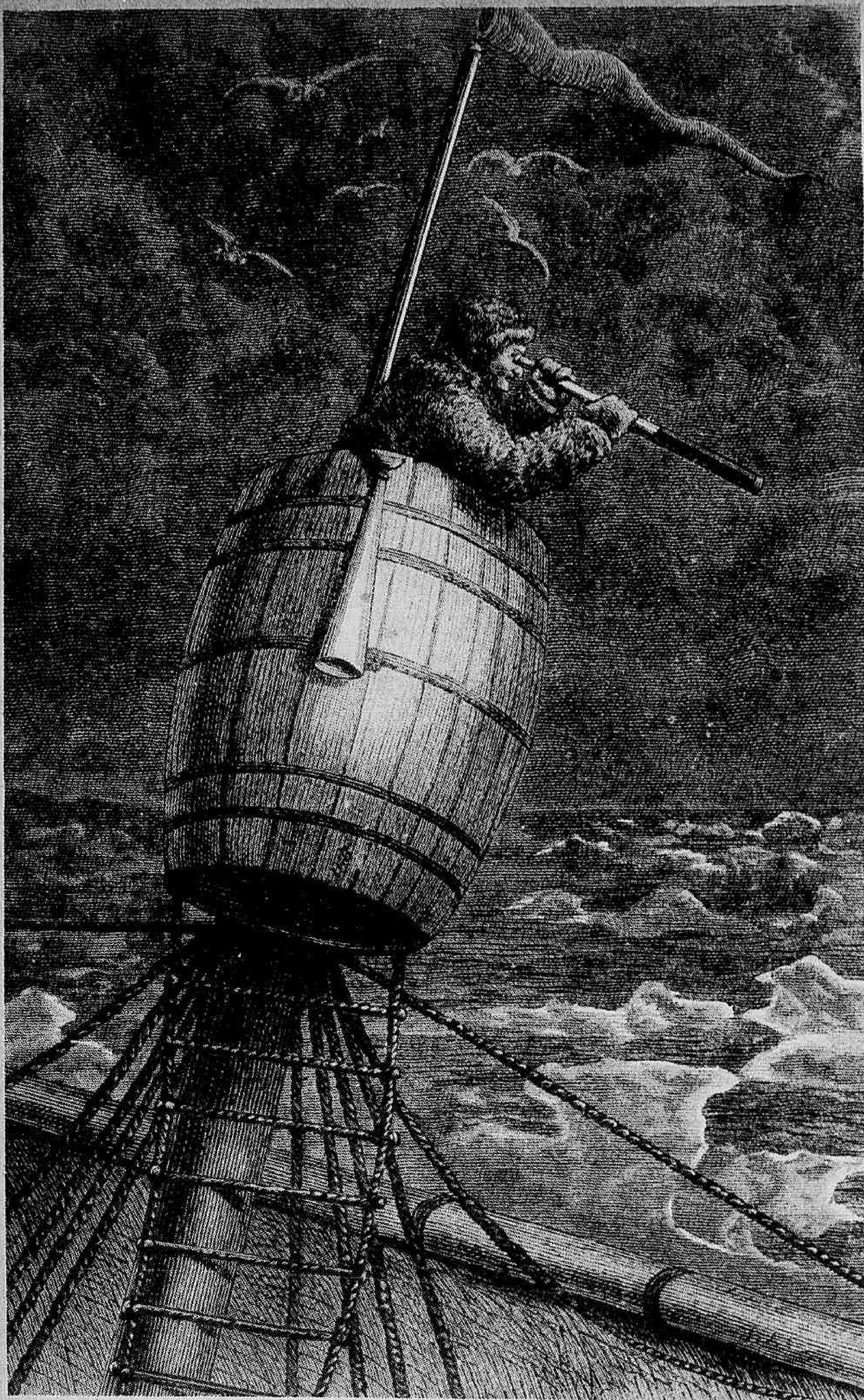
O OCEANO um novo mundo a ser descoberto

SOB O MARULHAR DAS ONDAS TRABALHAM SÊRES INVISÍVEIS

Por DE MATTOS PINTO

A civilização econômica, sob o ponto de vista do convívio internacional, nasceu com o domínio dos mares, sôbre cujas vagas sulcaram as galeras, as fragatas e as caravelas colombianas. À ondulante amplidão, deve o mundo dos negócios, o desdobramento das suas leis, dos seus princípios a fonte das riquezas da idade nova, porque às viagens marítimas cabe a glória de haver aproximado os povos, isolados nos golfos e nas baías. Antes de Vasco da Gama, de Cristóvão Colombo e de Américo Vespúcio, que rasgaram a espuma melhor do que Netuno com o seu carro mitológico, antes de Denis Papin e de Robert Fulton, cujos engenhos aplicaram a máquina a vapor à navegação, a vida mundial nunca existira e não possuía nenhum sentido. O indefinido marimbo, que ameaçava divorciar as nações, converteu-se no melhor elemento civilizador. Ùnicamente absorvidos pela sua utilidade mercantil, os homens esqueceram de olhar o oceano como fonte da vida biológica e da juventude da Terra. Porque o mar nutre a energia atmosférica e a atmosfera entretém a subsistência do globo, no duplo aspecto intelectual e material, produz os nimbos, distribui as chuvas benfazejas, conserva o calor e impede o resfriamento total do espaço. E no Oceano residem mil e uma insondáveis belezas.

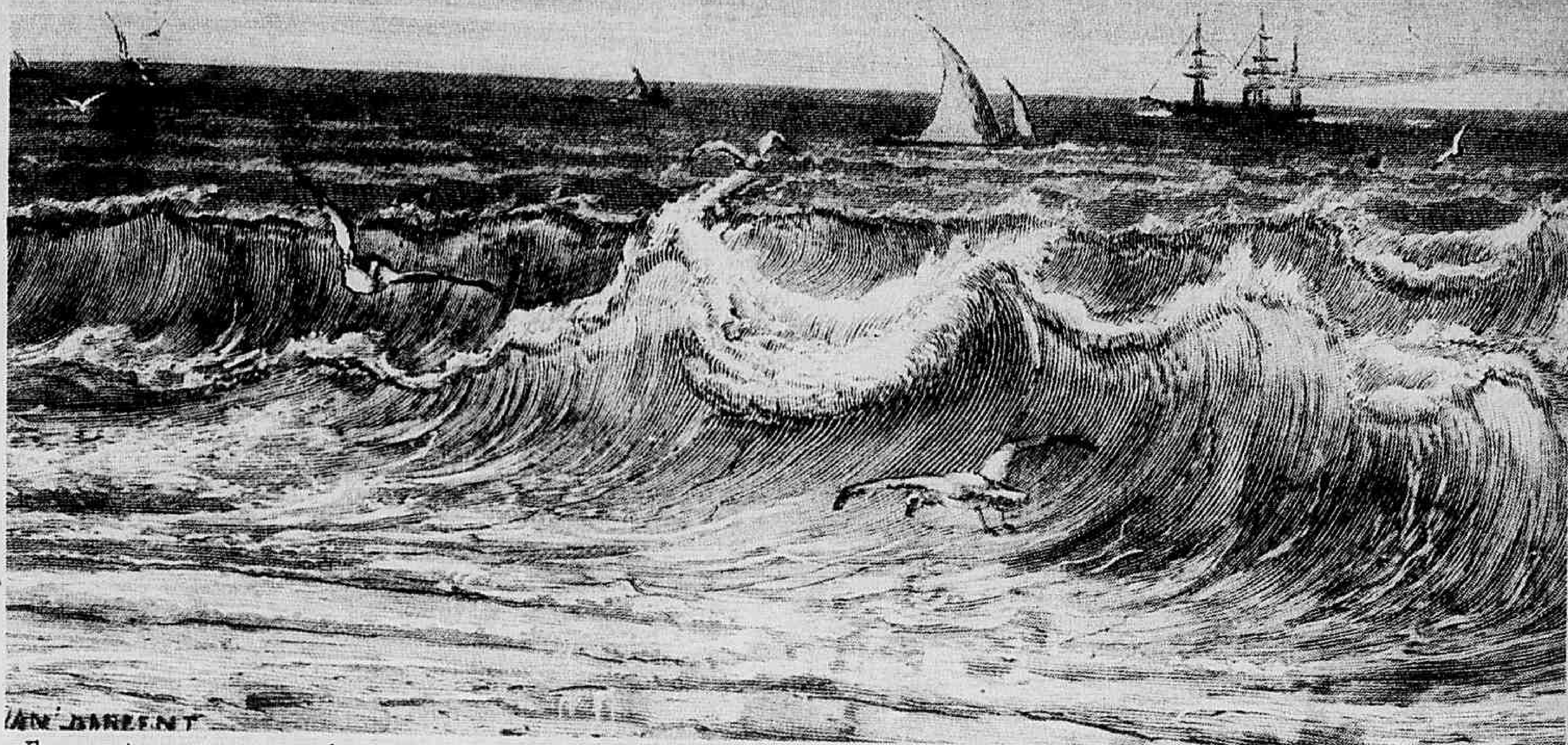
POR QUE VARIA O COLORIDO DOS MARES — Nenhuma sensação existe de mais deleitável do que o colorido dos mares, motivo de eternas cantatas. O seu azul e o seu verde agradam à sensibilidade, inspiram conceitos e idealizações, onde haja uma consciência dotada da faculdade de sentir. Uma coisa fere e surpreende o observador, aturde e exalta o paisagista, quando contempla a sua côr e admira a facilidade com que o Oceano troca de matizes, nas várias regiões da Terra. No Golfo de Gasconha, o mar brilha verde sombrio; apresenta-se azul em Nápoles; resplandece como pura esmeralda em certos litorais do Norte do Brasil, particularmente em Pernambuco e no Ceará. Se a presença dos metais, o cobre e os seus compostos, basta para justificar as duas côres principais, outra teoria se impõe para resolver o problema das mudanças cromáticas, numa mesma zona geográfica, sob o mesmo céu. Os velhos navegantes falaram com assombro dessas bruscas transformações, que nenhuma causa visível determinava. Infindáveis superstições nasceram em volta do fenômeno, um dos mais singelos da natureza. Os animais e vegetais muito colaboram na alteração ótica das águas salgadas. Em alto mar, no curso das viagens, os marinheiros notam num horizonte, quase todo azulado, enormes retângulos sombrios, sob uma atmosfera límpida. Grandes volumes de algas entram no fenômeno das côres misteriosas. O Mar Vermelho, cujas ondas nada ostentam de extraordinário, recebeu o nome de vermelho devido à coloração das algas. Tal espetáculo, realmente pitoresco e singular, reproduz-se desde os tempos bíblicos, com intervalos indeterminados. Êsse acontecimento perdurou dois dias inteiros, em 15 e 16 de julho de 1843. E no ano de 1845, o Oceano Atlântico cobriu-se de púrpura, na extensão de dezesseis quilômetros quadrados. Zoófitos, crustáceos, algas microscópicas, medusas, compõem essas massas aparentemente misteriosas, que viajam entre a côr local do mar. Quantos povos antigos não vislumbraram, nessas inesperadas manifestações, o prenúncio da cólera dos deuses? Tôda modificação inesperada da côr do Oceano, se não provém do estado atmosférico, produz-se com o aumento da densidade das suas matérias vivas e mortas. No Oceano Índico e no Oceano Pacífico, o viajante observa com freqüência a aparição da flora pelágica, de que o "Mar de Sargaços", entre as Ilhas de Cabo Verde e as Canárias, representa um caso mais particular, mais flagrante. Pertence ao naturalista inglês John



Trepados nos seus primitivos observatórios, os antigos navegantes observavam e admiravam os diferentes matizes do Oceano, os jogos de luz sôbre as ondas e interrogavam sôbre a diferença de colorido das águas.

Tyndall a observação de que um líquido quìmicamente puro e sem matérias em suspensão, não saberia dispersar a luz. O mar refulge com tanto mais colorido, quanto mais aumentar a sua densidade. Assim, admiramos águas negras nas Ilhas Maldivas, mar branco no Golfo de Guiné, ondas amarelas entre a China e o Japão, águas vermelhas na Califórnia e água esverdeada nas Canárias. A substância viscosa e albuminóide, que a ontogonia pretende identificar como o meio onde se manifestou a vida, forma nos mares do Sul quilômetros de extensão. Noutras partes da Nova Zelândia, miríades de animalículos envermelhecem as águas. Henri-Ernest Baillon, o naturalista da "História das Plantas", fala de mares de leite no Oceano Índico. Na Natureza, a côr segue outras leis além das regras da ótica, possui um fundamento fisiológico e químico.

A DANÇA DA LUZ SÔBRE AS VAGAS — Não devemos pedir à química das águas, a única explicação das côres do velho reino de Anfitrite. Existem outras causas, mais profundas e mais plásticas, às quais obedece o mar, dócil e reflexivo. Às mutações da atmosfera, solicitaremos as leis poéticas, que regem a festa do Oceano, tão variável no curso de um só dia. Que diremos? No ciclo de algumas horas, numa só hora mesmo, as vagas mudam, oscila tudo, vai-se a luz brilhante, sombras melancólicas passam, alternadas com ângulos claros, onde brincam os raios solares. As brisas agem sôbre o salso elemento e sôbre a sua mutabilidade ótica. Basta que o ciclone comova o horizonte, para que o mar perca a sua radiosa atração e como um trágico de gênio, brame, solta clangores, revolve-se sôbre a sua própria alma cósmica, erga-se e curve-se, ruja e enfureça-se com todos os desvarios da cólera, fúria mil vêzes mais patética do que a cólera humana. Sem a cúpola das nuvens, a uniformidade reinaria sôbre as ondas. Vário e mutável como nomeou Virgílio, cabe à luz a origem da sua poesia, dos seus encantos que não morrem e das suas imagens. Os nimbos esparsos no horizonte, no zênite, lançam a intranqüilidade sôbre as águas, enquanto os cúmulos refletem claras e alegres sombras. E os stratus cobrem a superfície de irresistível melancolia. O prodigioso colorido do Oceano forma-se mais com o reflexo das ondulações luminosas, do que com a presença das algas, zoófitos, crustáceos e sargaços, fatôres circunstanciais. Símbolos do movimento perpétuo, as vagas e as nuvens vivem unidas, desde a infância da Terra e unidas se terão até à morte do nosso planêta. O verde e o azul combinados com a inconstância celeste, produzem os matizes indefiníveis, os ligeiros tons que o coração sente e a física mal pode classificar. Artista de elite, no dizer do filósofo Gottfried Leibnitz, a natureza dispensa as regras da poética, na composição das suas obras-primas. Os físicos, que amam as belas coisas naturais, tanto como os bardos, não se contentam com a inspiração sentimental, querem conhecer a intimidade dos elementos. Hagembach e Bischoff ex-

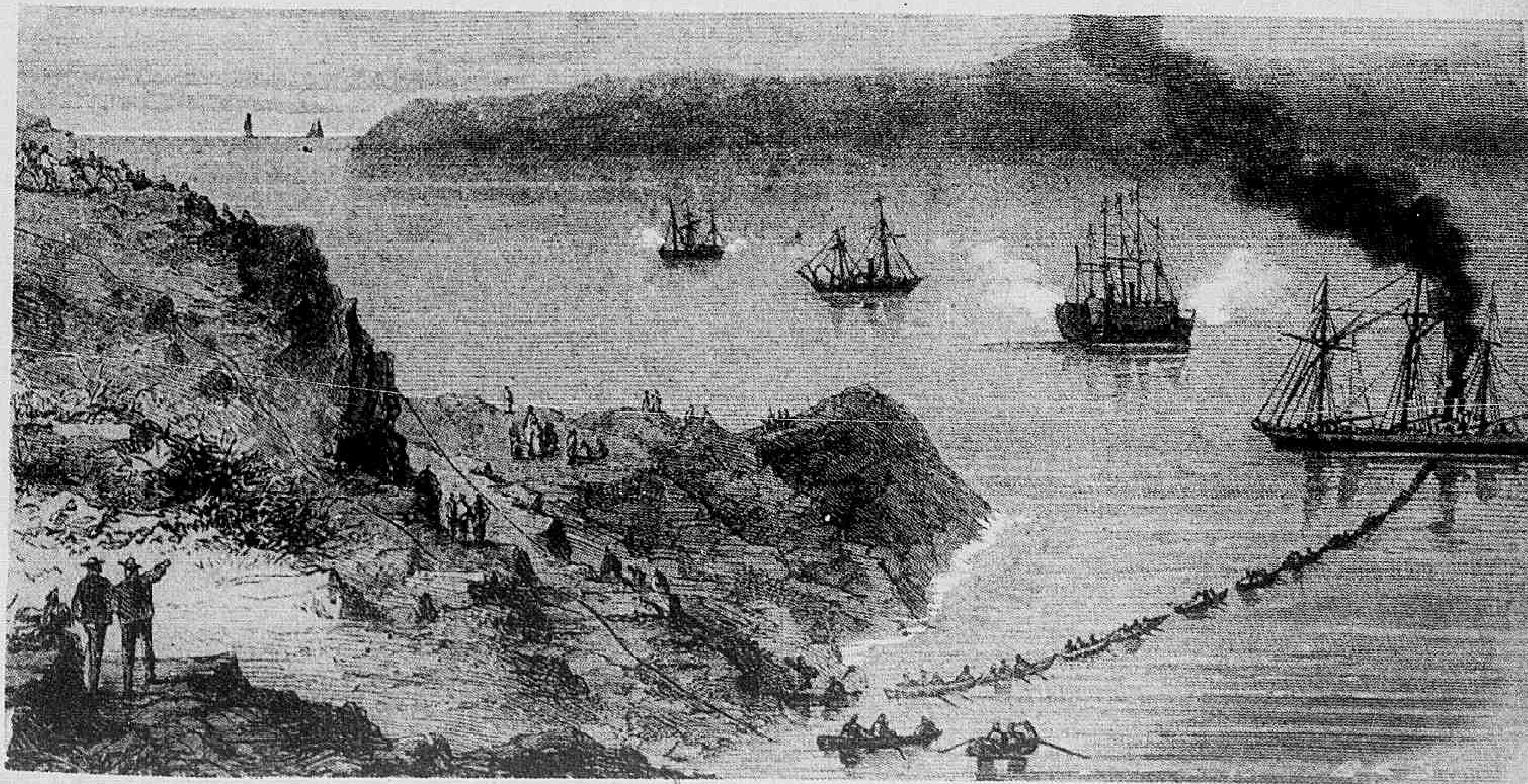


Enquanto as vagas desmantelam lentamente o contôrno das praias, as caudais dos rios e as chuvas conduzem para o Oceano os detritos dos Continentes.

plicam o azul pela reflexão e refração sôbre as ondas. Nas pesquisas no Lago Leman e no Mediterrâneo, concluiu John Tyndall que a água do mar absorve as ondas luminosas e polariza os seus raios. O Oceano que o ôlho vê e interroga nas horas de devaneio, em nada se assemelha com o outro mundo submarino, secreto e submerso, tranqüilo e invisível, sem vagas e sem tormentas. A luz impera na superfície e ùnicamente ela faz as cambiantes do Oceano Glacial e da Gruta de Capri. Os mares reproduzem o céu como um cristal plástico, cuja sensibilidade desconhece limites. Sabemos fìsicamente, que a imensidade oceânica absorve as radiações do espectro solar. A intensidade luminosa decresce com a profundeza, tanto que a quinhentos metros o ôlho nada percebe. Só os raios azuis e violetas, ondas curtas, penetram nessas espêssas regiões. A mil metros de profundidade, chegam apenas os ultra-violetas. Dois infinitos que se abraçam, o céu e o mar, regem as belezas naturais.

OS CONSTRUTORES SILENCIOSOS DA VIDA SUBMARINA — Dispensemos as lutas de polvos e das baleias, para revelar as peripécias do Oceano. Aproximemo-nos sòmente de um dos seus entes pequeninos, o rudimentar Coral. Ligado à mitologia, que o tentou explicar como uma petri-

Desde a infância das civilizações, o homem extasiou-se com o mar, inventou os barcos que dominam as ondas, porém ainda não descobriu a vida insondável do Oceano, que se desenrola sob o marulhar das vagas.





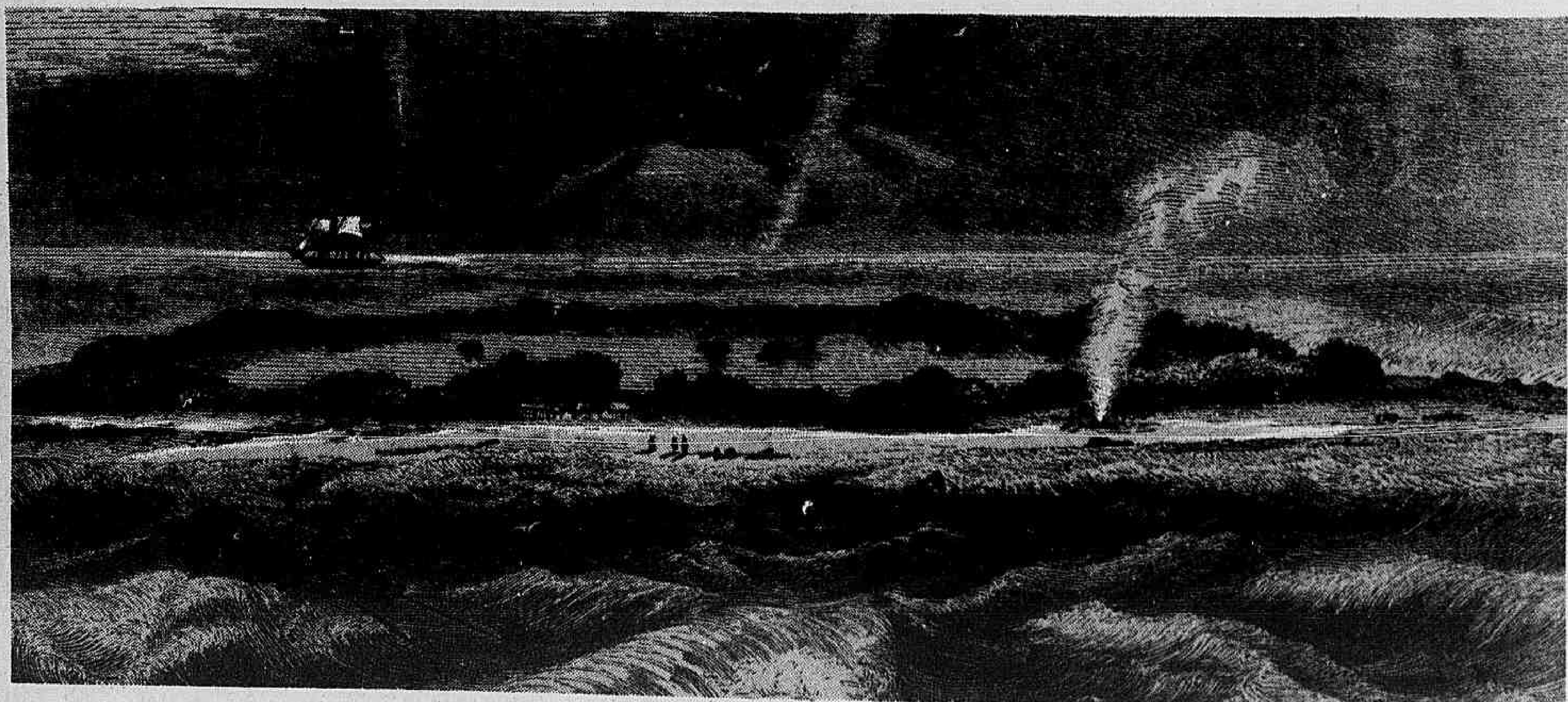
Os exploradores científicos, que já catalogaram quase todos os recantos da Terra, começam a se voltar para a vida insondável do Oceano, como fonte futura de alimentos para a crescente população do globo.

se petrifica em contato com o ar. Essas superstições viveram muito tempo e chegaram até à era atual. Na "Memória" de 1700, o botânico J. Pitton de Tournefort ainda incluía os Corais entre as plantas pedregosas. Luigi Marsigli, que fundou o Instituto de Ciências de Bolonha, e que escreveu a "História Física do Mar", comunicou no ano de 1706, à Academia de Ciências de Paris, que havia visto as flores do Coral. Os naturalistas não possuíam nenhuma convicção sólida sôbre a origem do calcáreo e essas afirmações implantavam a dúvida em todos. R. A. Ferchault de Réamur, cujo nome se acha ligado à história do termômetro, em sua "Memória" de 1727, também o definiu como uma planta. Apenas distinguia a concreção rígida como uma parte especial. Depois de muitas pesquisas, coube a Peysesonnel demonstrar que se trata de um animal. Incrédulos, mas amantes da verdade,

ficação da Medusa, constituiu, durante séculos, por mais de dois milênios, o mistério das ciências naturais. Os naturalistas Teofrasto e Plínio o reconheceram como uma planta. Nas "Metamorfoses", o poeta latino Ovídio cantou que o Coral

Ferchault de Réamur e Bernard de Jussieu investigaram o fato e confirmaram a descoberta. As primeiras estampas de Coral, traçou-as o zoólogo Henry Milne-Edwards, que explorou as profundezas do Atlântico durante três anos, de 1880 a

As Ilhas de Coral, em pleno mar turbulento, representam o trabalho invisível de sêres microscópicos, de animais infatigáveis, que segregam o calcáreo das águas marinhas sôbre os cones de montanhas submersas.

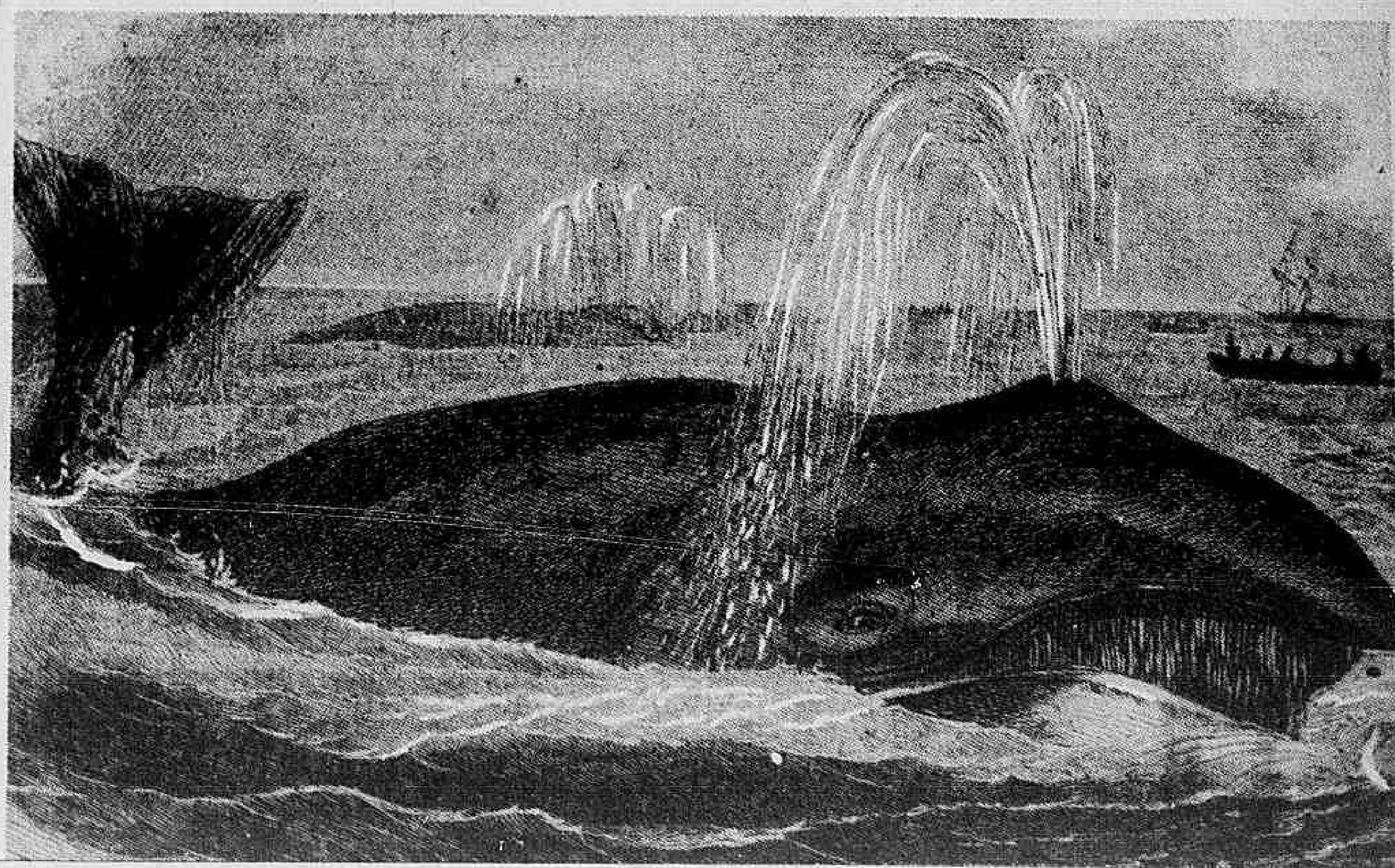




Desde os tempos pré-históricos, o Oceano desgasta a orla dos continentes e recebe, em seu seio, as substâncias minerais das terras firmes, num incessante trabalho de reforma geológica.

1883. Tôdas essas incertezas subsistem desde a era de Ovídio e de Plínio, porque em tais zoófitos, a vida se desenvolve quase tão invisível, que o naturalista mal pode acompanhar as suas transformações.

UMA DAS MAIS BELAS SURPRÊSAS DAS FÔRÇAS INVISÍVEIS DO MUNDO VIVO — Se a salinidade dos mares não cresce através dos milênios, o fenômeno acha a sua explicação no aproveitamento das substâncias pelos sêres. Os vegetais marinhos absorvem as matérias alcalinas, silício, magnésio, potassa, ioduretos. Por ser silencioso, não deixa de ser eficiente o trabalho dos infusórios. As conchas, os mariscos que divertem as crianças nas praias, o invólucro das ostras, os búzios onde se escondem os moluscos, significam outras tantas criações dos operários do Oceano. Os polipeiros segregam um tecido duro, que se acumula e forma um edifício caprichoso. Parecidos com as atínias, os Corais diferem delas pelo esqueleto rígido e pela complexidade da estrutura. As suas ramificações tão caprichosas, os faz confundir com os vegetais. Há Coral de várias côres: verdes, amarelos e rosados. Como no colorido das águas salgadas, as algas microscópicas trabalham para os tingir. Os polipeiros que edificam recifes vivem até à profundidade de quarenta metros. Enquanto as atínias andam isoladas, os Corais preferem a sociedade, criam colônias que prosperam e acabam surgindo à flor das ondas. Pela influência das correntezas marítimas, o calcáreo que os rios depositam no mar dirige-se para o Equador. Sôbre êsse material agem os Corais, que o colhem e o segregam compondo as suas extraordinárias ramificações. Uma obra incomparável, insignificante à primeira vista, extraordinária à proporção que melhor a conhecemos, provoca o nosso espanto. Nenhuma engrenagem complicada colabora na formação das Ilhas de Corais. Os mais simples instrumentos biológicos, que fabricam a originalidade da natureza, exercem as suas funções sem nenhum aparato. As matérias alcalinas em dissolução na água passam pelos tecidos dos zoófitos que as segregam e com elas constroem as barreiras dos recifes. O fenômeno mais curioso consiste na fusão celular do calcáreo coralífero, trabalho inimitável, que desafia a química dos laboratórios. Sob os trópicos, aos quentes raios do sol, labutam os edificadores microscópicos, com as suas infatigáveis colônias. A pluralidade da unidade, eis a lei da vida do coral. Para êsses micro-organismos, difícil se faz separar o indivíduo do todo, porque nascem agrupados, crescem juntos, morrem inseparáveis e mesmo depois de perecidas, a substância morta serve de apoio aos que sobrevivem. As Ilhas de Corais, semeadas no mar que banha a Oceania, vale por uma das mais belas surprêsas das fôrças invisíveis do mundo vivo. Vivem nas águas tépidas, sob farta luz e fogem das camadas sombrias, pouco oxigenadas. Nos recifes coralíferos, agrupam-se outros sêres, Alciônios, Hidróides. Algas, protozoários diversos que, impelidos pelas circunstâncias físicas da luta pela vida, convergem para os edifícios calcáreos e com êles se confundem tão bem que só a perícia nas ciências naturais permite distinguí-los.



Ao lado da Baleia, êsse colosso do mundo submarino, o Oceano possui uma infinidade de sêres microscópicos, de trabalhadores infinitesimais, entre os quais se destaca o Coral. →

Minúsculos como os vemos, nunca se fatigam. Os corais demonstram o conceito positivista de Augusto Comte, que o progresso nasce da ordem.

A MARAVILHOSA ARQUITETURA DO CORAL — Falava o naturalista alemão Alexander Humboldt, que o oceano desperta a atividade do espírito. Quem veja uma Ilha de Coral, logo se sente intrigado. Primeiro, os geólogos viram nos Atolls crateras submarinas, sôbre as quais os polipeiros edificaram os recifes. Tentou provar o naturalista Charles Robert Darwin, que os Corais formam os Atolls e que com o pêso vão mergulhando sob as ondas. Se algumas construções madrepóricas do Norte do Pacífico confirmam com o seu progressivo abaixamento a teoria de Darwin, outras do Sul do mesmo Oceano Pacífico desmentem a explicação, pois se notam levantamentos. Em virtude disso, abandonaram a idéia darwiniana e o desenvolvimento da oceanografia demonstrou a freqüência dos cones submarinos. O fato mereceu a atenção de John Murray e uma nova hipótese nasceu. Os corais se alojam sôbre as montanhas imersas do mar, que se aproximam da superfície e aí soerguem as suas colônias. Formados de barreiras calcáreas, os Atolls levantam-se à flor das ondas como ilhotas perdidas. O mar quebra as edificações e os zoófitos reconstroem-nas. O naturalista Jean Agassiz, que amava a natureza na sua totalidade e nas suas particularidades, não esqueceu êsse espetáculo da vida submarina. Pela sua teoria, tôda ilha de coral representa o trabalho físico de polipeiros passados, sôbre os quais se instalaram outras colônias, refizeram a obra anterior, depositando novas camadas. O Arquipélago das Maldivas, que fica no Oceano Índico, formou-se, assim, pela superposição de volumes calcáreos, que os micro-organismos extraíram das águas salgadas. Os grandes Atolls aparecem com a reunião de picos submarinos. Primeiro isolados, aproximam-se com o desenvolvimento dos recifes laterais, que finalmente se unem. Numa dada hora, a barreira geral constitui um círculo. As tempestades, as correntezas atmosféricas e as vagas, acumulam detritos, germes do continente e flora marinha. Aos poucos, uma vegetação especial orna a obra paciente do Coral. Em 1858, Charles Darwin visitou a Ilha Keeling, situada no Sul de Sumatra, ilha que não passa de um Atoll, com outras ilhotas no centro. Alguns dêsses edifícios medem quatrocentos metros, outros chegam a mil e duzentos metros. James Dwight Dana, naturalista e geólogo, que participou, em 1838, da "Expedição dos Wilkes", no Oceano Pacífico, designou o Atoll como monumento funerário do Coral. A história da Terra possui nesses minúsculos operários submarinos, um dos seus fatôres geológicos. Na parte oriental da Nova Zelândia encontra-se a "Grande Barreira", obra dos polipeiros, cuja largura acusa cinqüenta quilômetros e cuja extensão fornece o belo algarismo de mil setecentos e setenta quilômetros. A Flórida, as Ilhas Bermudas, Cuba, as Ilhas Bahamas e Taiti, tôdas falam dos maravilhosos edificadores infinitesimais. A vida insondável do Oceano concentra maravilhas naturais, que desafiam em riqueza os mais suntuosos sonhos do homem.



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?



Já noitinha, voltando do pomar, onde estivera podando uma planta, fui atacado, repentinamente, por um inseto... que se introduziu e instalou no meu ouvido direito. Parecia haver entrado diretamente até à membrana timpânica, onde começou a vibrar e a zumbir, provocando ruído semelhante ao dos quatro motores de uma "B-29", operando dentro da minha cabeça. Não consegui retirá-lo por meios mecânicos. Minha mulher, que correu em meu socorro, também fracassou em suas tentativas. Enquanto isso, já os leitores podem imaginar quão desesperado eu me sentia.

Pode algum leitor adivinhar como encontrei o meio de forçar a saída do inseto do meu ouvido? — (Resposta em outra página). . . .

TÁTICA FINANCEIRA

Honoré de Balzac recebe a visita de um dos seus inumeráveis credores.

— Preciso de meu dinheiro até amanhã, sem falta — diz o credor. — Tenho um compromisso inadiável, que preciso saldar.

— Mas... Isto é o cúmulo! — exclama Balzac, abrindo os braços com ar escandalizado — Primeiro o senhor contrai dívidas... e depois... Oh! Depois vem exigir que eu as pague!



LUTO ETERNO

Há mais de quatro anos que a boa criatura perdeu o marido. Recentemente, uma amiga lhe perguntava:

—Como é isso? Você continua de luto?

—Pois claro — responde a boa criatura, soluçando — Êle continua morto...

O triste Natal de uma Rainha

AS FESTIVIDADES DE NATAL NA CÔRTE DE HAMPTON, QUANDO ANA BOLENA FOI SUPLANTADA POR JANE SEYMOUR, SUA DAMA DE HONRA

O Natal de 1533 devia ter sido feliz e triunfal para Ana Bolena. Conseguira ela realizar o mais arrojado, o mais audacioso sonho para uma intrigante dama da côrte — especialmente não tendo ela, para a recomendar, uma grande beleza, pois o seu rosto era longo e magro, a bôca mordaz e, embora se mostrasse extremamente vaidosa dos belos olhos escuros, das sobrancelhas bem desenhadas e da cútis sedosa e rosada, não possuía encantos físicos suficientes para competir com as suas rivais da Côrte de Henrique VIII, tôdas jovens, bonitas, faceiras e, acima de tudo, ambiciosas.

Não obstante, ela havia suplantado a Rainha Catarina, de acôrdo com os seus planos bem traçados, e havia visto aquela e a filha, Princesa Mary, duramente humilhadas, ao mesmo tempo que o casamento era considerado nulo — por motivos que nem mesmo um rei poderia justificar! E a partir de então, foi ela instalada na Côrte de Hampton, em aposentos soberbamente mobilados e com um exército de servidores, que a bajulavam dia e noite. Henrique, por sua vez, entusiasmado, chamava-a **"minha protegida adorada"** e dava com ela belos passeios pelos parques e jardins, nas noites de verão, ceava com ela em seus reais aposentos, dava-lhe presentes valiosos, cetins, púrpura, ouro, veludo e peles, tudo de preço inestimável, e uma roupa de caçadora que custou, na época, 100 libras e que, hoje, valeria centenas de vêzes mais.

No inverno anterior, os enamorados se haviam casado secretamente, em Greenwich, e ela já agora podia dizer aos amigos **"que se sentia tão certa de seu casamento com o rei como da própria morte."**

Quando chegou o verão — e tudo indicava que Ana ia ser mãe — o casamento foi revelado, em cerimônia pública; lua de mel em Hampton, festas, bailes e fantasias, banquetes,

Ana acompanhava as suas canções românticas. No palácio já haviam preparado aposentos especiais para a nova favorita do rei...



reuniões esportivas e tôda sorte de celebrações. Mesmo depois dêsses festejos, o romance prosseguiu, cheio de ternura. Ela o acompanhava ao "cravo", enquanto êle cantava baladas ingênuas. E novos e mais luxuosos aposentos lhe foram preparados.

Em fins de maio houve a marcha triunfal, de Greenwich à **Tôrre**, a fim de que Ana fôsse coroada em Westminster, com os navios ancorados no Tâmisa, dando salvas que abalavam as casas próximas do pôrto. Foi nessa ocasião que Ana teve o prazer perverso de mandar destruir o barco real que pertencera à sua antecessora, Catarina.

Na manhã seguinte, um passeio ostensivo através da cidade, numa liteira de cetim branco e ouro. Ana, resplandecente num traje de brocado carmezim e faiscante de jóias e pedrarias, fazia uma exibição de fôrça! Seus belos cabelos caíam sôbre os

Entre os festejos do Natal, o rei iniciou escandaloso "flirt", humilhando-a como já fôra Catarina humilhada, e fazendo-a recear que fôra, por sua vez, suplantada.

ombros e estavam adornados por pequena coroa de diamantes; trazia também valioso colar de pérolas e gemas magníficas enfeitavam o seu colo; nas mãos delicadas, um pequeno **bouquet.**

Atravessou, assim, arcos triunfais e seu caminho era todo guardado por pagens e músicos enquanto os clarins anunciavam a sua aproximação. No grande "hall" brilhante grupo de nobres cavalheiros a esperava e, ali, entre o que havia de mais rico, foi ela instalada num trono trabalhado a ouro, presente real de Henrique VIII.

Sim, depois de todos êsses meses de glória, um Natal muito feliz devia estar preparado para essa rainha poderosa; porém a sua taça de amarguras já começava a fervilhar. E ela não podia esquecer que, durante a marcha para a coroação, com tôda aquela pompa, e enquanto ela inclinava graciosamente a cabeça para um e outro lado, poucos, dentre a multidão, a saudaram com um **"Deus salve a Rainha"** (em con-



traste com a saudação entusiástica que Catarina recebera). E, em vez disso, ouviu murmúrios de desprêso e resmungos coléricos pelo transtôrno político e financeiro que ela causava, enfeitiçando o rei.

Os mercadores de Hanse haviam preparado uma alegoria de Parnassus, com um Apolo coroado entre nuvens e uma **fonte de Helicon** jorrando o melhor vinho do Reno!

Enquanto ouvia a música e recebia os cumprimentos formais, Ana notou que a Águia Imperial ocupava o lugar de honra, eclipsando os seus falsos brazões, detalhe êsse que ela não pôde olvidar, nem perdoar.

Em Cheapside, numa brilhante cerimônia, um menino, vestido de anjo, descia de um arco triunfal para apresentar-lhe uma bôlsa de ouro contendo 1.000 marcos, um tradicional presente da cidade a tôdas as suas rainhas. Observou-se então que, para seu descrédito, ela guardou a bôlsa em vez de a entregar ao capitão da guarda real, para ser a importância distribuída entre os seus subordinados e lacaios, como fizera a boa Catarina.

Assim, quando, finalmente, Henrique VIII tomando-a nos braços, perguntou se gostara da cidade, ela não pôde reprimir uma resposta amarga:

— A cidade me agrada, senhor; mas vi muitas cabeças cobertas e ouvi bem poucos vivas!

Entretanto, a sua taça começou, verdadeiramente, a transbordar quando nasceu Elizabeth, em setembro, pois Henrique esperava, ansiosamente, um herdeiro, varão, não tendo recebido com agrado a chegada de uma filha!

Com êste desapontamento esmagador o amor do rei logo esfriou. Ao fim de poucas sema-



Não tardou Ana a encontrar uma rival poderosa: a dama de honor Jane Seymour, a quem surpreendera nos braços de Henrique!

nas mais, o rei começou a flirtar com as damas da Côrte e quando Ana protestou, respondeu-lhe Henrique VIII, rudemente, que **"fechasse os olhos a isso, como as outras, melhores do que ela, haviam feito, pois êle, como rei e marido, tinha poderes para humilhá-la como tivera para enobrecê-la!"**

E agora, entre as festividades do Natal, êle namorava ostensivamente, humilhando-a, como humilhara Catarina, e dando-lhe motivos para temer que a usurpadora seria também usurpada!

Banquetes suntuosos; bailes a fantasia, no grande "Hall" e nas galerias; menestréis cantando pelas varandas; barris de cerveja; tonéis de vinho; caçadas, faisões, patos e iguarias variadas. Torneios de tênis e de tiro. Orgias e música noite e dia!

Ana Bolena devia estar no clímax da glória, reinando orgulhosa; mas já havia compreendido a situação... e era infeliz.

Quando Henrique escolheu, pùblicamente, uma favorita, e Ana tentou removê-la da Côrte, êle reagiu, furioso, dizendo que **os bons tempos entre êle e Ana estavam terminados e que se arrependia de ter feito tanto por ela!**

Pouco tempo depois, num grande baile de gala, de repente, a rainha desatou num riso histérico que fêz o enviado de França, que estava a seu lado, perguntar-lhe:

"— Está rindo de mim, madame?"

Ao que ela respondeu:

"— Não!"

De fato, a causa tinha sido outra; fôra porque ela havia visto o rei, que vinha trazendo o Almirante de França para o apresentar à rainha, mas em caminho viu um belo palminho de cara... e esqueceu tudo o mais!

Um acidente lamentável fêz que ela perdesse, prematuramente, a sua última esperança de dias melhores, de que desta vez daria um herdeiro ao rei, reconquistando o seu amor.

Ana atribuiu a perda do possível futuro príncipe aos choques e contrariedades que lhe causavam as aventuras amorosas de Henrique.

Não tardou a que se visse frente a frente com uma perigosa rival: Jane Seymour — a dama de honra — a quem surpreendeu nos braços de Henrique VIII!

Jane também não era bonita, porém era bastante graciosa e bastante inteligente para atrair o rei e, o que é mais, para contar com o apoio dos nobres, que detestavam Ana!

Na terra havia revolta e indignação em razão da situação a que fôra lançada Catarina e por ver a princesa Mary perder o direito à sucessão em favor da pequena Elizabeth, a quem, inclusive, ainda tinha que servir! Já então corriam boatos de uma possível revolta ao norte.

No exterior, a situação não era melhor, havendo desagrado por parte da França, da Espanha e do Papado por causa da bigamia e duplicidade de Henrique VIII; com a França as coisas tinham chegado a ameaças de guerra!

Jane, evidentemente, seria a sucessora de Ana, pois já estava instalada em palácio, com a família, e em aposentos ligados secretamente aos do rei — o que permitia aos enamorados continuarem impunemente com o seu idílio.

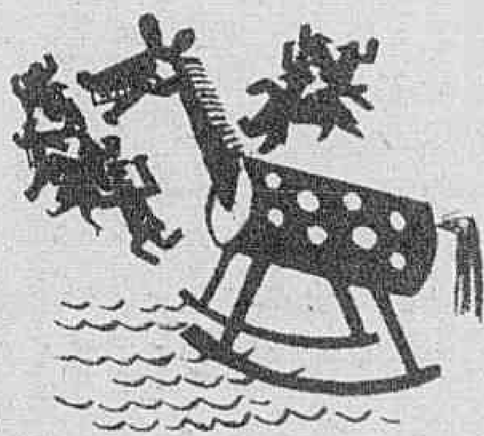
"Feliz Natal!" Ironia apenas, pois naquele momento o barômetro da vida de Ana Bolena marcava "tempestade". O advento de Jane apressou a decadência de Ana que, **três anos depois da sua entrada triunfal e gloriosa na cidade,** seguiu, cabisbaixa, para **Tower Hill.**

E foram estas as suas últimas e trêmulas palavras para o carrasco:

"— Descubra-se em minha presença".

★ ★

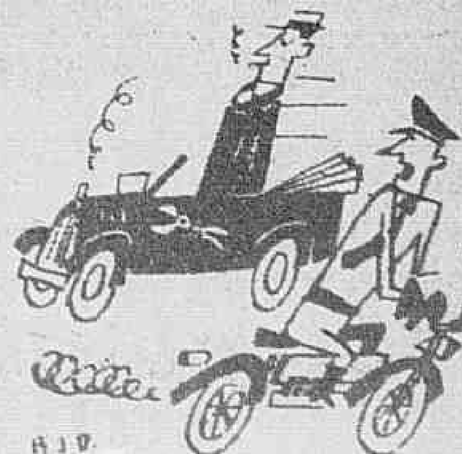
ILUSÕES DE ÓTICA



O MONSTRO — Uma aldeia escocesa foi alertada, não há muito, pelo grito de *"Um monstro marinho!"*. Tôda a população correu para o pequenino cais e, encolhendo-se por trás das pedras, a uma distância respeitável, observou uma estranha criatura que se balouçava vagarosamente sôbre as ondas. Com o tempo o "monstro" acabou indo encalhar sôbre a terra sêca, forçando a população a bater em retirada, entre gritos de horror e desespêro. Só mesmo depois que a "coisa" ficou imobilizada, alguém teve a coragem de se aproximar... e descobrir que o "monstro" era um *cavalinho-balanço*, para criança, enfeitado com algas.

QUE VOZ! — O ouvido também pode causar decepção tão grande como a vista. Recentemente, três policiais correram para um determinado trecho de rua no bairro de Brooklyn, Nova York, certos de que ali estava sendo assaltada uma mulher que gritava desesperadamente por socorro. Ao chegar, encontraram um pobre cidadão, suando e lutando para trocar a roda do seu automóvel — tendo a sua volumosa e gritadora espôsa, de pé, na calçada, trombeteando ordens e queixando-se da "moleza" do marido.

INCRÍVEL — Um inspetor do tráfego, patrulhando, em motocicleta, uma estrada da Califórnia, repentinamente viu uma coisa que quase o faz cair da sua máquina. Um velho automóvel passou por êle em regular velocidade, tendo o motorista sentado diante do volante... isto é, diante do lugar *onde deveria haver um volante*, pois o veículo não tinha volante! Imediatamente saiu em sua perseguição e quando o alcançou, meia milha adiante, pôde ver que o motorista, tendo retirado o volante, dirigia o veículo por meio de duas alavancas.





O JUIZ CURRAN: um menino mudou a sua maneira de pensar.

O ÚLTIMO CASO

«EU NÃO QUERIA MANDAR MIKE PARA A PRISÃO NA VÉSPERA DO NATAL — DIZ O AUTOR — MAS ATÉ MESMO A PRÓPRIA ESPÔSA NÃO O QUERIA EM CASA! QUE PODERIA EU FAZER, EM TAL SITUAÇÃO?»

NÃO gosto de mandar ninguém para a cadeia na véspera do Natal. Nem eu nem nenhum outro juiz. Por isso, estando na véspera do Natal e não surgindo nenhuma complicação ou simples caso que fôsse, eu me sentia feliz.

Então, quando menos esperava, os fados interromperam a minha alegria. Houve um repentino arrastar de pés junto da porta da sala de audiências, com gritos, pragas e todos os ruídos característicos de uma luta. O'Shea, que é um policial de quase dois metros de altura, muito moço e geralmente alegre, trazia o prisioneiro para a minha presença com alguma dificuldade. O homenzinho, musculoso e bêbedo, lutava e debatia-se como um gato selvagem. Finalmente os dois se postaram de pé, lado a lado, à minha frente, respirando com dificuldade. Os olhos azuis de O'Shea haviam perdido a habitual expressão feliz. Embora perfilado, continuava a segurar firmemente o seu pequeno prisioneiro.

— Conhece êsse homem, guarda? — perguntei.

— Sim, Sr. Juiz. Conheço-o bem. E' o velho Mike Angelo. Não é mau homem, mas quando está... assim como agora, ninguém pode com êle. Vai para casa e entra a quebrar móveis e louça e a transformar tudo num verdadeiro inferno para a espôsa e os garotos... Como aconteceu hoje. Bebeu muita cerveja e ainda empurrou algumas garrafas de vinho por cima. Ficou valente... Desta vez a mulher não agüentou... Chamou os vizinhos e êstes saíram em busca da polícia... Tive que lutar um bocado para o trazer até cá. Oh! como deu trabalho!

— Êle... trabalha?

— Trabalha... Só bebe, aliás, nos dias de pagamento.

O'Shea olhou-me de frente. Quantas vêzes eu tinha ouvido a mesma história, referente a tantos outros homens, diferentes daquele que agora ali estava, esperando que eu decidisse a sua sorte!

— Ponha-o no xadrez enquanto fico esperando a espôsa dêle. Depois veremos.

O caso surgira tarde, já noite, na véspera do Natal — e eu que nunca havia mandado ninguém para o xadrez até então! Fora, a noite estava escura, porém apesar disso e das luzes brilhantes na sala, eu podia ver, pela janela aberta, a neve caindo. A sineta do Exército da Salvação soava a intervalos regulares na calçada, em baixo. A sala do tribunal estava vasia e silenciosa.

— Vamos, Mike — disse O'Shea, empurrando o seu pequeno prisioneiro para fora da sala. Êle obedeceu, agora, caminhando titubeante e submisso. Estava pálido e soluçava.

As enrugadas roupas de trabalho pareciam cair mais frouxas dos seus ombros encurvados. No rosto, quando estêve diante de mim, não surgiu qualquer expressão além da alarmada expectativa de alguma coisa ruim.

Reconheceu a sua culpa, sem que em seu rosto eu pudesse notar qualquer sinal de interêsse ou mágua.

Meia hora depois, a família de Ângelo apareceu e foi alinhar-se no outro canto da sala: a mulher, magra e com a fisionomia de alguém que não tem um minuto de descanso, e todos os seis filhos. O mais velho não era ainda muito crescido. O menorzinho, com o corpo protegido, talvez, por umas três camadas de roupa, para melhor enfrentar a neve, estava exageradamente "gordo" e grotesco. Era ainda muito pequeno e mal podia apontar a cabecinha acima da mesa, para me observar com interêsse e sem a menor cerimônia, mesmo firmado nas pontinhas dos pés.

— Por que... tôda a família? — perguntei ao guarda O'Shea, sem esconder a minha surprêsa.

— Não pude fazer por menos, embora soubesse que o senhor desejava falar sòmente com a mulher de Ângelo — explicou O'Shea — Mas a pobre coitada não tinha com quem deixar os filhos em casa...

O pequeno tentava em vão, mas teimosamente, trepar sôbre a minha mesa. Entre os seus múltiplos e inúteis esforços olhava para mim e sorria. A mãe obrigava-o a voltar à posição primitiva com uma tapa que dava no braço do guri, num gesto automático e treinado, ao mesmo tempo

que olhava para o outro lado, a fim de observar o marido. Havia apenas curiosidade em seus olhos. Afeição, ansiedade ou sequer simpatia ou interêsse eram sensações ausentes do seu rosto. Era de se jurar que aquela pobre mulher, cansada de lutar contra o impossível, atingira o ponto da impassividade absoluta. E eu tinha que despertar aquela criatura, se desejava realmente fazer alguma coisa em favor de todos.

— Como é o nome dêsse, aí... o menorzinho? — perguntei.

— Jimmy! — gritou o menino repentinamente, dando pinotes intermináveis.

O gesto repressivo da mulher, executado com pontaria certeira e fôrça bem dosada, acabou com êsse novo entusiasmo. O menino saiu da minha vista, desaparecendo do outro lado da mesa.

— O pai gosta dêle? — perguntei num tom que era mais uma sugestão do que uma pergunta, numa tentativa de **abrir caminho**, de **desanuviar** a situação.

— Oh, sim! E' o favorito do pai! — afirmou ela, sem notar a armadilha.

— Ahn... Pois bem, Sra. Ângelo... Por favor, ponha o menino sôbre a mesa... Assim, talvez êle fique quieto... E como temos que conversar ainda um pouquinho...

Sôbre a mesa, de frente para mim, Jimmy enrugou o narizinho e atirou-me uma careta de agradecimento e cumplicidade.

— Muito bem, Jimmy! Assim você está melhor, hein? — disse eu, devolvendo-lhe a careta.

Sem um só segundo de hesitação, êle, sùbitamente, mergulhou uma das mãos e logo a seguir a outra dentro do tinteiro, colocado no centro da mesa. Depois, olhando muito interessado para os dedos enegrecidos e escorrendo tinta, **soltou** um grito de alegria!

— Olha! — gritou — Olha!

— Hmmm! Maravilhoso — disse eu com fingido entusiasmo.

Depois de a mulher afastar o tinteiro do alcance do traquinas e limpar tanto quanto foi possível os dedos do filho, êste se chegou um pouquinho mais para perto de mim e ficou quieto.

— E então? — perguntei, depois, voltando-me para o guarda com um olhar em que havia um pedido — Não haverá **algum meio?**

— Não, senhor! Se mandar Mike de volta para casa, êle vai tornar a beber e será muito pior.

— E... a senhora? Que diz? — perguntei à espôsa do acusado.

— O guarda tem razão, "Seu" Juiz — respondeu ela, com um olhar de relance para os filhos, como para justificar a sua maneira de pensar.

— Mas não haverá uma possibilidade...? Não poderia tentar novamente...?

— Não, "Seu" Juiz — interrompeu a mulher — Já tentei várias vêzes, com muita paciência e alguma esperança. Não há possibilidade!

O rosto do prisioneiro continuava inexpressivo, enquanto esperava, ao lado de Joe. Não adiantaria falar com êle.

—Será melhor tirar o menino de cima da mesa — disse eu.

O'Shea ajudou a Sra. Ângelo a descer o filho. O guri agitou as mãos sujas para mim, pensando, talvez, que o iam levar da sala.

— Obrigado — disse eu, dirigindo-me à mulher que atendera ao meu pedido. Os olhinhos escuros de Jimmy brilhavam. Ficou alguns instantes fitando-me com irresistível interêsse, como se esperasse ver alguma coisa cair da figura



— Veja! — disse Jimmy mostrando dez dedos sujos de tinta.

vestida de prêto e que dominava a larga mesa. Notei que seus lábios vermelhos e úmidos se moviam lentamente, repetindo os mesmos movimentos e pouco depois ouviu o que diziam: **"Obrigado-Obrigado-Obrigado"**, repetia interminàvelmente.

A mãe do menino notou a minha surprêsa e explicou:

— Êle não sabe o que está dizendo! Apenas repete o que ouve — como um papagaiozinho.

Eu chegara a êsse derradeiro minuto de abstração, que antecede ao pronunciamento da sentença, pensando, pensando, buscando a penalidade justa.

— "Dez dias". — disse, finalmente.

Numa véspera de Natal era o máximo que eu podia dizer. E, mesmo assim, era terrível — talvez mais para mim do que para o prisioneiro.

Levantei a cabeça e vi quando o desgraçado fazia meia-volta, ao comando do robusto O'Shea, iniciando a marcha para a prisão; ia com o seu andar titubeante e como se nada tivesse acontecido! No outro canto da sala, a espôsa continuou indiferente e imóvel. Então, a vòzinha de Jimmy quebrou o silêncio:

—Obrigado! — tornou êle a gritar alegremente, rindo e acenando para mim, outra vez, com a mãozinha suja, satisfeito e orgulhoso com a nova palavra que aprendera a dizer.

Nesse mesmo instante O'Shea resmungou com ar assombrado e empalidecendo:

— Meu Deus... o inocente agradece, porque mandam o pai para o xadrez!

Notei que Mike Ângelo se voltava com algum atarantamento para procurar o filho, parecendo que só então tivesse despertado para a realidade da vida. Nada disse, porém os seus olhos foram de uma eloqüência dramática. Depois, os braços, que até então tinham estado caídos, sem ação, tremeram, erguendo-se lentamente.

Antes de que alguém pudesse falar ou esboçar um gesto, Jimmy correu para o pai. Mike abriu os abraços e o acolheu, mantendo-o firmemente colado contra o próprio peito, enquanto os seus ombros eram sacudidos violentamente e as lágrimas desciam por suas faces.

Depois endireitou-se e, pela primeira vez, pude ver o prisioneiro com o seu aspecto verdadeiramente humano, os ombros retos, a cabeça erguida.

E só então, também, pela primeira vez, descobri uma clara mensagem no olhar da mulher: um olhar em que cintilava alguma coisa mais quente e mais forte. Foi quando ela se voltou para mim.

— "Seu" Juiz... — a voz era suplicante — "Seu" Juiz... Na véspera do Natal?

Foi só o que disse na vasta sala do tribunal, vasia e silenciosa. Depois ficou esperando.

O silêncio foi quebrado pela voz arrastada e enrouquecida do bom gigante que é O'Shea.

— Se o senhor quiser eu tomarei conta dêle... Estarei de folga até às 23 horas de amanhã... Comigo, Mike terá juizo... Será apenas até que fique **curado** da bebedeira, porque sem isso êle é homem bom e trabalhador.

Olhando para o prisioneiro, agora de olhos voltados para a mulher e os filhos, eu sabia que O'Shea faria como propunha.

— Sentença revogada. — declarei em voz baixa e rápida.

— Obrigado! — gritou Jimmy, escorregando entre os braços do pai. E havia na sua vòzinha clara e risonha, alguma coisa que encheu a todos nós de esperança.

Afinal, estávamos na véspera do Natal!

★ ★

MÁQUINA QUE VÊ CÔRES

Durante a Segunda Guerra Mundial, as autoridades militares dos Estados Unidos se viram a braços com um problema inédito. Consistia êsse problema em se ter certeza de que milhões de peças de roupa de baixo femininas eram de côr rigorosamente igual. Essas roupas de baixo se destinavam ao Corpo Auxiliar Feminino do Exército. As autoridades militares, vendo-se em dificuldade para solucionar o problema, apelaram para um aparelho chamado "espectrofotômetro", dotado de um ôlho mágico que discerne variações quase invisíveis das côres. Qualquer peça que não seja rigorosamente da côr oficial, será posta de lado, depois de ser "olhada" pelo aparelho.

O espectrofotômetro continua exercendo funções curiosas e indispensáveis para a indústria e a ciência. Entre essas, será a de determinar a graduação de côres de pérolas, no Laboratório Químico e Industrial do govêrno japonês, em Osaka. Depois da guerra, já foi vendida mais de uma dezena de espectrofotômetros, seis dos quais para o Japão.

★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da página número 34)

Coloquei o meu ouvido bem junto de uma forte lâmpada elétrica acesa... e o inseto, atraído pela luz, imediatamente deixou o meu ouvido em paz, atirando-se contra o bojo da lâmpada.

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

O VALE DE LOURON

Nesse local, hoje deserto, existiu, em tempos que vão muito longe, a cidade de Lorre, com os seus templos pagãos, o seu formoso anfiteatro e o seu soberbo Capitólio.

À passada animação sucedeu-se a morte, cujo sôpro gelado eliminou tudo quanto existia naquela região e só uma ou outra relíquia, que rompe, indiscreta, por entre a camada de areia, denuncia o que em outros tempos ali existiu.

A alta cordilheira dos Pirineus corta de vez em quando o horizonte, deixando ver o céu azul do território espanhol, e os caminhos que sulcam os seus cumes servem de passagem aos contrabandistas de Venarque.

O vale de Louron forma o ponto extremo da Gasconha e abre-se como um leque entre os formosos bosques de Ens e Fréchet, os quais unem, através do vale de Barrousse, os vergéis de Mauléon, de Nestes e de Campan. A terra é pobre, mas o seu aspecto é deslumbrante.

O bosque de Ens segue o prolongamento de uma colina, cortada no meio do vale para dar passagem ao rio Clarabide. O extremo oriental da colina é escarpado e abrupto, cercando o vale como uma enorme barricada, erguida de uma montanha a outra, e deixando apenas o espaço para o rio correr. Chamam a êste corte prodigioso **Le Hachar.**

Ainda ali estão as ruínas do castelo de Caylus-Tarrides e a mais de cem passos de **Le Hachar,** espreitam por entre as árvores as cristas desmoronadas das suas velhas tôrres.

Os Caylus-Tarrides, senhores do castelo, extinguiram-se no princípio do século XVIII com a pessoa de Francisco de Tarrides, marquês de Caylus.

Em 1699 o marquês era homem de sessenta anos que depois de estar na Côrte retirou-se, descontente, com sua filha única, Aurora de Caylus, para os seus domínios, onde era conhecido pelo sobrenome de Caylus-**Ferrolho,** pela seguinte razão:

Antes de completar os quarenta anos e viúvo da sua primeira mulher, que não deixara filhos, enamorou-se da filha do conde de Soto-Mayor, governador de Pamplona. Inês de Soto-Mayor contava então dezessete anos, tinha os olhos de fogo e um coração mais ardente do que os olhos. Como o marquês gozava fama de não ter feito feliz a sua primeira mulher, que vivera sempre encerrada no castelo, no qual morrera aos vinte e cinco anos, Inês declarou ao pai que nunca seria espôsa de tal homem.

A moça, porém, foi sacrificada por razões de conveniência, e no dia seguinte ao do casamento partiu para a França com o marido.

Ao cabo de três o quatro anos, a pobre Inês transpôs o limiar daquela triste casa para o cemitério. Morrera de saudade e de tédio, deixando uma filha. O ódio dos pretendentes vencidos, que nunca tinham conseguido sequer abordá-la, deu ao marquês o sobrenome de **Ferrolho** e fôsse onde fôsse, era assim que tôda a gente o conhecia.

Aurora, sua filha, era formosa como a mãe, e nos seus olhos rasgados e lindos adivinhava-se o sangue espanhol que lhe corria nas veias. Quando completou dezesseis anos, os habitantes da aldeia de Tarrides ouviram ladrar com freqüência, durante a noite, os cães do castelo.

Por essa época, Felipe de Lorena, duque de Nevers e um dos mais brilhantes senhores da Côrte de França, foi habitar o seu castelo de Buch, no Jurançon. Teria, no máximo, vinte anos; porém tinha aspecto muito abatido e fatigado, em conseqüência da vida que levara até então. O ar puro da montanha fêz-lhe bem.

Passadas algumas semanas, sentiu-se forte e vigoroso e preparou-se para ir caçar no vale de Louron.

Da primeira vez em que os cães de Caylus ladraram durante a noite, o jovem duque de Nevers, bastante cansado, pediu hospitalidade a um lenhador do bosque de Ens.

Nevers estêve um ano no castelo de Buch e os pastôres de Tarrides diziam que era um fidalgo muito bom; mas contavam também as suas aventuras noturnas ocorridas durante a sua estada naquela terra.

Uma vez, por exemplo, viram luz através dos vidros da velha capela de Caylus. Os cães não ladraram, mas uma figura negra, que a gente da aldeia julgou reconhecer, deslizou pelos fossos, favorecida pela escuridão.

Em outra ocasião, cêrca das onze da noite, Marta, a mais jovem das damas do castelo, saiu pela porta principal e dirigiu-se à cabana do lenhador, onde o duque de Nevers recebera hospitalidade.

Uma liteira atravessou o bosque. Dali a pouco ouviram-se gritos de mulher na cabana do lenhador. No dia seguinte, êste abandonou a terra e a cabana foi fechada. Marta se despediu também, no mesmo dia, do castelo de Caylus.

*

Haviam decorrido quatro anos sôbre êstes fatos e ninguém tornara a ouvir falar no lenhador, nem em Marta. Felipe de Nevers já não habitava também o seu castelo de Buch.

Mas, outro Felipe, não menos interessante e grande senhor, honrava com a sua presença o vale de Louron. Era Felipe Polyxène de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês pretendia casar sua filha Aurora.

Gonzaga teria trinta anos. O seu rosto, um tanto efeminado, era de beleza notável e seria

quase impossível encontrar-se um conjunto mais nobre do que o seu. Os cabelos negros, sedosos e brilhantes, todos frisados em redor da fronte — mais branca que a de uma mulher — formavam, sem artifício de espécie alguma, o penteado que os cortesãos de Luís XIV só conseguiam fazer juntando duas ou três cabeleiras ao seu cabelo natural. Os olhos negros tinham aquêle ar franco e orgulhoso dos italianos. A sua estatura era bem proporcionada, elegante e esbelta.

As suas relações valiam tanto quanto a sua nobreza. Possuía dois grandes amigos, ou melhor: dois irmãos. Um era Felipe de Bourbon, duque de Chartres, sobrinho de Luís XIV, mais tarde duque de Orléans e Regente de França; o outro era Felipe de Lorena, duque de Nevers. Ligava-os uma forte amizade, eram inseparáveis. Na Côrte, eram chamados "os três Felipes".

Eis por que se pode calcular como o velho Caylus se sentia vaidoso à idéia de ter por genro um homem que, além de tudo, segundo a opinião pública, devia ter uma fortuna imensa na Itália, sem contar que era primo e único herdeiro de Nevers, cuja morte precoce todos prognosticavam. Ora, Filipe de Nevers, último do seu nome, possuía uma das maiores fortunas de França.

Pai e futuro genro estavam mais ou menos de acôrdo. Quanto a Aurora, não fôra sequer consustada... (Sistema Caylus-**Ferrolho**!)

Estamos numa linda tarde de outono do ano de 1699.

Na sala de jantar do castelo estava reunida cêrca de meia dúzia de convivas em redor da ampla mesa, esplêndidamente servida.

À exceção do marquês de Gonzaga e de Aurora de Caylus, que ocupavam as cabeceiras, os restantes faziam parte do pessoal do castelo.

Em primeiro lugar, via-se o padre D. Bernardo, capelão do castelo, que tinha a seu cargo as almas da pequena aldeia de Tarrides e possuía na sacristia da capela o registro dos nascimentos, casamentos e óbitos; a seu lado, Isidora, que substituíra Marta nas suas funções junto de Aurora de Caylus, e por último o senhor de Peyrolles, fidalgo agregado ao pessoal do príncipe de Gonzaga.

Convém apresentar e dar a conhecer o caráter dêste personagem que desempenha destacado papel na nossa narrativa.

Peyrolles era homem de idade indecifrável, magro, pálido, com pouco cabelo, e algo curvado.

O rosto era vulgar, mas o olhar míope traduzia atrevimento e insolência. O príncipe, porém, elogiava-o e distinguia-o muito, porque a espada que êle arrastava desajeitadamente era de temer, quando manejada pela sua mão hábil.

Aurora de Caylus fazia as honras da casa com dignidade fria e triste.

Era uma dessas raparigas que agradam sem fazer para isto o menor esfôrço e a quem sempre se admira.

Estava vestida à espanhola. Três panos de renda fina caíam-lhe pelas costas entre o azeviche ondulado dos lindos cabelos.

Embora ainda não tivesse vinte anos, nas puras linhas da sua bôca desenhavam-se já os sulcos do sofrimento e da dor.

Que luz e que beleza devia emprestar o sorriso àqueles lábios frescos e admiráveis! Que brilho teriam então aquêles olhos sombreados pela sedosa curva de esplêndidas pestanas!...

Havia, porém, já muito tempo que o sorriso não aparecia nos lábios de Aurora.

O pai dizia:

— Mudará quando fôr princesa!

No entanto, apesar da refeição ainda não ter terminado, Aurora pediu licença para se retirar.

Depois da saída da filha, o marquês recobrou o seu ar bonacheirão e preparou-se para jogar com o príncipe a habitual partida de xadrez. Pouco a pouco os restantes comensais se retiraram. Gonzaga e o marquês ficaram sós. Logo que Caylus venceu o seu adversário, estendeu-se na cadeira e adormeceu profundamente.

Gonzaga saíu da sala de jantar e foi reunir-se a Peyrolles, que o aguardava, passeando pelas galerias.

— E os nossos homens? — perguntou Gonzaga quando o viu.

— Já chegaram seis — respondeu o interpelado.

— Onde estão?

— Na pousada **Pomme d'Adam**, do outro lado dos fossos.

— E quais são os dois que faltam?

— Cocardasse, o de Tarbes, e Passepoil, o seu ajudante.

— Duas boas espadas!... E o outro assunto?

— Marta se encontra neste momento nos aposentos da senhora de Caylus.

— Com a menina?

— Sim.

— Por onde entrou?

— Pela janela dos fossos, existente por baixo da ponte.

Depois de refletir um momento, Gonzaga acrescentou:

— Falaste ao padre Bernardo?

— E' mudo!

— Quanto lhe ofereceste?

— Quinhentas pistolas.

— Marta deve saber onde está o registro. E' preciso não a deixar sair do castelo.

— Muito bem! — respondeu Peyrolles.

O príncipe, passeando, agitado, acrescentou:

— Quero falar-lhe... Tens a certeza de que meu primo Nevers recebeu a mensagem de Aurora?

— Foi o nosso alemão quem levou a carta!

— E Nevers deve chegar?

— Esta noite!

Naquele momento encontravam-se à porta dos aposentos do príncipe.

No castelo de Caylus três corredores formavam um ângulo reto: um dava acesso aos aposentos centrais; os outros dois comunicavam com as alas do edifício.

Ouviu-se leve ruído na galeria central; era Marta que saía do quarto de Aurora de Caylus.

Gonzaga e Peyroles entraram precipitadamente no quarto do príncipe, deixando a porta entreaberta.

Um instante depois, Marta atravessava o corredor em passo rápido e receoso.

Era a hora da sesta e como o costume espanhol havia atravessado os Pirineus, tôda a gente

dormia no castelo. Quando Marta passou diante da porta do príncipe de Gonzaga, Peyrolles lançou-se de improviso sôbre ela e apertando-lhe fortemente a bôca com um lenço, impediu-a de gritar. Depois, tomou-a nos braços e conduziu-a quase desmaiada para os aposentos do príncipe.

II

COCARDASSE E PASSEPOIL

Vagarosamente, pela estrada cheia de sol, seguiam dois homens: um montava um cavalo já velho e cansado; o outro ia num burro, à maneira dos antigos castelhanos.

O primeiro — um gascão — apesar da sua modesta montada, tinha porte elegante. Vestia gibão de pele de búfalo, calção de lã que a traça transformara num crivo e botas fortes de campanha. Cobria-lhe a cabeça um chapéu monumental, de abas largas, e do lado esquerdo levava uma espada enorme. Era Cocardasse, antigo mestre-de-armas em Paris, naquela época estabelecido em Tarbes, onde era muito estimado.

O segundo tinha um aspecto tímido e modesto. Vestia gibão largo com o feitio de sotaina, que lhe cobria os calções, noutros tempos negros, mas que o uso tornara pardos e lustrosos; na cabeça, levava um gorro de lã puxado até às orelhas e apesar do calor, calçava borzeguins forrados.

Em contraste com o seu companheiro Cocardasse — cuja cabeleira era espêssa, negra, farta e ondulada — o outro tinha apenas sôbre a fronte umas madeixas louras quase descoloridas. Igual contraste existia entre o farto bigode do gascão e os quatro pêlos brancos e eriçados que adornavam o lábio superior do ajudante do mestre-de-armas.

Sim... o pacífico viajante era um ajudante de mestre-de-armas e podemos afirmar que, apesar do seu aspecto beatífico, quando chegava a ocasião manejava hábil e vigorosamente a espada que nesse momento batia no flanco esquerdo da sua montada. Chamava-se Passepoil, era normando, horrìvelmente feio e extraordinàriamente fácil de se apaixonar. Quando umas saias passavam pelo seu caminho, adotava um ar sentimental e um vivo esplendor lhe iluminava os olhinhos azuis.

Ambos seguiam devagar, sob um sol ardente. Cada pedra do caminho fazia tropeçar o velho cavalo de Cocardasse e de dez em dez passos o burro que Passepoil montava fazia uma parada significativa.

— Isto é terrível, meu amigo! Há duas horas que vemos aquêle maldito castelo e nunca mais lá chegamos! ... — disse Cocardasse com acentuada pronúncia da Gasconha.

— Calma! Calma! Havemos de chegar! Além disso, para o que vamos fazer... será sempre cedo!

— Ora adeus, camarada Passepoil! — acrescentou o outro, suspirando fortemente — Se tivéssemos juízo, com a nossa habilidade, podíamos fazer fortuna.

— Tens carradas de razão, amigo Cocardasse, mas as nossas paixões perderam-nos!

— Certamente! O vinho... o jôgo! ...

— E as mulheres! — acrescentou Passepoil, levantando o olhar para o céu.

Cocardasse devia ser excelente companheiro quando tivesse — o que raramente sucedia! — a bôlsa cheia; e Passepoil, apesar da fome, dava indícios de habitual bom humor. Naquele momento, porém, ambos se sentiam tristes e com certeza não lhes faltavam motivos para isso.

Tinham o estômago vazio, a garganta sêca e um assunto perigoso em perspectiva; e o pior de tudo era que o assunto em questão não podia ser recusado porque se lhes havia esgotado o dinheiro.

Por isso Cocardasse dizia ao seu amigo Passepoil:

— Juro-te pela minha vida que nunca mais torno a tocar numa carta, nem num copo!

— E eu renuncio para sempre ao amor! — acrescentou Passepoil.

— Deus do céu! — exclamou o gascão, dando um sôco no cavalo — Temos descido muito na nossa pobre profissão! No entanto, todo pecador pode esperar misericórdia!

Peyrolles, o homem de confiança do príncipe Gonzaga, era quem obrigava a viajar de forma tão estranha aquelas duas más cabeças.

Ambos conheciam bem Peyrolles e ainda melhor o amo.

Antes de se terem estabelecido em Tarbes para ensinar aos fidalgos a nobre arte da esgrima, tinham uma sala de armas em Paris, na rua de Croix-des-Petits-Camps, a dois passos do Louvre.

Eram dois pobres diabos que, certamente, devido às tentações, tinham agora a pesar-lhes na consciência qualquer culpa tremenda; mas, como ambos manejavam muito bem a espada,



— *Felizmente! Já está dormindo como um anjinho!*

naquelas circunstâncias esperavam tirar proveito da sua profissão.

Seriam cêrca de duas horas da tarde quando chegaram à aldeia de Tarrides. Um camponês, que encontraram no caminho, indicou-lhes onde era a pousada Pomme d'Adam.

Quando chegaram à sala do térreo, esta se encontrava cheia de gente. Uma camponesa distribuía, ràpidamente, copos, garrafas de vinho e fogo para os cachimbos; enfim, tudo quanto desejavam aquêles valentes, depois de tão larga jornada através dos vales da região.

Na parede estavam penduradas seis grandes espadas.

Não havia entre aquêles homens um só que não tivesse aspecto e modos de espadachins, com o rosto bronzeado, olhar provocador e bigodes retorcidos.

Numa mesa junto da porta estavam três espanhóis que se conheciam logo à distância. Em outra, encontrava-se um italiano com a cara coberta de cicatrizes e, em frente dêle, um bandido de aspecto terrível, cuja pronúncia denunciava a sua origem alemã.

Na terceira mesa, um camponês forte, com uma grande cabeleira, falava no dialeto da Bretanha.

Os três espanhóis chamavam-se: Saldanha, Pinto e Pepe, o **Matador**, e todos eram consumados espadachins; o italiano era Giuseppe Faenza; o alemão Staupitz e o bretão Joel de Jugan. O senhor de Peyrolles fôra quem convocara para ali todos aquêles espadachins de profissão.

Quando Cocardasse e Passepoil transpuseram a porta da hospedaria, depois de terem deixado as suas pobres montadas no estábulo, detiveram-se um momento, surpreendidos ao deparar com tão respeitável companhia.

Os nossos dois heróis distinguiram sòmente os bigodes retorcidos e os cinturões com as espadas pendentes da parede. Seis vêzes roucas, devido aos efeitos do álcool, exclamaram ao mesmo tempo, ao vê-los:

— Mestre Cocardasse!

— O compadre Passepoil! ...

E uma enfiada de pragas em todos os idiomas saudou os dois amigos, como um aplauso.

Cocardasse colocou a mão em forma de pala, diante dos olhos, e exclamou:

— Por Baco! ... Todos são camaradas! ...

— Todos velhos amigos! — acrescentou Passepoil em voz com pouco trêmula.

Passepoil era covarde por natureza e só as circunstâncias o tornavam herói. Tremia por tudo, mas quando lutava parecia um demônio.

— Meus amigos! — disse Cocardasse — Realmente, eu e o meu companheiro não esperávamos encontrar tão boa companhia longe dos centros onde habitualmente exerceis os vossos cargos e exibis as vossas aptidões.

— Vamos para onde nos chamam e onde necessitam de nós, **mio caro** — respondeu o italiano.

Todos concordaram com um movimento de cabeça.

Saldanha perguntou em seguida a Cocardasse:

— Sabes para que nos reuniram aqui?

O gascão ia já abrir a bôca para responder, quando o pé de Passepoil lhe fêz um sinal significativo.

Cocardasse tinha por hábito seguir os conselhos do seu ajudante, que era um prudente normando.

— Sei apenas — disse — que nos chamaram... E que nos casos vulgares eu e Passepoil costumamos chegar para um golpe de mão.

— Raios e trovões! — gritou o **Matador** — Onde estou eu não faz falta mais ninguém!

Cada um avaliou o seu valor segundo o vinho que bebera. Cocardasse prosseguiu:

— Pelo que vejo, temos que combater contra um exército!

— Combateremos contra um só homem — respondeu Staupitz.

Uma gargalhada geral acolheu estas palavras.

Cocardasse e Passepoil riam ainda mais alto do que os outros. No entanto, o pé do normando não abandonava a bota do gascão.

Isto queria dizer: "Deixa, que eu trato do caso!"

Passepoil gritou ingênuamente:

— E qual é o nome dêsse colosso que vai combater contra oito homens?

— Cada um dos quais vale pelo menos por meia dúzia! ... — acrescentou Cocardasse.

Staupitz respondeu:

— O duque Felipe de Nevers!

— Mas êsse está a morrer! — exclamou Saldanha.

— A expirar! — acrescentou Pinto.

— Um doente! Um tuberculoso! — exclamaram os outros.

Cocardasse e Passepoil nada disseram. Êste último moveu lentamente a cabeça; depois pegou num copo e esvaziou-o de um só trago. O gascão fêz o mesmo. O repentino ar grave que assumiu excitou a curiosidade dos outros espadachins.

— Que foi? ... Que há? ... — Perguntaram todos.

Cocardasse e o seu ajudante olharam-se em silêncio.

— Por que motivo ficaram assim? ... — gritou Saldanha no auge do assombro.

— Dir-se-ia que tem desejos de abandonar a partida — acrescentou Faenza.

— Meus amigos — replicou gravemente o gascão — estão muito enganados quanto às notícias acêrca de Nevers.

— Nós vimos na nossa sala de armas em Paris Felipe de Nevers — disse Passepoil — Tivemos a honra de nos batermos com êle ... E' um "moribundo" que lhes poderá cortar as orelhas!

— A nós?! — disseram com jactância aquêles que os cercavam.

— Vejo — continuou Cocardasse, olhando-os com vagar — que nunca ouviram falar na estocada de Nevers!

Todos o olhavam surpreendidos e o escutavam com atenção.

— E' o mesmo bote do antigo mestre Delapalme, que derrubou sete ajudantes de mestre-de-armas desde o bairro do Roule até à Porta de Saint-Honoré!

— Pois eu zombo de todos os **botes secretos!** — exclamou o **Matador.**

— Mão firme, bom golpe de vista e boa guarda! — acrescentou o bretão — e também costuma rir de todos os **botes secretos!**

— Ah! Não... Isso não, meus queridos amigos! Bem sabem — disse Cocardasse com orgulho — que tenho boa mão, bom golpe de vista e boa guarda... pois de nada me serviram...

— E a mim também não... — acrescentou Passepoil — e a prova é que, se queserem, podemos experimentar...

— Pois, segundo a minha opinião — continuou Cocardasse — a estocada de Nevers não é uma **ninharia...** Fui tocado na minha própria sala de armas!

— Também eu!

— Tocado três vêzes seguidas, em plena fronte, entre os olhos!

— Três vêzes, sem conseguir parar o golpe!

Os seis espadachins ficaram pensativos. Já nenhum dêles ria.

— Então — disse Saldanha, benzendo-se — se não é uma **estocada secreta,** é um **feitiço.**

O bretão meteu a mão na algibeira, onde devia ter um rosário.

— Foi por isso que nos convocaram — continuou Cocardasse com mais solenidade — Falaram de um exército... pois creio que era preferível que assim fôsse! Há apenas no mundo... creiam-me!... um homem capaz de fazer frente a Felipe de Nevers, com uma espada na mão!

— E quem é êsse homem? — perguntaram seis vozes ao mesmo tempo.

— E' o "Petit Parisien" — respondeu Cocardasse.

— Ah! — exclamou Passepoil com súbito entusiasmo — êsse é o diabo em pessoa!

— O "Petit Parisien" — repetiram — Mas então êle não tem um nome qualquer?!

— Sim, tem um nome que todos conhecem: Lagardère! E' o cavalheiro Lagardère! Lagardère!

Com efeito, todos pareciam conhecê-lo, porque ficaram silenciosos.

— Nunca o vi... — disse Saldanha.

— Tanto melhor para ti! — respondeu o gascão.

— E' aquêle a quem chamam o "lindo Lagardère"? — perguntou Pinto.

— Foi êle quem matou três flamengos, ajudantes de mestre-de-armas, junto das muralhas de Senlis? — perguntou Faenza, baixando a voz.

— Foi êle que...? — quis acrescentar Joel de Jugan.

Mas Cocardasse, interrompendo-o, exclamou com ênfase:

— Sim, é êsse mesmo! Não há dois Lagardère no mundo!

III

OS TRÊS FELIPES

A única janela que havia na sala da hospedaria dava para um bosquezinho de faias, que se estendia até aos fossos de Caylus.

Uma pequena estrada atravessava o bosque e conduzia a uma ponte sôbre os fossos, que eram muito largos e profundos.

Desde que haviam demolido as muralhas destinadas a conter a fôrça das águas, os fossos secaram e o solo dava, por ano, duas magníficas colheitas de feno, destinadas às cavalariças do Marquês.

Acabavam de segar a última colheita e do lugar onde se encontravam os oito aventureiros podia ver-se os camponeses atar os molhos de feno e empilhá-los debaixo da ponte.

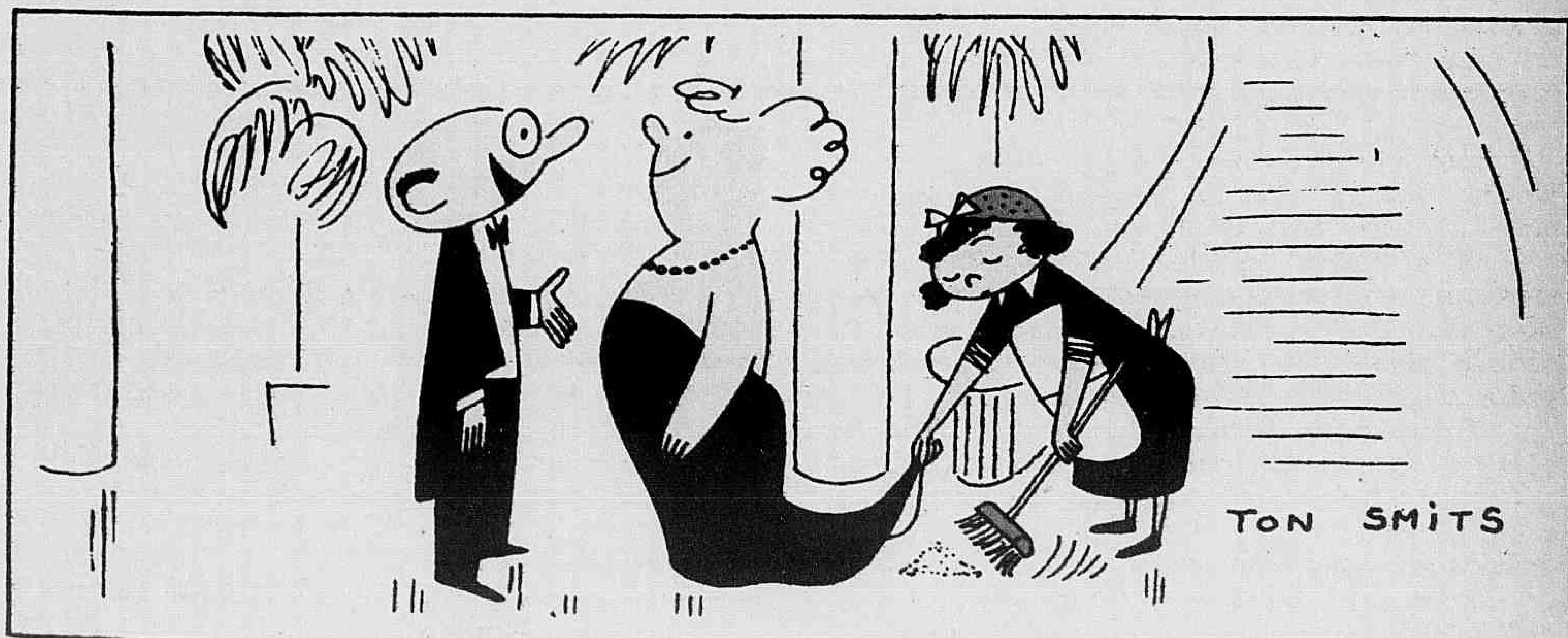
À parte a água que lhes faltava, os fossos se encontravam em bom estado. O bordo interior se elevava, como uma trincheira escarpada, até à esplanada e só havia uma brecha, aberta de propósito, para dar passagem aos carros grandes carregados de feno, até ao caminho que se via da janela da hospedaria.

Desde o nível do solo até ao fundo do fôsso, as paredes estavam cheias de numerosas seteiras, mas apenas havia uma capaz de dar passagem a uma pessoa. Era uma janela baixa situada justamente por baixo da ponte fixa que substituíra desde há muito tempo a ponte levadiça.

A janela tinha grade e dava claridade ao quarto de banho do castelo.

Acabavam de soar as três horas no relógio da tôrre de Menagem.

O terrível espadachim que se chamava Lagardère não se encontrava, porém, ali, nem era por



êle que esperavam. Assim, os nossos mestres-de-armas, passado o primeiro momento de espanto, recuperaram a sua habitual fanfarronada.

— Pois bem! — exclamou Saldanha — Digo-te, amigo Cocardasse, que daria dez pistolas (*) para ver o **teu** Lagardère!

— Com a espada na mão?... Olha que se chega êsse dia, encomenda a tua alma a Deus!... — retorquiu o gascão.

Saldanha inclinou o chapéu para o lado. Daquela discussão ia resultar um desafio e já era milagre não se ter dado antes, entre tais fanfarrões, quando Staupitz, que estava encostado à janela, exclamou, interrompendo a disputa:

— Quietos e sossegados, companheiros!... Aí, vem o senhor de Peyrolles, o factotum do príncipe Gonzaga!

Com efeito, via-se o fidalgo, a cavalo, avançar pela estrada.

— Temos falado muito, mas ainda não dissemos nada que se aproveitasse! — disse Passepoil — Nevers e o seu **bote secreto** valem muitíssimo dinheiro, companheiros: é bom que saibam! Querem fazer bom negócio... talvez a vossa fortuna?...

Todos responderam afirmativamente.

— Pois se querem deixem Cocardasse e eu procedermos e dêem o vosso apoio a tudo quanto dissermos ao senhor de Peyrolles.

— Entendido! — responderam todos.

— Ao menos, assim — terminou Passepoil, sentando-se — aquêles que conseguirem escapar desta aventura, livres da espada de Nevers, poderão mandar rezar missas por alma dos defuntos.

O senhor de Peyrolles entrou.,

Passepoil foi o primeiro a descobrir-se com respeito; os outros cumprimentaram o recém-chegado.

O cavalheiro, que levava um saco com dinheiro debaixo do braço, atirou-o para cima da mesa, dizendo:

— Tomem, valentes!... Aí está a vossa paga! Em seguida contou-os com o olhar.

— Todos pontuais! Gosto disso!... Vou, portanto, dizer-lhes em duas palavras o que têm que fazer.

— Ouviremos atentamente, senhor de Peyrolles! — disse Cocardasse, colocando os cotovelos em cima da mesa.

— Sim. Ouviremos! confirmaram os restantes.

Tomando a atitude de um orador, o senhor de Peyrolles disse:

— Esta noite, cêrca das oito horas, virá um homem pela estrada que desce da janela; deixará o cavalo atado a um dos pilares da ponte e depois transporá o fôsso. Prestem atenção: estão vendo uma janela com grade, mesmo por baixo da ponte?...

— Perfeitamente, senhor de Peyrolles — respondeu Cocardasse — Não somos cegos...

— O homem irá até a essa janela...

— E nesse momento devemos atacá-lo?

— Sim... mas com **delicadeza**... — respondeu Peyrolles com um sorriso sinistro — fazendo isso tereis ganho êste dinheiro.

— Por Baco! — exclamou Cocardasse — Êste senhor de Peyrolles diz as coisas de uma maneira que dá vontade de rir!...

— Está entendido?

— Certamente! No entanto, não se vá já embora, por favor!

— Tenho pressa, meus bons amigos — disse Peyrolles, preparando-se para sair.

— Como?! — exclamou o gascão — Sem nos dizer o nome do homem a quem devemos atacar?

— O nome não interessa!

Cocardasse piscou um ôlho e no mesmo instante um murmúrio geral de descontentamento saiu dos lábios de todos os espadachins. Passepoil aparentava indignação:

— Hein?... Sem nos dizer ao menos quem é o honesto senhor por conta de quem vamos trabalhar?...

Peyrolles deteve-se para o olhar. O seu rosto denotava certa inquietação.

— Mas que têm os senhores com isso?...

— E' uma coisa que nos interessa, estimado senhor...

— Não percebo por quê... desde o momento que são bem pagos...

— Aí é que está o engano... Em nossa opinião não estamos bem pagos...

— Que pretende dizer com isso?

Cocardasse ergueu-se e todos o imitaram.

— Muito bem! — exclamou o gascão, mudando bruscamente de tom — Jôgo franco... Todos nós somos mestres-de-armas e, portanto, fidalgos... Gostamos de negócios claros... As nossas espadas — e bateu na sua, de que não se separara — querem saber o que delas se exige!...

— Por favor! — disse Passepoil, oferecendo cortêsmente uma cadeira ao confidente de Gonzaga — Não há pressa!...

Todos aplaudiram, mas Peyrolles pareceu hesitar. Por fim, disse:

— Meus valentes! Visto terem tanta vontade de saber, já podiam ter adivinhado... A quem pertence aquêle castelo...?

— Por Deus! Ao marquês de Caylus, um homem em casa de quem as mulheres nunca envelhecem. E depois...?

— Depois — continuou Peyrolles com fingida simplicidade — é fácil de compreender... trabalham para o marquês de Caylus!

— Acreditam? — perguntou Cocardasse, descaradamente.

— Não! — respondeu Passepoil.

— Não! — responderam todos os outros.

O sangue afluiu ao rosto do senhor de Peyrolles.

— O quê? Velhacos!... Duvidam?...

— Os meus nobres companheiros são humanos... Muito cuidado... — aconselhou o gascão — Discutamos com calma e como bons amigos! Vamos ver se nos entendemos. Aqui estão, segundo vós, os fatos: o senhor marquês de Caylus soube que um cavalheiro elegante e ousado, penetrava de vez em quando, durante a noite, no castelo, pela janela do fôsso, não é assim?...

— Exato — respondeu Peyrolles.

(*) Antiga moeda francesa.

— E sabe que a filha ama êsse cavalheiro.

— Também é verdade! — tornou a dizer Peyrolles.

— Isso, segundo a vossa opinião, explica a nossa presença nesta hospedaria. Outros mais inocentes podiam dar-se por satisfeitos com essa explicação, mas eu tenho razões para não aceitar! O senhor não nos disse tôda a verdade!

— Com mil diabos! Isso é atrevimento de mais! — exclamou Peyrolles.

Mas a sua voz foi abafada pela dos espadachins, que gritaram ao mesmo tempo:

— Fala, Cocardasse! Fala!

O gascão não se fês rogar.

— Em primeiro lugar, basta que tanto eu como os meus amigos saibamos que êsse visitante noturno é nada menos do que um príncipe.

— Um príncipe! — disse Peyrolles, encolhendo os ombros.

Cocardasse continuou:

— Sim, o príncipe Felipe de Lorena, duque de Nevers!

— Nesse caso, sabem mais do que eu! — respondeu Peyrolles.

— Não!... Há ainda outra coisa que eu sei e talvez os meus nobres amigos não saibam... Aurora de Caylus não é amante do duque de Nevers!

— Ah! — exclamou o confidente, rindo.

— E' sua espôsa! — terminou resolutamente o gascão.

Peyrolles empalideceu e balbuciou:

— E como sabes tu tôdas essas coisas?

— Basta que as saiba! A maneira não interessa. E agora vou demonstrar que sei muitas outras...

Haverá quatro anos, na capela de Caylus, celebrou-se um matrimônio secreto e, se não estou em êrro, vós e o vosso nobre amo...

Interrompeu-se por um momento e em seguida continuou:

—... serviram de testemunhas, senhor de Peyrolles.

Êste já não negava.

— Onde quer chegar com tudo isso?... — perguntou apenas.

— Ao ponto de descobrir — respondeu tranqüilamente o gascão — o nome do ilustre personagem a quem vamos servir esta noite.

— Nevers casou com Aurora contra a vontade do pai e o marquês de Caylus pretende vingar-se. Há coisa mais natural? — disse Peyrolles.

— Não haveria nada mais natural se o bom **Ferrolho** soubesse dêsse matrimônio. Mas foram todos tão discretos que o marquês ignora tudo quanto se passou. Tudo isso estaria já arrumado há muito tempo — porque o marquês não recusaria o mais rico partido da França — se o duque de Nevers tivesse dito a Caylus: "— O Rei quer casar-me com uma filha de Sabóia, sua sobrinha, mas eu não quero porque estou secretamente unido a sua filha!" Mas a reputação de Caylus-**Ferrolho** impediu esta explicação! O príncipe receou muito por causa da mulher a quem adora...

— E qual é a conclusão? — interrompeu Peyrolles.

— Que não trabalhamos para o senhor de Caylus.

— Pois claro! — disse Passepoil.

— Tão claro como a luz do dia! — confirmaram os outros em côro.

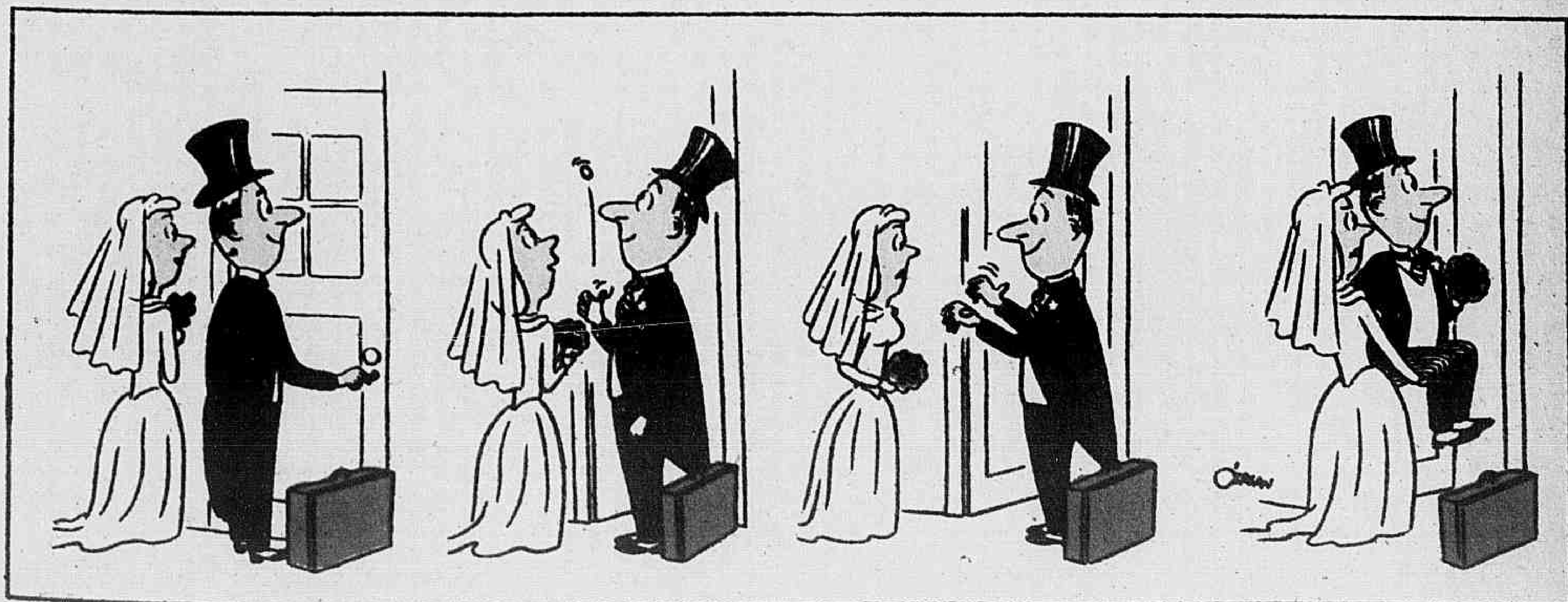
— Para quem julgam então que trabalham?

— Para quem?... Mas para quem havia de ser?... Vou contar a história dos três Felipes... Não a conhecem, pois não?... E' simples, di-la-ei em duas palavras: trata-se de três verdadeiros fidalgos... Um é Felipe de Mântua, príncipe de Gonzaga, vosso amo, senhor de Peyrolles, um fidalgo arruinado, que por pouco dinheiro venderia a alma ao diabo; o outro é Felipe de Nevers, aquêle a quem esperamos, e o terceiro é Felipe de França, duque de Chartres. Todos êles são homens muito interessantes, jovens e inteligentes. Assim, procurem imaginar a amizade mais forte, mais heróica, a mais impossível e terão feito uma idéia da ternura mútua que une os três Felipes. E' isto o que se diz em Paris... Nós, porém, vamos pôr de parte o sobrinho do rei... Ocupar-nos-emos apenas de Nevers e de Gonzaga, que amanhã terá seiscentos mil escudos de rendimento, Aurora de Caylus e o seu dote, se o duque de Nevers seguir desta para a melhor, logo à noite!

"Que diz a isto, senhor de Peyrolles? — acrescentou Cocardasse, triunfante.

— Fantasias! — resmungou o homem de confiança — Mentiras!

— A palavra é um pouco forte... os meus amigos vão ser juizes... serão as testemunhas...



— Falaste a verdade! — disseram de todos os lados.

— O príncipe Felipe de Gonzaga — exclamou Peyrolles, adotando um tom de suprema autoridade — está demasiadamente alto para que possam manchá-lo semelhantes infâmias! Não tenho, portanto, necessidade de o defender!

Cocardasse interrompeu-o:

— Vamos, sentai-vos querido senhor de Peyrolles! Não vos assusteis por tão pouco!

E como o confidente do príncipe resistisse, fê-lo sentar-se à fôrça.

— Ainda não chegamos às grandes infâmias... e há mais!... Passepoil, conta o que sabes acêrca do príncipe!

O normando corou até às orelhas e baixou os olhos.

— E' que — explicou — não sei falar em público...

— Deixa-te de patetices! — disse Cocardasse — êstes senhores saberão desculpar a tua inexperiência... Vamos, fala!

— Conto com a sua indulgência — murmurou o tímido Passepoil.

E então, em voz sumida, o digno ajudante do mestre-de-armas principiou:

— O senhor de Peyrolles tem razão em julgar o seu amo um perfeito cavalheiro. Eis um pormenor que chegou ao meu conhecimento — e no qual não vejo mal nenhum! — mas que espíritos menos bem intencionados poderiam julgar de outra maneira... Enquanto os três Felipes levavam uma vida de prazer, em Paris, uma vida tão divertida e alegre que o rei Luís ameaçou o sobrinho com o destêrro, eu estava ao serviço de um doutor italiano, discípulo do sábio Exili, chamado Pedro Garba.

— Pedro Garba, de Gaêta! — interrompeu Faenza — Conheci-o: era um infame!

Passepoil sorriu.

— Era um homem severo, muito sossegado, sábio como poucos e cujo ofício era compor uma benéfica bebida chamada: **filtro da longa vida.**

Os espadachins principiaram todos a rir.

— Prossegue, meu filho! Falas como um livro aberto! — disse Cocardasse.

O senhor de Peyrolles enxugou a fronte, banhada em suor frio.

— O príncipe Felipe de Gonzaga — continuou Passepoil — freqüentava muito a casa do bom Pedro Garba.

— Mais baixo! — interrompeu-o Peyrolles sem poder conter-se.

— Mais alto! — pediram os espadachins.

Aquilo divertia-os extraordinàriamente, pois compreenderam que tudo acabaria com um aumento de dinheiro.

— O certo é que — prosseguiu Passepoil — o príncipe de Gonzaga ia com muita freqüência à casa de Garba, sem dúvida alguma para se instruir... Por essa ocasião, o jovem duque de Nevers adoeceu de modo alarmante...

— Calúnia! Isso é uma calúnia odiosa! — disse Peyrolles.

Ingênuamente, Passepoil perguntou:

— Mas eu acusei alguém, meu querido senhor?

E como o confidente mordesse os lábios até fazer sangue, Cocardasse disse:

— Êste senhor de Peyrolles é muito impulsivo!

O fidalgo ergueu-se de uma maneira brusca.

— Creio que me deixarão sair! — disse com raiva concentrada.

— Sem dúvida! E faremos mais: escoltá-lo-emos até ao castelo! O feliz **Ferrolho** já deve ter dormido a sesta e nós vamo-nos entender com êle.

Peyrolles deixou-se cair novamente na cadeira e o rosto mudava de côr a todos os momentos. Cocardasse, implacável, chegou-lhe um copo e disse:

— Beba para tomar alento! Não deve sentir-se muito bem, não é verdade?... Tenha paciência e escute o compadre Passepoil, que fala melhor do que um advogado.

Êste cumprimentou Cocardasse e prosseguiu:

— De todos os lados se principiava a dizer: "Aquêle pobre duque morre!" A Côrte estava inquieta. Era tão nobre a Casa dos Lorenas! O rei soube também destas coisas. Felipe, duque de Chartres, estava inconsolável...

— No entanto havia um homem ainda mais inconsolável! — interrompeu Peyrolles — Êsse homem era Felipe, príncipe de Gonzaga.

— Deus me livre de o contradizer! — continuou Passepoil — Creio que o príncipe de Gonzaga estava desolado com isto e a prova é que ia todos os dias à casa de mestre Garba, disfarçado, vestindo uma libré, repetindo sem cessar: "Isto leva muito tempo, doutor! Leva muito tempo!"

E embora todos quantos ali se encontravam reunidos não fôssem homens para se assustarem fàcilmente, todos sentiram um calafrio percorrer-lhes as veias e estremeceram.

Peyrolles curvou a cabeça e nada disse.

— Uma noite — prosseguiu Passepoil baixando a voz involuntàriamente — Felipe de Gonzaga foi mais cedo à casa de Garba. O doutor esperava-o. Tomou-lhe o pulso... Tinha febre.

— "Ganhou muito dinheiro no jôgo? — perguntou-lhe Garba, que o conhecia muito bem.

Gonzaga principiou a rir e respondeu:

— "Perdi duas mil pistolas! E logo em seguida, acrescentou:

— "Nevers quis fazer um assalto na Academia e não teve fôrças para manejar a espada!

— "Então — murmurou Garba — aproxima-se o desenlace. Talvez amanhã..."

"Mas apesar de tudo isto — acrescentou o orador em tom alegre — os dias sucedem-se e não se parecem! Precisamente no outro dia, o duque de Chartres meteu Nevers na sua carruagem e levou-o para Touraine e, como o sábio Garba não se encontrava ali, Nevers principiou a melhorar.

"Procurando o sol, o calor, a vida, cruzou o Mediterrâneo e dirigiu-se para Nápoles. Felipe de Gonzaga foi buscar o meu amo e mandou-o imediatamente fazer as malas. Já tudo estava preparado para a partida, quando uma noite rebentou o alambique e o pobre doutor Garba perdeu de repente a vida ao aspirar os vapores do seu elixir da longa vida.

(Continua no próximo número)



Consciencioso em Excesso.

(EPISÓDIO REAL)

HEIN Rabeneck, um capataz de obras, estivera atiçando os seus homens a manhã inteirinha, no dia 10 de maio de 1951.

— **Vamos! Andem com isso! Não sejam moles, homens!** — estivera gritando, quase sem parar, para os quatro trabalhadores braçais, entregues ao serviço de remover o telhado formado por placas de cobre e que cobriam o edifício da Côrte Criminal de Berlim.

E, voltando-se para o policial, postado não muito além e que observava o seu zêlo como capataz, explicou:

— **E' isso, sempre! Temos que estar em cima dêles, vigiando e gritando sem parar, sem o que o trabalho não avança!**

— **Ia, Herr Rabeneck** — respondeu o policial com evidente simpatia pelo eficiente capataz. — **E' um gôsto ver como o trabalho vai sendo feito depressa!**

Rabeneck assentiu com um movimento de cabeça.

— **Eu gostaria de ver todo o velho telhado removido ainda hoje, porque assim poderiam começar a colocar o outro amanhã mesmo, cedo. Porque, afinal, não é direito deixar a sala do tribunal sem telhado e com o risco de chover. Mas para isso tenho que trazer os homens atarefados, mantendo-os atentos ao serviço. E isso não é muito fácil, como deve saber...**

O policial murmurou um elogio e depois afirmou que as atribulações de um policial também podem ser, às vêzes, tão cansativas como as de um chefe de turma. Afinal, êle, que ali estava, entrava em serviço às 5,30 da manhã e assim ficava até às 14,30 da tarde, com apenas 10 minutos de folga para comer ligeirinho qualquer coisa para encher o estômago.

— **Só como decentemente quando chego a casa, depois das quinze!** — declarou com ar triste.

Porém Rabeneck não o ouvia. Estava pensando em si mesmo. Aquêle passaria à História como **o crime perfeito!** Rabeneck era mais esperto que qualquer outro; mais esperto que seus próprios companheiros e tôda a polícia da Berlim ocidental! E que barulhão fariam os jornais!

"Os ladrões roubaram o telhado de cobre do edifício da Côrte Criminal!"

E quão idiota se sentiria êsse estúpido e barrigudo policial, que agora tanto o admirava!

— **Vejo que já tenho um caminhão cheio de placas de cobre** — disse Rabeneck, repentinamente, interrompendo a tagarelice do policial — **Vou levar eu mesmo tudo isso para o depósito**

municipal. Um dos meus trabalhadores, com certeza, levaria mais de duas horas para ir e voltar.

A seguir, tendo atirado novo grito aos homens que trabalhavam no telhado do edifício, animando-os a prosseguir sem desfalecimento, saltou para o enorme veículo, pondo-o em marcha e desaparecendo na primeira esquina.

*

Logo que Rabenec perdeu de vista o edifício da Côrte Criminal, virou na direção de Ptozdamer Platz e, a seguir, penetrou no setor russo de Berlim. Seus estúpidos associados realmente acreditavam que êle estivesse levando o cobre para um depósito de antemão preparado, no subúrbio ocidental da cidade, porém, na verdade, Rabeneck tinha outros planos e estava levando o cobre para ser vendido no **mercado negro** da zona oriental da cidade. Oito mil marcos não eram para desprezar, principalmente quando não tinham que ser divididos por cinco. Com mais um caminhão assim carregado, Rabeneck encheria as algibeiras e, é claro, não retornaria para junto dos seus colegas!

Rabeneck voltou a se mover e a gritar diante do grande edifício, atiçando os seus operários, até que cêrca de 14,30 tinha outro caminhão cheio.

Então, voltando-se para o estúpido policial com quem trocara comentários na parte da manhã e que já se preparava para ceder o pôsto a outro vigilante, gritou-lhe:

— **"Auf wiedersehen"**... Amanhã aqui estarei novamente.

Ao encetar o trabalho final para o último carregamento de cobre, Rabeneck pensou que talvez o novo guarda fôsse mais curioso e cismasse de fazer perguntas e exigir documentos, para mostrar autoridade. Mas tudo correu normalmente, continuando o trabalho ativo como antes.

Lá pelas 16 horas achou que já havia bastante e saltou para o caminhão. Porém, mal empunhou o volante do veículo viu surgir ao seu lado o mesmo **policial estúpido e barrigudo**, que havia dado serviço pela manhã. Mais perturbado ficou ainda ao ver surgir outros policiais que imediatamente prenderam os "trabalhadores".

O policial barrigudo sorria para êle.

— Se quer saber — disse êle — logo suspeitei de você e quando saiu com o caminhão, a primeira vez, eu o segui até Ptozdamar Platz. Quando o vi entrar na zona russa, compreendi tudo! Nenhum cidadão de Berlim Ocidental se atreve a penetrar no setor oriental com um carregamento tão valioso como placas de cobre, por exemplo, com o receio de se ver "aliviado" de tudo num abrir e fechar de olhos... E' risco muito grande que ninguém quer correr! Por isso fui logo verificar e fiquei sabendo que não tinham ordenado serviço nenhum no edifício da Côrte Criminal.

—Mas... Mas por que desconfiou de mim? — gritou o prêso, desesperado.

— Foi muito fácil... — replicou o policial "estúpido" — Você e os seus homens trabalham bem de mais! E como capataz você era **consciencioso em excesso!** Nem sequer pensaram em hora de almôço! E por isso pensei: que cidadão honesto — com exceção talvez de um velho policial como eu — pode ser assim tão exagerado com o cumprimento dos **seus deveres?**

* *

A FÔRÇA DA CURIOSIDADE



Sim; a curiosidade tudo vence. Num dia de forte verão, numa viagem de barca pelos trechos pitorescos da costa, Johnny, um guri de oito anos, não conseguia encontrar lugar para sentar. Aproximando-se da amurada gradeada, gritou, repentinamente:

— Papai, vem! Vem ver, ali... uma baleia!

Todos os que o ouviram riram muito, porém ficaram picados pela curiosidade e, ao fim de alguns instantes, um após outro, os passageiros se haviam amontoado junto da amurada. Logo surgiram muitos lugares vasios, e Johnny foi, sorrateiramente, instalar-se no que achou ser o mai sestratégico para repousar e ver o panorama. Porém continuava aumentando o número dos que olhavam na direção que êle havia apontado... **e agora era o próprio Johnny quem acreditava estar perdendo algum maravilhoso espetáculo;** por isso tratou de abrir caminho entre a multidão, até à amurada, para ver apenas água e gaivotas. Quando voltou já não havia um só lugar desocupado! — **D. Stewart** — Glasgow, Escócia.

RECURSO FELIZ



Em Sydney, Austrália, os condutores dos bondes avançam pelo centro do veículo — como ocorre nos veículos de segunda classe, no Rio de Janeiro — à medida que vão cobrando as passagens. A cada passageiro entregam um bilhete, que vão arrancando de um caderninho.

Um dos tais condutores vinha sofrendo, diàriamente, com um grupo de meninos escolares que, para não pagar, viviam passando, sorrateiramente, de um extremo para outro do veículo. Sendo, porém, um conhecedor profundo das fraquezas infantis, o condutor anunciou um dia que, a partir daquele momento, deixaria que os próprios meninos destacassem os seus respectivos **tickets** do caderninho.

E desde então aquêles meninos que teimavam em escapulir do condutor, fazendo disso quase uma questão de honra, entraram a fazer fila para pagar a passagem.

— **R. Ballek** — Sydney — Austrália.



O artista falsificando saudações e assinaturas de artistas do cinema, do teatro e do rádio. Fotos que os fãs, depois, guardam como verdadeiros tesouros.

FALSÁRIO ...DE ACÔRDO COM A LEI!

COM A SUA PENA FALSIFICOU MAIS DE 20 MILHÕES DE ASSINATURAS DE FAMOSAS FIGURAS DA TELA, DO PALCO OU DA POLÍTICA, SEM SOFRER QUALQUER PROCESSO E AINDA GANHANDO UMA CONSIDERÁVEL FORTUNA, ANUALMENTE!

O tímido Saul Woolman é, talvez, o único homem no mundo que pode falsificar os nomes do Presidente Truman e de J. Edgard Hoover, que também foi presidente dos Estados Unidos, sem o temor de ser prêso.

Como êle consegue isso? E' muito simples: Woolman é um falsificador legal!

Durante os últimos 20 anos êle tem feito uma média de um milhão de falsificações, por ano, e tem assinado os nomes de umas 15.000 celebridades, vivas ou mortas, em importantes documentos, cartas, fotografias, etc.

Os colecionadores de autógrafos talvez fiquem decepcionados ao saber que Woolman já "autografou" milhões de fotografias para artistas do cinema tão importantes como Jack Benny, Claudette Colbert, Jane Russell, Dinah Shore, Lucille Ball e Gordon McRae.

Num contrato que teve a duração de 18 meses, Saul falsificou o nome de Harry James em um milhão de fotos que foram enviadas aos fãs do famoso pistonista.

Woolman já tem "autografado" edições de livros famosos de Pearl Buck, Dale Carnegie e também do famoso Irving S. Cobb.

Quando os popularíssimos Babe Ruth e Lou Gehrig estavam no apogeu e demasiado ocupados para pensar em qualquer coisa que não fôsse "base-ball", Woolman assi-



Poucas são as celebridades que ainda não foram "autografadas" por Woolman. As assinaturas ao alto são bem reconhecíveis.

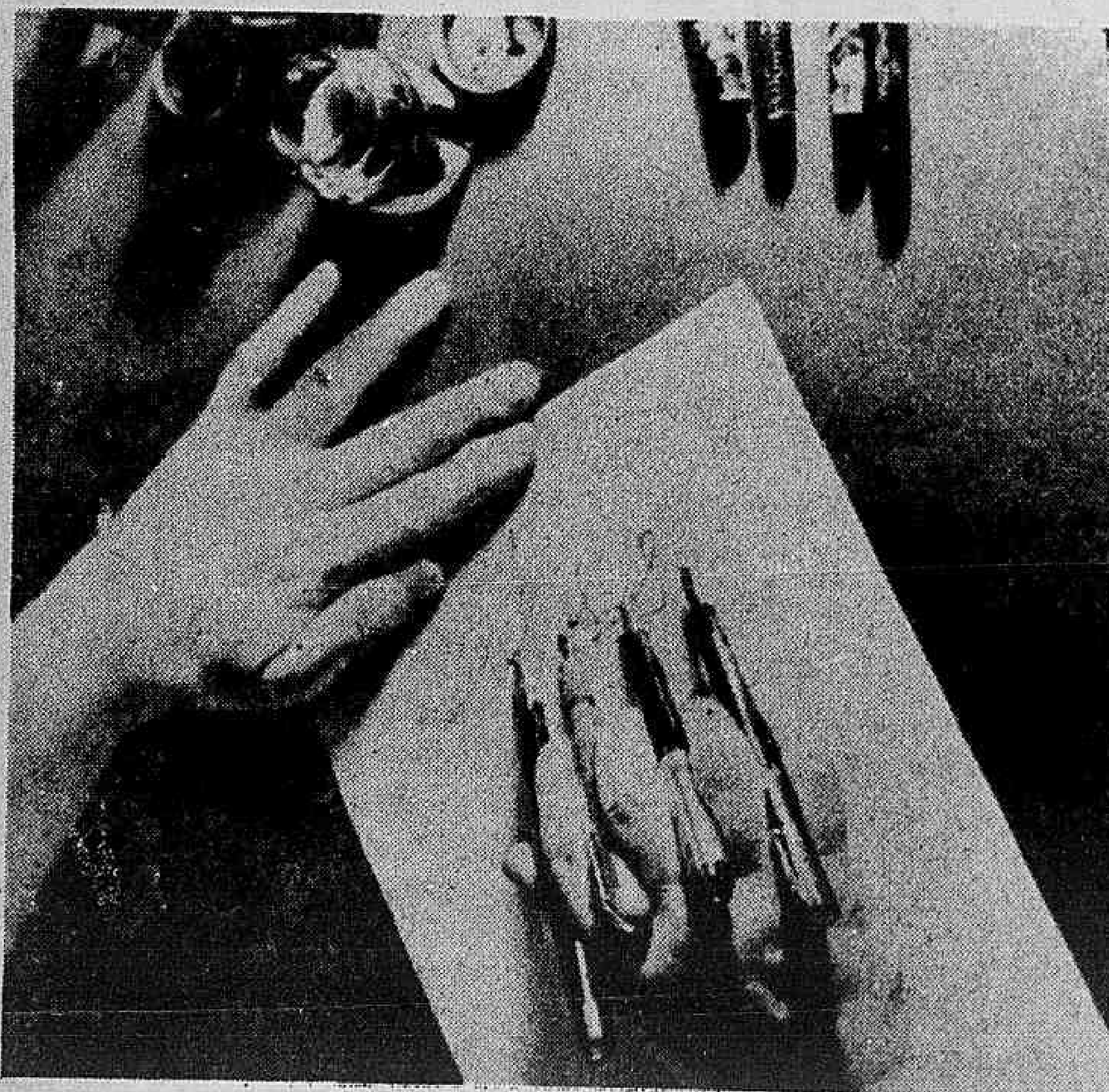
nava os seus nomes em bolas, bastões, luvas e fotografias. Quanto aos "ases" atuais dêsse esporte, Woolman já tem forjado também os nomes de Dizzy Dean e Phil Rizuto.

A verdadeira finalidade da sua profissão, porém, é a de reproduzir assinaturas em **circulares** e **cartas** para angariar fundos.

As firmas comerciais e as organizações de caridade julgam (com muita razão), que uma assinatura, mesmo numa carta formal, tem mais valor estimulante do que um carimbo do nome do remetente.

Woolman também forja **abaixo-assinados!** Não há muito tempo assinou êle cêrca de 1.000 nomes masculinos e femininos numa **lista** me-

O exercício aqui demonstrado serve como prova da flexibilidade dos dedos de Woolman e também do resultado dos diversos tipos de pena.



dindo nove pés de comprimento, por encomenda de uma organização americana.

Para bem copiar os nomes em cartas e cartões êle precisou de usar diversos tipos de pena, a fim de conseguir a perfeição exigida.

Em outra ocasião Woolman forjou as assinaturas de 1.000 mulheres, no "Livro da Esperança" — documento que se tornou um **registro permanente** para os contribuintes dêsse projeto.

— Esta foi uma tarefa mais árdua do que eu esperava — disse êle — pois muitas das assinaturas eram de canhotos, com inclinação da direita para a esquerda, uma característica feminina com a qual mais tarde me familiarizei, dentro da minha profissão".

O curioso é que Woolman não **assina** os nomes — simplesmente os desenha! E, muitas vêzes, nem repara qual o nome que está falsificando, e em geral nem sequer lê as cartas que assina!

Algumas assinaturas são mais fáceis do que outras, evidentemente. As de Eddie Cantor, Alfred E. Smith, Thomas J. Watson e do falecido Dr. Nicholas Murray Buttler foram facílimas para Woolman, enquanto a do magnata cinematográfico Spyros Skouras mal se podia decifrar e deu muito trabalho ao falsificador.

Não obstante, Woolman ainda não encontrou assinaturas **impossíveis**; quando depara com uma realmente muito complicada, como a de Skouras, por exemplo, êle simplesmente pratica uma dúzia de vêzes e então fica apto a escrevê-la com perfeição até de olhos fechados!

Não: não pensem que exageramos! Esta capacidade de trabalhar **até de olhos vendados** tem sido uma vantagem para Woolman.

Certa noite êle trabalhava num **mundo de cartas** com a ilustre assinatura de Eleanor Roosevelt quando, de repente, as lâmpadas do seu escritório, em Manhattan, se apagaram; quando, afinal, substituíram o fusível queimado, Woolman havia assinado, **no escuro,** cêrca de 500 cartas!

Qualquer pessoa ficaria com os dedos dormentes depois de duas horas de trabalho ininterrupto, porém Woolman **faz** assinaturas oito horas por dia, durante seis dias na semana, tôdas as semanas do ano... e jamais sentiu uma câibra sequer! Seu treino em copiar é tal que logo à primeira vista êle escolhe o tipo de pena **exato,** com a maior facilidade. Cada tipo de pena serve para cêrca de cinco milhões de assinaturas que equivale ao uso de cinco anos.

Woolman se fêz **falsificador legal** por acaso. Quando era estudante, na Universidade, êle e George Gershwin, o famoso compositor musical, eram grandes amigos, pois ambos tinham por afinidade gostar de desenhar. Gershwin tornou-se famoso compositor e pianista enquanto Woolman foi ser caixeiro na loja do pai. Assim os compa-

nheiros se separaram embora continuassem bons amigos. Nas horas vagas Woolman copiava retratos das revistas e as assinaturas dos desenhistas.

Certo dia descobriu na seção de anúncios uma firma comercial que procurava alguém para assinar circulares. Woolman respondeu ao anúncio e quando o anunciante viu o álbum de assinaturas copiadas por êle contratou-o imediatamente.

— Foi um trabalho pesado! — diz Saul Woolman — Devo ter assinado, ou melhor, desenhado a assinatura encomendada em milhares de cartas... por apenas 50 dólares semanais!

Mas foi então que surgiu a sua grande oportunidade através do seu querido amigo Gershwin. Conversava êste com Mary Pickford, e a **Namorada da América** se queixava de não poder atender ao volumoso número de cartas e pedidos de fotografias autografadas que lhe chegavam a todo momento. Foi quando Gershwin sugeriu à estrêla o nome de Woolman, garantindo-lhe bons resultados.

Mary Pickford aceitou a sugestão, enviando ao falsificador algumas fotografias e quando estas foram devolvidas, "assinadas", a grande artista ficou quase sem fala, vendo que já não podia distinguir a que fôra assinada por ela mesma, para **modêlo**, entre as forjadas por Saul.

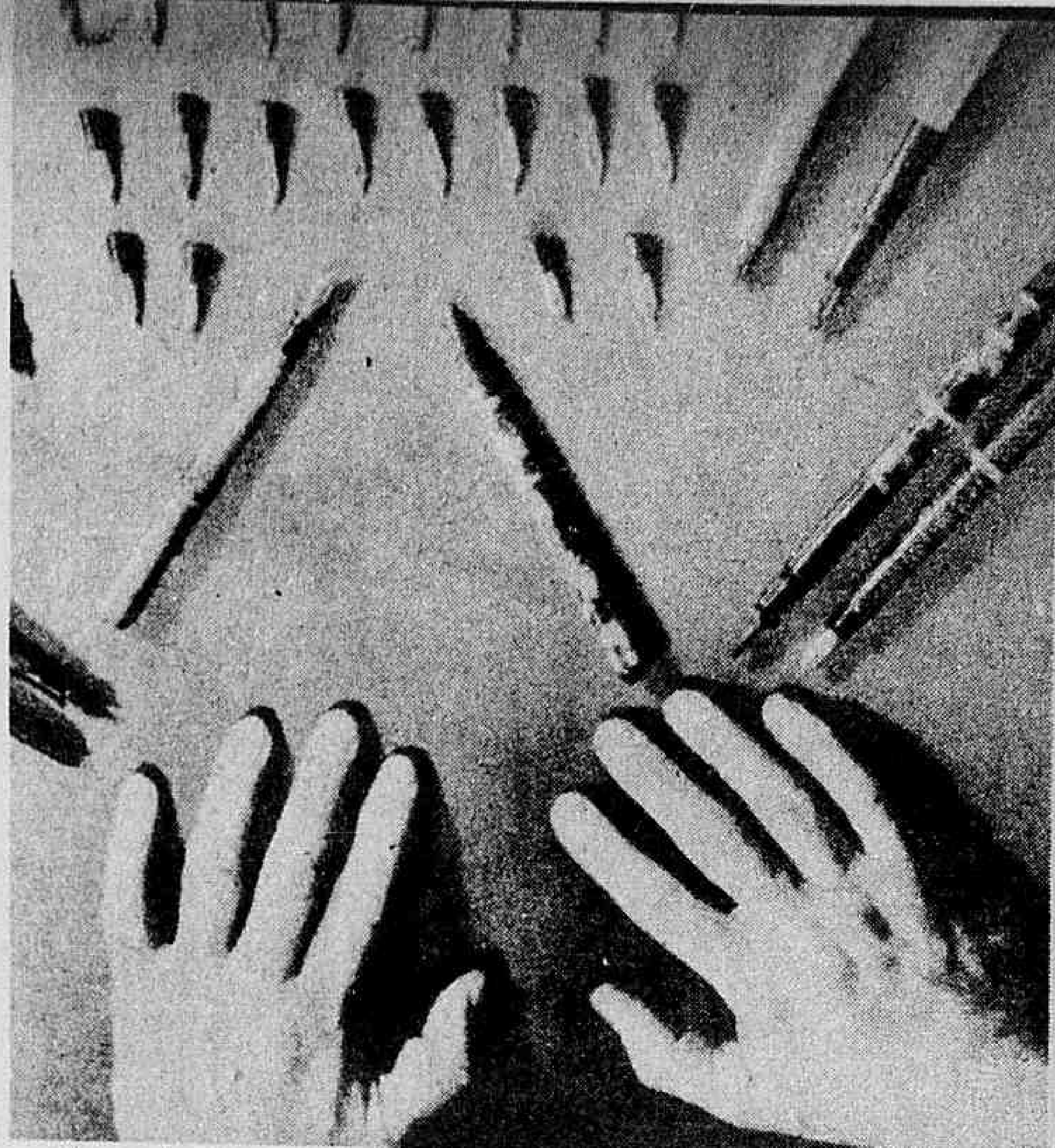
Daí por diante choveram contratos de diversas agências, artistas de cinema, rádio, firmas comerciais, etc. Já era coisa corriqueira para Woolman assinar o nome de Roland Young em 1.000 fotos e, logo após, escrever o nome de um banqueiro em 3.000 cartas.

As pessoas mais importantes e atarefadas são os melhores fregueses para Woolman. Certa vez um figurão de Nova York viajou e esqueceu de assinar importante carta; mandou um **S.O.S.** a Saul, que forjou a assinatura — **e desta vez ganhou 50 dólares por êste "servicinho" apenas.**

Woolman está sempre recebendo as propostas mais originais. Assim, por exemplo, tem recebido pedidos de egomaníacos para que assine retratos de celebridades com dedicatórias assim: **"Ao meu bom amigo Fulano o Duque de Windsor."**

Os aproveitadores sempre dão trabalho a Woolman. Certa vez, em Paris, um homem tentou convencer Woolman a falsificar assinaturas de celebridades para serem vendidas por bom preço, aos colecionadores, como legítimas. Woolman, naturalmente, negou-se a atendê-lo.

Woolman também gosta de gracejar, às vêzes. Certo dia lembrou-se de enviar ao falecido Major La Guardia, então prefeito de Nova York, uma carta assinada pelo mesmo — que ficou atrapalhadíssimo e já disposto a instaurar rigoroso inquérito político-militar, quando Saul lhe escreveu outra carta explicando a brincadeira; como resultado disso tornaram-se bons amigos e Woolman assinou para La Guardia muitas cartas circulares.



Seus instrumentos: suas mãos e muitas penas; estas são de todos os tipos e seus dedos são exercitados para que sejam tão hábeis como os de um violinista.

Entretanto, a maior emoção que Woolman já teve como **falsificador legal e profissional** ocorreu recentemente, quando a sua encantadora filha Elise, de 18 anos, atriz e cantora, recebeu centenas de cartas pedindo seu retrato autografado. Impossibilitada de atender a tantos pedidos por falta de tempo Elise recorreu a **papai.**

— Assinar o nome de minha filha para centenas de fãs — disse Woolman com um sorriso triunfante — foi tarefa que fiz com todo amor. Jamais pensei que um contrato tão agradável viria ao meu encontro. Quem sabe se Elise virá a ser, um dia, uma grande atriz? Se êsse sonho se concretizar, então devotarei todo o meu tempo a assinar cartas e fotografias para ela.

Não se aborreça se jamais conseguiu uma bola com a assinatura de Babe Ruth. O "autógrafo" seria, talvez, um dos que Saul desenhou para o jogador.



(EPISÓDIO REAL)

a Fôrça do Destino



QUANDO, em 22 de janeiro de 1937, três homens assaltaram a loja comercial de Barney Pressman, um negociante, no subúrbio de Nova York, e fugiram com jóias e alguns milhares de dólares em dinheiro, ficaram convencidos de que haviam feito um "trabalho" tão rápido e perfeito como nenhum outro ladrão teria conseguido realizar.

E tinham muita razão para assim pensar. Tudo fôra feito com rara habilidade. Puderam retornar à rua e subir para o próprio automóvel, antes de que fôsse dado qualquer alarma!

O detective John Cordes, designado para o caso, estava inclinado a acreditar que aquilo não tinha solução. O proprietário e os seus empregados estavam tão acabrunhados e surpreendidos que não puderam dar outras informações sôbre os assaltantes, além de que eram de **tal altura, magros, gordos**, em suma, indicações que bem podiam servir para várias centenas de milhares de indivíduos na metrópole.

Entretanto, sem que **caçador** e **caçados** soubessem, o Destino estava trabalhando a fim de formar uma dessas coincidências que não há cautela ou habilidade de criminoso que possa prever e evitar.

Cordes estava, muito desanimado, examinando o interior da loja e tomando nota de vários pequeninos detalhes, quando recebeu um chamado da Polícia Central, ordenando-lhe que fôsse, sem perda de um minuto, para determinado enderêço, onde um homem acabara de receber um tiro.

Ali chegando, o detective identificou o morto como sendo Fred Dunn, de 29 anos, ex-convicto, e que vivera em incessantes complicações com a lei.

Cordes e outros policiais logo se convenceram de que Dunn fôra vítima de vingança de antigos comparsas do crime. Isto não estava ainda provado, mas, para Cordes surgiu alguma coisa mais importante. Tratava-se de um objeto cravado na sola do sapato do criminoso assassinado.

Retirou-o cuidadosamente e guardou-o no bôlso. A seguir esperou pela espôsa de Dunn que, segundo os vizinhos, havia saído de casa uma hora antes de que ouvissem o tiro.

A infeliz espôsa, chorando, afirmou ignorar que o seu marido fôsse um criminoso, pois êle lhe dissera ser um vendedor da praça. Cordes interrogou a pobre mulher com referência aos "associados" do seu marido e ela respondeu que Fred Dunn passava a maior parte do tempo com Michael Krupsky e Larry Mullins, ambos conhecidos pela polícia como criminosos da pior espécie.

Após isso, Cordes retornou apressado à loja de Pressman. Sabendo que a mesma fôra varrida, passou uma hora remexendo entre o lixo (trabalho de rotina para quase todos os detectives) e, finalmente, encontrou o que procurava.

Poucas horas depois estava sentado em sua sala, na Polícia Central e, à sua frente, de pé, estavam Mullins e Krupsky. Uma revista rápida neste último fêz surgir uma pistola calibre 32. O miserável não negou ter morto Dunn.

— Foi em legítima defesa — afirmou — Êle tentou fazer fogo contra mim, enquanto discutíamos...

Porém recusou dizer os motivos da discussão.

— Não precisa dizer — declarou Cordes, repentinamente — Sei que vocês discutiram na hora de dividir o produto do assalto à loja de Pressman. Foi por isso que você matou o seu colega!

Surpreendidos, os dois miseráveis entraram a gaguejar, afirmando que nada tinham que ver com **aquêle "trabalho"**. Porém depois de identificados pelos empregados de Pressman, confessaram tudo, pegando, cada um, 25 anos em Sing-Sing.

Porém Mullins não pôde conter a curiosidade:

— **Como soube que fomos nós os assaltantes da loja?** — perguntou êle a Cordes.

— Soube por um telegrama que recebi de Dunn — respondeu muito sério o detective — Não havia palavras no telegrama... Mas contava tudinho! — acrescentou para o boquiaberto condenado.

Mas o que o detective não disse foi que o "telegrama" significava **um pequenino pedaço de papel gomado**, que se aderira à sola do sapato do criminoso assassinado; pedacinho de papel com anotações comerciais... e que casava, **justamente**, com outro pedaço encontrado na lata do lixo.



O QUE AS MULHERES NÃO PODEM FAZER

Por JOSÉ SCHERR

POIS claro! Embora muitos não acreditem, há, realmente um limite **também para elas!** Há coisas — e muitas — que **elas** não podem fazer! Aqui estão alguns casos, julgados pelos tribunais e que, por certo, servirão para consolar alguns maridos. Se os leitores acreditam que as mulheres levam assim muita vantagem sôbre os homens, estão redondamente enganados e ficarão surpreendidos por saber que muitas têm ido parar diante dos juízes, nos tribunais.

Ouçam estas recentes "falas" dos juízes:



OH, O DEVER! — Se a espôsa recusa mudar-se da cidade para o campo, a menos que o marido prometa passar a casa para o seu nome, pode ela estar sempre a cobrar essa promessa?

— Não, porque "é dever da espôsa seguir o marido ao lar da escolha do mesmo", e não há razão para estar a cobrar, seja o que fôr, por haver, simplesmente, cumprido com o seu dever — sentenciou a Suprema Côrte de Quebec, Canadá.



GARANTINDO O RETÔRNO DO DINHEIRO — Se um homem dá à espôsa a metade da sua fortuna, ignorando que ela anda de namôro com outro homem, pode pedir o seu dinheiro de volta?

— Pode, sim, porque quando um homem divide todos os seus haveres com a espôsa espera ter, em troca, **todo o seu amor** e carinho. Se ela divide êsse amor com outro mais, tem que restituir ao marido tudo o que dêle recebeu! — sentenciou a Suprema Côrte de Washington.



TIREM O CHAPÉU, SENHORAS! — Podem as senhoras ser intimadas a retirar o chapéu no cinema?

— Sem dúvida, porque nada pode haver de mais desagradável, em qualquer gênero de espetáculo, do que estar sentado por trás dessas "obstruções" — afirma o juiz da Côrte de Apelação da Geórgia. — Se os homens também conservassem o chapéu em qualquer sala de espetáculo, é certíssimo que as mulheres, imediatamente, os intimariam, aos gritos, a retirá-lo.



POLÍTICA DE MÁ VIZINHANÇA — Deve o marido estar mudando de residência cada mês, só porque a sua espôsa sempre insiste em brigar com os vizinhos?

— Não, porque **se ela vai brigar, na certa, com os novos vizinhos,** melhor será que fique mesmo onde já está e continue brigando com os vizinhos que tem, pois assim pode ser que acabe enjoando — opina a Côrte de Justiça de Cuba.



CUIDADO COM OS ATRASOS — Pode um marido despedir a cozinheira porque esta recusa servir o jantar **atrasado** para a sua espôsa?

— Não — sentenciou o Tribunal de Apelação de Coventry, Inglaterra — Porque, se o jantar pode estar pronto a tempo, assim **também deve** estar a espôsa!



NÃO SUSTENTEM! — Deve um homem sustentar a sua es-

pôsa que se recusa a deixar a companhia de "mamãe"?

— Não! Deve, ao contrário, deixar que a "mamãe" sustente a filha! — **sugeriu** a Côrte de Apelação de Ohio.



MÚSICA EM EXCESSO — Um homem que já comprou para a espôsa dois rádios — um para a sala de estar e outro para a cozinha — tem que comprar um terceiro para o quarto de dormir?

— Não. Ela que carregue um dos aparelhos pela casa tôda, se deseja, assim, ouvir programas radiofônicos o dia inteirinho! — sentenciou a Suprema Côrte de Canberra, na Austrália.



SIMPLES CAVALHEIRISMO — E' o marido obrigado a ouvir a opinião da espôsa quando procura comprar ou alugar um apartamento?

— Não. Porque é dever da espôsa viver na casa que o marido possuir ou escolher para morar. Porém — acrescenta sàbiamente a Suprema Côrte de



Pennsylvania — êle, **simplesmente por cavalheirismo,** achará mais agradável viver num lar escolhido por sua espôsa.



E' LÁ POSSÍVEL? — O marido é obrigado a ficar olhando para a espôsa, enquanto ela fala, sentada no banco tràseiro do veículo que êle dirige?

— Certamente não! E o melhor que êle tem a fazer é expulsá-la do automóvel, se teimar com essa exigência! — trovejou o Juiz de Paz de Sacramento, na Califórnia.



AGÜENTEM FIRMES — Pode uma espôsa abandonar o marido porque êste não consegue arranjar emprêgo?

— Não, porque essa é a ocasião em que êle **mais** precisa dela! — sentenciou a Côrte de Apelação de Paris.



QUE BOM PARA AS SOGRAS! — Pode uma espôsa recusar viver com a sua sogra, pobre e idosa?

Não, porque a mulher que partilha com o marido tôdas as coisas amáveis, tem que suportar com êle tôdas as apoquentações e trabalhos — declara a Côrte de Justiça de Bolonha, Itália.

O PREÇO DAS ENFERMIDADES MENTAIS

Os magnatas de Wall Street desviaram, há dias, a atenção das flutuações da Bôlsa para as variações que costumam ocorrer no cérebro humano. Num banquete oferecido pelos financistas americanos ao Dr. Robert P. Knight, presidente da "American Psychoanalytic Association", o homenageado, em seu discurso de agradecimento, apresentou um quadro realmente impressionante da situação dos Estados Unidos no que diz respeito à saúde mental de seus habitantes.

Mais da metade das pessoas hospitalizadas nos Estados Unidos é constituída por doentes mentais. De 1940 para cá, o número de internados com distúrbios mentais entre a classe trabalhadora dos Estados Unidos vem assumindo, nos últimos anos, um aspecto ameaçador. Basta dizer que a indústria norte-americana perde, anualmente, um milhão de homens-horas de trabalho, em conseqüência de distúrbios mentais de trabalhadores. Isso, contando apenas os enfermos não internados em sanatórios e hospícios.

Salientou o Dr. Knight, em seu discurso, que o povo norte-americano está gastando, anualmente, 600 milhões de dólares, para manter hospícios gratuitos, em via de regra inadequados, de maneira que a maior parte dêsse dinheiro é gasto apenas no sustento dos internados, nada restando para ser empregado na sua cura.

Por outro lado, a "U. S. National Association for Mental Health" divulgou, há pouco, uma boa notícia: o número de curas entre os esquizofrênicos é, presentemente, duas vêzes maior que há 25 anos. Em cada dois esquizofrênicos internados, um tem possibilidades de se curar, se tiver o tratamento adequado.



O HOMEM DÊSTE HEMISFÉRIO É MUITO VELHO

Ficou provado, pelos cientistas, que o homem existia no Hemisfério Ocidental, pelo menos, há 12.000 anos. A prova nesse sentido foi descoberta por arqueólogos mexicanos e consiste em quatro armas antiquíssimas, encontradas junto dos ossos de um elefante, a cêrca de 56 quilômetros da Cidade do México.



AQUI TAMBÉM FAZ CALOR!

Na cidade de Dallas, Estado do Texas, está sendo executado o primeiro projeto em grande escala, do mundo, de casas baratas dotadas de ar condicionado para tôdas as épocas do ano.

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

(CONTINUAÇÃO)

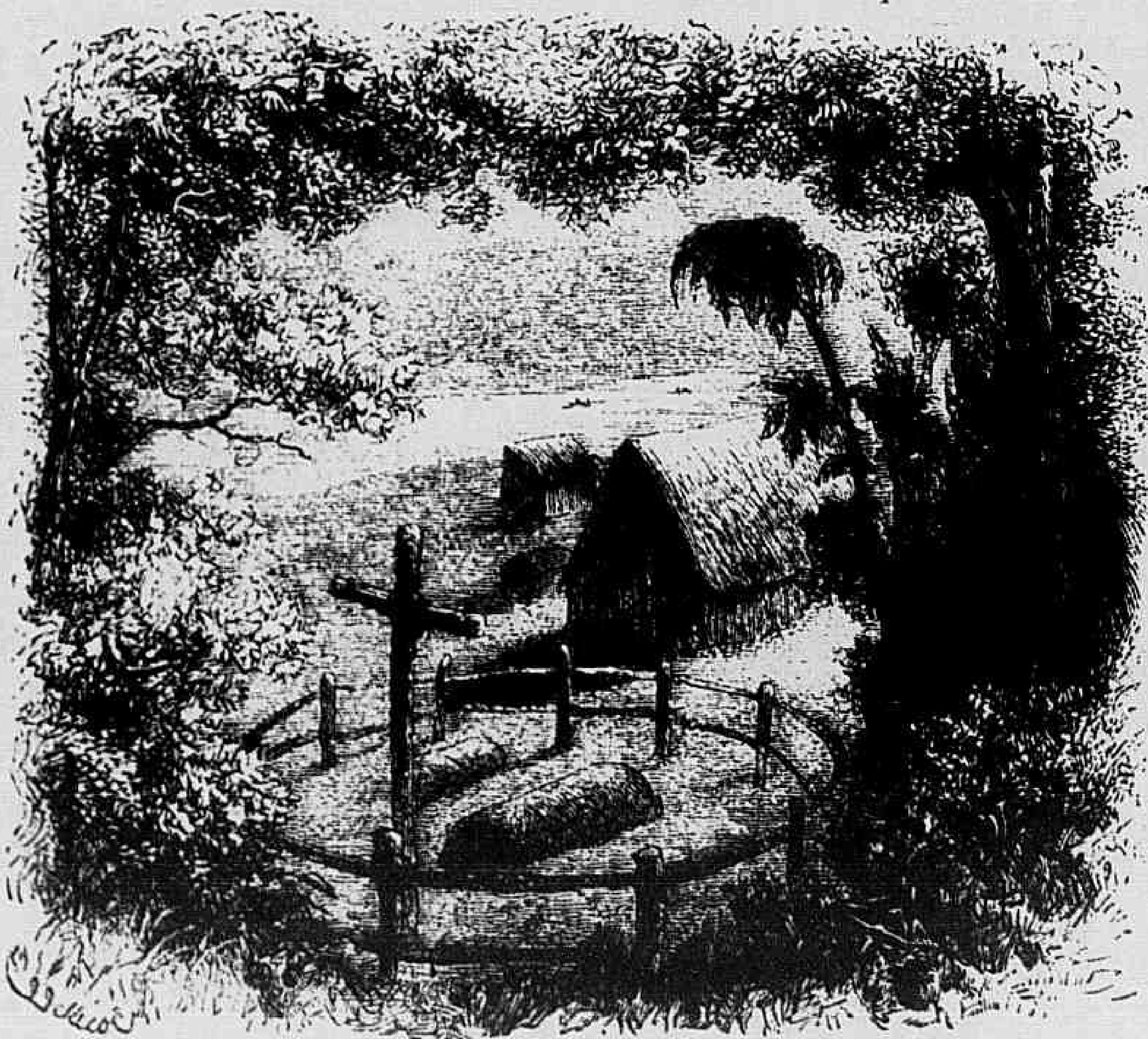
A única falta que se encontrava na terra, do ponto de vista agrícola, era que, dificilmente, tinha uma jarda quadrada de superfície plana em qualquer direção. Tão íngremes eram as subidas, que era impossível conservar, por algum tempo, as complicadas selas brasileiras, nas quais Messeno e Pedro viajavam, na posição correta. Êles tinham de apeiar, constantemente, a fim de endireitá-las.

Esta ingremidade geral das encostas é o grande obstáculo à introdução nestas regiões de qualquer sistema melhorado de plantação, além da roça; em primeiro lugar, porque não se pode usar o arado e, em segundo, por causa dos aguaceiros anuais, cujas águas, com a sua impetuosidade encosta abaixo, arrastam consigo tôda a uberdade da terra, ficando esta desprotegida das capoeiras durante mais de um ano. O fato é que a terra perde, pelo menos, três quartos de seu valor para fins agrícolas, só por êsse motivo.

Ao meio dia mais ou menos, no dia 14, quando nos aproximávamos de Freguezia, tendo o último caboclo que encontrámos no caminho nos dito que havia saído de lá fazia três horas, alcançámos um cavaleiro que seguia vagarosamente na mesma direção em que íamos, com o qual entrámos em palestra. Era um dos fazendeiros principais do lugar, chamado Sr. Cordeiro.

Ao saber que nos destinávamos à Freguezia, e qual o objetivo de nossa viagem, êle se prontificou a fazer-nos companhia e a apresentar-me ao principal empregador de trabalhadores de lá. O seu sítio ficava a cêrca de sete milhas da aldeia, à esquerda do caminho que seguíamos, de sorte que êle se afastou muito do seu caminho por nossa causa.

Às duas horas e meia, mais ou menos, avistamos a aldeia. Logo depois atravessamos as águas impetuosas do Assungui, com cêrca de trinta jardas neste ponto, e fomos diretamente para a casa de um fazendeiro, chamado Nóbrega, a quem o nosso companheiro nos apresentou. Era êle o mais rico e influente de toda a região e, como tal, o mais capaz para adiantar qualquer coisa sôbre o objetivo que eu almejava alcançar.



NOSSO CEMITÉRIO NO ACAMPAMENTO DE ARERANHA

Freguezia era, em si, muito pequena, menor do que Colônia Teresa, pois a maioria dos seus habitantes vivia todo o ano nas fazendas.

O Sr. Nóbrega era o símbolo da hospitalidade, muito cortês na palestra, manifestando desejo de nos ser útil, mas não demorei a descobrir que as suas palavras estavam muito longe das suas intenções. Em lugar de usar a sua influência, que era, evidentemente, quase autocrática entre a população de caboclos da vizinhança, para ajudar-me a conseguir os meus intentos, êle, entretanto, ostensivamente, me fazia sentir o resultado malogrado de seus fingidos esforços para induzir os homens a entrarem em entendimentos e fazer contratos comigo. Soube depois que êle espalhara, secretamente, coisas horríveis a respeito da expedição, de suas privações e perigos. Insinuava até que o elevado salário que prometíamos não passava de um engôdo.

Percebendo que êle, por algum motivo que na ocasião não alcancei, queria atrapalhar o meu plano de empregar homens, enviei Pedro para um lado, visitando e conversando com os caboclos de casa em casa, enquanto eu fui para outro lado, acompanhado de Messeno. O Sr. Nóbrega, entretanto, estêve conosco antes e disse que os caboclos estavam difíceis de convencer.

No curso das minhas investigações, fiquei surpreso com o motivo que alguns homens me deram para não aceitar o serviço. Êles não podiam sair dali porque deviam dinheiro. Por curiosidade entrei um pouco mais na questão, a fim de descobrir a fonte ou a significação desta dívida, tão generalizada entre os caboclos, conseguindo pormenores a respeito dela.

O resultado desta investigação deu-me a chave da conduta do Sr. Nóbrega, que antes fôra tão inexplicável, e levou-me à descoberta de um divulgado sistema de "escravidão branca", igual a que assolou antigamente os condados setentrionais da Inglaterra.

Um caboclo precisa de uma certa importância de dinheiro, digamos cem mil reis — uma grande soma nestes sertões, — onde os pagamentos são feitos principalmente em gêneros e onde o dinheiro é

tão escasso que vale 24 por cento, por ano, com a maior garantia. Êle vai ao ricaço da vila, neste caso o nosso amigo Nóbrega, e pede-lhe um empréstimo daquela importância, prometendo pagá-la dentro de um determinado prazo.

Dêste momento em diante, o infeliz caboclo torna-se um verdadeiro escravo. Como poderá êle ganhar dinheiro para pagar a sua dívida, a não ser do próprio patrão? Que pode êle fazer, supondo-se que o seu patrão "sinta muito", mas não tenha necessidade dos seus serviços por algum tempo? Neste interim, vence-se o prazo para o pagamento do empréstimo e o infeliz não o pode, naturalmente, pagar. "— Não faz mal" — diz o Sr. Nóbrega— você paga com trabalho, eu não o obrigarei a pagar em dinheiro." Dá-lhe trabalho e êle vai para a roça, capinar, plantar ou colhêr, como seja o caso, por um certo número de dias, a mil reis por dia. Êle fica contente, pensando que poderá, com êste ordenado, pagar o seu débito, quando é avisado de que tem de interromper o trabalho por determinado prazo, ficando, ao mesmo tempo, sem ganhar. Durante os meses que estiver parado, entretanto, os juros se acumulam. Quando, na próxima temporada, êle começar a trabalhar, encontra o seu débito grande como antes e procura ganhar dinheiro para pagá-lo, mas não o consegue nunca porque iso não é doi nterêsse do seu credor. Assim, ano após ano, êle trabalha de graça, mas continua devedor, enquanto o papara o devedor.

Êste é o sistema usado, presentemente, em tôda a região agrícola de Ribeira. Por isso, nessa época, nem um homem em dez era senhor de si mesmo, estando a maioria a mercê dos caprichos dos grandes fazendeiros, como o Sr. Nóbrega e outros com os quais mais tarde travei relações. Não sei, exatamente, qual é a lei que existe no Brasil entre o devedor e o credor; julgando-se, entretanto, pelos seus resultados, deve ser de natureza muito severa para o devedr.

Sabendo que existia outro lugar chamado Freguezia, três léguas adiante de Assungui, situado no Rio Ribeirinho, dirigi-me para lá em companhia de Messeno, para ver se teria melhor sorte. O caminho de burros que ligava as duas localidades era péssimo e levamos, por isso, quatro horas para vencer o percurso. A região por que passávamos era muito fértil e havia grande número de roças nas encostas das colinas.

Eu levára uma carta de apresentação do Sr. Cordeiro para um tal Sr. Garses, cuja casa encontrámos depois de alguma dificuldade. Como de costume, fomos muito bem recebidos. Deu-nos aposentos cômodos e tratou devidamente dos nossos animais.

A casa era de um estilo que não vira antes, mas, depois de viajar muitos meses pela província, encontrei muitas iguais. O característico que a diferençava das outras casas era uma varanda grande, que lhe tomava todo um lado, sendo tal varanda usada como sala de espera e sala de jantar. No restante da casa ficavam os quartos de dormir e outros aposentos para uso doméstico.

Vi, pela primeira vez, uma horta bem cultivada junto à uma casa brasileira. O proprietário se orgulhava dela, o que era fácil de se ver, pois ficava satisfeito quando se lhe pedia que a mostrasse. Além da horta, havia, no outro lado da casa, um cafezal que, segundo o Sr. Garses declarou, lhe dava uma pequena fortuna anualmente.

Embora, em linha réta, a distância que separa esta Freguezia de Curitiba seja apenas de quarenta milhas, o clima da região circunjacente é, todavia, completamente diferente. Aí se desconhece inteiramente a geada, e a cana de açúcar e o café são satisfatòriamente cultivados.

Estando situada muito alto, no Vale da Ribeira, o escoamento principal dos produtos da região é para as cidades de Castro, Ponta Grossa e Curitiba; êstes produtos são milho (do qual se faz o fubá), feijão, café e açúcar. Como esta é uma região essencialmente agrícola e não pastoril, não é feita a criação de gado nem para o consumo interno; no entanto, cria-se porcos em grande escala, para extração de banha ou toucinho — artigo de grande comércio.

Por falta de boas estradas, todo o tráfego nas campinas tem de ser feito por meio de burros de carga. Para que tudo isso seja feito dum modo que compense, é necessário que cada fazendeiro tenha pastagens suficientes para manter uma tropa dêstes animais. É êsse um dos motivos porque os sitiantes têm pouca possibilidade para progredir, isto é, em virtude de não poderem manter uma tropa de burros. Por falta de pastoreio suficiente, êles se vêem forçados a vender as suas colheitas aos fazendeiros, que as vão adquirir diretamente nas fontes de produção e também estabelecem os preços.

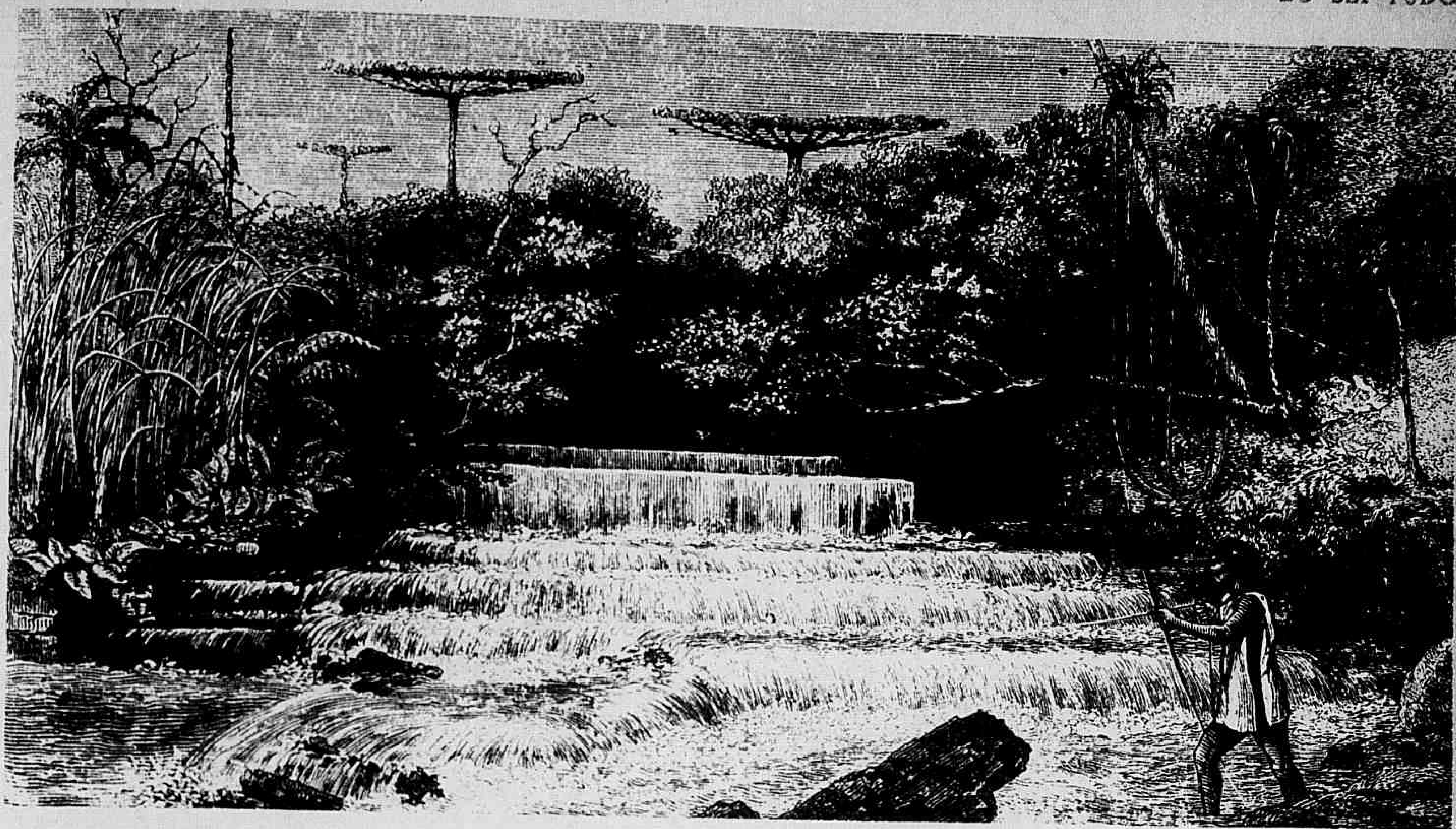
Êste é um ponto de suma importância, que também recai sôbre a questão da colonização inglêsa na região vizinha de Assungui, onde os habitantes dependem, da mesma forma, dêste dispendioso meio de transporte em todo o seu comércio com as cidades das planícies.

Não obstante a grande consideração que o Sr. Garses teve para comigo, notei que a sua má vontade, para ajudar-me a conseguir canoeiros, era idêntica a do Sr. Nóbrega. Tive, assim, tôda razão, para acreditar que o sistema de escravização branca era tão forte aí quanto na região dominada por aquêle tal senhor Nóbrega.

Dormi uma noite sob o teto hospitaleiro do Sr. Garses mas, resistindo a todos os argumentos que êle fizera para que me demorasse mais um dia, parti logo depois do nascer do sol, na manhã seguinte, com destino à Freguezia de Assungui.

Mais adiantado do que o Sr. Andrade, o fazendeiro de Campinas, no que diz respeito à sociabilidade, o Sr. Garses não conserva a família isolada do olhar público. Tôdas as suas filhas apareceram na varanda e sentaram-se para fazer as refeições conosco. Duas eram muito bonitas e muito acanhadas, mas não eram caipiras.

O próprio Sr. Garses era o fazendeiro mais inteligente que encontrei em sua classe, nas minhas viagens pela província. Êle era, até certo ponto, um homem educado, e conhecia alguma coisa de geografia e história européia. A maioria dos fazendeiros que encontrei na província ignorava completamente o mundo exterior. Muitos nem mesmo assinavam o nome, no entanto viviam e prosperavam! Isto prova como é necessário tão pouco capital intelectual para um homem progredir neste país.



CENA DO IVAIZINHO: ÍNDIO PESCANDO COM ARCO E FLEXA

CAPÍTULO III

Um menino inglês ★ Falta de trabalho ★ Salários baixos ★ Uma negrinha louca ★ Cavalos baratos ★ A colônia inglêsa de Assungui ★ O descontentamento geral dos colonos ★ Onde está o êrro? ★ O sistema de lotear terras ★ O caráter da terra loteada ★ Falta de estradas ★ Imoralidade dos agentes de emigração ★ A estrada ★ Promessas do govêrno ★ "Ladrões todos" ★ "Bons rapazes" ★ Referências falsas do emigrante de Assungui ★ Novamente o agente ★ Casas receptoras ★ História contada por um emigrante ★ Sumário dos motivos que determinaram o fracasso da colônia ★ Conclusões gerais.

Depois de quatro dias de esforços, vencendo uma forte oposição, consegui empregar cinco homens, quantidade insignificante.

Nossos animais já estavam mais ou menos cansados, pois até êste ponto, desde que saímos de Colônia Teresa, havíamos percorrido mais de 250 milhas, em oitenta das quais a viagem fôra feita por trilhas da pior espécie.

O Sr. Cordeiro fêz-me um convite para visitar o seu sítio, o que aceitei, na esperança de conseguir outros animais para prosseguir a minha viagem.

Fiquei surpreso por encontrar no referido sítio um menino inglês, que o Sr. Cordeiro adotara um ano antes, quando os seus pais abandonaram a Colônia de Assungui. Êsse menino era muito vivo e contava mais ou menos onze anos de idade. Disse-me êle que não tinha mais esperança de ver os pais, e também que nunca fôra tão feliz. Seu nome era Henry, mas do seu sobrenome não me lembro.

Cordeiro, em sua casa, era o tipo do fazendeiro jovial. Seu gado bovino, seus cavalos, burros e porcos eram os mais gordos que eu até então vira na província. Sua casa, situada no meio de um cercado de pastos para animais, tinha dimensões palacianas. Um riacho, chamado Coriolo, corria muito perto do galinheiro.

O Sr. Cordeiro declarou-me que as suas plantações se extendiam por muitas milhas de extensão e que a sua única dificuldade era conseguir trabalhadores para plantar e fazer a colheita. Em face desta falta de homens nesta região, pode ser de admirar, à primeira vista, que os caboclos não recebam nunca mais de um mil reis pelo trabalho de um dia, e geralmente só lhes é pago duas patacas (dois terços de um mil reis). Se a maioria dêles não estivesse mais ou menos na dependência dos grandes fazendeiros, em virtude dos seus débitos, os salários não seriam tão baixos. Não consegui averiguar se o Sr. Cordeiro usava o sistema da "Escravização Branca". Foi por intermédio dêle, porém, que consegui reunir os poucos homens que antes mencionei. Creio que havia grande rivalidade entre êle e Nóbrega, não tendo aquêle escrúpulos em tirar os empregados dêste.

Ocorreu um impressionante incidente na ocasião em que pernoitei nesta fazenda. Fui tirado de um sono profundo pelos gritos lancinantes de uma mulher, que vinham de um quarto não muito afastado do meu. Os gritos eram tão terríveis que, julgando que alguém estivesse cometendo um assassinato ou qualquer outra coisa semelhante, corri para ver o que se passava. Tateando na escuridão, na direção de onde vinha a gritaria, encontrei a porta por causa da claridade que saía pelas suas frestas. Estava trancada por dentro, mas bati e ela foi imediatamente aberta pelo Sr. Cordeiro, que apareceu ofegante, como se, naquele momento, acabasse de dispender tremendo esfôrço

Entrei e vi uma crioula jovem amarrada à cama, gritando tanto como se uns dez mil duendes

tivessem dela se apoderado e a estivessem retalhando. Havia mais duas pessoas no quarto : uma era o filho do Sr. Cordeiro, e a outra era uma negra velha.

A negrinha era louca. Os três acabavam de amarrá-la à cama, a fim de evitar que ela, não só cometesse desatinos, como também se machucasse. Sua loucura era periódica, aparecendo de três em três semanas, durando um dia ou dois de cada vez, ocasião em que ela se tornava muito violenta. Gritou a metade da noite, estragando, assim, o meu repouso.

Na manhã seguinte, enquanto tomávamos café, a porta do quarto em que ela passára a noite se abriu violentamente, e ela saiu correndo loucamente para o terreiro, saltou a cêrca de seis pés de altura, desceu a ribanceira do Coriolo, gritando: diabo ! diabo ! diabo ! Ninguém a acompanhou, permitindo que desse expansão aos derradeiros recalques de sua loucura, livre e solitária, sob a abóbada do céu azul. Antes de sair, naquêle dia, eu a vi entrar em casa, tranquila e com lucidez perfeita.

Comprei ao Sr. Cordeiro um cavalo forte para meu uso, um burro de montaria e dois burros de carga, todos em ótimas condições, na importância total de 41 libras. Além disso, o Sr. Cordeiro aquiesceu ao meu pedido para guardar os meus animais cansados por algumas semanas, até a minha volta (1). Cavalos e burros são baratos nestes confins, e os meus camaradas disseram-me, reservadamente, que 30 libras teriam sido um bom pagamento para os quatro animais.

Uma hora e meia depois de sairmos do sítio do Sr. Cordeiro, chegámos aos arredores da colônia inglêsa de Assungui. Quero aqui lembrar aos leitores, que não leram ou se esqueceram das reportagens que tm aparecido nos jornais, de tempos em tempos, com referência a esta e outras colônias inglêsas no Brasil, de que há duas teorias distintas e opostas, pelas quais se tentou explicar o seu fracasso. Uma teoria culpa inteiramente o Govêrno brasileiro, dizendo primeiro que as sedes para as colônias são mal escolhidas e, segundo, que as promessas aos colonos não têm sido cumpridas. No entanto, a outra teoria diz que a causa da falta de êxito é, apenas, devido às referências não muito boas feitas pelos emigrantes. A meu modo de ver, não existe dúvida quanto à causa ou causas dos maus resultados no caso da colônia de Assungui. Darei, entretanto, em primeiro lugar, alguns dos resultados das minhas observações e investigações; depois, as conclusões a que cheguei.

As habitações dos colonos começam a aparecer cêrca de duas léguas no lado de Curitiba, que fica no núcleo da colônia. Estas habitações são de palha, mais ou menos semelhantes às que estávamos habituados a construir nos acampamentos grandes do Ivaí. Cada habitação fica situada numa clareira de cêrca de 100 por 50 jardas de extensão, que não é capinada e sim, superficialmente roçada. Junto a êstes pedaços de terra há um terreno com certo número de acres (mínimo, trinta e sete, e máximo, 150), coberto de florestas, que é vendido com o lote em que está situada a choupana.

O preço mais baixo, para os colonos que adquirem êstes lotes, é de cêrca de uma libra, e o preço mais elevado é de cêrca de quatro libras por acre; além disso, o colono tem de pagar 3 libras pela construção de sua habitação e 1 libra pela clareira. Êle ainda está sujeito à outras obrigações antes de tomar posse, como, por exemplo, uma certa participação nas despesas de sua viagem da Inglaterra e de sua manutenção, enquanto permanecer no país. Também, a menos que êle pague dinheiro à vista pelo seu terreno, acrescenta-se vinte por cento ao seu preço de custo, como já disse, e êle se obrigará a pagar todo o débito dentro de seis anos, contados a partir da data do recebimento das terras, sob pena de confisco. Assim sendo, o emigrante, a menos que seja um homem de recursos, começa com uma dívida de pelo menos 50 libras, a qual pode atingir a trezentas ou quatrocentas libras, e até mais. Êle, entretanto, não tem direito de se queixar disso, pois, antes de partir como emigrante, parece saber e concordar com tudo. No entanto, não sei se a informação lhe é dada de uma maneira franca e sem subterfúgios, como a que estou dando aqui.

O sistema, pelo qual esta dívida inicial é acumulada, parece, a princípio, ser mal, porque dá uma certa espécie de prêmio à ociosidade, que os emigrantes preguiçosos logo descobrem e dela fazem uso. Por exemplo, muitos emigrantes que encontrei em Curitiba diziam que, tendo conseguido tudo que quiseram do Govêrno, isto é, uma passagem grátis da Inglaterra ou então um empréstimo para pagamento da mesma, e todas as despesas pagas até Curitiba, iam trabalhar por conta própria, pois em pouco tempo cairiam no anonimato e não teriam de pagar o empréstimo para a passagem e outras despesas. Conheço de nome diversos emigrantes que assim procederam.

Voltemos para os colonizadores de Assungui. Que vantagem poderão êles ter, endividando-se assim? No caso daqueles que se estabeleceram nos lotes para onde eu vim, a princípio, situados no lado sul da colônia, a terra que compraram é, sem dúvida, muito rica e fértil, capaz de produzir todos os produtos principais do país, mas antes de ser utilizada precisa ser roçada. Porém o custo da derrubada e queimada de árvores, só num acre, mesmo quando são feitas à moda brasileira, isto é, mal acabadas, importaria em quase 1 libra ou nove dias de trabalho para um homem; se fôr capinada e preparada de modo que possa ser empregado o arado, o custo será cinco vêzes maior. Mas a topografia do terreno é tal, que o arado não poderá ser usado, pois os lotes ficam situados nas encostas íngremes de um vale estreito, montanhoso, mais ou menos parecido com os que estamos habituados a ver nos vales altos suiços.

Assim, então, o colonizador inglês fica neces-

---

(1) *Morreu um dos burros que deixei no sítio do Sr. Cordeiro. Êste animal não me pertencia; era um dos que alugára em Colônia Teresa. A lei verbal nesses casos diz que, se o animal morrer, a perda corre por conta do proprietário. Mas o alugador tem que apresentar uma prova, isto é, o pedaço do couro que esteja marcado com as iniciais ou marca do proprietário, para provar a morte do animal. Se um animal se extraviar na estrada, o alugador é responsável e indenizará em dinheiro, o valor que o proprietário reclamar.*

sàriamente limitado ao sistema de roças, como o fazem os brasileiros que. o cercam, com os quais êle tem de competir, sem nenhuma vantagem, ou melhor, com tôdas as desvantagens advindas da ignorância da região e do pêso de uma grande dívida sôbre os ombros. O brasileiro não é trabalhador e, portanto, mesmo com êstes sérios obstáculos que lhe entravam a caminho do êxito, o colono inglês poderia se fazer perfeitamente, se não fôra a existência dos grandes fazendeiros como Cordeiro, Nóbrega e Garses, sôbre os quais já falei. Êle não tem burros e, se os possuísse, não teria possibilidade de mantê-los, pela falta de pastos. E assim êle cai, automàticamente, na mesmíssima posição que — como já expus — é tão prejudicial ao êxito do caboclo. Êle é obrigado a vender o seu produto nas fontes de produção, ou então a conformar-se com o pagamento de um preço elevado pelo aluguel dos burros, para levá-lo ao mercado em Curitiba.

O inglês não ficará em melhor situação se tentar mandá-lo pelo Ribeira, para a costa marítima. Em primeiro lugar, porque está afastado algumas milhas do rio; em segundo, porque não tem canoas e alugar uma, com homens para remá-la, é tão caro quanto o aluguel de burros, e ainda porque tem grandes competidores a 100 milhas ou mais, perto da costa, isto é, nas margens do baixo Ribeira, talvez menos de vinte milhas do ponto até onde os vapores podem chegar.



JOÃO, O LADRÃO DE MULAS.

Pelas perspectivas oferecidas ao colonizador em Assungui, no lado de Curitiba, as que aparecem no lado do Ribeira não são mais favoráveis.

Não sei há quantos anos esta colônia foi estabelecida. É bem possível que tenha mais de dez anos. No entanto, não há um único emigrante que tenha tido êxito, pela única razão, naturalmente, que o êxito sob as condições que já conhecemos é quase impossível.

Apeei do cavalo e entrei em diversas habitações de emigrantes, que ficavam na beira da estrada, para conversar com êles. Respondendo às minhas perguntas quanto ao que achavam de suas novas residências, a resposta era sempre a mesma : "— Antes não tivéssemos nunca pensado em vir para aqui, mas fomos iludidos com falsas promessas." Que os agentes mentiram a essa gente na Inglaterra, não tenho a menor dúvida, e o testemunho dos colonizadores era preponderante neste ponto, mas que o Govêrno Brasileiro foi conivente nas artimanhas, nem é bom pensar. A moralidade oficial no Brasil não é, de fato, tida em alto apreço, segundo o que se diz vulgarmente, mas, no caso dos emigrantes inglêses, o govêrno deve ter descoberto, desde há muito, que um homem, atraído a um país por meio de notícias falsas, representa muito dinheiro jogado ao mar, ou mais do que isso, porque êle se torna o instrumento pelo qual o nome do Brasil, como uma vantajosa terra de emigração, é levado ao descrédito.

É possível que a maioria dos emigrantes estivesse apenas desejosa de ouvir frases como, "proprietários de terras", "propriedade livre" e "aldeia", etc., etc., e, consequentemente, tenha parte da culpa pela realidade, que foi muito mais dura do que o sonho que lhe invadira o espírito.

A colônia ou aldeia de Assungui é muito bem situada, perto da foz do pequeno Rio Ponta Grossa, tributário do Ribeira. Aqui o vale, até então muito estreito, abre-se bruscamente, e toma uma largura de quase uma milha, com um grande pedaço plano à margem direita do seu curso, onde fica a aldeia.

A uma distância de cêrca de uma milha afastado da cidade, existe um trecho de estrada macadamizada, de cem jardas de comprimento, resultado de muitos longos anos de espera pela prometida estrada para Curitiba. Êste trecho de estrada, disseram-me, representa todo o trabalho dado aos colonos pelo govêrno, desde a fundação da colônia. Entretanto, pelas condições com as quais o Govêrno concordou, qualquer colono pode procurar trabalho ali, durante noventa dias nos primeiros seis meses, com ordenado razoável. Muitos dos colonizadores com quem conversei afirmaram que esta promessa não fôra cumprida, e a prova desta assertiva estava, na sua aparência, reforçada ainda pelo testemunho de muitos brasileiros.

Sabendo que o diretor da colônia havia se ausentado temporàriamente, fui à casa do comerciante principal do lugar, um brasileiro chamado Serivera, e me apresentei a êle. Embora se dissesse "comerciante", de acôrdo com o costume do país de chamar as pequenas coisas por nomes grandes, o Sr. Serivera, na realidade, era um lojista que tudo vendia, desde uma chaleira de "Birmingham" até as peças de fazenda de algodão de "Manchester". Fomos muito bem recebidos aí, assim como também tivemos boas acomodações. Conclui que não poderia ter ido a lugar

melhor, se tivesse desejado obter informações e pormenores a respeito dos colonos.

O Sr. Serivera tirou um livro grande, onde se encontravam os nomes de todos os adultos do sexo masculino que já haviam visitado Assungui. Virando fôlha por fôlha, onde estavam registradas as inúmeras transações entre êle e os mencionados colonos, fêz um ligeiro comentário em tôrno de cada um dos nomes. Fiquei surpreso ao verificar, pelos nomes que êle lia, a existência, em ocasiões diferentes, de muitos franceses na colônia. Para êsses, o negociante tinha apenas uma classificação: "ladrões, todos". A palavra ladrão, entretanto, como é vulgarmente usada entre os brasileiros, significa algo mais forte. É uma expressão destinada a dar uma idéia da pessoa ser completamente sem valor e desprezível. Era êste o juízo que o Sr. Serivera fazia dos franceses que, disse êle, não pagavam uma única dívida quando podiam fugir ao pagamento, ao passo que os inglêses eram bons rapazes, embora se embebedassem e brigassem, mas raramente esqueciam-se de suas dívidas quando tinham dinheiro para pagá-las, o que não acontecia, infelizmente, com freqüência.

Logo que o povo da colônia soube que chegára um engenheiro inglês procurando empregados, fui cercado, em casa e na rua, por inúmeros colonos ansiosos para serem engajados. Num relance podiamos ver o que era a maioria dêles. Dois terços era, evidentemente, gente da cidade, pois tanto a aparência como a maneira de falar os denunciava; entretanto, o Govêrno Brasileiro julgava inocentemente que estivesse importando agricultores inglêses, bem familiarizados com os métodos aperfeiçoados de agricultura praticados no seu próprio país! Pobre Govêrno iludido!

Até aqui, eu culpara sòmente o Govêrno pelas dificuldades porque passavam os emigrantes, sem esperança de conseguir êxito. Sem retirar esta opinião, para a qual os argumentos devem valer em qualquer caso, ficou bem claro que, com tais homens, uma colônia, situada no melhor local e com tôdas as facilidades, será mal sucedida desde o comêço.

A questão é, naturalmente, saber-se por que e para que fizeram vir êstes emigrantes. Essa pergunta eu deixo para que os agentes do Govêrno Brasileiro, na Inglaterra, respondam-na. Êles sabem muito bem por que processo de raciocínio puderam salvar a consciência, enviando homens que, na ocasião podiam ter percebido, não serviam de nada e não correspondiam às necessidades do Govêrno Brasileiro.

No segundo dia da minha estada na colônia, dei uma volta pela aldeia a fim de conhecê-la. As casas destinadas a receber os emigrantes recém-chegados, onde ficam até que as casas nos seus terrenos próprios estejam prontas, eram muito curiosas. Nestas casas encontrei famílias amontoadas, sem nenhum respeito ao decôro; dois casais ocupavam, freqüentemente, um quarto.

Talvez seja interessante relatar a história da viagem da Inglaterra para Assungui, contada por um dos emigrantes que encontrei numa destas casas, sendo que os pontos principais desta história foram confirmados por outros. A narrativa demonstra uma conduta muito imprudente por parte do Govêrno. A parte mais importante dêsse relato é a que se segue:

"— Saímos da Inglaterra no navio Santa Rosa, que chegou ao Rio de Janeiro no dia 4 de fevereiro do presente ano (1873); éramos 120 pessoas. Quando chegámos, a febre amarela grassava no Rio (lembrem-se de que o Capitão Palm morreu, vítima dêste flagelo, no dia 12 do mesmo mês). Assim, fomos enviados no dia seguinte por trem, para Barra do Piraí, oitenta milhas para o interior, onde ficámos durante nove dias. Depois, dêste tempo voltámos ao Rio, e daí imediatamente para bordo de um vapor, que nos levou para a Ilha das Cobras (?), perto de Paranaguá. Ficamos aí, sem nada fazer, durante cinco semanas. Muitos dos nossos adoeceram, morrendo algumas crianças. Dêste lugar fomos levados para Antonina, onde permanecemos duas semanas; a comida que lá nos deram era melhor; os que antes estavam doentes se restabeleceram. Nos primeiros dias de abril mudaram-nos para Curitiba e de lá fomos para as casas destinadas aos colonos, em Barrigui (um lugarejo a cinco milhas de Curitiba). Estas casas eram muito ruins e cheias de goteiras. Ficamos aí durante algum tempo e depois fomos trazidos para esta colônia, em pequenos grupos; os homens foram obrigados a caminhar sessenta milhas, mas as mulheres e crianças tiveram burros para a viagem. Cada um de nós recebeu quatro mil réis para as despesas com a viagem. A comida a bordo do "Santa Rosa" era horrível. Na Ilha das Cobras não era muito boa, mas em Antonina foi bem melhor."

O fato a se destacar nesta lacônica história é o tempo imenso — quase três meses — que levou a viagem do Rio para a colônia, o que resultou em doença, desgôsto e, como era de se esperar, na desmoralização dos emigrantes em geral. Em vez de três meses, três semanas teriam sido suficientes para fazerem esta viagem. Um viajante sòzinho, que não esteja sobrecarregado de cargas, pode fazê-la em seis dias.

Em resumo, as causas, que até aqui têm estorvado o progresso e o êxito da colônia de Assungui, são:

1º) A escolha precipitada de um local onde, pela ingremidade da região, não se pode usar o arado e outros implementos aperfeiçoados da agricultura, e onde não há pastagens numa distância razoável, onde se possa manter os burros para o transporte do produto para o mercado. 2º) O elevado preço cobrado aos colonos pelas terras que lhes são loteadas; a maior prova de que êste preço é muito elevado é que os colonos brasileiros, não estando excluídos de se estabelecerem nos lotes de terra cedidos pelo govêrno, não o fazem. 3º) O descuido ou desonestidade dos agentes do Govêrno do Brasil, em declararem certos individuos em condições de fazerem os serviços numa colônia agrícola, muitos dos quais são completamente incapazes e incompetentes. 4º) A falta de meios ou negligência na organização, que torna a viagem desnecessàriamente prolongada do Rio para Assungui, o que resulta no descrédito dos emigrantes, mesmo antes de começarem a trabalhar,

o que dá margem ao emigrante recém-chegado de ficar, freqüentemente, muitas semanas nas casas provisórias da colônia, sem nada fazer, esperando que os funcionários do Govêrno o chame para tomar conta da terra que lhe é destinada. 5º) O mau temperamento de muitos emigrantes.

Com referência ao número 4, mesmo no caso dos noventa dias de trabalho que, nos primeiros seis meses, é dado a qualquer recém-chegado que o peça, fato que o colono nega, não é suficiente. Seria melhor para o colono e para o Govêrno que, pelo menos durante o primeiro ano de seu tempo na colônia, êle pudesse arranjar trabalho na estrada pública tôdas as vêzes que se apresentasse. Devia-se juntar a esta conceção de trabalho, por exemplo, a obrigação do pretendente de plantar nada menos de uma estipulada quantidade de sua terra, durante o ano.

O Govêrno talvez respondesse: "— Oh! mas não podemos dar quantidade ilimitada de trabalho aos colonos". A resposta a isto é clara: "— Não mande buscar maior número de colonos do que pode receber". Pode-se dar ainda outra resposta como esta: "— Com o progresso atual dos trabalhos, a prometida estrada para Curitiba levará uns 200 anos para terminar, e esta demora constitui uma falta de confiança marcante, por parte do Govêrno, nos emigrantes". Não há melhor exemplo, para mostrar o êxito que se pode conseguir pela colonização na província do Paraná — contanto que seja dado trabalho ilimitado aos estrangeiros nos primeiros anos depois de sua chegada — do que o alcançado pelos alemães na vizinhança de Curitiba.

Embora haja grandes causas naturais, que sempre impedirão que a colônia de Assungui chegue a ser um importante centro agrícola, de indústria e ciência inglêsas, não há nenhuma capaz de evitar que ela se torne uma povoação próspera e independente. É necessário, entretanto, que se façam mudanças radicais na sua organização e administração, mesmo antes de se conseguir êsse esperado êxito.

Duma maneira geral, não se pode dizer que Assungui seja um local ideal para o estabelecimento de qualquer colônia inglêsa. (1)

CAPÍTULO IV

Pelo Vale do Ribeira ✶ A araponga ✶ A Capela do Ribeira ✶ A oposição dos fazendeiros ✶ A vida dos lavradores brasileiros ✶ O puxerão ✶ A marcha de volta.

Depois de uma estada de dois dias na Colônia de Assungui, parti com os meus dois fiéis camaradas, Pedro e Messeno, pelo Vale do Ribeira, para visitar várias aldeias e povoações brasileiras, situadas nas margens dêsse rio. Foi um alívio, quando me encontrei fora do ambiente de descontentamento e da linguagem abusiva da gente dessa infeliz colônia inglêsa, e dirigi-me para a solidão da floresta.

Provàvelmente, o melhor caminho de burro, que existe em tôda a província, é o que parte de Votuverava, na metade da estrada entre Curitiba e a colônia, desce o Vale do Ponta Grossa, seguindo daí a margem esquerda do Ribeira em direção a capela do mesmo nome, a vinte e cinco milhas abaixo de Assungui. É um caminho feito por meio de cortes regulares, no lado em que ficam as elevações do vale, por todo o seu percurso, com os devidos declives, que nunca são considerados numa trilha de burros ou numa picada comum.

Nos dois lados do caminho existiam enormes figueiras e paus de alho, projetando imensos arcobotantes, que apoiavam nos troncos tôscos o pêso de seus ramos sólidos.

Uma floresta inteira de palmeiras delgadas e altos fêtos arborescentes crescia sob as copas frondosas dêstes gigantes da floresta, aumentando grandemente a beleza de nossa estrada. Viamos, de vez em quando, à nossa esquerda, as águas do Ribeira escoando, no seu leito rochoso e íngreme, por uma série de poderosas, embora pequenas, corredeiras.

Durante muitas horas viajamos no meio dêste admirável cenário de montanhas, florestas e cataratas sem, no entanto, encontrar viva alma. Um bando de papagaios ruidosos nos alegrava, de vez em quando, com o seu grito estridente, em pleno vôo para algum comedouro predileto. Com esta única exceção, os ferreiros ou arapongas pareciam ser os únicos donos desta parte da floresta que atravessávamos, sendo os seus gritos muito parecidos com o canto do eixo sem graxa de um carro de bois, ao longe.

A araponga não é conhecida no Vale do Ivaí e eu ainda não a havia visto nem ouvido. É quase impossível conseguir-se mais do que uma ligeira vista d'olhos sôbre ela, quando no seu estado selvagem, porque, em primeiro lugar, é, como o sapo músico da planície, ventríloqua de muita eficiência; segundo, é um pássaro amante da luz, freqüenta apenas as ramagens mais altas das árvores onde, com o brilho do sol, sua plumagem branca de neve e suas asas transparentes a tornam quase invisível, mesmo quando em movimento. É ligeiramente maior do que o estorninho — enquanto a sua voz é tão forte quanto a do pavão.

Vi uma vez uma araponga cativa, em Antonina, estando a gaiola pendurada do lado de fora da janela de uma das casas. O grito desta ave podia ser distintamente ouvido em todos os quatro lados da cidade, e até mesmo a uma boa distância além de seus arredores. Enquanto não a vi engaiolada, pensei que fôsse selvagem, pois o seu canto às vêzes parecia vir das montanhas que ficavam atrás da cidade, a um quarto de milha de distância do lugar onde o pássaro de fato estava.

Pouco antes do pôr do sol, chegamos ao ponto onde iamos passar a noite. Vimos, alguns minutos depois, passar uma canoa, tripulada por três caboclos fortes, a tôda velocidade, des-

---

(1) *Vide Apêndice, Nota F, "Colônias Estaduais e Colônias Particulares na Província do Paraná.*

lizando sôbre uma série de corredeiras de águas impetuosas. Gritamos para que parassem para bivacar conosco aquela noite, mas foi o mesmo que falar com o vento, pois êles não puderam fazer parar a embarcação. Ficamos olhando para êles meio minuto, enquanto a canoa descia com uma rapidez vertiginosa; tinham o corpo nu da cintura para cima, luzidio devido à água que espirrava da correnteza agitada, e seus compridos cabelos caíam-lhes nas costas como a cauda de um cavalo de corrida. Gritaram diabòlicamente para nós ao passarem, e um minuto depois desapareceram numa curva do rio. Era desta espécie de homens que eu queria para passar as nossas corredeiras do Ivaí.

No dia seguinte chegamos à Capela do Ribeira, onde encontramos os três homens. Soubemos por êles quem era o seu patrão e também que se achavam presos a êle por um curto contrato. Como deviam pouco dinheiro no lugar, consegui engajá-los para os nossos serviços, adiantando um mês de ordenado para que pagassem a todos os seus credores. (1)

Capela do Ribeira era uma pequenina aldeia agrícola, contendo talvez cem habitantes. Os produtos principais de sua região, além do inevitável milho e feijão, eram açúcar e café, crescendo êste luxuriantemente nas terras duras de côr vermelha e amarela das colinas ao derredor. Encontrei aí um caboclo que me mostrou algum ouro, afirmando que o encontrara e lavara no rio, num ponto a pouca distância da aldeia. Não duvido de que êle falou a verdade, pois a terra do Ribeira, em certos lugares, é quase idêntica na aparência, e sem dúvida também na composição, a do Rio Tibagi, onde eu mais tarde encontrei ouro e diamantes.

Duas léguas adiante de Capela do Ribeira, fica situada outra pequena aldeia chamada Pôrto de Apiaí, também na margem do rio. A trilha que liga as duas aldeias passa por um desfiladeiro de mil pés de altura. A razão da preferência dêste traçado, ao caminho muito mais fácil pela margem do rio, é um mistério para o novato naquelas paragens. Levei Messeno comigo, para experimentar a sorte, tentando conseguir empregados, enquanto Pedro ficou em Capela para completar o trabalho já começado naquele distrito.

Aí também encontrei a "escravização branca". Os fazendeiros, embora corteses e hospitaleiros ao extremo, não deixavam de usar meios escusos a fim de dissuadir os poucos caboclos independentes, que mostravam inclinação para entrar para o nosso serviço. Espalharam boatos de que muitos homens da expedição haviam morrido de febre e até de inanição; também que o Vale do Ivaí estava infestado de índios, que haviam assassinado muitos brasileiros; por fim, que os mosquitos naquele vale eram do tamanho de maribondos e que não deixavam ninguém em paz. Havia muita verdade nestas palavras, as quais prejudicavam o nosso êxito. Foi em vão que afirmamos que havíamos trabalhado na expedição nos doze últimos meses, que não tínhamos morrido de fome, nem tínhamos sido devorados pelos índios, nem pelos mosquitos.

Tal negativa lógica não surtiu efeito na maioria dos casos. Os homens, que conseguimos contratar, aceitaram devido à isca tentadora de trezentos mil réis por mês — tal importância era suficiente para um caboclo acertar a vida e, como lhes dissemos, conseguir as mais belas espôsas da região.

Era de irritar esta má vontade que eu encontrava de todos os lados. Isso, porém, não deixava de ter o seu lado bom, pois deu-me uma variedade interminável de oportunidades que, de outra forma, eu não teria obtido, para conhecer inteiramente a índole geral e os modos de vida das duas grandes classes dos habitantes brasileiros nestas regiões distantes — o fazendeiro e o caboclo.

Foi com êste objetivo que sempre aceitei o convite para dormir numa casa de fazendeiro ou mesmo no rancho mais modesto de um caboclo, tôdas as vêzes que se me oferecia tal oportunidade. Depois de algum tempo eu já me considerava um brasileiro, pelo fato de estar tão adaptado às suas maneiras e costumes de vida.

É quase impossível deixar-se de sentir uma sensação de cordialidade com um povo que tem sempre as suas portas abertas, não só para os de suas relações e os seus parentes, como também para o estranho ou o estrangeiro itinerante, não de maneira orgulhosa, como se estivesse conferindo uma honra, nem de maneira humilhada, como para uma pessoa de quem esperasse receber recompensas, mas por pura boa vontade, bondade de coração e costume do país.

Quando você chega o fazendeiro lhe dá café e cigarros, e lhe cede o lugar de honra — a rêde; seu escravo vem tirar-lhe as botas, lavar seus pés doloridos e depois trará as chinelas do seu amo para você usar. Isto feito, você vai para a mesa, onde o jantar substancioso, consistindo em frango com arroz, cachaça e leite em abundância, está servido. Na hora de dormir você recebe um cobertor ou um poncho, se você não tiver o seu. Êle conversará e fará tudo ao seu alcance para o entreter, como se você estivesse ali especialmente convidado por êle.

(Continua no próximo número)

---

(1) *Devo fazer aqui um elogio bem merecido ao caboclo da região do Vale do Ribeira, em geral. Empreguei por três meses quinze, ao todo, de diferentes localidades desta região, e durante êste tempo êles trabalharam sob as minhas ordens diretas; formavam a coluna mestra do mais importante setor do serviço do Rio Ivaí. Com uma exceção apenas, posso dizer que eram dignos de confiança, trabalhadores e corajosos, muito superiores à generalidade dos homens do Ivaí, apesar de, entre os últimos, existirem dez ou doze que, como diria um norte-americano, "creio que bateria tôda a criação". Tais homens, como por exemplo os dois irmãos Miguel e Hipólito, não podiam ser igualados.*

(EPISÓDIO REAL)



Morte por Intimação

A Suprema Côrte do Estado de Nova Jersey classificou o caso de Richard R. Myers, acusado de homicídio de primeiro grau contra a própria espôsa, como um "fato sem paralelo nesta ou em outra qualquer jurisdição".

O espantoso do episódio — segundo declarou aquêle tribunal — foi que "o marido ordenou à espôsa que se atirasse no rio Passaic... e ela logo obedeceu, morrendo afogada."

Na noite de 8 de abril de 1950, Myers, um foguista de 25 anos de idade, ficou verdadeiramente louco de raiva, quando viu a espôsa penetrar num salão de bebidas, muito mal freqüentado, situado próximo ao mercado, na Van Buren Street. Penetrando no salão atrás dela, arrancou-a brutalmente do bar e foi conduzindo a desgraçada para casa aos sôcos e pontapés, até que, com um empurrão mais forte, fê-la tombar no meio da ponte de Jackson Street, que passa sôbre o rio Passaic, onde chegaram ao extremo os maus tratos que infligiu à mulher, segundo o seu próprio depoimento perante o tribunal de Essex, para o qual foi primeiramente conduzido sob acusação de assassinato.

"Ali, segurando-a por um ombro, dei muitos sôcos contra o peito e o rosto dela, enquanto ela gritava, implorando que a deixasse explicar. Repentinamente ela conseguiu fugir dos meus braços, mas tornei a apanhá-la próximo dos degraus da ponte, onde ela tombou novamente. Foi então que ordenei que ela saltasse para o rio.

"Ela se acercou da margem e baixando uma perna tocou ligeiramente a superfície da água e então disse que a água estava muito fria. Voltei a surrá-la com violência, dizendo-lhe que, se não saltasse, eu teria que a empurrar! Eu devia estar louco! Minha espôsa sentou no extremo bordo da ponte e voltou a implorar que a poupasse. A água estava apenas a alguns palmos abaixo dos seus pés. Disse-lhe novamente que saltasse e como ela não se movesse, avancei contra ela decidido a empurrá-la de uma vez. Porém ela fêz um gesto para deter-me e, a seguir, lançou-se ao rio.

"Vi minha mulher voltar à tona, a uns dois metros da ponte, pedindo, não que eu fôsse embora, mas que saltasse também para o rio e a colhesse. Já lutava com dificuldade contra as águas e pude ver quando era envolvida por um remoinho. Ali fiquei cêrca de um minuto mais. Pude ver, mais uma vez, o alto da sua cabeça e a seguir o seu último grito de socorro, pedindo que não a deixasse morrer. Então rodei num calcanhar e fui direto para a casa de minha mãe."

O advogado de Myers alegou, em sua defesa: — Êsse depoimento prova que o acusado é culpado de agressão violenta; mas há grande diferença entre isso e um assassinato premeditado. Afinal, êle não a jogou ao rio, nem usou qualquer arma mortal contra ela. Em última análise, ninguém é obrigado a atirar-se a um rio para salvar uma pessoa, nem mesmo a própria espôsa. Por isso, pelo fato de Myers não ter socorrido a infeliz mulher, não significa que possa ser acusado de assassinato.

Embora plausível, êsse argumento falhou completamente no sentido de convencer o júri de que a ofensa de Myers era inferior ao primeiro grau, e a sentença foi esta:

"A violência do castigo, as numerosas aplicações de fôrça, a ameaça enfim reduziram a infeliz criatura a um simples destroço humano, implorando piedade e temendo novos castigos. Estava reduzida a escolher entre mais pancada e o rio. O terror a levou a escolher entre os dois fins inevitáveis, aquêle que lhe pareceu menos violento. Talvez o fizesse com a esperança de que o seu algoz não resistisse ao espetáculo do seu sacrifício e a retirasse do rio. Porém Myers continuou silencioso e frio como a própria noite, olhando a cena, vendo a desgraçada lutar e perder as fôrças pouco a pouco, ouvindo seus rogos e sem fazer um gesto para a socorrer. A morte ocorreu a poucos passos da margem e do próprio acusado, o que revela a sua intenção e determinação de eliminar a espôsa. Isso constitui homicídio de primeiro grau."

Myers está atualmente cumprindo pena de prisão perpétua pelo que foi um caso único nos anais judiciais: o fato de um marido matar a espôsa **por intimação!**

★

JARDINAGEM

Dois amigos conversavam sôbre jardinagem.

— Quanto às ervas, nunca sei quais são as boas e quais são as más...

—Mas é muito simples! — disse o outro — Eu cá arranco tôdas elas; as que tornam a nascer, não pode haver dúvida, *são as más!*

OS GRANDES ERROS JUDICIÁRIOS — (VI)

NA manhã do dia 27 de maio de 1887, alguns trabalhadores agrícolas, ao ir encetar a sua faina na propriedade do casal Pradiès, na estrada de Narbonne a Cuxac, fazendola isolada, afastada de mais de um quilômetro da habitação mais próxima, encontraram a casa aberta. Imediatamente trataram de penetrar na sala de jantar... onde tropeçaram contra o cadáver de Anna Pradiès, uma sólida mulher de 59 anos e que devia ter defendido, valentemente, a própria vida, lutando com energia contra o seu assassino segundo revelava o estado dos móveis em seu redor.

Mas logo fracos gemidos despertaram a atenção dos homens; êsses gemidos vinham do primeiro andar. Subiram a escada e encontraram Dominique Pradiès, de 63 anos, homem também bastante vigoroso, literalmente crivado de facadas. Mal respirava. Logo o transportaram para a sala, cuidando do infeliz com todo carinho, mas em vão: quinze dias depois, o desgraçado expirava. Pudera, entretanto, falar. Reconhecera os seus assassinos. Revelou os seus nomes:

— Foi Vincent quem tentou matar-me... Pude feri-lo numa das mãos. Joseph matou a minha mulher.

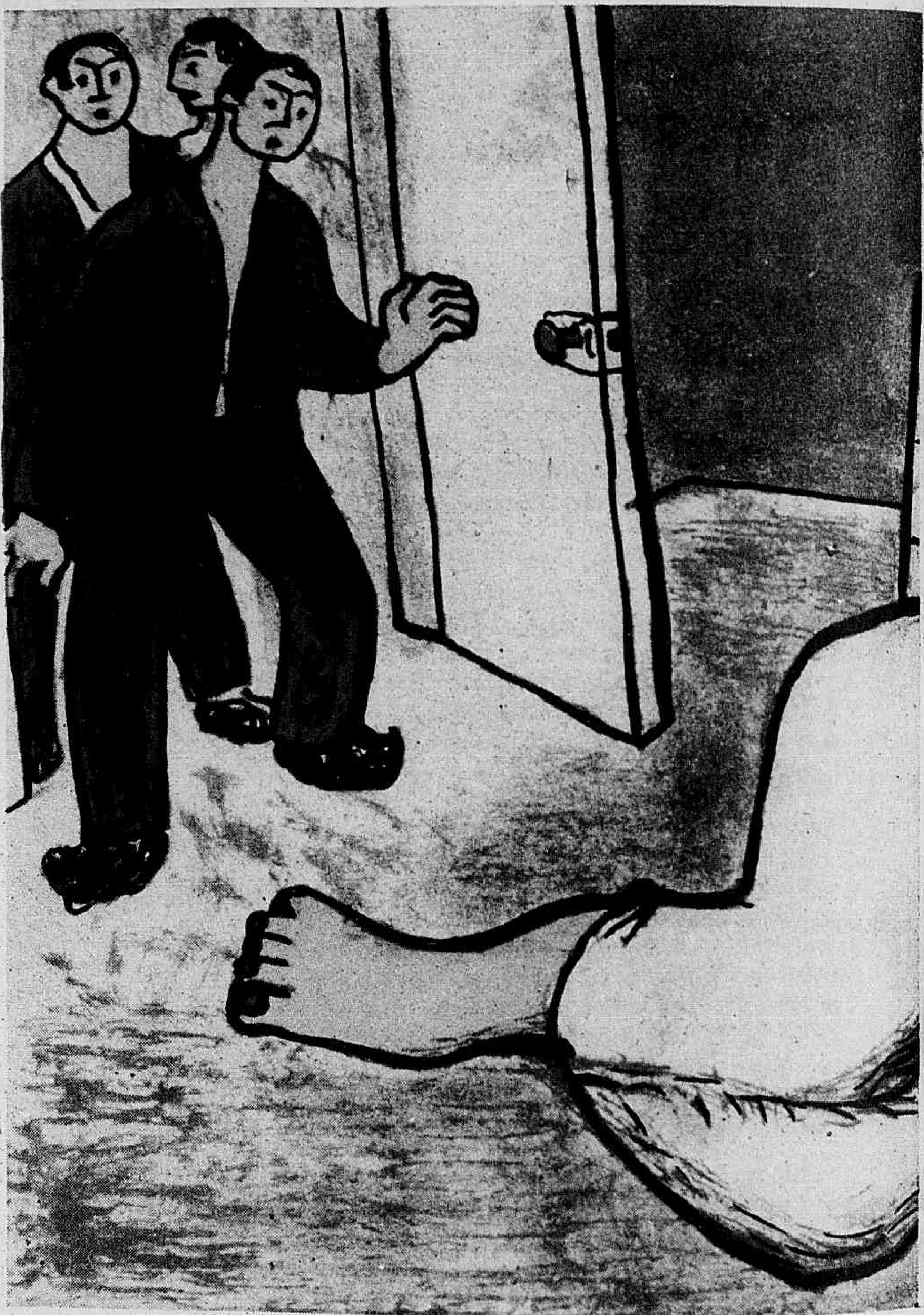
Vincent! Joseph! São, ambos, muito conhecidos na região narbonesa. Ambos haviam trabalhado algum tempo na propriedade dos Pradiès. Vincent Guillaumat é francês; Joseph Borras, espanhol. São presos sem dificuldade. Não procuraram esconder-se. E negam!

Mas... Logo numa primeira busca encontram na casa de Guillaumat roupas manchadas de sangue. Por outra parte, a faca que havia servido de arma ao assassino do agricultor fôra arrancada pela vítima, no correr da luta; a polícia a apanhara junto do corpo de Dominique... Essa faca pertence a Guillaumat, que não nega essa propriedade!

— A faca foi roubada da minha casa dois dias antes do crime! — disse êle simplesmente.

Finalmente, os braços e o peito de Guillaumat estão arranhados, cheios de esfoladuras e, nas costas da mão direita, há um largo corte cuja proveniência não pôde explicar. Não há dúvida: é um dos assassinos! Contra Borras, porém, nenhuma prova nem presunção dêsse gênero. Mas Borras era o amigo íntimo de Vincent; todos os dias, desde que estavam sem trabalho, jogava as cartas com o francês numa tasca dos subúrbios de Narbonne. Em geral, tinham a companhia de um terceiro jogador, também espanhol, Francisco Villarubia, que o juiz de instrução manda, também, prender, pois é mais provável, de fato, que os dois homens não se arriscariam ao assalto sem deixar um "vigia" na estrada.

O ESCANDALOSO PROCESSO



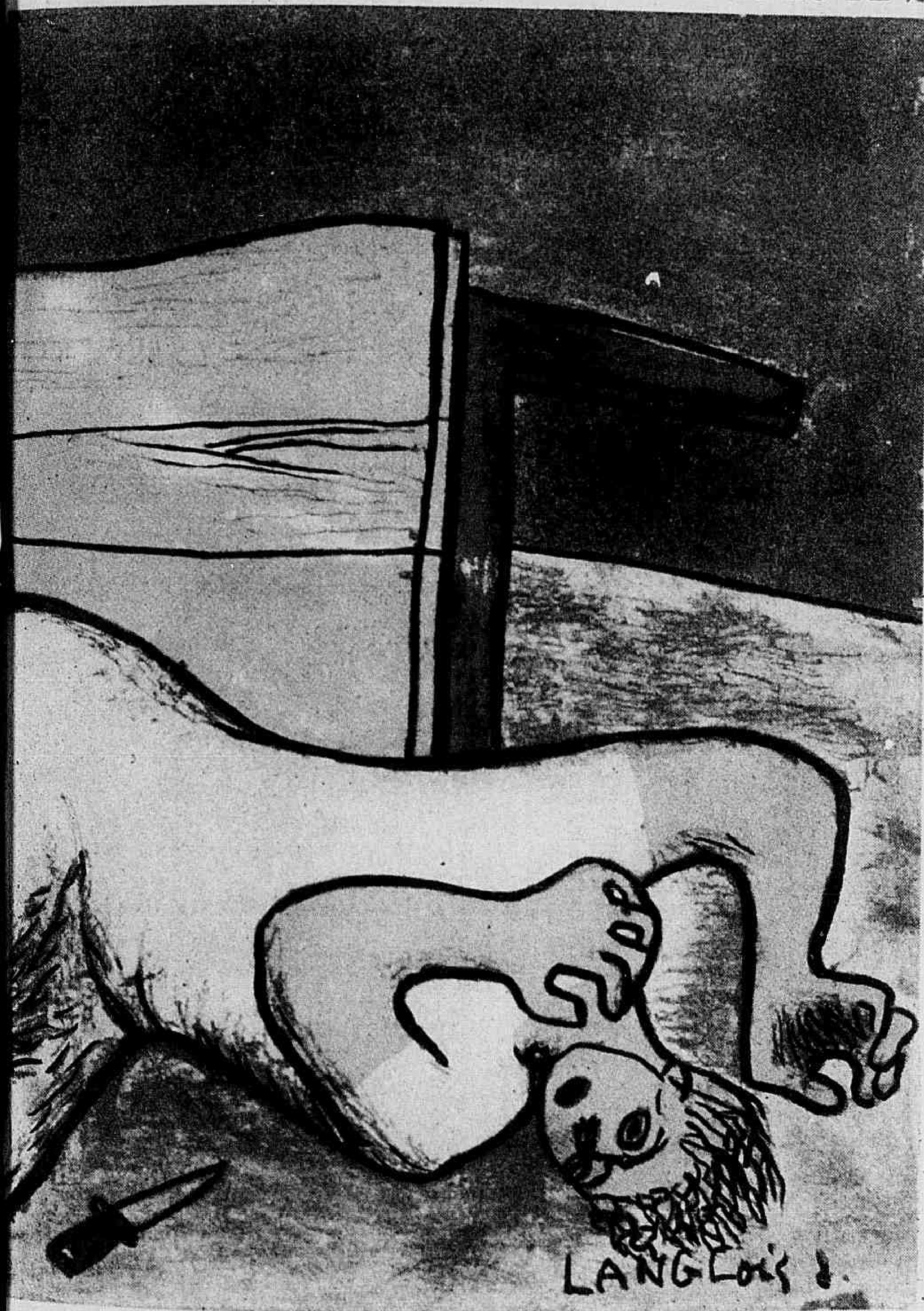
O CORPO DE ANNA PRADIÈS ESTAVA DOMINIQUE, SEU MARIDO, ANTES DE MORRER.

Villarubia é prêsa fácil. Confessa logo: realmente, "trabalhara" como vigia. O duplo crime fôra cometido entre 7,30 e 8 horas da noite de 26 de maio. Mas recusa dizer qualquer coisa mais.

Não deseja trair os seus cúmplices. O inquérito é conduzido, apesar disso, com grande rapidez. A 12 de agôsto, os assassinos comparecem perante o júri de Carcassonne. Nada pudera ser levantado contra Borras além das declarações "in-extremis" de Dominique Pradiès. Mas o homem nega e protesta com energia impressionante.

UMA PALAVRA INFELIZ — A acusação (e a opinião pública, unânimemente hostil a Borras) se

DE JOSEPH BORRAS



ESTENDIDO NA SALA DE JANTAR... CONSEGUIU FALAR E DENUNCIOU OS ASSASSINOS

deixou impressionar pela amizade que une Guillaumat e Villarubia (êstes culpados, sem sombra de dúvida) a Borras. O aspecto físico dêste último não o ajuda; rapaz inculto, de aparência brutal, desajeitado e pesadão, de mãos poderosas, **olhar sonso** — diz o juiz (olhar tímido — deveria ter dito); fala um francês quase incompreensível, com um sotaque áspero, selvagem; defende-se com violentas explosões de cólera e abatimentos de animal aprisionado. E não pode apresentar qualquer álibi. Sôbre o emprêgo da sua noite, entre 6 e 8 horas, do dia 26 de maio, Borras se contradisse muitas vêzes durante o inquérito. Ao fim do mesmo, entretanto, com terrível esfôrço de memória, conseguiu declarar:

— Nessa noite fiquei em casa; minha mulher voltou às 7 horas, com meu irmão e meu primo. Jantamos juntos. Deitei-me às 9 horas depois de haver saído uma meia hora, para um ligeiro passeio.

— Perdão — diz o presidente do tribunal — O primo e o irmão a quem se refere começaram por declarar que você não chegou a tempo para o jantar. Acrescentaram mesmo que você não voltou para casa essa noite.

— Mas reconheceram, depois, que se haviam enganado de data! — protesta Joseph.

—Os jurados **apreciarão o valor dessas contradições** vindas de parentes tão próximos... Em todo caso, nesse seu ligeiro **passeio**, na noite de 26... não se avistou com algum conhecido?

— Não prestei atenção.

E então, agressivo, o presidente declara:

— Decididamente o senhor não pode encontrar testemunhas que o ajudem!

Mas nem tanto assim, porque três pessoas vão ao tribunal afirmar ter visto Borras entre 5 horas da tarde e 8 horas e meia; um operário agrícola, que jogou cartas com êle até às 6 horas; um pedreiro, que também jogava cartas na mesa ao lado, no mesmo café; um pequeno comerciante que afirmou ter visto Borras na praça da Municipalidade, em Narbonne, entre 8 horas e 8 e 30 minutos. Só êsse depoimento seria suficiente para inocentar o espanhol.

Mas não ligaram importância ao fato, dando maior realce a uma curiosa declaração do acusado:

— Se você não é o assassino de Pradiès — dissera o presidente do Tribunal com ironia — talvez possa ao menos dizer o nome do assassino.

— Não! Não sei! — respondeu cândidamente Joseph —Mas é verdade que eu vi, junto das

muralhas, na noite do crime, quando voltava para casa, pouco antes de 9 horas, um homem de rosto marcado pela bexiga, e que arrancava alpercatas manchadas de sangue, trocando-as por sapatos.

— Não seria Guillaumat?

— Não. Não era Guillaumat! **Creio mesmo que êle é tão inocente como eu!**

Palavra infeliz! Ninguém duvidava, não podia duvidar da culpabilidade de Vincent. Afirmar tão claramente a sua inocência parecia ser manobra de um cúmplice **zeloso por não irritar um homem que podia, por sua vez, acusá-lo.** E, no entanto, a declaração de Borras estava baseada pelo que diziam outras testemunhas que punham em causa, com forte argumentação, um quarto personagem, um certo Rossel, também espanhol como Villarubia e Borras — e que desaparecera desde a noite do crime. Êsse Rossel, no dia 27, pela manhã, pedira a um companheiro de quarto que dissesse, caso lhe fôsse perguntado, que êle havia passado a noite no quarto comum, quando na verdade só chegara ali depois de 10 horas da noite!

Um vendedor de quinquilharias também encontrara Rossel no dia 27 e êste lhe dissera:

— Estou metido no caso Pradiès. Prefiro fugir para a Espanha!

Finalmente, um merceeiro afirmou ter visto, em 26 de maio, cêrca de 6,30, Guillaumat, Villarubia e Rossel, dirigindo-se, juntos, para a estrada de Cuxac (e para a fazendola Pradiès). Êsse mesmo depoente ouvira, vinte e cinco dias mais tarde, a confidência de um amigo de Villarubia, que lhe dissera:

— Conheço os assassinos dos Pradiès: foram êles Guillaumat, que matou a velha e roubou o dinheiro... (pouco mais de 640 francos...) Villarubia liquidou o velho. Rossel ficou de vigia...

GOLPE TEATRAL — Êsse depoimento, tão minucioso, tem o dom de exasperar Guillaumat, que, perdendo a cabeça, furioso, fica de pé sôbre o seu banco e grita:

— E' mentira... E' mentira... Mentiroso! Foi Rossel quem matou a velha!

Confissão indireta, mas formal! Para saber como as coisas tinham passado era preciso que êle também tivesse tomado parte no crime. No grande movimento, e mesmo tumulto, causado por essa sensacional declaração, apertam o acusado e êle também confessa. Sim... Lá estivera! Porém o mais culpado era Rossel!

— Foi êle quem arquitetou tudo! Quem nos arrastou para êsse crime! Villarubia ficou de vigia...

O espanhol inclina a cabeça, confirmando. A emoção chega ao cúmulo.

— Rossel me pedira a minha faca, antes de entrar na casa. Foi êle quem apunhalou a mulher, quando esta avançou ao seu encontro, perguntando o que desejava. Subimos, depois, ao primeiro andar, onde Pradiès já estava deitado. Saltou do leito logo que nos viu. Tentei salvá-lo. Foi lutando em sua defesa, procurando cobri-lo dos golpes de Rossel, que fiquei ferido nas mços e nos braços. Mas Rossel me ameaçou com a arma, afirmando que me mataria, também, se não o deixasse liquidar o velho.

Explicação inverosímil. Guillaumat é um rapagão de estatura a enfrentar qualquer adversário, principalmente tendo a ajuda do velho agricultor. Sem dúvida, o acusado procura simplesmente salvar a cabeça.

E a pergunta, que estava em tôdas as bôcas, é então feita pelo presidente:

— E Borras?

— Não estava conosco! — disse Guillaumat.

O espanhol parece salvo. Mas não! O presidente manda chamar o comissário de polícia de Narbonne:

— O senhor alguma vez ouviu falar de um tal Rossel?

— Nunca! — responde o comissário — Estou mesmo inclinado a pensar que essa é uma história inventada pelos acusados e seus amigos!

— Os senhores jurados apreciarão essa história sem pés nem cabeça! — conclui, inrônicamente, o presidente — E não vão esquecer, certamente, que uma das duas vítimas apontou o seu assassino: Joseph Borras foi reconhecido por Dominique Pradiès.

Realmente. Pradiès havia **reconhecido** Borras, mas não imediatamente nem tão formalmente como o pretendia a acusação; começara por dizer — ao contrário — que não conhecia o homem que o atacara.

— Conheço de vista, mas não sei o nome. Era louro, tinha o rosto marcado pela bexiga e era homem de 30 a 35 anos.

Nada disso se aplicava a Borras, que tinha apenas 25, era moreno, não apresentava qualquer marca nas faces, sendo ainda por cima pessoa muito conhecida de Pradiès. Mais ainda:

— Minha mulher — pôde ainda dizer o desgraçado velho em seu primeiro interrogatório — apanhou uma bengala-estoque e feriu com essa arma o ombro do assassino; deve ter feito ferimento profundo.

Borras não tem qualquer ferimento. Nem sequer um ligeiro arranhão.

Nestas condições, como Pradiès pudera apontar Borras?

Não é difícil de compreender. O proprietário havia declarado:

— Ouvi, de meu quarto, os dois homens que diziam, à guisa de apresentação: "Nós somos os espanhóis que trabalharam para o senhor."

Narbonne inteira sabia que **êsses espanhóis** eram Villarubia e Borras; e desde êsse dia a opinião pública apontara Borras como culpado. Enfraquecido pelos ferimentos aos quais não resistiria, Pradiès se deixara sugestionar e nos seus interrogatórios ulteriores, detalhara:

— Reconheci Joseph Borras!

Em vão, os defensores do espanhol solicitaram novas sindicâncias. Em vão, durante o julgamento, Villarubia se curvou para o seu advogado, perguntando:

— Que poderei "pegar"?

— Dez a vinte anos.
— E Borras?
— A morte.

O veredito foi sem indulgência: nenhuma circunstância atenuante. A Côrte condenou Guillaumat e Borras à morte; Villarubia a dez anos de trabalhos forçados.

A PIEDADE DO DIRETOR — Felizmente, um jovem magistrado, substituto de Crozala, rebelou-se contra o **parti-pris** com que os magistrados profissionais e os magistrados populares haviam perseguido o pobre Borras. Reuniu alguns homens de bem aos quais explicou o caso minuciosamente e que logo entraram a agir; a 19 de junho de 1888, o presidente da República comutava a pena de Borras para a de trabalhos forças e prisão perpétua; o pior estava evitado.

Pronunciadas as condenações, os dois outros acusados falaram, afirmando com evidente sinceridade a inocência de Borras. Novo fato ia demonstrar essa inocência de maneira tão positiva que os mais cegos e teimosos teriam que curvar a cabeça: Rossel fôra prêso na Espanha e confessara, narrando o duplo crime de maneira clara e que concordava, ponto por ponto, com as confissões de Guillaumat e de Villarubia. Infelizmente, sendo espanhol, não podia ser extraditado em virtude dêsse princípio de que "nenhuma nação entrega os seus nacionais a um outro país."

Mas a opinião pública **pegara fogo** tão fortemente em favor de Borras como se apaixonara contra êle, durante o processo. A história criminal conhece inúmeras reviravoltas dêsse gênero. No princípio de janeiro de 1889, estando já decidido o embarque de Borras para a Guiana, chegou uma ordem à prisão de Avignon, onde o infeliz estava provisòriamente hospitalizado: "sustassem tôdas as providências no sentido da transferência do infeliz espanhol". O ministro da Justiça, Armand Fallières (futuro presidente da República) mandava abrir inquérito **"a fim de agraciar pura e simplesmente a vítima dêsse escandaloso êrro judiciário, um dos mais incompreensíveis e mais inadmissíveis dos nossos arquivos judiciários"**. No dia 10 de junho de 1890, o "Oficial" publicava essa graça plena e total.

★

Borras foi confrontado uma última vez com Guillaumat e Villarubia que imploraram o seu perdão e juraram mais uma vez a sua inocência.

— Os senhores já têm a minha cabeça — disse Guillaumat — Sou culpado, realmente! Mas não tomem a dêsse inocente!

Último detalhe, não menos odioso do que todo o resto dessa monstruosa história: mal Borras saiu da prisão, o filho dos Pradiès moveu contra o espanhol um processo civil de "perdas e danos" para ser **indenizado** pelo assassínio de seus pais!

Incrível! Espantoso! A gritaria foi geral contra o jovem Pradiès. E tão grande a indignação popular que êle foi forçado a renunciar ao processo.

★ ★

«EU SÓ ACREDITO QUANDO VEJO!»

Eis o que sempre estamos ouvindo dizer. Entretanto, o fato de alguém ver determinada coisa nem sempre pode constituir uma prova segura — conforme demonstram os incidentes que passamos a relatar em seguida:

TUDO SERVE — Em Kansas City, a senhora de um funcionário de alta categoria da prefeitura local, depois de muito andar e procurar, encontrou, *exatamente*, o chapéu que desejava, na vitrina de uma loja. Satisfeitíssima penetrou na casa comercial e pediu o que desejava, fazendo minuciosa descrição e indicando a vitrina em que se encontrava. Então ouviu a resposta gentil, porém firme, explicando-lhe que "aquilo" não era chapéu e sim uma bôlsa para senhora.

★

VICIADOS! — Um navio de passageiros, procedente de Londres e dirigindo-se ao Canal de Suez cruzou com um pequeno veleiro árabe. Quando as duas embarcações ficaram lado a lado, do navio de passageiros, todos viram um homem estirado no tombadilho do veleiro, enquanto outro indivíduo, junto dêle, gesticulava desesperadamente. Logo o "liner" deteve a sua marcha, arriou um escaler e mandou o médico de bordo, com o enfermeiro, ver de que se tratava. Pouco depois todos voltavam com ar zangado. Os do veleiro, segundo parece, apenas queriam obter novo *suprimento de cigarros!*

★

FANTASMA — Ao longo de uma estradazinha não distante de Port Alberni, Colúmbia Britânica, uma noite, duas moças se viram repentinamente diante de um terrível "fantasma" *que flutuava ligeiramente sôbre o "fog" rasteiro*, balouçando-se lentamente, com os braços abertos, muito brancos... Gritando como se tivessem visto o próprio diabo, as duas moças correram para casa alarmando o pai e o irmão. Êstes, armados e auxiliados por vizinhos de boa vontade, saíram para a estrada a fim de descobrir e enfrentar o fantasma. De fato não tardaram a avistá-lo. Imediatamente voltaram para êle as luzes das suas lanternas elétricas e verificaram que se tratava de uma pacatíssima vaca que, passando sob a corda de uma lavadeira, apanhara com os chifres um grande lençol.

★

OLHA A COBRA! — "Scotland", um majestoso leão do jardim-zoológico de Glasgow, Inglaterra, acreditou ver uma cobra intrometer-se em sua jaula, um dêstes dias, e imediatamente atacou a "inimiga" a dentadas furiosas. A "luta" durou cêrca de meia hora, quando o leão, quase sem fôlego, tombou para um canto da jaula, tendo ainda perdido meia dúzia de dentes. Foi necessário socorrer o rei dos animais, aplicando-lhe respiração artificial por quinze minutos, para que recuperasse os sentidos. A terrível "cobra", que tanto enfureceu o leão — e quase o matou de emoção e cansaço — era apenas a *mangueira* de borracha reforçada com que pretendiam lavar a jaula!



EU DISSE QUE TE MATARIA!

Novela de DON PRINGLE

A morte estava sentada em minha própria cadeira favorita, quando abri a porta de entrada da minha casa.

Eu já havia visto aquêle rosto pálido e ossudo, com os olhos brilhantes, uma primeira vez, seis meses antes, quando saía de uma Casa Bancária em Ridgeville e, outra vez, quando o havia apontado para a polícia, entre as centenas de fotografias do seu arquivo — além de muitas outras vêzes, **em dezenas de pesadelos!**

Nicky Ragon levantou o braço que estava apoiado à poltrona e pude ver que em sua mão direita havia uma pistola. Os seus lábios magros mal se moveram quando disse com a sua voz pausada e fria:

— Entra e fecha a porta.

O mêdo apertou a minha garganta como um par de mãos monstruosas. A brusca pausa da respiração fêz-me doer o peito como doera semanas antes, após o acidente de automóvel. Como um autômato penetrei no **living-room** e fechei a porta.

— Surpreendido?

Os olhos de Ragon estavam voltados para mim e parados, como se pertencessem a uma figura de massa. As pupilas dilatadas tinham reflexos sinistros. A polícia tinha fichas que indicavam ser Nicky um viciado em drogas.

Confessei o meu mêdo, fazendo significativo gesto com a cabeça.

— Pensavas que eu não te encontraria, eh?

— Não.

Encostei-me à porta para agüentar-me de pé ou, pelo menos, para fazer parar o tremor dos joelhos. O delicioso cheiro do bôlo que minha espôsa havia preparado antes de sair com Jimmy para a **matinée** do cinema, ainda estava no ar.

Tínhamos planejado festejar meu completo restabelecimento. Êsse era o primeiro dia em que eu saía de casa em três meses!

Festejar! A náusea dançava em meu estômago...

Um sorriso torceu os lábios magros de Ragon. Os seus olhos continuaram parados, fitando-me, sem piscar, enquanto voltava a falar:

— Eu cumpro as minhas **promessas**! Disse que te mataria, caso fôsses dar o "serviço" na polícia...

"Há duas semanas voltei a Ridgeville, para cumprir o que tinha prometido. Encontrei a tua casa vasia. Uma pena, realmente! — foi o que pensei — O intrometido guarda-livros trabalha para me mandar para a cadeira elétrica e depois, espertinho, dá o fora, para fugir do meu alcance!

Nicky Ragon fêz uma pausa, respirando com fôrça. Depois, curvou-se um pouco para a frente enquanto retorcia os lábios de tal forma que deixou aparecer todos os dentes, como os de uma caveira.

— Queres saber como pude descobrir que tinhas vindo para cá?

Nada respondi. No "living-room" houve completo silêncio por alguns segundos, apenas quebrado pelo estalido do refrigerador, voltando a funcionar automàticamente. Sôbre o aparador do fogão de inverno, o relógio com intermináveis tiques-taques ia jogando para o passado incessantes e preciosos segundos. Dentro do peito eu sentia o coração bater, dolorido.

Finalmente falei:

— Você está aqui... Não faz diferença saber como veio até cá!

Ragon esboçou um ligeiro levantar de ombros, mas continuou sorrindo, enquanto dizia:

— Mas eu faço questão de que saibas como Nicky tem sorte! Ante-ontem, estava eu pensando como era vergonhoso não saber para onde tinhas fugido.

"Estou morando num hotelzinho de beira de estrada, em Denver City, desde o caso do banco. E ante-ontem pensava muito nisso, quando desci a escada para ir comprar uma camisa, na loja do andar térreo.

"Foi ali, sôbre o balcão que vi um jornal. Um nome logo atraiu o meu olhar. Curvei-me para ver melhor. Lá estava... Steve Drucy! O guarda-livros! O espertinho que eu procurava!

"Agarrei o jornal como se fôsse um monte de ouro... e tratei de ler. Era noticiazinha ligeira. Dizia que tinhas sofrido um desastre de automóvel. E dava o teu endereço...

"Olhei para a data e verifiquei que era um jornal antigo, velho de três meses. Por isso imaginei que já devias ter deixado o hospital. Por isso vim de mansinho para Queenstown!

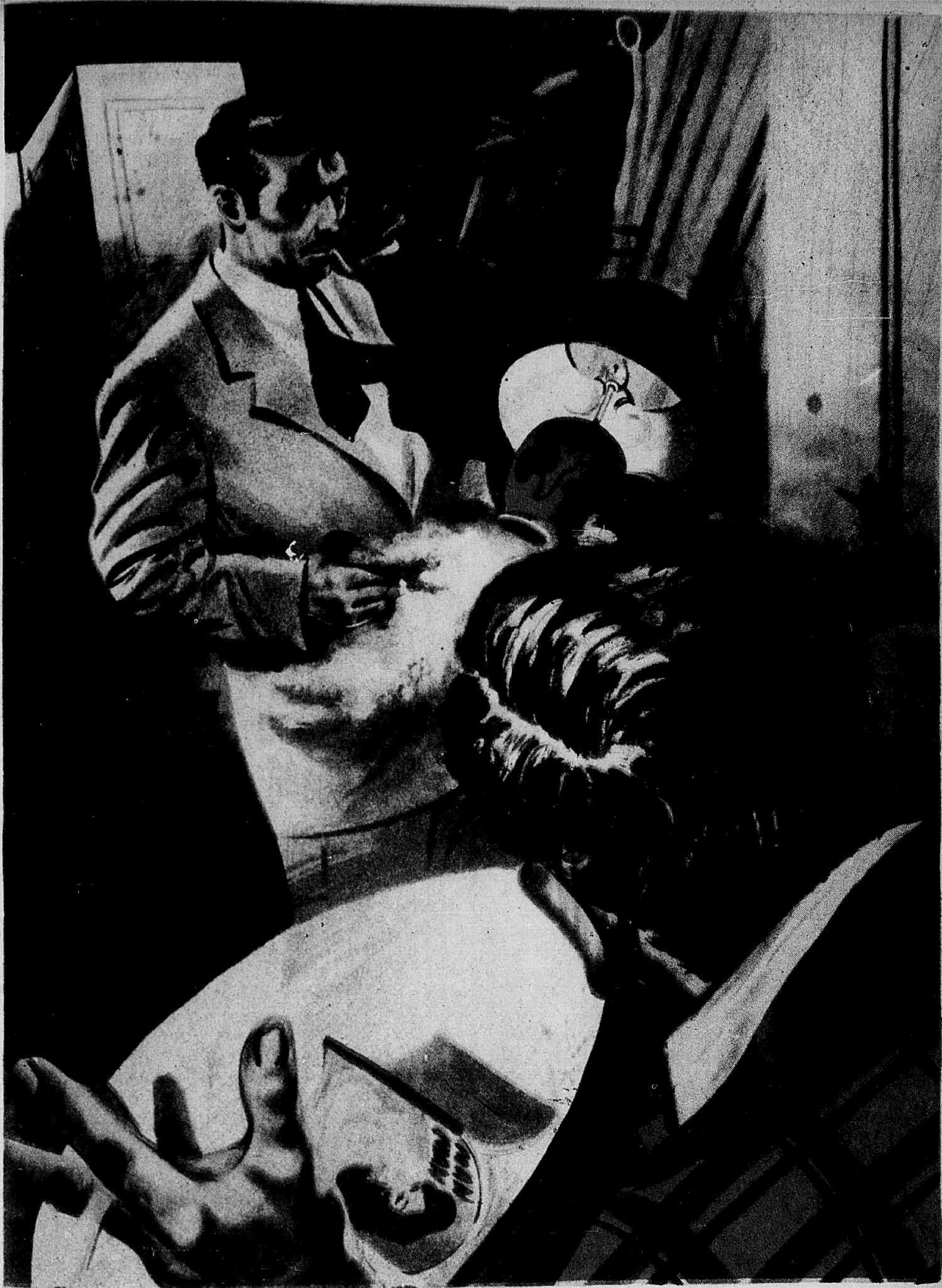
"A porta da casa estava apenas fechada com o trinco. Como não vi os moradores... sentei para esperar! Sorte a minha por encontrar aquêle jornal. A sorte e Nicky sempre andaram de braços dados..."

Sorte! O mêdo desapareceu totalmente. Lágrimas encheram os meus olhos. Qualquer coisa como um riso, como um grito de angústia encheu a minha garganta. **A sorte e Nicky sempre andavam de braços dados!** Sentia-me magoado e irritado como quando se tem um dedo atingido por uma martelada. Foi com voz desesperada e desafiadora que gritei:

— Pois atire! Atire de uma vez! Vamos! Aperte logo êsse gatilho! Já me encontrou, hein? Pois atire de uma vez!

Êsse esfôrço para gritar fêz-me doer o peito e quase me impediu de respirar por algum tempo. Pontadas terríveis no peito e nas ilhargas quase arrancaram um gemido dos meus lábios.

QUANDO A MORTE SURGE DIANTE DE NÓS ALGUMA COISA AINDA PODE ACONTECER CAPAZ DE TRANSFORMAR A SITUAÇÃO...



Ragon crispou os dedos sôbre o revólver, num gesto furioso. Porém logo se acalmou e disse:

— Você está perdendo a cabeça. Está com tanto mêdo que não sabe o que está dizendo...

A sorte e Nicky andavam sempre de braços dados! Não... Positivamente eu não tinha mêdo de morrer assim. Tanto azar me perseguira últimamente, que o fato de Ragon me encontrar não me surpreendia nem revoltava. **Tinha que ser!**

Pouco depois do assalto ao banco, também eu me julgara com sorte. O caixa tinha visto o rosto de Ragon, quando a máscara que usava, desatado o laço, caíu ao solo. — e por isso fôra morto com um tiro!

Ragon intimara aos demais empregados — a mim inclusive — que nos deitássemos de rosto contra o chão, enquanto êle limpara o **guichet** do "recebedor". Eu havia esperado, então, que o miserável imaginasse que apenas o caixa tinha visto o seu rosto...

★

Infelizmente, os jornais noticiaram com estardalhaço que eu também tinha visto o rosto do ladrão e assassino e que iria examinar as fotografias, na Galeria existente no departamento especializado da Polícia e tentar apontá-lo às autoridades.

Ragon, por certo, anotou o meu nome e endereço pelo noticiário da imprensa, porquanto, imediatamente, tratou de me **prevenir** (por um chamado telefônico de longa distância) intimando-me a não proceder a essa identificação, pois se o fizesse êle me mataria!

Eu tinha visto quão friamente o miserável havia matado o caixa, e não estava muito certo de que êle não poderia executar a ameaça.

Por isso prometi a mim mesmo dizer à polícia que a foto não estava na **série** que me apresentasse. Já a polícia me indicara de que haveria um milhão contra uma probabilidade da fotografia do criminoso estar na galeria do arquivo policial.

Porém foi qualquer coisa acima da minha vontade! Quando vi a fotografia de Ragon apontei-a aos detectives. Creio que me sentiria como um criminoso, um cúmplice do bandido, caso não o tivesse feito.

★

As fichas indicaram que Ragon já estivera cumprindo longa sentença por tentativa de homicídio e roubo. Revelaram também que era contrabandista além de viciado e vendedor de drogas malditas.

Êsses fatos levaram-me a pensar que o criminoso não se atreveria a correr o risco de voltar a Ridgeville sòmente para cumprir a ameaça.

Apesar disso, raras foram as noites, no correr de todo o mês depois do assalto, em que minha mulher e eu não passamos de olhos abertos, na expectativa de ver surgir um revólver ou brilhar um punhal junto do nosso leito. Tão assustados vivíamos que desistimos de mandar Jimmy ao colégio.

Finalmente, não podendo suportar mais uma tal vida, decidi abandonar o meu emprêgo e mudar-me para outra cidade. Encontramos uma casa em Queenstown. Emprêgo, porém, só pude achar um mês mais tarde, como guarda-livros numa firma construtora.

No dia anterior ao em que devia receber o meu primeiro salário, meu automóvel teve um pneu arriado quando eu me apressava para casa. O veículo sofreu violento desvio e capotou numa vala profunda, onde ficou todo amassado e eu bastante maltratado, com várias costelas partidas.

Os médicos cercaram completamente o meu peito com espêsso colete de gesso, condenaram-me a um mês de imobilidade num hospital e depois mandaram-me para casa com mil e uma recomendações.

Cinco anos de economias serviram para pagar os médicos e a conta do hospital, sobrando apenas o necessário para viver decentemente até que pudesse retornar ao trabalho.

Mas êsse revés não conseguiu abater o ânimo de minha espôsa nem o meu próprio. Tínhamos uma filosofia: a de que tudo sempre acaba bem, desde que se dê a cada caso o tempo necessário.

E agora ali estava Nicky Ragon, pôsto no meu caminho pelos maus fados. Logo quem! Ragon! Com um prêmio de vinte mil dólares por sua cabeça e ainda estava livre... e vingativo!

O sorriso zombeteiro tinha agora desaparecido do rosto de Nicky. O escuro orifício na ponta do cano da pistola, voltada para mim, parecia um terceiro ôlho a fitar-me, frio e metálico, zombando do meu furor.

— Gosto de ver um rosto assim, quase morto de mêdo! — disse o miserável — A carne tremendo e o pensamento num desmaio, procurando adivinhar em que instante vai partir o tiro! Fica olhando para a ponta da arma... Assim! Procura adivinhar!

Contive um gemido de desespêro, enquanto o dominador continuava:

"E procura pensar, também, como tudo teria continuado a correr... "como um mar de rosas", caso tivesses ouvido o conselho de Nicky, eh? Não terias que morrer tão moço, nem estarias, agora, enfrentando esta arma, sem possibilidade de salvação.

"Quando eu estiver enjoado de olhar, então, sim: hás de ver o fogo saindo da bôca desta arma. Talvez eu já esteja enjoado neste momento... Continua olhando... Morrerás quando Nicky quiser!

Recostou-se na cadeira tendo nos olhos um terrível brilho de furor. Eu tinha as mãos apoiadas na porta, atrás de mim. Sentia que estavam com as palmas molhadas de suor. Tinha a impressão de que todos os músculos do meu corpo pulsavam como o relógio pendurado à parede na minha frente.

O relógio! Ali estava êle, de frente para mim. Ellen e Jimmy tinham saído para o cinema meia hora antes de eu próprio sair para dar uma volta. Quanto tempo havia passado desde então? Duas horas? Três horas? Já deviam estar a ca-

(Continua na página 92)

A PUPILA RUBRA

Por ANTHONY WYNNE

— Quer dizer... O senhor acredita que a minha descoberta pouco significa?

— Oh, não! Longe disso... uma tal descoberta deve ter uma significação. Para mim a dificuldade está em que não vejo qualquer interpretação para êsse enigma... a menos que êsse rapaz, Derwick, costume passear com uma bengala munida com biqueira bem estranha!

O médico mordeu os lábios. Havia esquecido essa possibilidade. Levantou-se para sair.

— Agradeço a acolhida que me proporcionou — murmurou êle com voz surda.

— Ao contrário, sou eu quem agradece por ter vindo visitar-me. Um sacerdote de aldeia sempre fica contente ao receber uma visita. Temos uma vida tão solitária... No inverno, principalmente!

Depois de visitar o sacerdote, o médico foi à residência do professor da escola pública, visitando, também, o secretário do prefeito. Nenhum dêles, entretanto, pôde adiantar qualquer esclarecimento. Nenhum dêles conhecia sequer de ouvir falar, qualquer louco ou idiota residindo em Calthorpe. Hailey foi a Bedfort no correr da tarde, reiniciar suas pesquisas, mas ali também sofreu doloroso revés. Na manhã de têrça-feira regressou a Londres. Tôda esperança de seguir a nova pista parecia ter desaparecido.

Chegou à estação de King's Cross tarde da noite, dirigindo-se diretamente para casa. Nenhuma carta o aguardava, embora tivesse alimentado a esperança de que alguma encontraria. A ansiedade sempre causa essa sensação nas pessoas de temperamento nervoso. Só depois de estar estirado no leito teve nítida idéia do seu estado de esgotamento físico.

Apesar disso já estava de pé, muito cedo, na manhã seguinte, com o espírito preocupado pelo pensamento de que apenas um dia restava antes do início do julgamento.

O criado já colocara ao seu alcance os jornais da manhã, aos quais lançou um olhar ansioso. Todos tratavam com destaque dêsse processo que prometia ser uma causa célebre, do gênero sensacional. Jogou-os para o lado, levantando-se.

Não lhe fôra possível fazer mais! Segundo previa, só restava à defesa de Derwick negar, pura e simplesmente, a autoria do crime. Todo o fardo das acusações pesaria sôbre êle, quase sem defesa. Se pudesse demonstrar — e nesse dia cinzento de manhã de inverno, em Londres, essa esperança parecia bem frágil — que outra

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Jack Derwick, advogado residente em Londres, era noivo de Miss Estele Armand, filha do jurista Sir William Armand, homem de fortuna e com excelente casa acastelada em Calthorpe, perto da praia. Um dia, com surprêsa, Miss Estele comunica ao noivo que Sir William não queria mais o casamento. Jack procura indagar dos motivos de tão insólita decisão, mas a jovem, contristada, lhe responde que nada pode mais adiantar, e que êle considerasse o caso encerrado. Estava disposto a regressar a Londres, quando, naquela mesma noite, foi notado o desaparecimento de Sir William Armand. Entregue o mistério ao detective Biles, êste embarca em direção a Calthorpe a fim de avistar Miss Estele. Há suspeitas de que Jack esteja envolvido no caso, embora haja ainda uma terceira personagem, Mr. Sawyer que, na tarde do desaparecimento de Sir William, mantivera com êste uma conferência no albergue local. O comissário Robson está procurando ajudar o enviado da Scotland Yard, mas ainda não se manifestou um indício capaz de produzir uma pista. Miss Armand confessa que apesar de tudo ainda ama Derwick e que não mais o viu depois do rompimento. No Touro Negro, onde alugara um quarto, encontra uma ponta de cigarro de procedência estrangeira e a criada informa que o mesmo pertencera ao Sr. Sawyer, o homem de gôsto refinado e que fazia questão de bebidas da melhor qualidade, tendo aberto, pessoalmente, uma garrafa. Examinando essa garrafa, Biles descobre a marca digital revelando uma larga cicatriz. Indo ao bosque, na manhã seguinte, encontra um objeto de forma arredondada lembrando uma pérola grande, mas de frágil consistência. Resolve procurar seu velho amigo, Dr. Hailey, e exibe-lhe o achado, e o médico, imediatamente, afirma tratar-se de uma pupila humana e que o homem a quem ela pertencia devia ter sido assassinado. Os patologistas da Home Office, confirmam a natureza do achado e o Dr. Hailey se oferece para ajudar nas pesquisas. Juntos vão interrogar Derwick e êste declara que após o rompimento do noivado saiu a passear, indo tomar chá com o reverendo Hargreave. Apenas avistara Miss Armand, quando Biles lhe informa que Sawyer viajara para Londres no mesmo trem que êle próprio, Jack estremece e exclama: "O homem da pelerine comprida!" acrescentando que o mesmo usava barba e tinha os olhos amendoados, pequeninos. Novamente no bosque, agora com o médico, êste descobre, numa árvore, fragmentos de pele humana. Deduzem, então, que o corpo deve estar próximo. Medindo o terreno em redor e pesquisando melhor, descobrem uma fôlha manchada, aparentemente, de sangue. Depois de minucioso exame do local, o Dr. Hailey conclui que Sir William fôra assassinado e seu corpo escondido no local ideal... no próprio cemitério da aldeia, num túmulo recém-aberto e que por isso mesmo não despertaria a atenção da polícia com a sua terra ainda fôfa por ter recebido conhecida figura do local. Assim realmente fôra feito pelo assassino... Quem era êle, porém? Nem Derwick nem Sawyer teriam tido tempo para executar todo o plano. Miss Armand? Porém esta também desaparece, levada em automóvel por um desconhecido, justamente quando a polícia pretendia interrogá-la e prendê-la, juntamente com o ex-noivo, Jack Derwick. Hailey decide vigiar os passos de Blunder, o sócio de Sir William. Descobre que o mesmo tinha relações em Londres com uma atriz teatral e que, ùltimamente, deixara de comparecer ao escritório alegando estar doente. Vai procurá-lo e pouco pode arrancar do solicitador. Pouco depois Biles vem anunciar a Hailey a prisão de Derwick, que não parece satisfeito com a notícia. Na mesma noite vai postar-se à porta do escritório de Blunder. Quando êste sai, já noite, segue-o em seu automóvel. Blunder, após longa viagem, volta a Londres e ali, num arrabalde tranqüilo penetra num velho casarão. Hailey vai em seu encalço, penetra na casa e ouve gritou de dor ou de agonia. Revólver em punho, penetra num quarto e surpreende Blunder com um médico e uma enfermeira. O advogado afirma que ali estava para salvar Miss Estele Armand, que enlouquecera. Afirma que a

pessoa estava presente no teatro do crime, talvez nascesse uma dúvida no espírito dos jurados — e isso salvaria Derwick. Era o mais que se poderia esperar da evidência do "mau olhado"! Hailey desejava, ardentemente, que a grande reputação do professor Mildmay, como etmologista distinto, fizesse sentir todo o seu pêso, no correr do julgamento.

Só lhe restava um serviço a prestar ao acusado. O de tranqüilizá-lo a propósito dos cuidados prestados à criatura que amava. Reservara êsse último dia para a visita que desejava fazer a Hazlemare de maneira que, acontecesse o que acontecesse em Newcastle, Jack se apresentaria diante dos seus juízes com a certeza de que Estela estava em segurança.

Deixou Londres cedo ainda, pouco depois do almôço, e chegou à Hazlemare duas horas depois. Deu ordem ao **chauffeur** para conduzir o veículo através da aldeia e subir diretamente a avenida que conduzia à residência.

Quando ali chegou, o casarão lhe pareceu ainda mais solitário e abandonado que da primeira visita. Fêz soar o enorme sino sôbre o portão principal, porém as suas notas metálicas não despertaram outro ruído senão os próprios ecos. Ninguém veio atender.

Repetiu o chamado, agora mais vigorosamente, mas só o silêncio recompensou os seus esforços.

— Parece que não está ninguém, senhor — disse o **chauffeur** que o acompanhara até ao patamar e que tentava examinar o interior de um dos quartos por uma fresta do térreo.

— E' o que receio, justamente!

— Devo dar volta à casa, para saber se, de fato, há alguém do outro lado?

O Dr. Hailey concordou com a idéia. O **chauffeur** estêve afastado uns minutos. Quando voltou parecia desanimado...

— Está tudo em silêncio... — disse êle — Mas há uma janela ligeiramente aberta, junto da porta dos fundos.

Sem dúvida, era a janela que êle próprio abrira! O médico deu volta à casa e passou pela porta que havia examinado tão atentamente na noite da sua primeira visita. Tudo estava abandonado. Chegado à janela entreaberta, abriu-a totalmente e chamou, com um grito, para o interior. Só o eco respondeu.

— Espere aqui mesmo, até que eu volte — disse êle — Vou ver se deixaram alguns vestígios...

Àgilmente galgou a janela e saltou para o interior. Diante dêle, o corredor estava sombrio e silencioso. Empurrou a porta e passou para o vestíbulo. Não ouviu nenhum ruído. Ficou alguns instantes atento, depois subiu a escada. Deteve-se novamente, agora no patamar, mas nada ouviu. Dirigiu-se, então, para o quarto onde encontrara, sentados, Blunder e o médico.

Empurrou a porta. **O quarto estava vasio!**

Lançou olhares consternados para todos os lados. Nada parecia haver mudado desde aquela noite. Sôbre um prato, os sandwiches, agora endurecidos, ainda se ofereciam, assim como o sifão. As cadeiras estavam na mesma desordem em

---

causa do rompimento do seu noivado com o jovem Derwick, por imposição do pai, que já tinha sido por duas vêzes vítima da filha que, num dos acessos de loucura, tentara matar o próprio pai. Fôra por piedade que escondera a desgraçada, para que não caísse nas mãos da polícia, que sem dúvida ligaria todos os fatos e lançaria Miss Armand na prisão como assassina de Sir William. O velho fôra assassinado porque intimara Miss Armand a romper o noivado, embora contra os conselhos dêle próprio, Blunder. Porque êle era... Sawyer. Difarçara-se mesmo a conselho de Sir William, que não desejava que seu drama íntimo chegasse ao conhecimento público. Depois de examinar ligeiramente Miss Armand, Hailey se retira e na mesma noite recebe a visita de Biles, que lhe relata detalhes do inquérito contra Derwick. Hailey tudo ouve como se pensasse noutra coisa e só parece interessado quando o policial declara ter encontrado uma carta de Sir William para Lady Windwest. Carta apenas iniciada e deixada por terminar. Armand & Blunder eram os procuradores dessa senhora, que se encontra bastante enfêrma. Então Hailey fica imaginando se Blunder não se apropriara do dinheiro de Lady Windwest para ser gentil com a atriz Poppy de Vere. Por intermédio de uma sua velha amiga, antiga atriz teatral, consegue aproximar-se de Miss de Vere e verifica que essa jovem atriz está muio aborrecida porque as representações da peça em que era a primeira figura tinham sido suspensas da noite para o dia (por elevados prejuízos, segundo soube pouco depois). Como quem nada quer, cita o nome de Blunder como principal financiador da peça e Poppy de Vere nega indignada, afirmando que apenas conhece muito levemente o solicitador. Pensando talvez que Hailey fôsse homem rico e amigo de aventuras, convida-o a seguir, insistentemente, para a sua residência, para tomar chá. Hailey imediatamente compreende que Blunder amava loucamente a atriz e que estava de fato arruinado. Restava saber se o desastre tinha ligação com o desfalque da firma e o desvio dos dinheiros de Lady Windwest. Talvez tivesse sido êste o motivo por que Sir William fôra a Londres e depois recebera a visita de Blunder no "Touro Negro" e tanto falara em honra e em decisão suprema. E' que também êle ficaria desonrado pela atitude desonesta do sócio, desonra a que não escaparia sua própria filha... E para não salpicar na lama o nome de Jack Derwick... forçara a filha a romper o noivado com o rapaz... E, caso Sir William tivesse reposto o dinheiro, com sacrifício da sua própria fortuna... a sua morte tudo apagaria e salvaria duplamente a Blunder! Mas era preciso que isso fôsse mesmo verdade. Por isso vai visitar Poppy e tudo se confirma. Blunder está apaixonado pela atriz, já perdera tôda a sua fortuna para sustentar seus caprichos teatrais e tem um ciúme terrível. Mas deve também ter arranjado mais dinheiro, pois anuncia que os espetáculos vão começar. Quando Blunder se retira, ela ouve de Hailey a revelação de que o solicitador talvez fôsse culpado de um grande crime e, então, resolutamente, defende-o e diz que vai revelar a Blunder tôda a monobra de Hailey contra êle. Na mesma tarde Biles revela ao médico que Blunder era o único executor testamentário de Sir Armand e que êste deixava tôda a fortuna para a filha. Hailey nada lhe diz sôbre o paradeiro de Estele mas assegura não acreditar na culpabilidade de Derwick e que vai ajudar o rapaz. De fato visita-o na prisão e o prisioneiro recusa acreditar no que lhe conta o médico sôbre as razões da ruptura do noivado. Para êle, Estele nunca fôra enfêrma. Horas depois, na aldeia de Calthorpe e no Touro Negro os comentários que ouve deixam Hailey desanimado. Todos acreditam que Derwick é o assassino. Voltando a examinar o local do crime, descobre, numa árvore, a marca como a de um ôlho, igual à que já vira no Museu, referente a sinais supersticiosos contra mau olhado. Isto significaria que na região havia ainda quem acreditasse nessas tolices? Algum fanático? Fanático perigoso? E' o que precisa averiguar. Visita várias autoridades no assunto e continua indeciso. Visita igualmente o reverendo Willoughby, pois êste, por certo, poderia indicar algum residente praticante dessas superstições.

que as deixara — a sua, a de Blunder e a do médico... No cinzeiro, as pontas de vários charutos.

Penetrou no quarto da **doente** e de seus lábios saiu um som como o de um gemido de agonia. Sôbre o soalho estavam os lençóis. Mas a pobre moça para quem tinham servido, desaparecera! Um copo sôbre uma mesinha, junto do leito, continha algumas gotas de um líquido. Cheirou-o e sentiu o odor característico do cognac. Era tudo o que havia naquele quarto!

Voltou para o vestíbulo com a esperança de encontrar alguma coisa que lhe indicasse quando e como haviam fugido; mas, segundo sabia muito bem, Blunder não costumava revelar seus movimentos com as coisas que deixava atrás de si. Nada havia... O próprio papel mataborrão não continha qualquer mancha de tinta.

E, no entanto, agora que a sua memória clareava, verificou que aquilo fôra acrescentado **depois da sua última visita**, porque, então, não havia nem tinta, nem pena, nem papel mataborrão! Por isso perguntou a si mesmo que necessidade haviam tido os dois homens dêsse material próprio para escrever.

Apanhou um bloco de papel e examinou-o, mais por fôrça do hábito que pela esperança de encontrar alguma informação. Faltavam-lhe algumas páginas, que haviam sido rasgadas. Procurou na lata do lixo e também no fogão de inverno, onde algum pedacinho de papel talvez tivesse escapado ao fogo; de fato, ali estava uma ponta de página, intacta.

O médico concluiu que o fogo devia ter morrido no instante em que o papel tinha sido lançado. Tinha a impressão de que a fuga fôra efetuada logo após a sua partida daquela casa, pois de outro modo teria havido alguma mudança nos arranjos dos móveis. Era também muito provável que tivessem partido a tôda pressa.

Que triste e inquietadora notícia para comunicar a Derwick! Um mêdo terrível se apoderou do Dr. Hailey, ao pensar que talvez a filha tivesse encontrado fim igual ao do pai. Desceu a escada precipitadamente e saiu da maneira como havia entrado.

— Você vai me ajudar a dar uma busca no jardim — disse êle ao seu **chauffeur**. Trate de encontrar qualquer marca fresca de terra revolvida...

Fizeram, ambos, um minucioso exame do solo. O terreno não fôra tocado por uma pá. O médico respirou aliviado. Em todo caso, êsse pensamento de horror abandonava, por enquanto, o seu espírito. Consultou o relógio: quatro horas. Mais uma hora e o dia teria terminado. Resolveu passar a noite em Hazlemere.

Dirigiu-se ao hotel e informou-se a respeito do mais importante agente de locação do lugar. Subiu a rua principal até chegar ao endereço que lhe fôra indicado. Um empregado o recebeu, indagando o motivo da sua visita.

—Desejo informações sôbre a casa situada na estrada de Highdown... Uma casa grande, tôda cercada de jardins. Não sei o nome...

— Sei qual é — disse o empregado do escritório. — Infelizmente não está com a nossa agência. O senhor deve procurar, em Londres, a firma "Armand & Blunder".

— Hein?

— "Armand & Blunder"... A firma de Sir William Armand!

Ao falar, o jovem funcionário da agência dava a impressão de estar a par dos detalhes do caso Armand. Aparentemente, os habitantes de Hazlemere se orgulhavam de estar metidos, mesmo de longe, no caso mais sensacional dos últimos tempos.

O médico conteve difìcilmente a própria agitação. Compreendia agora a razão que levara Blunder a escolher aquela casa como cena do prólogo de um drama cujo fim mal podia entrever. Blunder tinha as chaves inteiramente à sua disposição.

— Mas... a casa a que me refiro não foi utilizada, recentemente, como clínica?

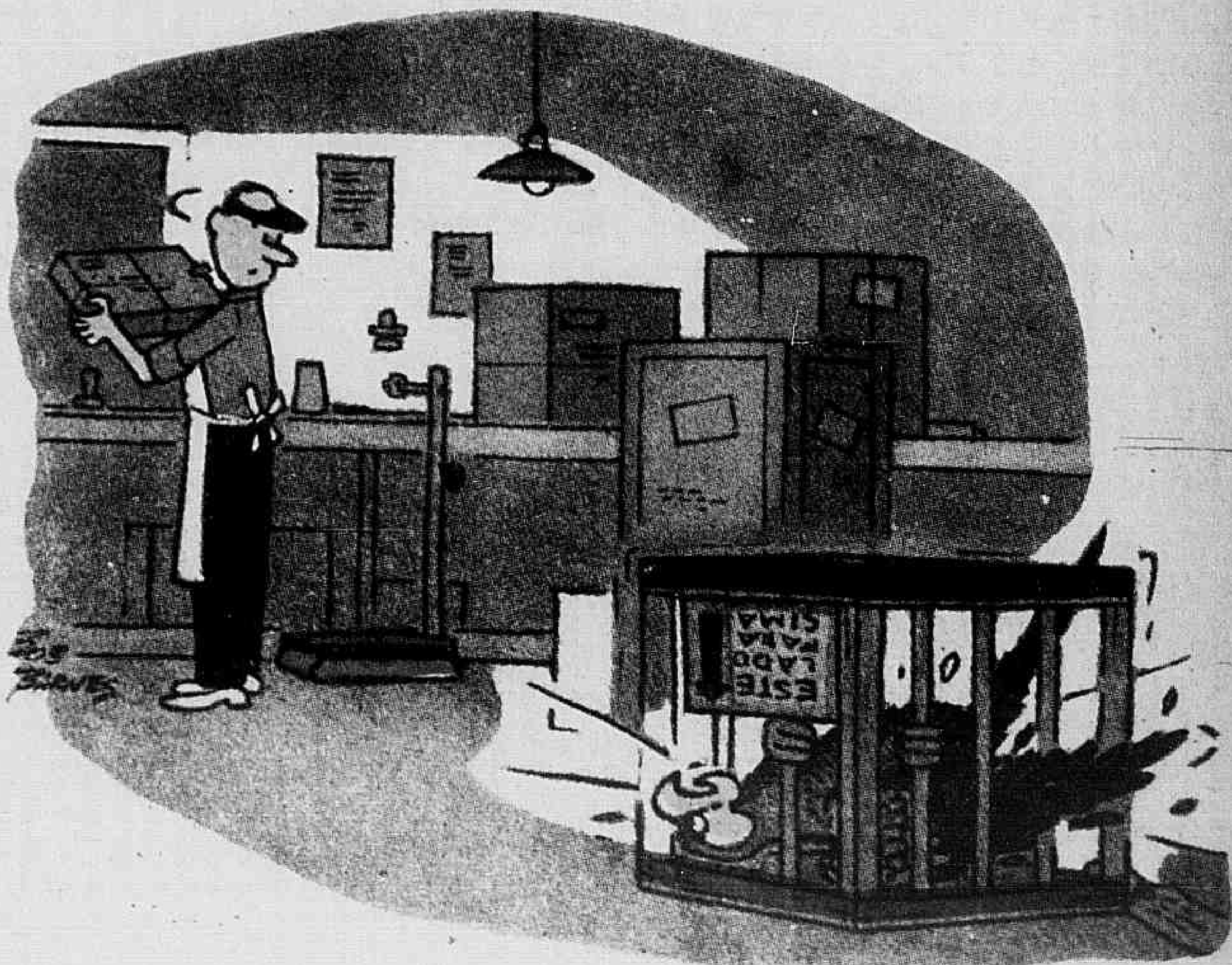
— Não... que eu saiba, senhor. E, é claro, logo seríamos informados, em caso afirmativo.

— O senhor quer dizer que... a casa está desabitada há muito tempo?

— Sim... Há, pelo menos, um ano. Várias pessoas vieram ver, mas não pareceram interessadas... Talvez pedissem muito dinheiro...

— Sabe se uma dessas pessoas... era um médico?

— Não, senhor... Não sei... Ouvi dizer que ali viviam, ùltimamente, um vigia com a espôsa, para limpar e arejar... Mas como isso não nos interessava não prestei maior atenção ao que diziam.



— Ei, estúpido! Não sabe ler?

CAPÍTULO XXIV

Um atestado médico

A situação era horrorosa em extremo. Encarando-a bem de face, o Dr. Hailey chamou a si mesmo de imbecil e de **foca.** Como pudera aceitar como verídica aquela história de clínica?

No entanto, passado o primeiro movimento de cólera, não se surpreendeu de ter sido enganado. Não tivera sob os olhos o espetáculo da pobre moça semi-louca, prova convincente da história que lhe fôra contada? Prova que mesmo a sua experiência profissional aceitara como autêntica? Como poderia ter duvidado do testemunho dos seus próprios olhos?

Mas fôra enganado! As suas primeiras suspeitas contra Blunder estavam plenamente justificadas. A corrida a Hampstead só tivera por fim fazê-lo cair numa armadilha, sem dúvida porque o solicitador se sentia espionado e perseguido.

Que plano hábil! Ocorreria um "acidente" em que talvez perdesse a vida. Em caso contrário, seria apresentado à honesta Sra. Blunder e à filha e, a seguir, passaria a noite trancado no próprio quarto de dormir! O chamado telefônico fôra apenas para não despertar as suspeitas da espôsa...

Seu cálculo fôra o de ter doze horas de avanço e as mãos absolutamente livres para agir. O tempo que perderiam os seus perseguidores, procurando descobrir a sua pista, seria suficiente para concluir o negócio à sua inteira satisfação.

Hailey, no automóvel da Sra. Blunder, estragara todos êsses planos. Mas com que sangue frio o miserável neutralizara a vantagem inesperada, obtida pelo adversário! Quanto mais refletia mais admirava o gênio do solicitador. Até as lágrimas de Blunder tinham sido maravilhosas, mesmo que tivessem sido reais. Hailey bem sabia: **um homem pode chorar copiosamente e ser um miserável!** As lágrimas de muitos celerados muitas vêzes são originadas pelo mêdo. Depois, repentinamente, a lembrança do belo uniforme de enfermeira usado pela espôsa do "doutor" Parson, voltou ao seu espírito. Não fôra para êle, Hailey, que a mulher vestira aquêle uniforme, pois que êles não esperavam absolutamente a sua visita em plena noite, em Dalswinten.

— **Para quem, então, estava ela vestida daquela forma?**

Pouco a pouco chegou a se convencer de que **embora os conspiradores não esperassem receber o visitante que afinal tiveram, sem dúvida esperavam um visitante!**

Essa, provàvelmente, a razão da presença de Blunder naquela casa. Ali fôra a fim de assistir a uma entrevista importante, onde a presença de uma enfermeira era coisa essencial. Qual poderia ser o objetivo dessa reunião?

E, fato ainda mais importante que todo o resto: **a que meios infames haviam recorrido para enlouquecer a pobre moça?**

Sem dúvida, alguém de Hazlemere devia ter desvendado um pouco o segrêdo. Miss Armand devia ter habitado a casa por muitos dias e seus carcereiros necessitado de alimentos durante todo êsse tempo. Hailey decidiu, antes de jantar, visitar o maior número possível de negociantes locais especializados em vender provisões alimentícias.

Entrou numa **crèmerie** e depois num açougueiro, mas nos últimos doze meses nada haviam vendido para Dalswinten e ignoravam até que alguém mais, além de um vigia, tivesse morado na casa. Nada obteve também com o vendeiro e com o padeiro. Estava quase decidido a abandonar as suas pesquisas quando se lembrou da pena, da tinta e do tinteiro. Talvez tivessem sido comprados na aldeia.

E era verdade! Uma mocinha, numa papelaria, recordava perfeitamente haver vendido êsses objetos. Uma mulher fizera a compra, enquanto um homem ficara esperando, do lado de fora. Um detalhe curioso e que fixara êsse incidente em seu espírito: os dois personagens se haviam apresentado muito cedo, logo que a loja abrira as suas portas. Já esperavam, na calçada, quando a loja iniciou os seus trabalhos.

O médico agradeceu à jovem vendedora e voltou ao hotel. Havia poucos comensais e a sala de jantar parecia estar reservada para êle sòmente. Hailey escolheu à vontade à sua cadeira e entrou a refletir sôbre o motivo que assim levara os compradores tão cedo à papelaria.

Quando se retirou, já noite, não encontrara qualquer esclarecimento. Muito excitado para dormir, retorceu-se no leito, na vã esperança de escapar aos pensamentos que o atormentavam. Depois, durante uma hora, pareceu cair numa espécie de sonolência que não lhe rendeu qualquer repouso. Repentinamente, levantou-se com uma exclamação de surprêsa. Durante aquêle meio-sono, seu espírito encontrara nova solução.



— Ah! Um totòzinho..



— Agora, uma borboleta...

Evidentemente **era assim mesmo** que tudo devia ter ocorrido!

Consultou o relógio de cabeceira. Três horas. Nada poderia esperar poder realizar nestas poucas horas que lhe restavam. Voltou a deitar e então dormiu profundamente.

Ao despertar, o relógio marcava sete horas. Tomou banho, vestindo-se a seguir, ràpidamente. Antes de fazer uma primeira refeição, foi ao escritório do gerente e pediu-lhe os nomes dos médicos locais.

Havia três médicos, sendo um dêles quase **aposentado.** O Dr. Wellwisher, muito moço ainda, tinha clientela mais numerosa. Decidiu que sua primeira visita seria para êste e para lá se dirigiu logo que terminou a refeição.

Encontrou o médico em seu gabinete de consulta o qual o recebeu imediatamente com surprêsa e satisfação evidentes, tendo mesmo oferecido charutos ao **ilustre colega de Londres;** Hailey agradeceu e recusou.

— Desejo que me desculpe por minha visita tão matinal — disse Hailey. — Infelizmente os meus múltiplos negócios não me permitiram outro horário. O senhor, por certo, leu nos jornais o processo contra o Sr. Jack Derwick, acusado de haver assassinado Sir William Armand. O julgamento começa hoje, em Newcastle. E' a êste propósito que aqui me encontro!

O Dr. Wellwisher abriu muito os olhos, evidentemente surpreendido com êsse comêço. Talvez pensasse que o doutor de Londres não estivesse muito bom da cabeça.

—A propósito do "caso Armand"? Mas, meu caro senhor, não sei por que me diz tal coisa..,

Seu visitante esboçou um gesto impaciente.

—Diga-me — pediu, apressado — alguém veio buscar o senhor para examinar uma doente em Dalswinton Lodge? Uma débil mental?

O rosto do médico assumiu um ar de extrema gravidade. Hesitava...

— Compreendo — disse Hailey — O senhor hesita, antes de responder, devido à promessa feita... Mas posso afirmar que quando conhecer os fatos, não hesitará mais um segundo sequer.

— Como sabe que fiz uma promessa?

— Disseram-lhe, de fato, que tôdas as precauções tinham sido tomadas a fim de manter secreto êsse drama... Estou certo?

O jovem médico curvou a cabeça; o gesto, porém, podia significar assentimento ou apenas reflexão. Hailey insistiu, baixando a voz.

"— O senhor ignora, creio, que a moça que examinou era Miss Estelle Armand...?

— Como?

— Sim! A criatura que tôda a polícia do Reino Unido procura em vão...

— Sem dúvida o senhor está gracejando?

— Ao contrário, falo sèriamente! E o senhor se surpreenderá ao saber que a pista que eu seguia me levou a descobrir essa moça na mesma noite em que o senhor foi chamado. Pude vê-la, como o estou vendo agora, naquela casa.

Ao falar o Dr. Hailey tirou do bôlso um jornal ilustrado, que comprara em caminho, e com o dedo indicou uma fotografia.

— Aqui está a sua "doente" — disse êle.

Seu colega quase arrancou o jornal que êle empunhava. Ao examinar a fotografia o rosto do jovem médico ficou rubro e as suas mãos tremeram.

— Confesso — murmurou com voz sumida — que era muito parecida com a mulher desta fotografia... Eu não sabia que...

Sua voz morreu repentinamente. Mas logo ergueu a cabeça, exclamando:

— Disseram-me que ela, em seu delírio, acreditava ser Estele Armand!

Foi a vez do Dr. Hailey reter a respiração. Estava positivamente petrificado ao verificar a habilidade e segurança dos métodos de Blunder. Êsse homem era maior do que podia imaginar!

—Suponho — disse finalmente — que o senhor considerou êsse fato como um dos sintomas de loucura que então observou.

O médico reconheceu que isso era verdade. Perguntara à moça quem ela era e prontamente ouvira a resposta da infeliz, num raro momento de lucidez, afirmando que se chamava Estele Armand; isso fortificara a sua opinião de que a infeliz enlouquecera.

"— E a mesma razão, segundo creio, foi dada pelo Dr. Parson, que assinou o atestado de loucura... O homem que a chamava de filha...

— Sim, sim...

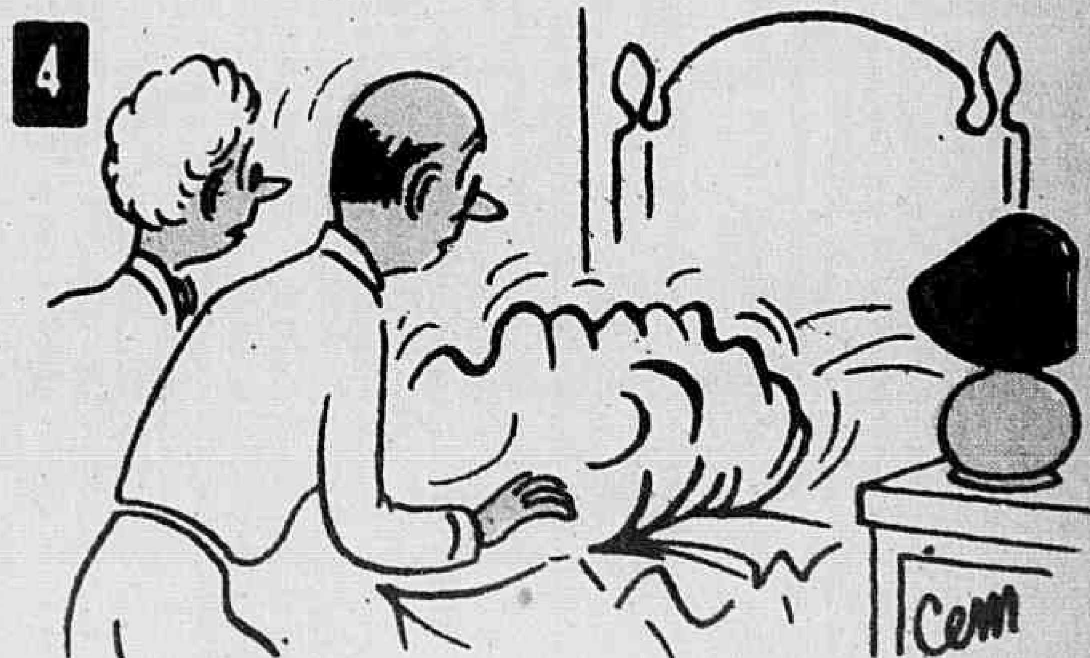
— Afirmou que a moça tivera o espírito atacado pelo ruidoso processo.

— Êsse homem é Blunder, da firma Armand & Blunder! E receio muito, doutor, que o senhor o tenha ajudado a libertar-se de uma testemunha muito perigosa... **para êle!**

O nervosismo do Dr. Welwisher já agora chegava a causar piedade. Não pode haver, talvez,



— Uai! Um lôbo!



— Que mêdo, ôh!

homem que mais receie um escândalo do que um médico de aldeia, pois que ninguém tem mais a perder do que êle.

— A moça foi colocada num asilo particular — declarou êle. — Eu mesmo a acompanhei, com o pai... quero dizer. com êsse senhor que se fazia passar por pai da infeliz mocinha. Êle parecia profundamente afetado com o drama...

— Devia estar, realmente.

O Dr. Hailey consultou o relógio.

— Quanto tempo levaremos para lá chegar? — perguntou êle — Tenho um automóvel à porta.

— Cêrca de uma hora.

— Muito bem. O senhor pode vir comigo, agora mesmo?

O jovem médico tinha pressa de reparar o mal que ajudara a praticar. Durante a viagem, descreveu a cena que se desenrolara em Dalswinton Lodge, e na qual, a contragosto, desempenhara papel destacado. Blunder, segundo parece, fôra procurá-lo logo às primeiras horas do dia, apresentando-se como o Cel. Herbert. Explicara-lhe que sua filha, vítima de crises mentais nos últimos cinco anos, enlouquecera completamente, uma semana antes, ao ler o relatório do "caso Armand". O pai alugara Dalswinton, ali instalando a filha, sob os cuidados de um médico e uma enfermeira. Infelizmente, a violência das crises aumentara assustadoramente e o médico tinha anunciado que o caso se tornava incontrolável, devendo ser encarado mais sèriamente. Na sua opinião, a enfêrma não podia mais ficar em casa e sim numa casa de saúde especializada.

"— O visitante desatou a chorar a essa altura da narrativa, cobrindo o rosto com as mãos. Tive pena dêle e prometi ir ver imediatamente a enfêrma.

— Naturalmente — disse o Dr. Hailey — êle agradeceu efusivamente.

— Oh, sim! Só faltou beijar-me!

Miss Armand, quando o médico a visitou, estava ainda em delírio, mas podia responder às perguntas feitas em voz alta. Não parecia de maneira alguma saber onde se encontrava e não revelava qualquer temor.

— Pude examiná-la a sós e naturalmente me convenci de que a infeliz estava sob o império de ilusões. Considerei uma sorte ter em casa um atestado de loucura. Logo que foi possível firmar o meu diagnóstico, o Dr. Parson, que já a examinara, preencheu a parte do documento que lhe cabia. Em seguida levei, no meu próprio automóvel, a pobre moça à casa de saúde. Conosco foi também o desolado pai.

Deteve-se e pouco depois acrescentou, baixando a voz, como se a notícia lhe doesse de certa forma.

— Na mesma ocasião êle fêz questão de pagar cinqüenta guinéus pela minha **consulta.**

— Quantia bem modesta, dada a circunstância!

— Realmente!

O automóvel chegou a um enorme gradil de ferro forjado. O Dr. Wellwisher se apoderou do fône acústico e ordenou ao **chauffeur** que buzinasse.

Pouco depois surgiu um homem fardado, que veio abrir o pesado portão.

O automóvel seguiu por uma aléia e não tardou a chegar diante de uma grande casa de tijolos vermelhos, onde parou. Evidentemente, Blunder não olhara despesa para instalar confortàvelmente a sua vítima...

E repentinamente surgiu no espírito de Hailey um pensamento que o encheu de terror. Afinal, Blunder podia ter agido de boa-fé! Se Estele Armand estava realmente louca, aquêle era, sem dúvida, um meio de evitar que fôsse prêsa.

Seria possível que êle, Hailey, tivesse vindo estragar um plano perfeitamente natural de salvar Estele Armand da vergonha e do desastre?

Penetrou no soberbo vestíbulo sentindo-se angustiado e hesitante.

Dentro de alguns minutos a sorte estaria lançada a favor ou contra êle!

CAPÍTULO XXV

Uma figura de Tragédia

O médico chefe da casa de alienados teve o dom de exasperar, de início, o Dr. Hailey. Era um dêsses indivíduos estúpidos aos quaes se chama de "homens de pulso" e com os quais é coisa dificílima tratar qualquer assunto quando é preciso tomar medidas urgentes.

Tinha o rosto de felino e seu lábio superior estava ornado com um bigode maltratado. Sua voz era forte embora cordial e quando o Dr. Hailey lhe explicou a rázão da sua visita, o outro deixou escapar um fino assobio, intempestivo e parecendo interminável. Era a sua maneira de estudar um assunto.

— Hmmm! Meus caros senhores — falou finalmente — Podem acreditar em Hillman (era êsse o seu nome). Reconheço a loucura quando a vejo e diga o que disser a pobre moça, e seja qual fôr o seu nome, não há dúvida de que a infeliz perdeu totalmente o juizo.

Afagou o bigode ao falar e o Dr. Hailey pôde observar que êle tinha olhos azuis.

— O senhor examinou essa moça recentemente? — perguntou Hailey num tom quase desafiador.

— Não... muito recentemente. Mas creia...

— Não se trata de acreditar no senhor! E' uma questão de fato. Podemos ver a enfêrma, agora?

O médico-chefe ergueu-se duas ou três vêzes nas pontas dos pés, num ridículo balanceio de corpo, enquanto refletia ou fingia refletir.

— Isso não é muito regular, penso eu — disse êle — Sem o consentimento do pai da moça... Perdão! Sem o consentimento do senhor que a trouxe até cá... A lei sôbre os alienados é muito estrita! O senhor deve saber que nos casos dêsse gênero...

— Não me interessam as leis sôbre os alienados!

— Infelizmente, não posso atender ao seu desejo, senhor...

Duas coisas eram evidentes. Primeiro: o Dr. Hillman conhecia pouco o estado dos seus doentes, ficando tudo a cargo das suas enfermeiras ou do seu assistente. Segundo: era do seu feitio dificultar tôdas as coisas.

Porém a atitude de Hailey mudou repentinamente.

— Neste caso — disse êle — só me resta telefonar ao chefe de polícia, em Scotland Yard, para informar que o senhor se opõe a que seja feita justiça, dando asilo a uma criatura contra a qual foi expedida uma ordem de prisão! E' assunto muito grave, segundo o senhor com certeza não ignora...

— Hein?

Os bigodes emaranhados pareceram perder instantâneamente o seu aspecto agressivo. Mesmo a expressão felina do médico se transformou em timidez.

— E' como acabo de dizer! — afirmou Hailey, com ar ofendido.

— Bem... Eu não pensava que fôsse assim tão grave. Vou mandar trazer a moça imediatamente. Se o senhor quiser esperar um instante...

O Dr. Hillman saiu, fechando a porta com grande cuidado. Era porta sólida, pesada, mas que fechou sem ruído. A casa parecia mergulhada em sombra e silêncio. O Dr. Hailey se voltou para o acompanhante:

— Sou capaz de apostar em que êle não examinou a pobre moça uma vez sequer, desde que ela ingressou neste hospital! — disse amargamente.

— E' o que penso, também!

O Dr. Wellwisher parecia muito preocupado com a própria responsabilidade, sentindo-se em posição bastante desagradável em todo êsse caso. Que má sorte a sua! Três médicos na aldeia e foi a êle que se lembraram de chamar para uma consulta! Felicitou-se, porém, por pertencer a uma sociedade que assegurava a proteção legal a todos os membros da sua profissão.

— De qualquer maneira, será necessário informar Scotland Yard?

— Sem dúvida!

A porta foi de novo aberta. O Dr. Hillman entrou, acompanhado por uma enfermeira e trazendo Estele. A pobre moça caminhava com dificuldade, apoiando-se pesadamente nos braços da enfermeira. Estava terrìvelmente pálida e os seus belos olhos pareciam os de um animal que se vê cercado por adversários implacáveis.

— Que vão ainda fazer comigo? — exclamou a infeliz — Oh! Suplico-lhes... Deixem-me sair daqui!

— Vamos, meu bem... Não tenha receio... — disse a enfermeira com a sua voz quente e carinhosa.

— Isso, minha filha... Não tenha receio — disse o médico, por sua vez, afagando-lhe a cabeça.

Era evidente que êle desejava convencer a seus dois colegas de que os enfermos do seu estabelecimento eram tratados de maneira a causar inveja às demais pessoas.

— Miss Armand? — disse o Dr. Hailey com a sua voz calma.

— Sim, sim... — Oh! Graças a Deus! Eis enfim alguém que acredita em mim!

Caminhou para êle titubeando e apoiou-se em seus braços.

"— Não diga, por favor, que o senhor também me considera louca e que fala assim para me causar prazer, como fazem as enfermeiras...

— Estou plenamente convencido de que a senhorita não é louca!

Ouvindo essas palavras, pronunciadas com voz segura, sincera e pausada, Estele cambaleou ligeiramente, voltando a apoiar-se no médico.

— Será melhor repousar alguns instantes — propôs êle.

Ajudou-a a caminhar até a uma poltrona e ali a instalou com o maior cuidado.

Estele recostou a cabeça com ar fatigado e fechou os olhos. Suas pálpebras tinham ficado tão brancas que mais acentuavam o arroxeado em redor.

— Procure repousar, senhorita... Não convém fatigar-se por enquanto — disse êle. A seguir, deixou-a para encarar o médico-chefe:

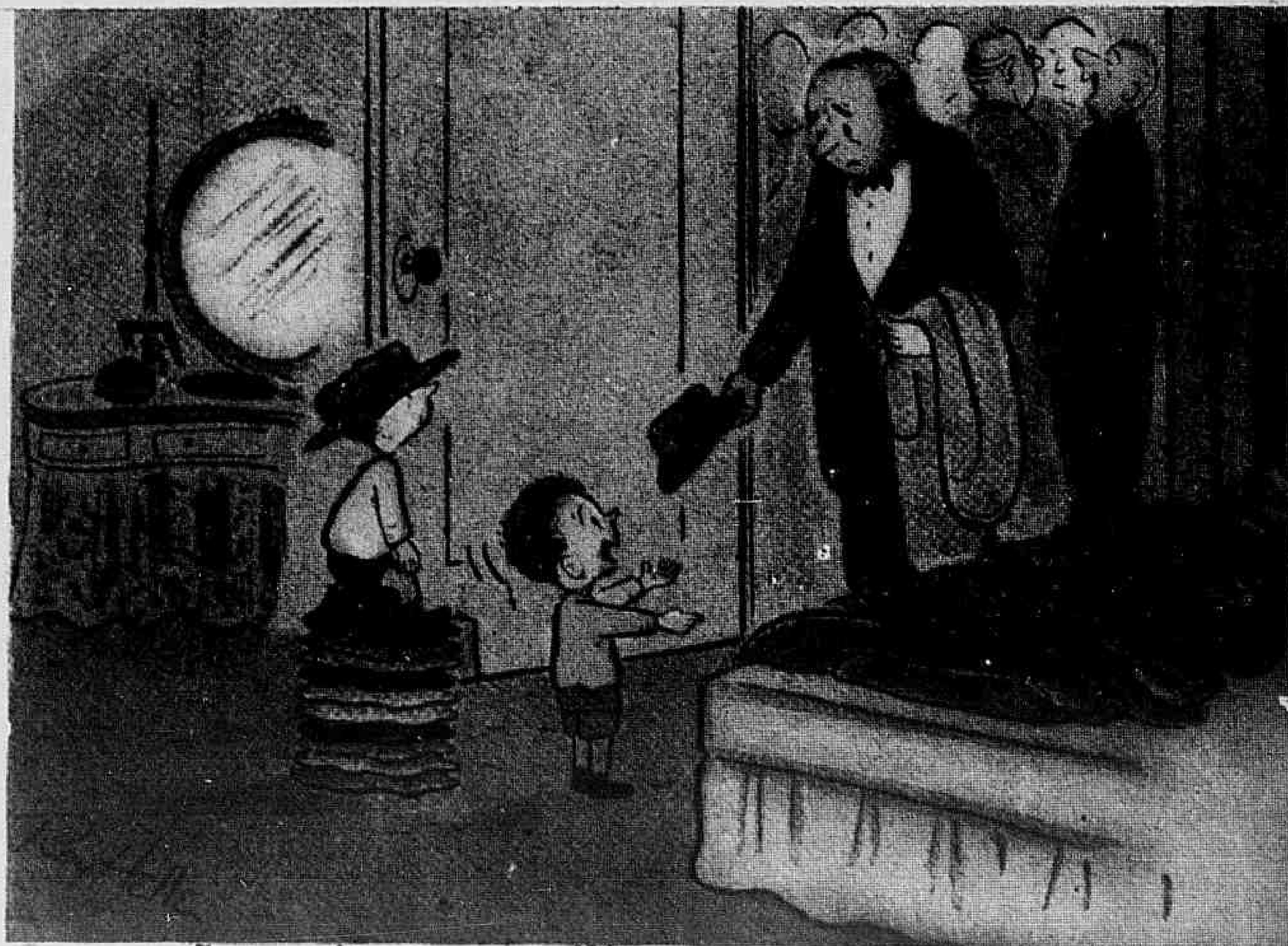
—Essa mocinha, evidentemente, está no seu perfeito juizo! — disse com ar severo.

— Hm... Sim. — Isto é, esta manhã ela está muito melhor... O ar puro e os cuidados que lhe dispensamos...

O Dr. Hailey, entretanto, sem poder conter a sua impaciência, fêz sinal ao médico-chefe, prevenindo-o de que desejava falar-lhe a sós.

Saíram da sala e uma vez no corredor, disse-lhe:

— O melhor para o senhor é telefonar pessoalmente para Scotland Yard quanto antes. O processo de Jack Derwick já foi iniciado esta manhã, em Newcastle e, evidentemente, essa moça é testemunha importantíssima para a defesa. Não há um instante a perder. Telefone e comunique exatamente o que se passou nesta casa de saúde; apenas, o senhor não tem necessidade de saber



— Capas ali, na cama. Nós tomamos conta dos chapéus.

o verdadeiro nome do "coronel Herbert", que trouxe essa criatura... a menos que julgue necessário.

— O senhor acredita que não há outro caminho a seguir?

— A menos que o senhor não queira ser prêso também, creio que não há outra saída para a presente situação...

O médico-chefe foi à cabine telefônica do corredor e o Dr. Hailey retornou para junto de Estele Armand.

Esta apresentava melhor aspecto e mesmo sorriu ligeiramente quando o viu aproximando-se da poltrona. Hailey foi apanhar uma cadeira, que arrastou para junto de Miss Armand, ali instalando-se. Depois apoderou-se de uma das mãos da enfêrma.

— Sente-se bastante forte para responder a uma pergunta? — indagou Hailey.

— Oh! Sim...

— Por que deixou Calthorpe daquela forma misteriosa, em companhia do Sr. Blunder?

— Porque êle me afirmou que, caso eu desaparecesse, a polícia não poderia prender Jack. Segundo declarou, não havia mais dúvida de que meu pai fôra assassinado e que Jack ia ser prêso. Ainda não tinham encontrado o corpo.

O rubor subira às faces da pobre Estele, restituindo-lhe tôda a beleza. Curvou um pouco a cabeça e a luz penetrando pela janela brincou um instante com os seus belos cabelos. A seguir, ela acrescentou:

— Eu era a única pessoa a saber que Blunder se encontrava no bosque ao mesmo tempo que meu pai!

Os olhos de Hailey brilharam intensamente, quando disse:

— Minha filha, ao menos duas pessoas o viram penetrar no bosque. Êsse fato foi relatado por todos os jornais, mas suponho que êle contava que você mesma não tivesse lido nenhum!

— Provàvelmente.

Sua voz se quebrou, vencida pela fadiga e Estele voltou a repousar a cabeça. Hailey compreendeu que prolongar êsse interrogatório era impossível, no momento.

— Sabe que prenderam o Sr. Derwick? — perguntou.

— Não... Oh!

Um gemido de angústia se escapou dos seus lábios. Endireitou o busto, fortificada por um novo vigor ao pensar que o homem a quem amava talvez necessitasse da sua ajuda.

— Conte-me tudo, por favor!

Hailey atendeu ao pedido. Enquanto falava, sua ouvinte permaneceu impassível, verdadeira figura de tragédia, cujo sofrimento não deixaria de emocionar os corações mais frios.

— O senhor acredita que êles permitirão que eu fale com Jack? — perguntou, finalmente, com a voz estrangulada pela angústia.

— Não poderão, pelo menos, impedir que deponha em seu favor!

O médico-chefe retornou nesse instante à sala. Parecia muito excitado e escudado por uma nova sensação de importância. Teria revelado imediatamente e sem rodeios de que se tratava, se Hailey não tivesse feito um sinal para que esperasse ocasião mais favorável para falar.

A enfermeira trouxe um caldo quente e ficou ao lado de Estele, enquanto esta ingeria a beberagem. Os médicos saíram da sala, dirigindo-se para o escritório do diretor. Então, Hailey anunciou que retornaria imediatamente a Londres e se dirigiria pelo trem noturno a Newcastle, a fim de se avistar com Jack no domingo, pela manhã. Sugeriu ao Dr. Wellwisher que acompanhasse a enfêrma até Newcastle, na manhã seguinte, caso a polícia consentisse.

— Êles vão enviar dois detectives para prender a moça! — disse o Dr. Hillman — Espero que a minha casa nada tenha a sofrer com êsse escândalo!

— Meu caro senhor — declarou Hailey sêcamente — o senhor terá que comparecer como testemunha no processo de Jack Derwick, segunda-feira próxima! Creio que deve tomar desde já suas disposições a fim de viajar para o norte do país.

O médico-chefe não havia pensado nessa possibilidade. A notícia o deixou consternado. Quando Hailey saíu, êle ainda estava lastimando a própria sorte.

Antes de se retirar, Hailey foi ver mais uma vez Estele Armand. Foi uma visita rápida, entretanto. Havia ainda um ou dois pontos de importância vital, que êle desejeva esclarecer, a fim de poder amparar eficientemente Jack Derwick.

CAPÍTULO XXVI

A Justiça em marcha

A sala do tribunal, em Newcastle, regorgitava de espectadores, quando foi aberto o processo de Jack Derwick. O primeiro juiz, Mr. East, era talvez o magistrado mais severo de quantos zelavam pela justiça de Sua Majestade. Um homem cuja popularidade lembrava a de certos tipos de professôres de colégio, fato que provinha de sua severidade inquebrantável. Era mesmo conhecido como **"o juiz que enforca mesmo"** e, na Inglaterra, o povo tem um fraco por essa classe de magistrado.

Jack Derwick caminhou para a barra do tribunal destinada aos acusados com o mesmo passo com que teria entrado no recinto reservado aos advogados. Seu físico esbelto e atlético não parecia haver sofrido com a detenção; mas as pessoas presentes, que o conheciam — e havia bom número delas na sala — descobriram nêle uma significativa mudança de expressão.

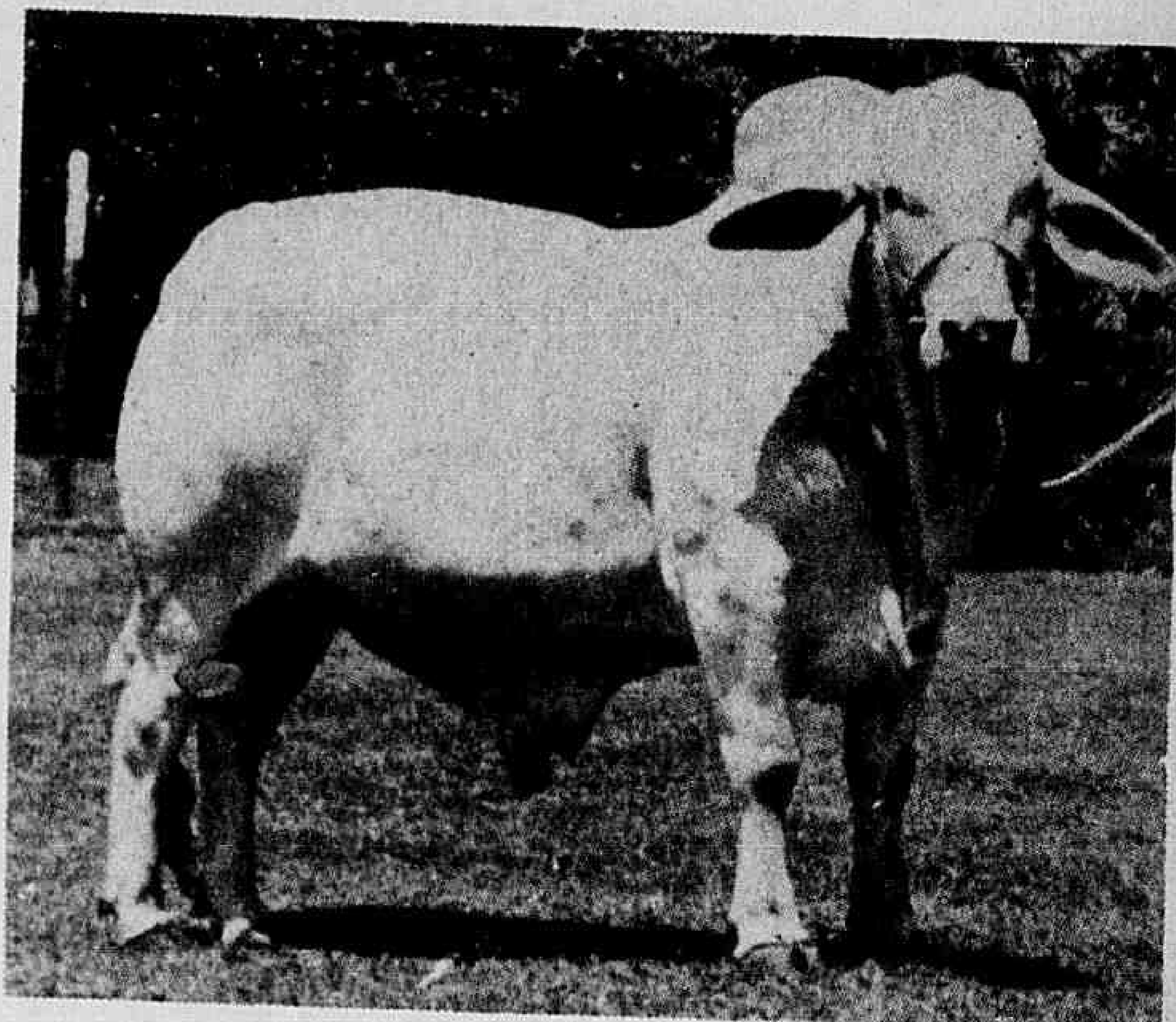
Nem um só homem — por mais convencido que esteja da própria inocência — enfrenta com serenidade uma acusação de assassinato! Há num tribunal de justiça qualquer coisa que os nervos humanos não podem suportar fàcilmente.

(Continua no próximo número)

Experiências zootécnicas com o gado leiteiro nos climas quentes

ESTUDO DOS MÉTODOS ZOOTÉCNICOS BÁSICOS PARA O INCREMENTO DA PRODUÇÃO DO LEITE NAS RAÇAS INDÍGENAS E LOCAIS ★ 1.º — SELEÇÃO DAS MELHORES CASTAS OU TIPOS, SEM A INTRODUÇÃO DE NOVO SANGUE; 2.º — ENTRECRUZAMENTO DE RAÇAS ★ O SEGUNDO MÉTODO PRODUZ BONS RESULTADOS DURANTE OS PRIMEIROS ANOS, PORÉM, FREQÜENTEMENTE, É SEGUIDO PELA DETERIORAÇÃO DE OUTRAS QUALIDADES DE GADO

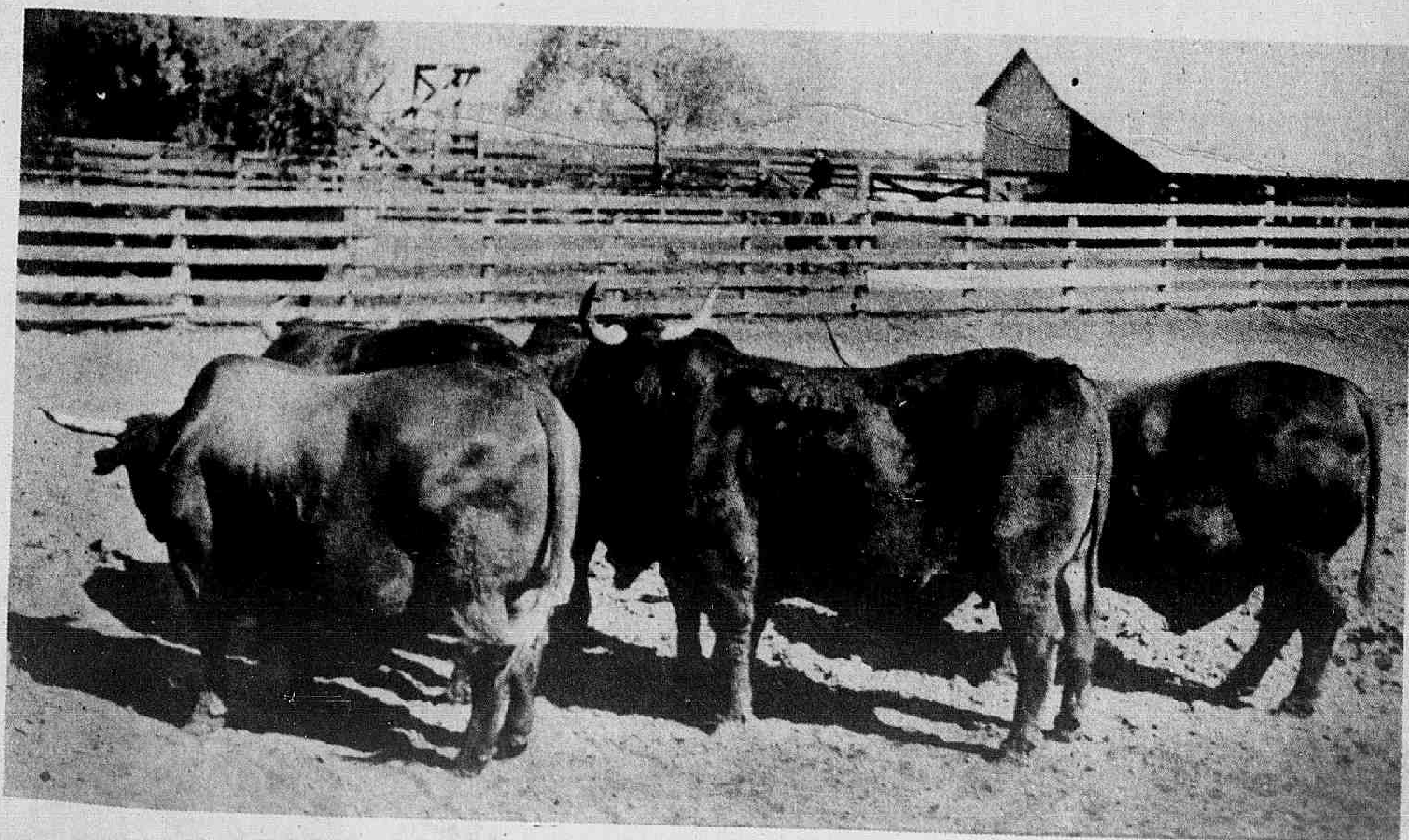




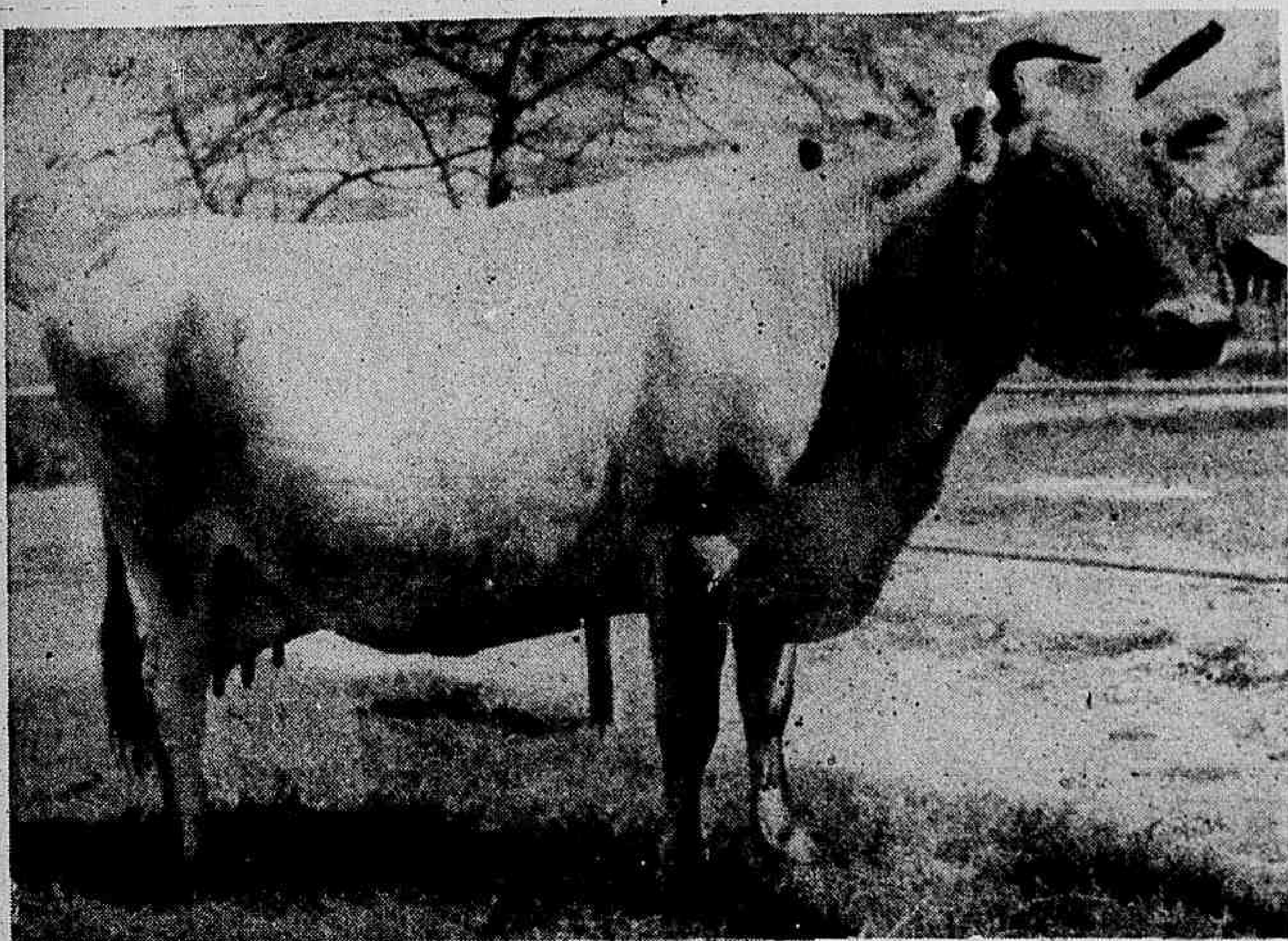
À esquerda: Primeira geração mestiça (F1) Red Sindhi × zebu de Tanganyika. — À direita: Novilho 7/8 zebu e 1/8 Jersey, com um pêso de 820 kg aos 3 anos. Tem poucos traços do sangue Jersey. Criado na Flórida, Estados Unidos da América do Norte e ganhador de um Grande Prêmio para novilhos de carne.

HÁ poucos anos começaram os técnicos a prestar crescente atenção ao problema do desenvolvimento do gado vacum adaptado a climas quentes e capaz de uma produção láctea econômica que ajude a satisfazer as necessidades de leite e matérias gordurosas para o consumo humano. A solução dêste problema se divide em dois modos distintos: mediante a melhoria das raças indígenas — principalmente do tipo zebu — ou por cruzamento entre raças zebus e eu-

Novilhos Santa Gertrudes, de três anos, no King Ranch, Texas. Alcançaram o pêso médio de 1184 kg.

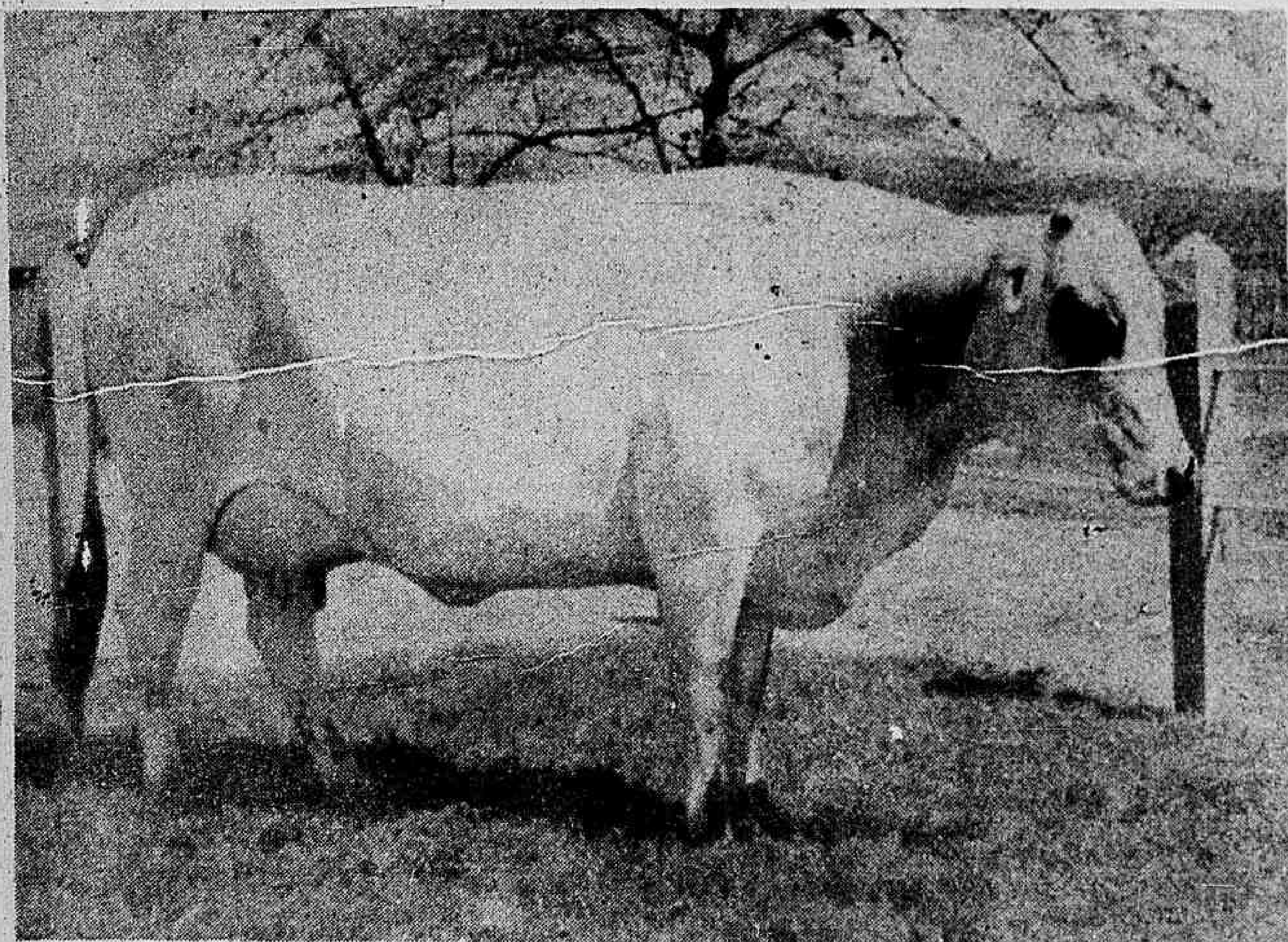


ropéias. O cruzamento do gado é puramente um **meio** para alcançar um **fim**. Para chegar a êste fim vários métodos podem ser empregados uma vez obtida a primeira geração mestiça (F. 1).



Vaca Jersey pura-raça de 8 anos; sexta geração criada em Jamaica. Tem a cor pardo-cinzento das raças resistentes ao calor, pesa 450 kg e deu um rendimento de 2.470 litros de leite com 131 kg de gordura, em 1949.

Um dêsses métodos consiste na melhoria de uma das raças paternas; outro é o apareamento alternado com elementos de cada raça, segundo o processo denominado "entrecruzamento". O desenvolvimento de novas raças ou tipos de gado é o resultado direto do cruzamento, combinado com a seleção entre os tipos cruzados. No que se refere ao zebu (Bos indicus) o entrecruzamento tem dois objetivos distintos: procuram, em primeiro lugar,



Vaca mestiça Sahiwal-Jersey, em Jamaica, com 3/4 do último sangue. Produziu 4100 litros de leite em 1950. Côr: cinza tirando a prata.

melhorar a carne ou a produção leiteira de raças inferiores nativas ou indígenas de zebus, cruzando-as com raças européias (Bos taurus). Na maioria dos casos, os resultados não foram satisfatórios, embora a vaca leiteira mestiça produza mais leite que sua mãe indígena, devido, provàvelmente, à heterose; observa-se, porém, uma rápida perda constitucional e crescente inadaptação com o aumento do sangue europeu. O segundo sistema consiste em fortificar a raça européia introduzindo nela certas características de zebu, tais como a resistência, a adaptabilidade a um clima quente e a faculdade de utilizar pastos inferiores. As investigações zootécnicas para o incremento da produção láctea nos trópicos foram efetuados principalmente na Índia, na região antilhana, nas Ilhas Filipinas e na África Oriental. Nelas foram utilizadas raças zebus melhoradas (Sahiwal e Montgomery, da Índia) para o seu cruzamento com raças européias e êste é o aspecto que vamos estudar neste artigo. Não devemos esquecer, entretanto, que algumas das melhores raças zebus, desenvolvidas mediante a cuidadosa seleção pelas suas qualidades leiteiras ou comestíveis são também utilizadas para melhorar (pelo cruzamento) outros tipos zebus que tiveram desenvolvimento inferior. Tais ensaios são realizados na África, América do Sul e no Oriente, e a êles nos referimos mais adiante. O cruzamento para a produção da carne está fora do programa do nosso estudo, mas a formação na King Ranch, Texas, durante um período de 25 a 30 anos, da raça Santa Gertrudes, oficialmente reconhecida em 1940, é prova da possibilidade de combinar numa nova raça às qualidades de ambas as raças zebu e européia. Kelly (1) publicou um resumo dos ensaios de cruzamento realizados nos trópicos e subtrópicos, considerando o aspecto ecológico do problema da aclimatação do tipo zebu às condições tropicais.

ADAPTAÇÃO DO GADO ZEBU

Em resumo, as características do gado zebu que o tornam melhor adaptado que o europeu ao clima tropical são as seguintes:

1 — Melhor tolerância das temperaturas elevadas.

2 — Tolerância ou imunidade com respeito à

muitas enfermidades que destroem as raças européias.

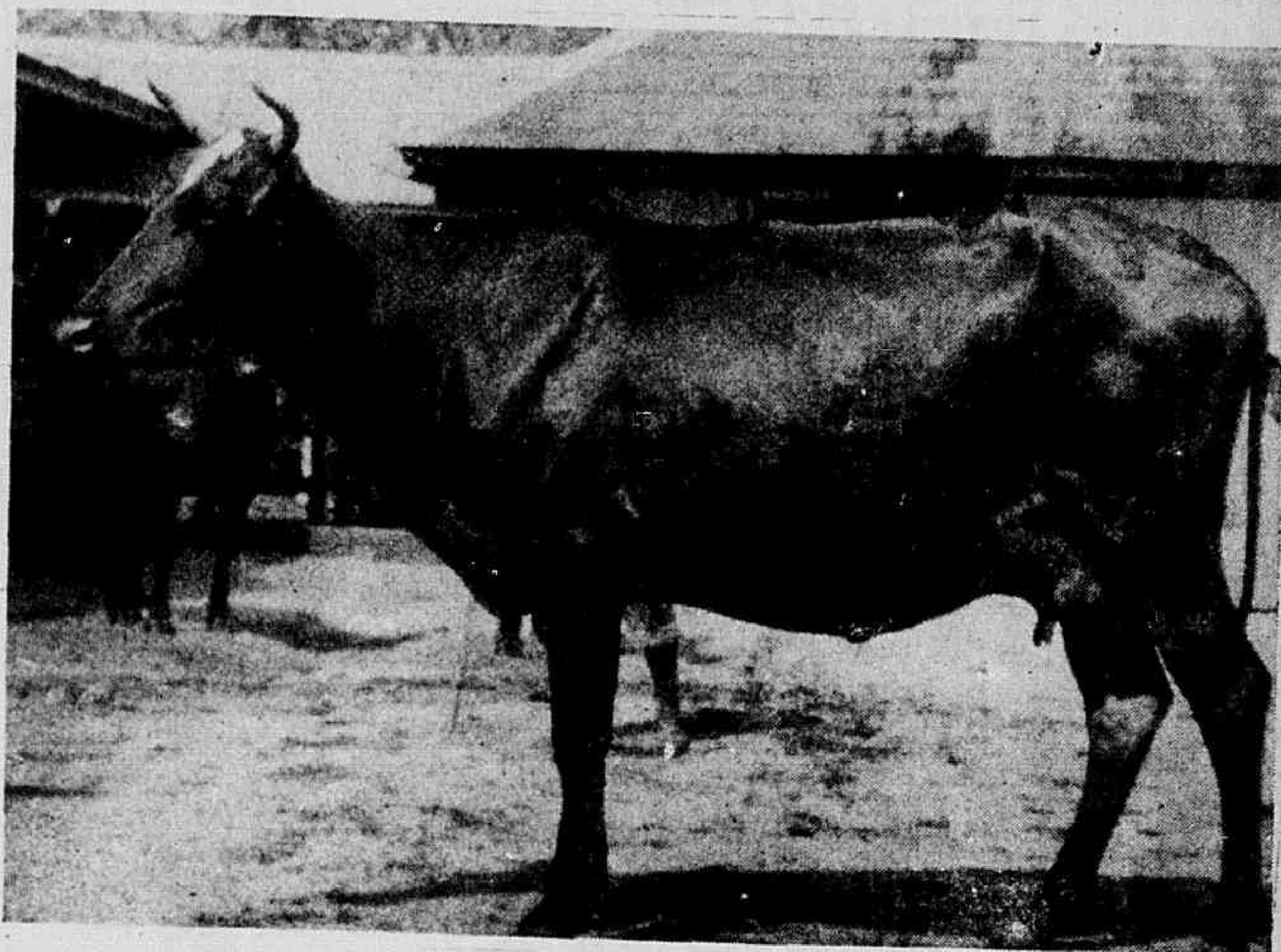
3 — Melhor aproveitamento do pasto disponível. Requer menor quantidade de alimento que o tipo europeu para uma produção idêntica de carne, leite ou trabalho. Esta afirmação carece, todavia, de prova definitiva.

A característica mais valiosa do tipo zebu é a sua grande tolerância das altas temperaturas. Isto significa que o animal é capaz de equilibrar o ganho e a perda de calor a uma temperatura do corpo compatível com o funcionamento apropriado dos processos fisiológicos. A tolerância do calor depende de um certo número de fatôres, sendo os mais importantes a faculdade de evitar a excessiva absorção de calor, a baixa produção calorífica do animal e a facilidade de eliminação do calor excessivo a uma velocidade suficiente.

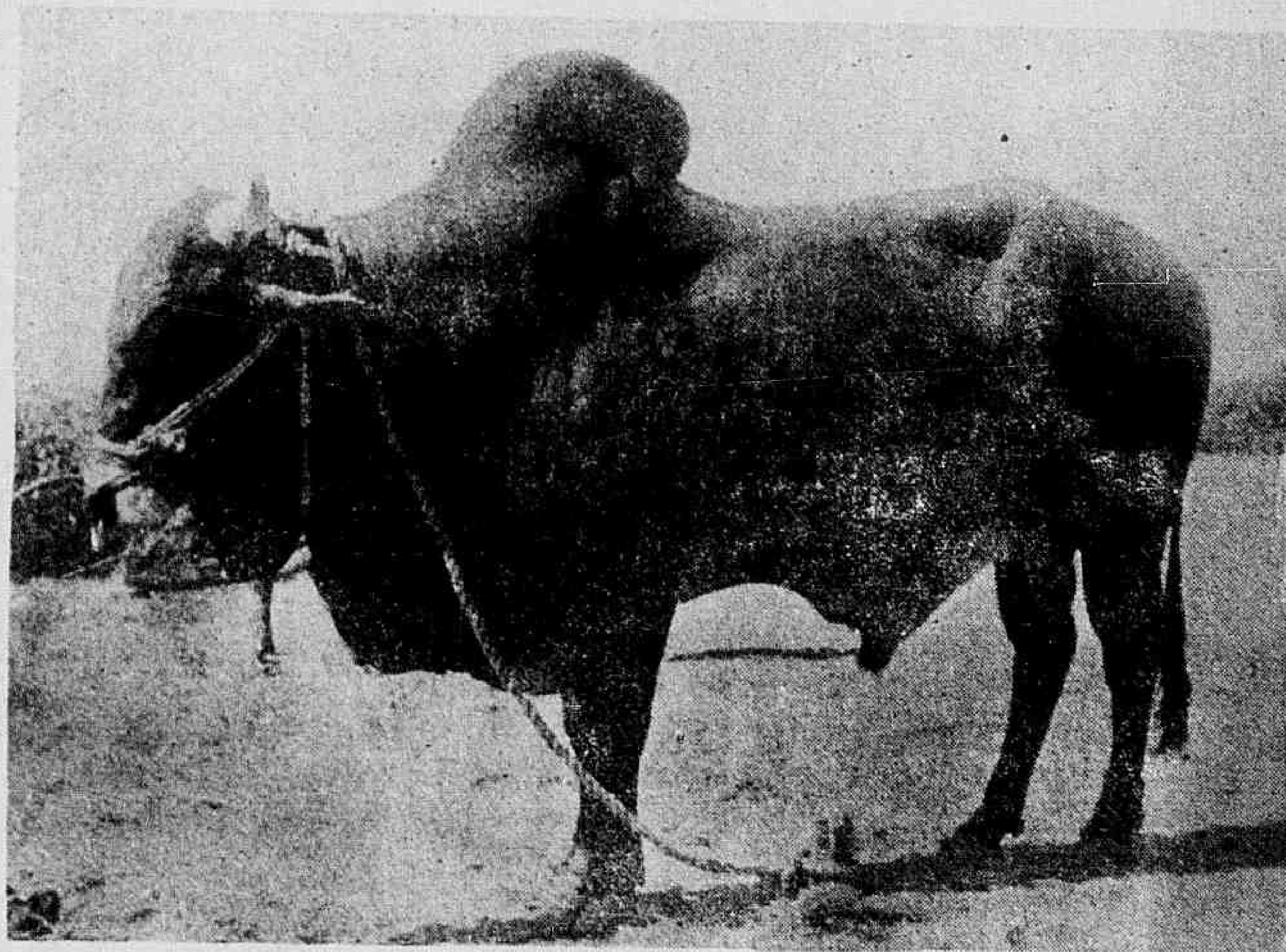
Findlay (2) tem estudado recentemente êste problema em seu conjunto, e estão sendo realizadas subseqüentes investigações sôbre o mesmo. Bonsma (3), em seus trabalhos na África do Sul, tem assinalado a importância do tipo do pêlo e grossura do couro das diferentes raças, indicando que um couro prêto combinado com um pêlo sedoso, de côr branca ou russo são ideais para a máxima tolerância do calor.

INCREMENTO DA PRODUÇÃO LÁCTEA

Existem ainda opiniões muito contraditórias sôbre a possibilidade de formar uma raça leiteira tropical, que combine a alta produção da raça européia e a resistência, tolerância ao calor e a adaptabilidade da raça zebu. A introdução do gado europeu na maior parte das regiões tropicais, e especialmente ali onde se procura, sobretudo, elevar o nível da produção leiteira, permaneceu totalmente descontrolada. Assim, Wright (4), ao descrever os ensaios realizados no Ceilão, disse: "Não se pode insistir demasiado em que as raças européias sofrem graves conseqüências nos ambientes tropicais e permanecem incapacitadas para a produção leiteira, exceto em certas áreas muito limitadas e sob condições e cuidados especialíssimos:" E conclui: "Os efeitos prejudiciais dos métodos hoje em uso, de cruzamento incontrolado (como, por exemplo, no Ceilão) surgem evidentes, mesmo na mais superficial investigação do gado nessa ilha. E' bem verdade que tal gado fornece uma boa proporção da produção láctea para o consumo humano; mas sòmente a custo de uma grande perda de tamanho, da degeneração anatômica e fisiológica e da diminuição do período de produção de leite". A maior parte das experiências iniciais do cruzamento, assim como a seleção das castas zebus leiteiras indígenas, se realizaram na Índia, onde a criação nas granjas militares tinha como objetivo principal a produção de leite, sem ter em consideração a capacidade de trabalho do



Vaca 3/4 Holstein-Friesian de Trinidad (Semen: puro-sangue Friesian; mãe: mestiça). Apesar de sua má configuração, êste exemplar produziu 3050 litros de leite em 480 dias.



Touro Sindhi. Esta raça se encontra na Índia e no Paquistão e é., principalmente, gado leiteiro zebu.

animal. Porém ainda que êsses cruzamentos produzam um rendimento leiteiro muito maior que o do gado zebu ordinário, os ditos ensaios não tiveram valor permanente, nem tampouco influíram na melhoria geral do gado vacum da Índia.

A recente publicação dos resultados dos ensaios realizados na granja experimental de Alabang, Ilhas Filipinas, entre 1932 e 1940, tendem a confirmar as primeiras opiniões sôbre a inadaptabilidade do gado de alta qualidade, europeu (raça Ayrshile, neste caso) nos trópicos. O rendimento de rêzes cruzadas (touro Ayrshire e mãe Índia) de graus 1/2, 3/4 e 7/8 diminuiu de 1459 kg em 276 dias no grau F1 a 1156 kg em 240 dias no grau 3/4, e a 779 kg em 191 dias no grau 7/8; com a mortalidade de 20% neste último e de 47% no grau 15/16. Em comparação, as vacas Red Sindhi deram um rendimento médio de 1016 kg em 245 dias.

ADAPTAÇÃO DO GADO DE PURA-RAÇA

Antes de estudar a possibilidade de aclimatação do gado leiteiro nos trópicos, devemos assinalar que as raças Shorthorn, Friesan e Jersey deram bom resultado em Fiji (12). Na Jamaica, o gado de raça Jersey não apresenta sinais de degeneração depois de um período de 38 anos.

EXPERIÊNCIAS ZOOTÉCNICAS NAS REGIÕES ANTILHANAS

Na região antilhana, há mais de trinta anos vêm sendo realizados trabalhos com o objetivo de estabelecer um tipo de vaca leiteira, derivado de raças européias e zebus, e adaptada às condições locais. Em Trinidad (8) estas experiências são feitas à base da raça Holstein-Friesian e das zebus (Ongole, Mysore e Sahiwal), importadas da Índia; na Jamaica, o sangue zebu utilizado provém, principalmente, de touros Sahiwal; foram feitos também cruzamentos de gado Jersey, Guernsey e Holstein; enquanto que nas ilhas Caribes foram feitos cruzamentos de gado senegalês (N'Dama) e Red Polls. Os resultados mais exatos são os da Jamaica, onde de três raças leiteiras, européias, experimentadas, a Jersey resultou mais satisfatòriamente.

Howe (5) publicou uma análise das três raças e de seus cruzamentos com zebus, e dela se deduz que as mestiçagens Jersey-zebu e Holstein-zebu produzem, respectivamente, a maior porcentagem de gorduras lácteas e o maior rendimento de leite. Segundo o quadro seguinte (naquele em que os rendimentos vão indicados em kg pelas lactações de 305 dias) se observa que há pouca diferença entre os tipos 3/4 e 1/2 Guernsey-zebu.

	Puro-sangue	7/8	3/4	1/2	Média de mistas	
					Leite	Gorduras %
Jersey	1824	1885	1448	2052	1813	5,18
Guernsey	1610	1498	1800	1811	1760	5,11
Holstein	—	1696	2315	2498	2333	4,25

Mais recentemente, Lecky (6) publicou um detalhado estudo das experiências realizadas na Jamaica com raças Jersey e Holstein, baseando-se na comparação das famílias distintas. As experiências com Jerseys revelaram dois fatos que não foram notados em análises anteriores. 1.° — duas famílias de Jerseys pura-raça parecem ter-se adaptado às condições climáticas locais com bons rendimentos de leite. 2.° — que, ao contrário dos dados de Howe, os melhores resultados são obtidos com os graus 3/4 e 7/8 de sangue Jersey. Também foi observado nesse caso que diversas "famílias" davam rendimentos notáveis; uma delas talvez possa desenvolver-se por cruzamento dentro da mesma família, produzindo um tipo fixo, adaptado aos trópicos.

No seu estudo, Leckey dá mais importância à produção láctea que ao tipo, e não leva em conta o método geralmente aceito de cruzamento fracional. Dêste modo, as "famílias" de gado Jersey-zebu contêm quantidades variadas de sangue zebu; a qual se deriva (embora não inteiramente) de um núcleo semental Sahiwal, de pura-raça, importado da Jamaica em 1920. O rendimento médio das diferentes "famílias" é como se segue:

TABELA A
Rendimento de famílias selecionadas Jersey e Jersey-zebu em Jamaica

Família	Número	Percentagem com mais de 3/4 de sangue Jersey	Lactação média de 305 dias: Leite kg	Lactação média de 305 dias: Gorduras kg	Produção máxima de leite kg
Puro-sangue, Jersey e Honeybelle	29	—	2417	120	3309
Perfection	23	—	2352	117	3343
Grade, Jersey e Norbrook	20	75	2937	161	5166
Dolly	11	82	2321	121	3402
Madge	18	95	2079	109	3542
Ada	16	94	1963	102	3147

A família Norbrook se destaca claramente, e o propósito atual é desenvolver esta linha e da família Honeybelle e selecionar entre elas dois tipos de gado resistente e altamente produtor. E' interessante notar que três das melhores fêmeas da família Norbrook não tinham sangue Sahiwal, e que as 29 filhas do pai Sahiwal deram sòmente uma média de 2129 kg de leite e 110 de gorduras.

Comparando os resultados obtidos com gado Holstein na Jamaica (10) e Trinidad, onde não foram importados Jerseys, é interessante notar que enquanto o tipo 3/4 é considerado o melhor em Trinidad, o mestiço é o preferido na Jamaica (Vide tabela B). No entanto, embora não exista uma análise das experiências de Trinidad comparável com o da Jamaica, dos dados disponíveis se destacaram duas observações: 1.ª — que nenhum tipo cruzado Holstein-Friesian dos produzidos apresenta a resistência e o rendimento leiteiro (especialmente em gorduras) do gado Jersey e Jersey-zebu da Jamaica. 2.ª — que o tipo Friesian pura-raça, tanto em Trinidad como na Jamaica, mostra uma notável degeneração constitucional, demora a desenvolver-se e é de difícil prenhez. Assim, na Jamaica, a porcentagem de desmancho entre os Holstein-Friesian de classe alcançou a 53, e a idade média da primeira prenhez, num grupo de 61 vacas foi, em 1935-48, de 3 anos e meio e o intervalo entre partos, de 18 meses; em Trinidad, por outro lado, êsse intervalo para as vacas puro-sangue foi de um pouco mais de 17 meses.

TABELA B

Rendimento leiteiro de Holstein-Friesians nas Antilhas

Tipo	Trinidad Rendimento médio por lactação em kg	Jamaica Rendimento médio em 305 dias em kg
Puro-sangue	1352	—
7/8 graus	1639	1696
3/4 graus	2035	2315
1/2 graus	1958	2498
1/4 graus	1491	—

No "Allahabad Agricultural Institute", da Índia, êsse problema está sendo estudado de um diferente ponto de vista. Procura-se desenvolver ali um tipo de cruzamento Jersey-Red Sindhi, com sòmente 1/32 de sangue Jersey. O objetivo é melhorar as conhecidas qualidades leiteiras da Red Sindhi — uma das mais pequenas raças zebus — mediante a infusão do sangue Jersey suficiente para elevar o rendimento total de leite e gorduras. A Red Sindhi puro-sangue apresenta um rendimento médio de 1399 kg de leite; cruzando-a com um pai Jersey, a primeira geração rende uns 50% mais (2065 kg) porém o retro-cruzamento com Red Sindhi reduz o mesmo rendimento e a 1/16 Jersey dá sòmente uns 26% mais que o puro-sangue Sindhi. Embora pareça que ambas as raças se cruzem muito bem, e apresentem elevado rendimento de gorduras, é problemático que êsse tipo, se chegar a fixar-se finalmente, seja muito superior às melhores raças de Red Sindhi, na Índia. Foram obtidos rendimentos superiores a 1814 kg com Sindhis em granjas estatais da Índia.

O valor da raça Red Sindhi para seu cruzamento com a Jersey em outros países onde se requer uma elevada tolerância de calor, apresenta um interêsse especial. Millen (7) ao iniciar a experiência de Allahabad, insistiu em que o produto tinha boa estampa e que ambas as côres se misturavam muito bem. E' interessante assinalar além disso, que estão sendo realizados ensaios de cruzamento de ambas as raças no Departamento Estatal de Agricultura em Beltsville (U.S.A.). Esta é uma experiência de longo alcance começada nos fins de 1946, com a importação dos pais e das novilhas de Allahabad. Os touros enxertaram duas vacas Jersey, com o objetivo de comparar o rendimento de leite, a rapidez do desenvolvimento e a tolerância do calor dos primeiros cruzamentos, e, mais tarde, dos retro-cruzamentos, com os das Jerseys puro-sangue. Seu rendimento médio e o de suas mães (primeira lactação) foi o seguinte:

	Leite kg	Gorduras %	Gorduras kg	Idade do primeiro parto				
				anos	meses		anos	meses
Filhas de 10 F1 Sindhi × Jersey	3946	5,92	234	1	11	a	2	2
9 vacas Jersey	4350	5,75	250	1	11	a	2	5

Até ao momento foram obtidas 29 fêmeas e 21 machos e as dez primeiras vacas F1 completaram a primeira lactação com uma ordenha de três vêzes ao dia.

Embora, todavia, seja prematuro valorizar esta experiência, as observações preliminares sugerem que o cruzamento Sindhi-Jersey pode servir de base para formar uma vaca leiteira resistente ao calor. As vacas F1 eram predominantemente vermelhas, mas no retro-cruzamento a Jersey F2 se assemelha muito ao tipo Jersey e não tem corcunda.

Em resumo, de todos êsses estudos há três questões que necessitam de solução: 1.ª — Que raças são mais apropriadas como **ponto-de-partida**? 2.ª — Até que ponto o desenvolvimento dos tipos mistos teve êxito? 3.ª — Quais são as possibilidades de formar novos tipos de gado que representem uma melhoria dos rebanhos leiteiros nos países respectivos?

A raça européia mais apropriada parece ser, sem dúvida, a Jersey. Cruza muito bem com o zebu e parece ser mais adaptável que outras aos climas quentes. Das raças zebus, a Shahiwal e a

Red Sindhi parecem ter bom êxito embora a última seja, talvez, a mais apropriada. Há poucas provas **diretas** de que a primeira cruze bem com as outras raças e melhore grandemente a produção de leite e de gorduras.

Com respeito à segunda questão, com exceção das investigações da Jamaica, tem havido muito progresso no desenvolvimento de uma vaca leiteira-mista. Entretanto, há certos dados que parecem indicar a possibilidade do desenvolvimento de um tipo mestiço Jersey-Sindhi ou Jersey-Sahiwal. A terceira questão tem uma resposta muito difícil hoje em dia. O tipo **melhorado** de gado, produzido em ótimas condições, não serve, **necessàriamente**, para a melhoria geral do gado leiteiro indígena. E não é também muito certo que tal política zootécnica seja possível, nem tampouco **desejável**, em numerosas regiões. Disto podemos deduzir que os novos tipos ficariam confinados a **áreas especiais** e a gados selecionados, sem ser amplamente distribuídos para a criação geral

BIBLIOGRAFIA

(1) *Kelley, R. B.* Coun. Sci. Indust. Res. Bull, N.º 172, 1943.
(2) *Findlay, J. D.* Bull. Hannah Dairy Inst., N.º 9, 1950.
(3) *Bonsma, J. C.* J. agric. Sci., 39, 204, 1949.
(4) *Wright, N. C.* Eastern, n.º 179, 1945.
(5) *Howe, J. W.* Trop. Agric. (Trin.) 26, 33, 1949.
(6) *Lecky, T. P.* Bull. Dept. Agric. Jamaica, n.º 42, 1949.
(7) *Millen, T. W.* Indian Fmg, 8, 8, 1947.
(8) *Harrison, E.* Trop. Agric., 21, 3, 1944.
(9) *Kenya: Department of Veterinary Services.* "Colony and Protectorate of Kenya. Annual Report, 1948". Govt. Printer, Nairobi, 1950
(10) *Lecky, T. P.* Bull Dept. Agric. Jamaica, n.º 44, 1950.
(11) *Rigor, T. V., y Robles, M. M.* Philippine, J. Anim. Ind., 10, 389, 1950
(12) *Turbet, C. R.* Agric. J., Fiji, 20, N.º 3, 1949.

* *

CRIAÇÃO DE PORCOS

Não é fácil criar mil porcos por ano num terreno arrendado e sem dispor de instalações convenientes. Contudo, um criador nosso conhecido está conseguindo isso, graças ao método de criação adotado. Êsse fazendeiro cria tantos leitões no outono como na primavera e, assim, se vê, às vêzes, com grande quantidade de leitões em sua fazenda, porque os animais que nascem no outono nem sempre chegaram à idade de ir para o mercado, quando aparecem os animais da primavera. Para evitar essas dificuldades, tem um plano para os leitões nascidos na primavera e outro para os nascidos no outono. Vejamos como criou 460 leitões nascidos no mês de agôsto último.

As porcas tiveram suas crias num pequeno bosque, abrigadas por casinholas provisórias, de 6×8 pés, que consistiam de quatro esteios, com cobertura de arame e palha. Quando os leitõezinhos tinham, aproximadamente, dez dias, foram levados para campos de alfafa, de cinco hectares cada um, onde foram criados e alimentados até ao mês de fevereiro, quando, em sua maioria, estavam em condições de ser vendidos. Os leitõezinhos eram abrigados em armações portáteis, fechadas por três lados, de 10×20 pés, sendo usadas 16 dessas armações para abrigar de 100 a 135 leitões. Essas armações, sem soalho, eram cobertas de palha e, de três em três semanas, mudadas de um lugar para outro.

Para fornecer água aos animais, foram usados vários antigos tanques de gasolina, de mil galões de capacidade, que eram cheios, dia sim, dia não, por outro tanque montado em roda. Os leitões foram alimentados com milho e elementos de proteína, por meio de depósitos, abastecidos por um elevador portátil. O criador não conseguiria ter uma produção de porcos tão grande se tivesse usado o equipamento central de que dispunha antes.

*

ALIMENTAÇÃO MUSICAL PARA LEITÕES

Nem tôdas as fórmulas e métodos científicos são úteis, na prática, para os agricultores e pecuaristas. Não é provável, por exemplo, que muitos criadores se disponham a mandar fabricar tetas artificiais para alimentar leitõezinhos e, além disso, tratem de providenciar a música indispensável à hora da refeição dos jovens porcos. Tal conduta, no entanto, estaria bem de acôrdo com a ciência.

Realmente, foi descoberto que as porcas não são muito eficientes para alimentar seus filhos e que os leitõezinhos se desenvolvem muito melhor quando ingerem um preparado maràvilhoso, denominado terramicina.

Para isso, já está sendo fabricado um aparelho especial, com tetas artificiais, através das quais os leitõezinhos podem ingerir leite misturado com terramicina.

Há, contudo, um problema: é que os leitõezinhos não mamam espontâneamente nas tetas artificiais. São muito dorminhocos e só acordam com o grunhido da mãe, à hora da comida. Assim, além das tetas artificiais, têm de ser transmitidos na hora da refeição belos trechos musicais, reproduzindo o grunhido de uma porca.

Segundo anuncia a companhia Pfizer, de quem partiu a idéia, estão sendo criados, por essa forma, 3.000 leitões, tendo sido a mortalidade entre êles apenas de cinco por cento, ao passo que a mortalidade entre leitões amamentados pela própria mãe é de 21 a 23 por cento.

Convém acrescentar, contudo, que o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos não tem demonstrado muito otimismo a respeito.

*

SUPER-POPULAÇÃO

Começa-se a comentar, de novo, em tôdas as partes do mundo, a ameaça da super-população. E, como é natural, comenta-se, a propósito, a possibilidade da agricultura poder produzir víveres suficientes para a população excedente. A verdade é que, em face do crescente aumento de população, temos de recorrer a novos métodos para aumentar a produção. Os mais importantes dêles são: 1 — diminuir as perdas causadas pelos insetos nas plantações; 2 — criar gado e outros animais domésticos mais saudáveis.

Tanto uma como outra coisa se consegue recorrendo-se a novas substâncias **químicas**, novos equipamentos e instalações mais **adequadas**.

Livros Vivos

INTERESSA

INTERESSA SIM!!!
NO MÍNIMO 3 LIVROS INTERESSAM PARTICULARMENTE A VOCÊ!

COMPRE EM NOSSAS LOJAS:

RIO DE JANEIRO:
RUA DO OUVIDOR, 150
AV. RIO BRANCO, 25
RUA MÉXICO, 128-Sobreloja

SÃO PAULO:
RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 403.
E NAS LIVRARIAS.

NO INTERIOR:
PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL

Aprenda a dirigir sozinho — 161 – 15,00
Manual do Motorista — Nº 36 – 15,00
Enguiços do Automóvel — 138 – 15,00
Manual da Vida Sexual
Práticas Sexuais no Matrimônio — Nº 125 – 20,00
Métodos científicos e modernos para limitar os filhos — 87 – 20,00
Sucessos Musicais em Sambas e Valsas — 177 – 15,00
O que todos os homens devem saber para conquistar as mulheres — Nº 124 – 20,00
O que toda mulher deve saber para conquistar os homens — Nº 136 – 20,00
Vença a timidez sexual — 145 – 20,00
Aprenda a fazer versos — 174 – 20,00
Poesias de Gonçalves Dias — 84 – 10,00
Trovas e Modinhas Populares — 154 – 15,00
Aprenda a dançar — 170 – 15,00
Sexo e Psicanálise — Nº 130 – 20,00
Castro Alves — Poesias — Os Escravos — Nº 121 – 10,00
A Cachoeira de Paulo Afonso — Castro Alves — Nº 142 – 10,00
Seleta de Ruy Barbosa — 28 – 15,00
Modêlos de Cartas Sentimentais — 165 – 15,00
Modêlos de Cartas para todos os fins — Nº 90 – 15,00
Conselhos aos pais — A Educação Sexual dos Filhos — 166 – 20,00
Nº 127 – 20,00
As Primaveras — Casimiro de Abreu — 175 – 10,00
Espumas Flutuantes — Castro Alves — Nº 46 – 10,00
Poesias de Álvares de Azevedo — Nº 60 – 10,00
Modelos de Cartas Comerciais — Nº 143 – 15,00
Manoel Macedo — Cartas de Amôr — Nº 20 – 15,00
Declarações de Amor — 185 – 15,00
Canções do Exílio e outras poesias — Gonçalves Dias — 176 – 10,00
Os encantos da mulher nua — Nº 148 – 15,00
Manoel Macedo — Correspondência Amorosa — Nº 21 – 15,00
Formulário de Correspondência Social e Familiar — 182 – 15,00
Grandes Cortesãs — 181 – 15,00
O Retrato de Dorian Gray — 178 – 15,00
Pequenas Biografias de Grandes Escritores — 128 – 15,00
Enfermidades Sexuais — 180 – 20,00
A Cozinha Baiana — 83 – 20,00
A Cozinha Nortista — Nº 88 – 10,00
Os melhores pratos da cozinha francesa — Nº 10 – 10,00
Nº 85 – 15,00
Filosofia da Vida e do Prazer — 187 – 15,00
Anedotas — 189 – 15,00
Nana — Emile Zola — 180 – 15,00
Construa a tua personalidade — 182 – 15,00
Regras para vencer na vida — Nº 37 – 20,00
Formulário de Matemática
Erros de Português e suas correções — Nº 26 – 15,00
Calendário do Jardineiro Amador — Nº 16 – 15,00
Estacas, Mergulhos, Alporques — Multiplicação de Plantas — 49 – 15,00
Enxertia Prática — 50 – 15,00
Manual do Detetive Amador — Nº 29 – 10,00
Rádio para Principiantes — 146 – 15,00
Certo ou Errado? — Tira-dúvidas de Português — 183 – 15,00
A Ortografia Correta — Nº 89 – 15,00
Fala e escreve corretamente a tua língua — Nº 27 – 15,00
Nº 168 – 15,00
Jiu-Jitsu sem mestre — 129 – 15,00
Natação — 135 – 15,00
Para belezas e proezas da juventude — Nº 157 – 15,00
Regras e táticas do Futebol de Mesa — 173 – 15,00
As lições de Francês sem mestre — Nº 25 – 12,00
Alemão sem mestre — Nº 30 – 12,00
Nº 31 – 12,00
Italiano sem mestre — Nº 24 – 12,00
Yes Sir — Inglês sem mestre — Nº 32 – 12,00
Táticas de Xadrez — Nº 125 – 15,00
Jogos de Cartas — 51 – 15,00
Palavras Cruzadas — 157 – 10,00
Quebra-Cabeças, Mágicas e Passatempos — Nº 22 – 15,00
Método de Datilografia sem mestre — Nº 96 – 15,00

ATENÇÃO

NÃO MANDE DINHEIRO, NADA ADIANTADO!
(NÃO TEMOS CATÁLOGOS)

TALÃO P/ REEMBÔLSO POSTAL

Editora
GERTUM CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 11-B - Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL
os livros cujos números indico abaixo:

... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME..
RUA..
LOCALIDADE..
ESTADO..

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"As regras gramaticais não bastam, por si sós, para que se fale bem, e é mister ainda valermo-nos do uso e da lição dos escritores para conhecermos os modos de falar peculiares de cada idioma."

MÁRIO BARRETO

DIGRESSÕES

Cumpre a quem fala ou escreve burilar a linguagem, a fim de imprimir-lhe beleza, vigor, colorido, expressão pessoal. Se o pintor não apenas debuxa os seus quadros, mas emprega as tintas de acôrdo com a sua técnica, no que se distingue e, não raro, se torna imortal, também deve o escritor exteriorizar os pensamentos através de linguagem que fuja ao comum e contribua para a formação do que, na técnica literária, se chama estilo.

Julgarão alguns que a disciplina do assunto, objeto das figuras de sintaxe ou do estilo, de que nos falam as gramáticas e os tratados de literatura, conduzirá os escritores à monotonia da linguagem, à uniformidade no dizer. Puro engano. A arte decorre exatamente da habilidade com que se usam as figuras ou tropos, da sua propriedade ou conveniência.

As côres são limitadas. Nem por isso os pintores nos apresentam quadros iguais: elas são combinadas de acôrdo com o modo pessoal de ver e de sentir. Assim também as notas musicais, que se prestam a variadas manifestações artísticas. Não há dois compositores que se superponham ou se identifiquem. É o estilo, na arte, que se pode imitar, mas não se pode igualar.

Na literatura, o emprêgo das figuras equivale à combinação das côres, na pintura, ao arranjo dos sons, na música. No usá-las com justeza, propriedade e elegância, evidencia-se a qualidade do escritor.

Machado de Assis fornece-nos êste exemplo de polissíndeto, que ressalta a idéia de multiplicidade:

"Uma procissão de rendas e sêdas e leques e véus e diamantes e olhos de tôdas as côres e linguagens."

E êste outro, que deixa transparecer a monotonia:

"E zumbia, e voava, e voava, e [zumbia,
Refulgindo ao clarão do sol..."

O assíndeto (omissão do conectivo) também dá colorido à expressão:

"É desgracioso, desengonçado, torto" (Euclides da Cunha)

"Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-me beata e carola, em voz tão alta que tive mêdo fôsse ouvida dos pais" (Machado de Assis).

Pleonasmo:

"Arquiteto do mosteiro de Santa Maria, já o não sou; vossa mercê me tirou êsse encargo; sabedor nunca o fui, pelo menos muitos assim o crêem, e alguns o dizem" (Alexandre Herculano).

"O mesmo me diria êle a mim, se Henrique estivesse como está o conde" (Alexandre Herculano).

Machado de Assis fornece-nos êstes passos:

"Quero... quero-te a ti".

"Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a êles mesmos."

Um dos pontos de divergência entre Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro foi o do emprêgo da preposição *de* após os verbos usar, trabalhar, recear, escusar, começar, etc.

Rui escreveu:

"Será verdade que a regência daquela preposição, nos complementos daqueles verbos, esteja condenada "pelo uso dos que melhor escrevem"?

Não é.

Nos livros dos melhores clássicos modernos encontramos sagradas as expressões *entrar de, pegar de, dever de, ousar de, escusar de, forcejar de, punir de...*"

Eis alguns exemplos:

"Costuma de ter o seu ocaso" (Castilho).

"Não receeis de s a l t a r por cima do cadáver do monge" (Herculano).

"Onde o texto derrogava à tecnologia profissional, trabalhei de a restabelecer" (Rui).

★

CORRESPONDÊNCIA

M. B. (São Paulo) — *Pasmo* é substantivo. Não se deve dizer, pois, *estou pasmo*. Diga-se: *estou pasmado*, porque *pasmado* é que é adjetivo, no caso empregado como predicativo.

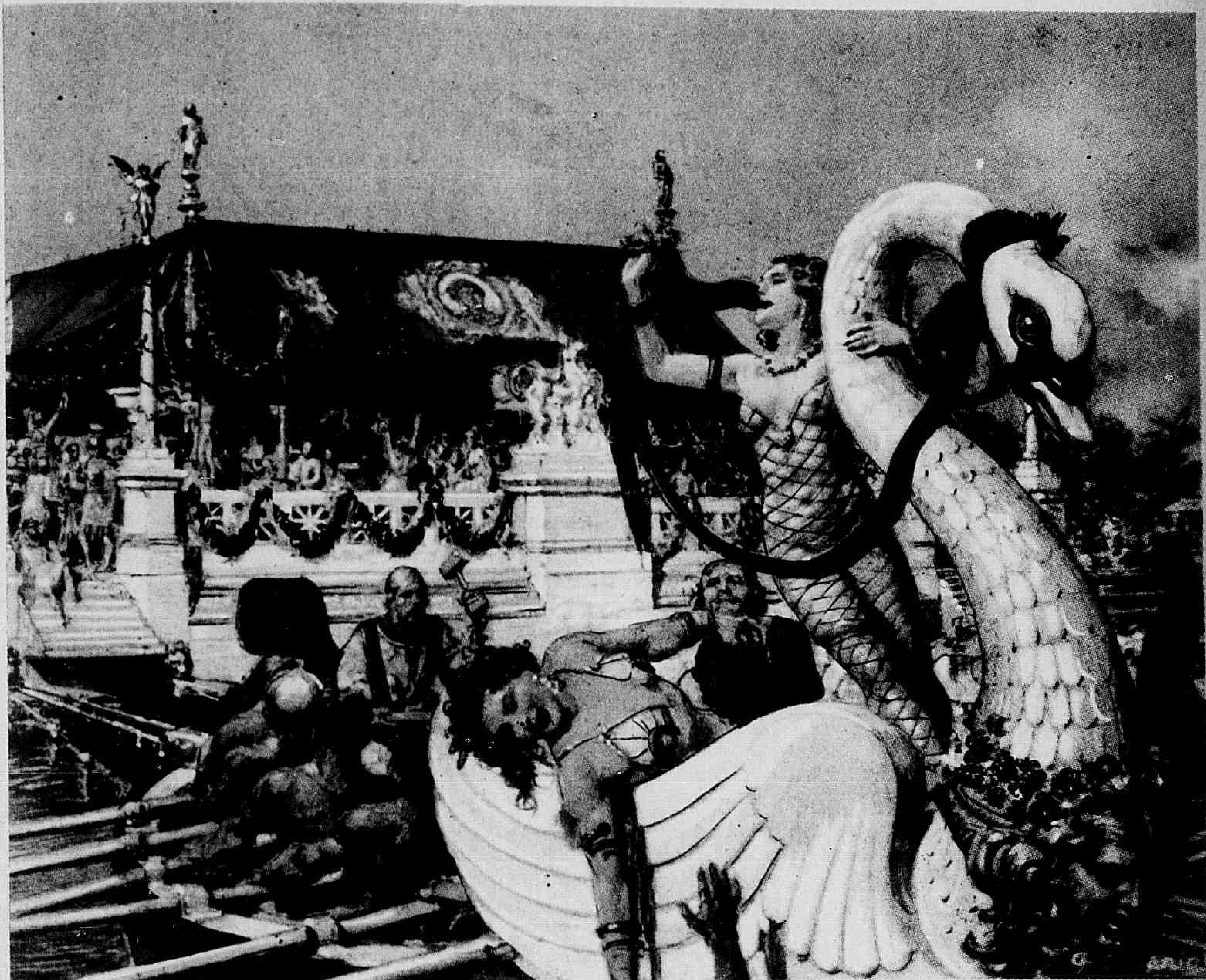
Na construção — *O que é que há?* — só existe uma oração. O *o* inicial é expletivo; o primeiro *que* é objeto direto; a expressão *é que* é expletivo.

Obrigado, pelas referências.

JOSÉ RICARDO NETO

ATENÇÃO LEITORES!

COMPREM A GRANDE EDIÇÃO DO **ALMANAQUE EU SEI TUDO** PARA 1953



O maravilhoso livro dos mil assuntos trás tôdas as matérias que publica habitualmente, novas seções, lindos contos e o famoso romance QUO VADIS ricamente ilustrado

ESTÁ EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS E REVISTAS

ALMANAQUE EU SEI TUDO

CIA. EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15
— RIO DE JANEIRO —

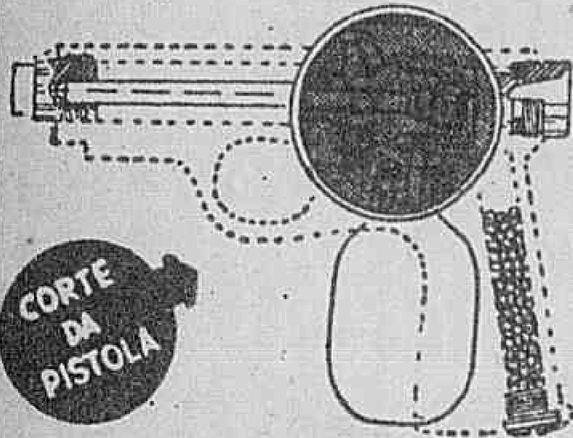
PISTOLA "PNEUMA-TIR"

Patenteada em todos os paises

PISTOLA METRALHADORA!

Atira 500 balins sem necessidade de carregar!

Ar comprimido por novo processo!



Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantia contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.



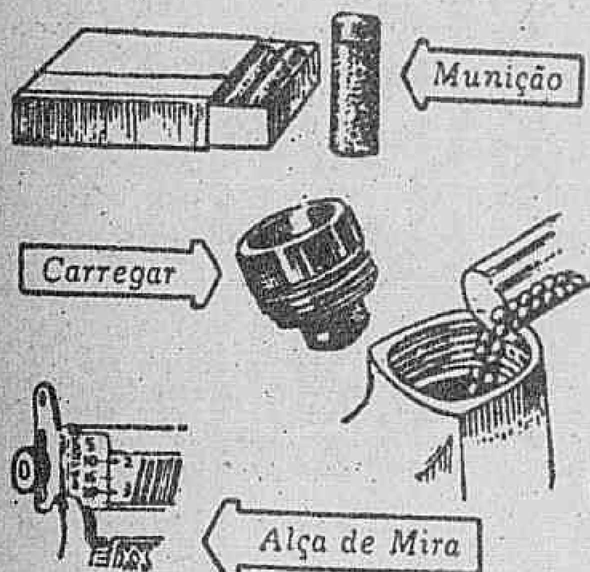
FABRICADA POR

Alfredo Ellis & Cia. Ltda.

RUA URUGUAIANA, 104

RIO DE JANEIRO

Tel. 52-9966



Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com duas membranas sobressalentes:

Cr$ 250,00 pelo reembôlso postal

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes: Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA-TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....

Estado ....

EU DISSE QUE TE MATARIA

(Continuação da página 74)

minho de casa! Talvez já estivessem a poucos passos do portão!

Parei de respirar. Meu coração parecia também haver parado de pulsar. Sem dúvida, o miserável mataria minha mulher e meu filho caso chegassem, estando êle ainda ali! Eu tinha que obrigar o criminoso a atirar logo de uma vez, pois êle assim teria que fugir imediatamente, para fugir à ação da polícia, deixando a casa apenas com o meu cadáver.

Porém o mêdo parecia paralisar as minhas pernas. Os músculos do meu braço estavam doloridos. Não me sentia com fôrças para mover-me da porta. E um brusco apertar dos olhos de Ragon revelaram-me que o tiro ia ser dado!

....

A bala esmagou-se contra o meu peito, com o violento impacto do chumbo amassado. O espoucar encheu tôda a sala, com fragor de ensurdecer. Uma larga mancha amarela pareceu cobrir os meus olhos, enquanto eu tinha a sensação de me afastar lentamente da porta ao mesmo tempo que o chão, parecia subir ao meu encontro. Não me recordo de haver batido contra êle.

*

Tive, pouco depois, a visão de qualquer coisa negra movendo-se diante dos meus olhos. Essa qualquer coisa negra... não tardei a compreender que eram os sapatos de Nicky! Ouvi uma risada forçada, vinda de algum lugar distante.

Depois meu peito entrou a doer violentamente e a dor clareou o meu espírito, embora ligeiramente. Pude compreender que estava caído sôbre o lado esquerdo, diante da minha cadeira favorita, não distante dos pés de Ragon. O rosto do miserável era uma mancha branca, acima de mim.

— "Trouxa"! — disse êle — "Trouxa"!... Que tal é o inferno?

Meu peito doía como se estivesse coberto por carvão em brasa. A mancha amarela tornou a encher os meus olhos e mais uma vez desapareceu.

Sim, agora eu podia ver Ragon, sentado na cadeira, curvado para a frente, os braços dobrados e apoiados nos joelhos, e a pistola balançando na ponta de um dedo. A pistola!

Sentia-me paralisado. Se, ao menos, eu pudesse mover-me depressa! Concentrei tôda a minha energia na mão direita tentando dar-lhe vigor e agilidade. Os segundos pareciam horas. Murmurei mentalmente uma prece e lancei a mão para cima.

Meus dedos se apoderaram da arma. Ragon deixou escapar um ligeiro grito e a pistola caiu sôbre o tapête. Apanhei-a com gesto feroz e rolei sôbre o próprio corpo, procurando ganhar distância do adversário, ainda imobilizado pela surprêsa. Finalmente, com um grito selvagem, êle saltou da cadeira, atirando-se sôbre mim.

Calquei o gatilho. Ragon desabou sôbre mim como uma avalanche. A última coisa de que me lembrei foi de ter ouvido os passos e o grito desesperado de Ellen.

*

Foi um par de semanas depois que recebi os vinte mil dólares de prêmio por haver matado Ragon. A bala do tiro que Nicky Ragon havia disparado contra mim, atingira-me bem na altura do coração.

Porém eu ainda usava o colete de gesso. Havia tanto tempo que estava com êle que acabara me acostumando, chegando a esquecer da sua existência. Êsse colete havia anulado a fôrça do projétil. Êste, depois de atravessar o gesso, tivera fôrça apenas para chegar até aos músculos do peito, bem acima do meu coração.

Portanto, **se não fôsse pelo acidente de automóvel...** eu não estaria aqui para contar êsses fatos. Tudo, afinal, saíra maravilhosamente, reforçando a crença de minha espôsa — e também minha crença — de que tudo acaba bem... desde que se dê tempo ao tempo.

BANCO DO BRASIL S. A.

SEDE — DISTRITO FEDERAL — RUA PRIMEIRO DE MARÇO N.º 66

TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
MÁXIMA GARANTIA A SEUS DEPOSITANTES
NOVA TABELA DE JUROS PARA AS CONTAS DE DEPÓSITOS

DEPÓSITOS POPULARES .... 5 %

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Limite de Cr$ 100.000,00. Depósitos mínimos de Cr$ 50,00. Cheques do valor mínimo de Cr$ 20,00. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr$ 50,00, os saldos excedentes ao limite e as contas encerradas antes de 60 dias da data da abertura.

DEPÓSITOS LIMITADOS

Limite de Cr$ 500.000,00 .... 3 ½ %
Limite de Cr$ 200.000,00 .... 4 %
Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Depósitos mínimos de Cr$ 200,00. Cheques do valor mínimo de Cr$ 50,00. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr$ 200,00, os saldos excedentes aos limites e as contas encerradas antes de 60 dias da data da abertura.

DEPÓSITOS SEM LIMITE .... 2 %

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Depósito inicial mínimo a partir de Cr$ 1.000,00. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr$ 1.000,00, nem as contas encerradas antes de 60 dias da data da abertura. *Melhores taxas de juros para as contas de depósitos não inferiores a* Cr$ 1.000.000,00.

DEPÓSITOS DE AVISO PRÉVIO

Retirada mediante aviso prévio de 60 dias .... 4 %
Retirada mediante aviso prévio de 90 dias .... 4 ½ %
Juros anuais, capitalizados semestralmente. Depósitos de quaisquer quantias para retiradas também de quaisquer quantias. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr$ 1.000,00.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

Por 12 meses .... 5 %
Por 12 meses, *com renda mensal* .... 4 ½ %
Juros anuais. Depósito mínimo de Cr$ 1.000,00. *Melhores taxas de juros para os depósitos por prazo superior a 12 meses.*

LETRAS A PRÊMIO

De prazo de 12 meses .... 5 %
Juros anuais. Depósito mínimo de Cr$ 1.000,00. Letras nominativas, com juros incluídos, seladas proporcionalmente. *Melhores taxas de juros para as letras de prazo superior a 12 meses.*

—:—

O BANCO DO BRASIL S. A. tem Agências nas principais cidades do país e duas no exterior, para tôdas as operações bancárias, inclusive o recebimento de depósitos.

No DISTRITO FEDERAL, estão em funcionamento — além da AGÊNCIA CENTRAL, à Rua 1.º de Março n.º 66 — as seguintes AGÊNCIAS METROPOLITAN AS:

AGÊNCIAS METROPOLITANAS	LOCALIZAÇÕES
Bandeira	Rua Mariz e Barros n.º 44
Bangu	Av. Santa Cruz n.º 1.697
Botafogo	Rua Voluntários da Pátria n.º 449
Campo Grande	Rua Campo Grande n.º 162
Copacabana	Av. N. S. de Copacabana n.º 1.292, loja
Glória	Rua do Catete n.º 238-A
Madureira	Rua Carvalho de Souza n.º 299
Méier	Av. Amaro Cavalcanti n.º 95
Ramos	Rua Leopoldina Rêgo n.º 78
São Cristóvão	Rua Figueira de Melo n.º 360
Saúde	Rua Livramento n.º 63
Tijuca	Rua General Roca n.º 661
Tiradentes	Av. Gomes Freire n.º 196

Maravilhoso Presente

aos fans de

CINEMA

RADIO

MUSICA

TEATRO

Retratos dos artistas

Páginas inteiras

Muitas côres

Biografias completas

Notas e informações

EDIÇÃO de 1952

A venda em todo o Brasil

Preço Cr$ 25,00



Cia. Editora Americana - Rua Maranguape 15 - Rio

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM OUTUBRO DE 1952

1 — QUARTA-FEIRA: — Em discurso gravado e irradiado, dirigindo-se aos membros do Sindicato dos Trabalhadores em Roupas Femininas, o Presidente Truman declara que, se os republicanos vencerem as eleições de novembro, a «velha guarda» do Partido interpretará êste resultado como um cheque em branco, para compensar o ostracismo de vinte anos. Truman afirma que os republicanos haviam tentado dar marcha-ré na evolução americana, quando conquistaram uma vitória nas eleições de 1946, para o Congresso, mas que os pudera impedir, porque era o chefe do Estado. «Se um presidente republicano estivesse então na Casa Branca — disse — o povo teria ficado sem defesa». ✶ Os círculos diplomáticos estão convencidos de que as propostas sôbre a Coréia, que os Estados Unidos deverão apresentar à próxima Assembléia Geral da ONU, provàvelmente não se afastarão da linha que o govêrno norte-americano adotou nas conversações de trégua em Pan Mun Jom. ✶ Em perfeita ordem, começam no Japão as eleições legislativas, em todo o país. Ao meio-dia já tinham votado, em todo o Japão, cêrca de 23.000.000 de eleitores, isto é, mais da metade dos eleitores inscritos, que são em número de 45.000.000. ✶ Prossegue o debate de política externa em Londres. Quatro resoluções foram defendidas por seus autores. A primeira refere-se à guerra da Coréia e exige principalmente a representação direta da Grã-Bretanha nas negociações de armistício. A segunda protesta contra o reconhecimento do regime do General Franco e pede o desenvolvimento do comércio à Europa oriental. A terceira protesta contra o rearmamento da Alemanha que, ao que declara a moção, deve ser unificada e neutralizada. A quarta pede a formação de um bloco Europa-Índia, independente dos Estados Unidos e da União Soviética. ✶ No Estádio Nacional repleto, e com todo o cerimonial de praxe, presta juramento e toma posse, como Presidente da República do Panamá, o Coronel José Antônio Remon. O antigo chefe de polícia, que tem 44 anos de idade, foi eleito, há meses, como se sabe, para um período de quatro anos.

2 — QUINTA-FEIRA: — O General Dwight D. Eisenhower declara que os Estados Unidos não deveriam carregar com o maior pêso da guerra na Coréia. O candidato presidencial republicano, invadindo o Estado natal de seu rival democrata, o Governador Adlai Stevenson, de Illinois, fala ante uma multidão de umas vinte mil pessoas quando seu trem especial se deteve em Champaign, onde se encontra a Universidade de Illinois. A Universidade e outras escolas suspenderam as aulas para permitir que os estudantes fôssem ver o General. Êle, dirigindo-se aos estudantes, diz que os Estados Unidos devem resolver seus problemas de modo que «os rapazes do campo possam ficar no campo e os estudantes nas escolas». ✶ O Partido Liberal Japonês consegue maioria absoluta e o Partido Comunista perdeu tôdas as suas cadeiras nas eleições gerais. Os resultados

O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Laboratórios Vindobona

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-7

das eleições dão aos Liberais 228 cadeiras, aos Progressistas 76, aos Socialistas da direita 52, aos Socialistas da esquerda 45, aos outros 27 e aos Comunistas 0. ✯ As declarações do Generalíssimo Stalin, publicadas na revista «Bolchevik», constituem quatro artigos, sendo que três são respostas, de caráter teórico, a perguntas econômicas, que tinham sido apresentadas por Notkine, em data de 21 de abril dêste ano, por Yarochenko, em data de 22 de maio, e por Sanina e Venier, em data de 28 de setembro. Os quatro artigos ocupam cinqüenta páginas da revista. ✯ Cinqüenta e cinco mortos e 117 feridos é o balanço oficial das vítimas nos distúrbios ocorridos no campo de prisioneiros de Cheju. ✯ O sr. Presidente da República assina decreto designando a delegação do Brasil à VI Assembléia Geral das Nações Unidas, a realizar-se em Nova York, no corrente mês.

3 — SEXTA-FEIRA: — O Primeiro Ministro australiano, Robert Menzies, saúda o teste atômico como um triunfo da cooperação anglo-australiana e o professor J.P. Baxter, da Universidade de Sydney, que trabalhou nas investigações atômicas na Grã-Bretanha e em Oak Ridge, declarou que êsse teste foi de grande importância na corrida da bomba atômica. A declaração pode significar que a Grã-Bretanha está um pouco na frente neste campo da ciência. ✯ O Secretário de Estado dos Estados Unidos anuncia que a União Soviética comunicou que o Embaixador George Kennan é persona non grata, e pede sua imediata retirada de Moscou. Disse Acheson que «o govêrno dos EE.UU. não aceita como válidas as acusações feitas pelo govêrno soviético». Esclarece que a nota soviética foi recebida hoje e que êle consultou telefônicamente o Presidente Truman, antes de anunciar pùblicamente a ocorrência. ✯ Nos meios diplomáticos considera-se que a Grã-Bretanha não aceitaria o pedido iraniano tendente ao pagamento de 49 milhões de libras esterlinas, mas pagáveis em dólares. Essa sôma, segundo o govêrno do Irã, seria devida pela Anglo-Iranian Oil Company, nos termos da Convenção complementar de 1949. Deve-se observar entretanto que essa convenção nunca foi ratificada pelo Irã. ✯ O sr. Ministro da Educação inaugura a II Exposição Nacional de Arte Infantil. ✯ Realiza-se a cerimônia do lançamento da pedra fundamental do conjunto residencial dos jornalistas e da «Casa da Comerciária», levada a efeito pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários.

4 — SÁBADO: — Prosseguem pelo interior dos Estados Unidos as excursões eleitorais do sr. Stevenson e do General Eisenhower, os dois candidatos à Presidência no pleito de novembro. Dirigindo-se, em Fort Dodge, no Iowa, aos fazendeiros do Middie-West, o Governador Stevenson declarou que o General Eisenhower nada entende dos problemas agrícolas e que apenas segue conselhos dados, sistemàticamente opostos a tôdas as medidas que vêm sendo tomadas há vinte anos pela administração democrata, para melhorar a sorte dos agricultores e as condições de vida rural. Afirma Stevenson que o Partido Republicano não tem programa agrícola. De outro lado, enquanto ataca a política de «isolacionismo» mantida pelo Senador Robert Taft, êste lança vivos ataques contra a política exterior dos «homens de esquerda» representados por Stevenson. Taft afirma que a eleição de Stevenson seria a continuidade da filosofia de subterfúgios, instável e pró-comunista, que quase levou êste país a destruição». ✯ Uma esquadrilha de aviões «Skahraider» e «Corsaire», com base em porta-aviões, é atacada por quatro aparelhos «Mig» — anuncia o vice-almirante Mickey. Êsse ataque é realizado a uns quarenta quilômetros de Wonsan. O comunicado não indica os resultados dessa batalha aérea. ✯ Os líderes sociais-democratas enviam uma carta ao sr. Walter Donnely, alto-comissário dos Estados Unidos na Alemanha, declarando que, se assumirem o poder ou entrarem em coligação governamental, reconhecerão os tratados de Bonn e de Paris, reservando-se, todavia, o direito de pedir a revisão de certas cláusulas. ✯ Os círculos da O.N.U. não se acham alarmados pela decisão soviética declarando «persona non grata» o Embaixador norte-americano em Moscou, George F. Kennan, já que não acreditam que se derivarão conseqüências graves do incidente.

5 — DOMINGO: — O Secretário de Estado americano Dean Acheson declara que o crescente fortalecimento do mundo não comunista estava forçando o Kremlin a ajustar suas táticas de violência em sua campanha de conquista do mundo. Falando ante a União Internacional dos Trabalhadores em Eletricidade, Rádio e Máquinas, declara Acheson que a União Soviética estava dispensando grande importância à possibilidade de uma desintegração política e econômica na Europa, na Ásia e na África. Acrescenta que essa «desintegração e divisão talvez se tornem os principais pontos de apôio da União Soviética, no período que se descortina». ✯ O Presidente Truman declara que a «oposição republicana» poderia ter feito a Europa Ocidental cair em poder do comunismo. Falando na Universidade Brigham Young, em Provo, Utah, Truman diz que os democratas podiam assumir o crédito da elaboração do Plano Marshall, do Tratado do Atlântico Norte, do Tratado de Paz com o Japão e do programa do Ponto Quatro, de assistência às áreas sub-desenvolvidas. ✯ O 1º Grupo de Caça da Fôrça Aérea Brasileira comemora mais um aniversário do desembarque na Itália.

6 — SEGUNDA-FEIRA: — Segundo a rádio de Moscou, a segunda parte da exposição do sr. Malenkow a respeito da situação internacional foi dedicada a três pontos principais: a agravação da situação internacional é devida, em primeiro lugar, à política dos países capitalistas, principalmente dos Estados Unidos, que impele à guerra não sòmente os países da União Atlântica mas os próprios países vencidos, como o Japão e a Alemanha. Volta Malenkow à tese soviética sôbre o perigo representado pelas medidas militares dos ocidentais e particularmente a instalação das bases militares e condena a política da

As boas coisas atraem...

A limpidez e a pureza da Água Marinha exercem irresistível atração sôbre as pessoas de agudo senso estético... Invariàvelmente, essas pessoas preferem os cigarros Hollywood, pela sua classe e pela qualidade insuperável.



cigarros hollywood
uma tradição de bom gosto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H - 88 150

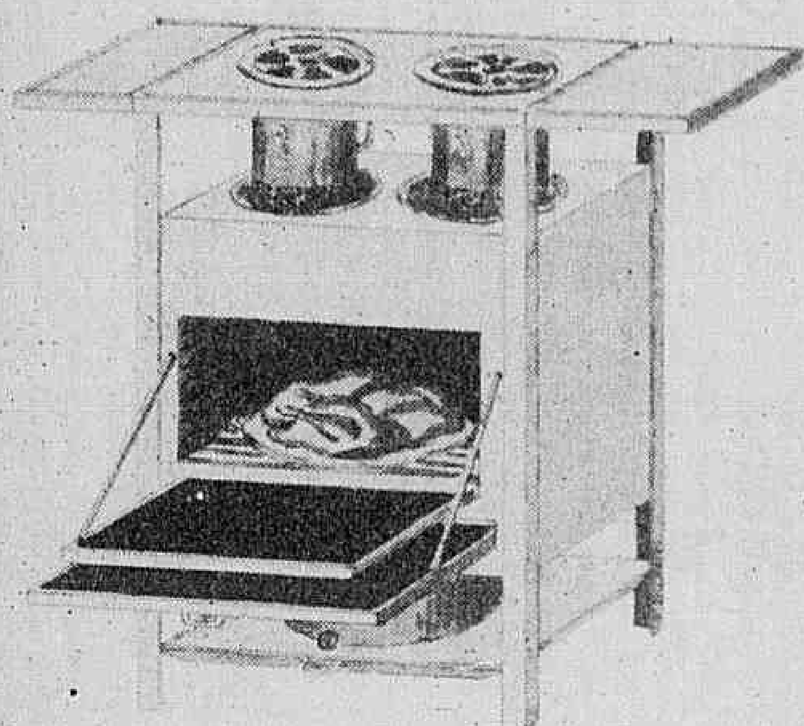
guerra iria a que os Estados Unidos, acentua, procuram dar um caráter defensivo, sob o pretexto de uma suposta ameaça da União Soviética. ★ Não há motivo para maior pessimismo quanto ao texto da mensagem do sr. Anthony Eden ao dr. Mohamed Mossadegh, entregue em Teerã, em resposta às contra-propostas iranianas sôbre o petróleo» — declara-se nos círculos autorizados. Acrescenta-se que «a nota britânica — assim como a nota americana — entregues deixam, ainda, lugar a negociações. Em face dessas explicações, considera-se difícil para o dr. Mossadegh romper as negociações e, muito mais difícil ainda, romper as relações diplomáticas entre seu país e os dois países aliados, a menos que as objeções expressas pelo chefe do govêrno iraniano à solução proposta pelos anglo-americanos não tivessem passado de pretextos apenas.

7 — TÊRÇA-FEIRA: — A resposta do Irã às notas britânica e americana sôbre a disputa petrolífera é encaminhada aos enviados da Inglaterra e dos Estados Unidos em Teerã. A resposta do Primeiro Ministro Mossadegh é dada a Loy Henderson e George Middleton, na visita que êstes fizeram ao «premier» — anunciou a emissora de Teerã. ★. «Cometi um grande êrro quando pensei, por um momento, que o General Eisenhower seria capaz de ser Presidente». — Isso disse o Presidente Truman, em discurso que proferiu em Colorado Springs, no Estado de Colorado. Segundo o despacho recebido daquela cidade, o Presidente no seu discurso, que fôra violento, dissera, em suma: «Cometi um grande êrro quando pensei, por um momento, que o General Eisenhower seria capaz de ser Presidente. O candidato Republicano traiu todos os princípios da política externa e da defesa nacional, nos quais eu pensava que êle acreditava». — Prosseguindo, fala ainda o Presidente Truman sôbre a responsabilidade que cabia ao Chefe do Estado de decidir sôbre o emprêgo da bomba atômica e que, portanto, devia ser um homem capaz de resistir às pressões políticas no momento de tomar decisões difíceis. Enfim, Truman acusa o General Eisenhower de procurar ganhar votos servindo-se dos mortos da Coréia, e falando das faltas e erros que acarretaram a guerra da Coréia, quando êle, General, contribuira na decisão de retirar as tropas americanas da Coréia». ★ No decurso de violentos ataques que lançam nas duas têrças partes da frente mantida pelo VIII Exército, os chineses se apoderam de 7 pontos da linha aliada. O VIII Exército aguenta firme nos outros principais pontos e repele os ataques. Êstes, em 2 lugares, haviam sido lançados com efetivos de ordem de um regimento. O principal esfôrço dos chineses era dirigido contra a «Colina do Cavalo Branco», a noroeste de Chorwon e contra uma elevação vizinha do setor ocidental. Foi tal o furor do ataque, que o combate se desenrolou corpo-a-corpo e, em certos casos, a sôcos. Os defensores se mantiveram firmes e os chineses foram repelidos do «Ca-

FOGÕES E FOGAREIROS

o gás de óleo cru ou querosene

REI



A venda nas boas casas do ramo

INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5

Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

valo Branco» com pesadas baixas. ✶ O sr. Presidente da República assina decreto removendo o Embaixador Samuel de Souza Leão Gracie da Embaixada em Portugal para a Grã-Bretanha. ✶ Chega o sr. Benjamin Cohen, Secretário-Adjunto da Organização das Nações Unidas. ✶ Iniciam-se as mesas redondas da UNESCO, promovidas pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura.

8 — QUARTA-FEIRA: — Revela-se em Teerã que o Irã fêz um convite à Grã-Bretanha no sentido de que envie uma missão petrolífera àquela capital, juntamente com o pedido de que pague agora o equivalente a 56 milhões de dólares e três semanas depois mais 81 milhões e duzentos mil dólares. Êsse convite e a exigência do pagamento das mencionadas somas em dinheiro estão contidos na nota entregue à Embaixada Britânica em Teerã, cujo texto foi dado à publicidade. ✶ O Govêrno de Washington entrega ao de Moscou uma nota em que declara «aberta violação» das tradições diplomáticas a atitude russa declarando o Embaixador George Kennan como «persona non grata». ✶ Na linha Harrow-Wealstone engavetam-se três trens que transportavam cêrca de mil pessoas. Às 18,30 horas, a polícia central de Londres anuncia que o total de vítimas na catástrofe ferroviária era de 85 mortos e 113 feridos graves. ✶ Em Shenandoah, o Presidente Truman declara aos agricultores que, se quiserem continuar em sua propriedade atual, deverão votar a favor da candidatura presidencial democrata. Duas horas e meia depois, discursa na mesma cidade o Senador Taft, em favor da candidatura presidencial republicana do General Eisenhower. ✶ Um porta-voz do Govêrno de La Paz anuncia ter sido abortado um movimento terrorista que deveria estourar dentro de poucos dias, tendo sido detido ex-oficiais do Exército. ✶ O Presidente Otilio Ulate, da República de Costa Rica, é absolvido pela Assembléia Legislativa das acusações de haver «entorpecido a ação da justiça, que investigava irregularidades cometidas por cinco chefes militares». ✶ Chega a Washington o sr. Ministro Renato Guilhobel. ✶ O sr. Embaixador Walter Moreira Sales declara em uma reunião da Associação Brasil-Estados Unidos, em Nova York, que o desenvolvimento econômico do nosso país é o maior fator na defesa e unidade das nações do hemisfério ocidental. ✶ Chegando a Lima, o sr. George Bonnefons fêz lisongeiras apreciações sôbre o progresso do Brasil. ✶ Os representantes aliados, em Pan Mum Jon, decidem adiar, novamente, as negociações de armistício, diante da recusa dos comunistas em aceitar a proposta da O.N.U. sôbre a troca de prisioneiros de guerra.

9 — QUINTA-FEIRA: — Os jornais franceses anunciam que o govêrno decidiu rejeitar a «inadmissível» nota dos Estados Unidos sôbre a ajuda norte-americana. O único fato que foi possível apurar, na Embaixada americana, foi que a nota dizia respeito à ajuda norte-americana à França e ao seu emprêgo no esfôrço militar francês e criticava o esfôrço de defesa do govêrno e sua política na África do Norte, em face das reclamações africanas de autonomia. Disse um dos jornais que Pinay teria declarado a Dunn que o govêrno não toleraria que os norte-americanos «se imiscuíssem» em sua política. ✶ O sr. John Lewis, presidente do Sindicato dos Mineiros, que conta com cêrca de 500.000 membros, se pronuncia contra a candidatura do General Eisenhower à Presidência dos Estados Unidos, no Congresso Anual do Sindicato, ante 3 mil delegados. O sr. Lewis se entrega a um violento ataque contra o Partido Republicano e notadamente contra o Senador Taft, do qual afirmou: «E' um homem pouco sensato, porque se não o fôsse não pretenderia ser Presidente dos Estados Unidos por procuração; e que Deus ajude os Estados Unidos para que nunca o consiga!». ✶ Fontes autorizadas de Teerã dizem que o «Premier» Mohamed Mossadegh tem intenções de romper relações diplomáticas com a Grã-Bretanha na próxima quinta-feira, se o govêrno inglês não tiver respondido à mais recente nota iraniana exigindo o pagamento prévio de 56 milhões de dólares, como condição para reiniciar as discussões sôbre o litígio petrolífero anglo-persa. ✶ As tropas sul-coreanas chegam a uns 20 metros do altô da «Colina do Cavalo Branco» e tentam penosamente atingir a crista. Os sul-coreanos e os chineses empregam carros de assalto para apoiar diretamente suas fôrças, mas não se conhece o número exato. ✶ Os meios políticos dizem que os 16 partidos políticos do Egito cumpriram a lei

baixada pelo Primeiro Ministro Naguib, antes de expirado o prazo, declarando-se dispostos a se reorganizarem e a eliminar a corrupção de suas fileiras. A lei sôbre os partidos foi promulgada a 7 de setembro, poucos dias depois de Naguib assumir a chefia do govêrno. ✶ Os Governos do Brasil e do Afganistão resolvem estabelecer entre si relações diplomáticas, criando Legações em Kabul e no Rio de Janeiro. ✶ O sr. General Canrobert Pereira da Costa assume a chefia do Departamento Técnico e de Instrução do Exército. ✶ O sr. deputado Euvaldo Lodi é reeleito presidente da Confederação Nacional da Indústria.

10 — SEXTA-FEIRA: — O sr. Michael McDermott, portavoz do Departamento de Estado, revela que o presidente do Conselho de Ministros francês, sr. Antoine Pinay, pediu na quarta-feira passada ao Embaixador norte-americano, sr. James Dunn, que retirasse a declaração verbal que havia feito ao sr. Pinay, por considerar êste que a declaração constituia uma intervenção nos assuntos internos da França. O Presidente Truman recebe uma intimação do Tribunal Federal de Cleveland. Os documentos que lhe são entregues consideram-no réu de uma ação apresentada a 3 de setembro, pelo advogado William W. Cavanaugh. A petição de Cavanaugh, junto ao Tribunal Federal, reputa ilegal a participação americana na guerra da Coréia, sob a alegação de que o Presidente Truman não solicitou para isso a aprovação do Congresso. O Presidente tem 60 dias para responder a intimação, embora funcionários do tribunal mostrem dúvidas sôbre se o caso será levado a julgamento.

11 — SÁBADO: — O discurso pronunciado pelo sr. Winston Churchill, depois do congresso conservador, não faz outra coisa senão acentuar a impressão de extrema moderação que desde quinta-feira ressalta dos trabalhos dêsse congresso. No plano interno, a linguagem amistosa do Primeiro Ministro para com os líderes sindicalistas, dos quais mais uma vez êle reconhece a importância para a manutenção da paz social na Inglaterra, é particularmente significativa. De fato, o Partido Conservador, sob o impulso dos seus dirigentes, notadamente os srs. Churchill e Butler, adotou uma política que não é mais a «toryismo» tradicional. ✶ O Conselho de Administração do Banco de Exportação e Importação de Washington abre um crédito de 18 milhões de dólares ao «Banco Nacional do Desenvolvimento do Brasil», e um crédito de 1.800.000 dólares para a sociedade brasileira, «Companhia Metalúrgica Barbará». O crédito de 18 milhões de dólares para o «Banco Nacional do Desenvolvimento» (organismo recentemente criado pelo Govêrno brasileiro para financiar seu programa de desenvolvimento econômico) é destinado a compra, nos Estados Unidos, de material agrícola que será vendido, à vista ou a crédito, aos chefes das emprêsas agrícolas individuais do Brasil. ✶ O Governador Adlai Stevenson afirma que os republicanos estão fazendo sua campanha sôbre «uma linha limítrofe e temerária», procurando «criar temores ao govêrno» no



seio do povo norte-americano. Em discurso preparado para ser pronunciado em Miami, o postulante presidencial democrata manifestou que êle sente uma «urgente necessidade de falar com sentido ao povo norte-americano, a fim de contra-atacar uma campanha republicana sistemática de questões fora de lugar e com o deliberado propósito de causar confusão. ✶ O sr. Presidente da República assina decreto promovendo a General de Divisão o General de Brigada Djalma Poli Coelho e a General de Brigada o Coronel Paulo Krugger da Cunha Cruz. ✶ Iniciadas nesta capital as comemorações da «Semana da Criança».

12 — DOMINGO: — O advogado, sr. Miguel Lanz Duret, do jornal «El Universal», do México, que preside o Tribunal Interamericano da Liberdade de Imprensa, lê ante a Assembléia da Sociedade Interamericana de Imprensa a denúncia apresentada no caso de «La Prensa», de Buenos Aires, declarando Peron e o Congresso Argentino culpados e «violadores do legítimo direito da liberdade de expressão, considerado como elemento indispensável na vida das repúblicas democráticas». O documento se baseia em denúncias apresentadas na resolução conjuntamente assinada pelos srs. Roberto Garcia Pena, de Bogotá; Carlos Mantilla, de Quito; John Orourke, de Washington; Carlos Lacerda, do Rio de Janeiro e Andrew Heiskell, de Nova York. ✶ Os socialistas belgas obtém esmagadora vitória nas eleições municipais, e preparam-se para lançar uma campanha nacional no sentido da convocação de novas eleições gerais. Segundo dados extra-oficiais, os socialistas venceram em mais de 90 por cento dos 2.214 municípios da Bélgica em que se elegeram vereadores. Não são publicados ainda os resultados oficiais completos, mas dos 208 municípios importantes, dos quais já foram anunciados êsses resultados, os socialistas venceram em 195. Inversamente, os comunistas viram reduzida à metade sua fôrça política, em todo o país.

13 — SEGUNDA-FEIRA: — Os delegados do Sindicato de Mineiros reunidos resolvem apoiar a candidatura democrata às próximas eleições presidenciais. Como se sabe, o anúncio já havia sido feito anteriormente, porém agora é aprovado oficialmente. A resolução é tomada em oposição aos republicanos que são favoráveis a aplicação e implantação da lei Taft-Hartley. ✶ O Ministro do Exterior britânico, Anthony Eden, aprova a resposta da Grã-Bretanha à última nota iraniana sôbre a disputa petrolífera. A nota é enviada imediatamente à Teerã onde será entregue ao «premier» Mossadegh, pelo Encarregado de Negócios britânico, George Middleton. ✶ O sr. Presidente da República regressa de sua viagem a São Vicente, onde presidiu à solenidade da instalação do II Congresso dos Municípios Brasileiros.

14 — TÊRÇA-FEIRA: — A VII Sessão da Assembléia Geral das Nações Unidas é iniciada na nova sede da O.N.U., em Nova York, com o plenário e as galerias literalmente cheios. Discursando na sessão de abertura, o delegado norte-americano Warren Austin diz que as novas instalações da O.N.U. «simbolizam a nossa fé e a nossa determinação coletiva de defender a vida e a liberdade humanas». Austin rendeu homenagem aos dez arquitetos que planejaram a nova sede, entre os quais se encontram Oscar Niemeyer, do Brasil, Wallace Harrison, dos Estados Unidos, e o uruguaio Vilomojo. ✶ O Embaixador argentino, Hipólito de Jesus Paz, ex-Ministro do Exterior do seu país, referindo-se ao discurso pronunciado em Chicago, pelo ex-Embaixador norte-americano na Argentina, Spruille Braden, diz que foi «um discurso condenável» e qualificou o Embaixador de «inimigo da América e do mundo livre». — Braden, ex-Secretário Adjunto de Estado dos Estados Unidos, falando perante a Associação Interamericana de Imprensa, ataca a política de não intervenção do Departamento de Estado e critica a IV Reunião Consultiva de Chanceleres Americanos, que se celebrou no ano passado, por não condenar o confisco de «La Prensa», de Buenos Aires. Dessa reunião Jesus Paz participou como Ministro do Exterior do govêrno platino. ✶ Apresenta credenciais ao sr. Presidente da República o novo Embaixador do Japão em nosso país. ✶ O sr. Presidente da República assina decreto designando uma Embaixada Especial para representar o Govêrno brasileiro nas solenidades da posse do Presidente do Chile.

15 — QUARTA-FEIRA: — Antes de renovar as propostas anglo-norte-americanas contidas na nota assinada conjuntamente pelo Presidente Truman e pelo Primeiro Ministro Churchill, a 23 de agôsto passado, a resposta britânica à última nota iraniana, entregue em Teerã, rejeita as con-

A TINTA DO LAR
TIC-TAC
A' VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

tra-propostas persas de 4 do corrente. O govêrno inglês recusa, em particular, o pagamento imediato numa ou duas parcelas, dos 49 milhões de libras reclamadas pelo dr. Mossadegh à «Anglo Iranian Oil Co.». A nota britânica observa que há contradição de parte do govêrno iraniano, propondo ao mesmo tempo o envio a Teerã de uma missão encarregada de negociar e o pagamento prévio de uma quantia a propósito da qual é precisamente necessário negociar. * Aprovada, sem votação, a inclusão no temário da Assembléia Geral da O.N.U. das questões da Tunísia e do Marrocos. Ambos os assuntos são aprovados sem votação ou debate, depois que o delegado francês, Henri Hoppenot, anuncia que «a França não intervirá em qualquer discussão ou debate sôbre a inclusão dessas questões». Como nenhum outro delegado apresentasse moção para que fôssem debatidos os assuntos, o presidente da Assembléia, Lester Pearson, do Canadá, anunciou que as questões estavam incluídas no temário. Hoppenot acrescentou que seu país «protesta, veementemente, pelas acusações feitas à França». * O General Eisenhower, acusando os líderes democratas de se interessarem mais pelo dinheiro do que pela moral, cruzou o Texas, em esfôrço pessoal final para a conquista dos 24 votos eleitorais do Estado. * Prosseguem os trabalhos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que foram recebidos pelo sr. Ministro das Relações Exteriores.

16 — QUINTA-FEIRA: — O govêrno do Irã rompe as relações diplomáticas com o govêrno da Grã-Bretanha. Essa decisão é anunciada ao Parlamento e ao país por meio de uma mensagem e de um discurso do Presidente do Conselho de Ministros, dr. Mohamed Mossadegh, retransmitido pelo rádio. Os círculos diplomáticos de Londres lamentam o fato e manifestam sua impressão desfavorável ao mesmo. * A determinação de prosseguir a luta na Coréia, até a conclusão de um armistício equitativo; um apêlo aos membros das Nações Unidas pedindo-lhes que apoiem esta ação; a promessa solene de que os Estados Unidos não empreenderão agressão alguma, com nenhuma arma atômica, bacteriana ou outra qualquer; o desejo de procurar soluções práticas para os problemas coloniais — são os pontos principais da declaração feita pelo Secretário de Estado, Dean Acheson, perante a Assembléia Geral das Nações Unidas, durante o debate geral. * O Embaixador do Brasil na França oferece, na sede da Embaixada, uma recepção em honra da delegação francesa que assistirá, no Rio de Janeiro, às cerimônias organizadas em memória de Santos Dumont. O Secretário do Ministério do Comércio declara na Câmara dos Comuns que o govêrno está disposto a conceder aos exportadores mercadorias britânicas que se destinem à América Latina, como facilidades de crédito similares às concedidas aos exportadores em seus negócios com os Estados Unidos e o Canadá. * Assinado em Bogotá um acôrdo comercial franco-colombiano, atingindo, principalmente, o café. * Fechada a Universidade de São Marcos, em virtude de uma greve de estudantes. * Em Santiago, é desencadea-

Natal
Festa das Familias.
Festa da Cristandade
Artigos finos para cavalheiros de bom gôsto
Grande e variado sortimento para as festas de Natal e Ano Novo
A TORRE EIFFEL
Ouvidor 97 99

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

da greve pelos operários da usina de cobre de Potrerillos. O Chile propõe uma ação conjunta dos países sul-americanos para a defesa da pesca nos seus mares, contra a exploração estrangeira. ✶ O Presidente Truman declara que a eleição do General Eisenhower poderia resultar «na mais desastrosa guerra da história do mundo». O candidato democrata, sr. Stevenson, acusa seu adversário de recorrer demasiado ao expediente político. ✶ Os Partidos Socialista e Popular Católico, da Áustria, pedem que as eleições gerais sejam realizadas. ✶ Informou-se em Paris que o orçamento militar da França para 1953 será aproximadamente de 4.057 milhões de dólares.

17 — SEXTA-FEIRA: — Um porta-voz do govêrno britânico declara que as tropas e a polícia, fortemente equipadas, foram enviadas a tôda pressa a tôdas as regiões da tribo Kikuyu, no Kenia, a fim de combater os terroristas e proteger os brancos e os «africanos leais» ✶ O Ministro da Defesa, Rene Pleven, declarou que a França «ainda espera convencer os Estados Unidos de que devem dar maior auxílio militar à França durante o ano de 1953». ✶ As organizações políticas filiadas à «Liga Nacional dos Eleitores», de tendências direitistas, são proscritas como neo-nazistas pelo Ministério do Interior da Baixa Saxônia. As organizações proscritas, em número de 62, são classificadas pelo Ministério do Interior como organizações sucessoras, mal disfarçadas, do proscrito Partido Nacional Socialista do Reich. ✶ As tropas da O.N.U., avançando em meio ao fogo dos obuzes chineses, assaltam o vital cume «Pike», na Coréia Central, pela segunda vez no espaço de poucas horas, e após a batalha que lavrou tôda a manhã, assumiram o controle da posição. O cume «Pike» é a posição chave final do Monte do Triângulo, ao norte de Kumhwa, que domina larga área do território controlado pelos chineses e que tem sido tenazmente disputado.

18 — SÁBADO: — O Ministro do Exterior soviético, Andrei Vishinsky, falando perante a Assembléia Geral da O.N.U., declara que os EE. UU., a Inglaterra e a França, através da Organização do Tratado do Atlântico Norte, estão trabalhando contra a paz e criando uma «psicose de guerra» em todo o mundo. Disse que a paz é o «âmago» da tensa situação mundial presente e que os soviets sempre buscaram uma solução pacífica para os problemas do mundo. «As atividades da OTAN, disse Vishinsky, cujos líderes estão procurando camuflar seus objetivos, continuam a desempenhar decisivo papel na agravação da tensão mundial». A carência mundial de alimentos, a que aludiu em seu discurso de ontem o Secretário de Estado Acheson, dos Estados Unidos, «é resultado direto da pedratória exploração, especialmente da parte do capital monopolista norte-americano». ✶ A calma voltou à Indonésia, onde 15.000 manifestantes pedem a dissolução do Parlamento, depois de terem espezinhado a bandeira holandesa, no pátio do Alto-Comissariado e quebrado móveis na Câmara dos Deputados. ✶ A queda extremamente rápida dos postos que protegem a bacia do Nighialo surpreende os círculos militares de Hanoi. Essa queda pode ser explicada, no entanto, por um motivo: as condições atmosféricas extremamente desfavoráveis impediram que a aviação entrasse com todo o pêso do seu apoio contra os atacantes no momento crucial da batalha. ✶ O dr. Konrad Adenauer, chanceler alemão ocidental, pede a aprovação urgente no Parlamento Federal de Bonn, dos acôrdos com as três potências ocidentais, destinados a proteger a Alemanha no que respeita sua posição geográfica «exposta e desamparada». Falando ao seu Partido (Democrata Cristão), o principal da coalizão de Bonn — na abertura do Congresso de dois dias, diz esperar a ratificação dos tratados «nas próximas semanas». ✶ E' eleito presidente da Sociedade Carioca de Escritores o sr. Jorge de Lima. ✶ Funda-se o Instituto Cultural Brasil-Líbano.

19 — DOMINGO: — A delegação norte-americana anuncia que pedirá uma comissão para examinar as acusações comunistas. ✶ A Comissão Política resolve estudar a questão austríaca, proposta pelo Brasil. ✶ O presidente da Câmara Baixa iraniana declara-se partidário de um prazo para o fechamento da Embaixada britânica em Teerã. ✶ O General Eisenhower, candidato do Partido Republicano, inicia uma campanha de trinta discursos. ✶ O secretário geral do «Partido do Sudão» declara que o Embaixador

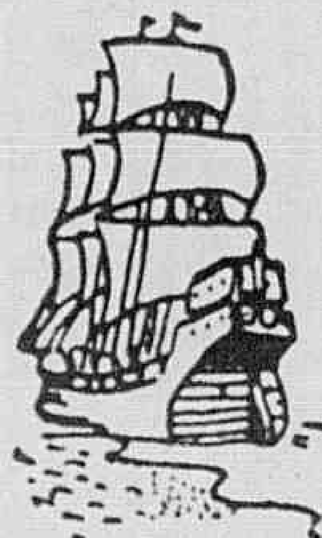
do Egito em Londres lhe havia dado a entender que o govêrno egípcio estava pronto a abandonar a reivindicação formulada pelo Rei Faruk, da união do Egito e do Sudão sob a mesma coroa.

20 — SEGUNDA-FEIRA: — A maioria dos membros da Assembléia Nacional Francesa manifesta-se contra a aprovação do Tratado do Exército Europeu. ★ Decretado o estado de emergência para tôda a colônia de Kenia. ★ Instala-se, no auditório do Ministério da Educação, a V Conferência Nacional da Organização das Entidades não Governamentais do Brasil, havendo falado o sr. prof. Themistocles Brandão Cavalcanti, presidente; o sr. Paulo Vanorden Shaw, o bispo D. Helder Câmara e o sr. Ministro Álvaro Teixeira Soares. ★ Chegaram os novos Embaixadores da Bolívia e da Venezuela. ★ O Secretário Geral Trigve Lie afirma que é preciso que as Nações Unidas continuem pelejando na Coréia até que consigam o armistício, assinalando a seguir, que as Nações Unidas deveriam estreitar ainda mais a sua colaboração, na guerra daquele distante Oriente.

21 — TÊRÇA-FEIRA: — Na Ordem do Dia da Assembléia da O.N.U., uma proposta norte-americana «pedindo o envio de uma comissão imparcial à Coréia, para proceder a um inquérito sôbre as acusações comunistas concernentes ao emprêgo de armas bacteriológicas pelas fôrças americanas». Por ocasião do debate dessa proposta, o representante soviético apresenta moção pedindo que representantes norte-coreano e chinês (comunista) fôssem convidados a tomar parte no debate. O «Bureau», porém, por 11 votos contra 2 (Tchecoslováquia e U.R.S.S.) rejeita a moção «por não ser de sua competência fazer tais convites». Na Ordem do Dia da Assembléia outra moção. Esta, polonêsa, preconizando «medidas tendentes a afastar a ameaça de nova guerra mundial». ★ Num discurso que pronuncia em Boston, o General Eisenhower afirma que os Estados Unidos nunca deveriam perder de vista a ameaça que constitui a União Soviética para o mundo livre. «Para ser vitorioso nesta luta mortal contra o comunismo, declara êle, devemos ter dirigentes que possam unir-nos para atingir os grandes objetivos. O mundo livre deve reunir sua fôrça e sua vontade, se quiser manter-se firme contra a maré comunista, acrescenta o General que frisa, em seguida, que os Estados Unidos necessitam aliados não sòmente nas armas mas também no espírito. ★ Procedente de São Borja regressa a esta capital o sr. Presidente da República.

22 — QUARTA-FEIRA: — Reune-se pela primeira vez a Comissão Política da O.N.U., sob a presidência do sr. Embaixador João Carlos Muniz, delegado do Brasil. ★ O reverendo Michael Scott, porta-voz das tribos dos heróis do sul da África, solicita da O.N.U. que não adote decisão definitiva alguma a respeito do futuro do sudoeste da África, até que a organização mundial tenha consultado os chefes heróis. ★ Os Estados Unidos pedem à Inglaterra e França, que se unam a êles em uma resolução pedindo

CONFEITARIA COLOMBO



A COLOMBO caracteriza a vida social do Rio de Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almôço, chás, lunchs e "cocktaills" acolhem, diàriamente, o escol da sociedade carioca para os sutis prazeres do espírito, do coração e do paladar.

LÍQUIDOS, COMESTÍVEIS FINOS E FRUTAS — FABRICANTES DAS AFAMADAS FARINHAS ALIMENTÍCIAS MARCA "COLOMBO" — ESPECIALIDADE EM DOCES, GELÉIAS, ETC., ETC.



MATRIZ:

Rua Gonçalves Dias, 32/36
Anexo à Rua 7 de Setembro, 94/96
Tel.: 22-7650 — Rêde

FILIAL:

Avenida N. S. Copacabana, 890
Tels.: 47-5565 e 47-5566

FÁBRICA:

Rua Livramento, 174/184
Fone: 43-6925 — Rio

FRANÇA & CIA. LTDA.

aos comunistas que aceitem uma trégua na Coréia. ✱ O govêrno iraniano decide oficialmente o rompimento diplomático com o govêrno britânico. O Foreign Office confirma que o Encarregado de Negócios da Grã-Bretanha, em Teerã, é avisado da decisão do govêrno iraniano de romper suas relações diplomáticas com o govêrno britânico. Ao mesmo tempo, é informado de que teria oito dias para fechar a Embaixada e repatriar o pessoal. ✱ O Ministro da Defesa, Lord Alexander, declara na Câmara dos Lords: «Embora as atividades militares na Coréia tenham consideràvelmente aumentado desde Julho último, isso não implica uma grande mudança da situação militar em seu conjunto. No entanto, em certos pontos, as tropas comunistas atacantes se mostram encarniçadas e as vêzes fanáticas, apesar das severas perdas. ✱ Anuncia-se oficialmente em Londres que, em princípio de novembro, Lord Reading, Sub-Secretário do Foreingn Office, visitará o Brasil. ✱ Prosseguindo em sua tournée eleitoral nos Estados de Nova Inglaterra, o General Eisenhower declara em Springfield que o «slogan» da «Cruzada» é «Prosperidade sem Guerra e Paz no Mundo». ✱ O Presidente Truman, prosseguindo sua campanha em favor do candidato democrata, diz que «os republicanos querem fazer voltar o homem do trabalho à escravidão». ✱ As fôrças do Generalíssimo Nguien Giap tomam a praça forte de Van Yen, 60 quilômetros ao sul de N'Ghialo, que caiu sábado e de Gia Hoi, que caiu segunda-feira. ✱ O Q.G. francês anuncia que fôrças em retirada rompem o cêrco rebelde «pràticamente intactas». e se reagrupam agora ao norte do Rio Negro. ✱ A Grã-Bretanha anuncia que deu seu consentimento para que entrasse em vigor a Constituição autônoma do Sudão, tendo comunicado essa decisão ao Egito. A Constituição estabelece que o Sudão eleja um Parlamento bi-cameral, que por sua vez determine se deve ser totalmente independente, ligado de alguma forma à Commonwealth Britânica ou ao Egito. ✱ A Rússia, derrotada na Conferência Internacional de Tele-Comunicações em tôdas as questões que até agora promoveu, sofre novo revez, quando a Assembléia plenária repele por 51 votos contra 9, e 4 abstenções, a proposta soviética para que se adote o idioma russo nas deliberações.

23 — QUINTA-FEIRA: — Os exportadores norte-americanos pedem garantias ao nosso govêrno quanto a desvalorização do cruzeiro. Alegam que a última cotação da nossa moeda em relação ao dólar caíu no mercado do Rio de Janeiro a um nível extremamente baixo ✱ Tendo a Câmara dos Deputados votado um projeto de lei que fixa em dois anos a duração do mandato dos senadores e estando os atuais senadores em função há três anos, o govêrno iraniano ordena a realização de novas eleições senatoriais. ✱ O Comité Político Especial da Assembléia Geral das Nações Unidas vota a seguinte agenda para os seus trabalhos: refugiados na Palestina, segregação racial na África do Sul, repatriação de crianças gregas, comissão de conciliação para a Palestina, queixas de violação pelos Estados árabes de suas obrigações perante a Carta das Nações Unidas, admissão de novos membros e relatório do Comissário das Nações Unidas na Eritréia. ✱ Os sul-coreanos reocupam a colina do «Cavalo de Ferro», na extremidade oriental do vale de Chorwon, e igualmente pequena elevação ao norte dessa colina. Hora e meia depois, a artilharia comunista começa a despejar contra as mesmas uma chuva de obuzes. ✱ Assinado, no Palácio Itamaratí, entre os Governos do Brasil e dos Estados Unidos, o Acôrdo de Assistência Técnica à Pequena e Média Indústria.

24 — SEXTA-FEIRA: — Dean Acheson declara nas Nações Unidas que é preciso que o mundo livre reexamine sua posição e se disponha a prosseguir na guerra coreana, até um final vitorioso, se os comunistas continuarem obstinando-se em rechassar o armistício. Aludindo evidentemente à União Soviética, acrescenta: «O agressor tem amigos nesta Assembléia e nesta Comissão». Mais adiante prossegue dizendo: «As Nações Unidas têm feito tudo o que têm podido por conseguir o restabelecimento da paz, porém o agressor e aquêles que apoiam a agressão não têm feito absolutamente nada para êsse fim». ✱ Continua a encarniçada batalha nas ladeiras da chamada «Serra do Triângulo», ao norte de Kumhwa, na frente central coreana, onde as fôrças das Nações Unidas lutam desesperadamente para desalojar os chineses da última posição que ocupam naquela serra. As tropas norte-americanas avançam até 30 metros do «Pico Pike», da citada elevação, porém, em seguida têm de retirar-se ante o intenso fogo da artilharia, morteiros, «tanks» e armas automáticas dos comunistas. ✱ O Governador Stevenson procura conquistar os 45 votos eleitorais do Estado de Nova York, acusando Eisenhower de mover uma campanha de indiretas e calúnias capazes de desmantelar o sistema político dos Estados Unidos. A campanha de Stevenson em Nova York abre-se com um programa de 103 discursos, entre Niagara Falls, hoje pela manhã, e Troy, às 10,15 da noite, num total de 15 horas cheias de atividades para o candidato democrata. ✱ O furacão «Fox» açoita a ilha de Cuba com ventos de duzentos e sessenta e cinco quilômetros por hora, seguindo um rumo norte-nordeste, que deveria manter afastada a maior violência do ciclone da costa norte-americana da Flórida. O ciclone se internou na bela ilha das Antilhas a uns 50 quilômetros ao oeste de Cienfuegos e levava uma velocidade de transladação de dezesseis quilômetros por hora.

25 — SÁBADO: — A Assembléia Geral da O.N.U. depois de solucionar, no momento, a questão da representação chinesa e aprovar o relatório da Comissão de Negociações dos Fundos Extra-Orçamentários, passa as eleições para as cadeiras vagas de seus três Conselhos. A Colômbia, o Líbano e a Dinamarca são eleitos para o Conselho de Segurança, com respectivamente, 58 votos, 58 e 56 votos, para substituir o Brasil, a Turquia e a Holanda. ✱ O candidato republicano Eisenhower dirige-se ao Harlem, trecho de Nova York onde os habitantes em sua maioria são negros, em busca dos votos da gente de côr. O General está tentando romper o domínio

dos democratas nos centros negros. Em S. Francisco, porém, o ex-campeão mundial de box e herói do Harlem, Joe Louis, dirige vigoroso apêlo aos negros para que votem em Stevenson. Disse êle que o candidato democrático era o estadista que seria eleito, e que Eisenhower «nada tem a oferecer ao povo negro». Joe Louis, que está fazendo a campanha dos democratas, dirige-se principalmente a auditórios negros. ★ O Presidente Vincent Auriol inaugura a central hidro-elétrica de Donzere-Mongragon, na França, a maior da Europa Ocidental, que fornecerá 2 bilhões de Kwh. por ano. A abertura do canal e das geradoras foi precedida de uma parada de duas horas, ao longo do canal de 27 quilômetros, que contribuirá para tornar navegável um trecho do Rodano e permitirá a irrigação do vale que atravessa. Sete mil homens trabalharam nessa obra, durante 5 anos. O sr. Presidente da República preside à solenidade de conclusão do curso e da entrega de diplomas da turma de 1952 da Escola de Estado Maior do Exército. ★ Chegam quatro bombardeiros inglêses a jato, tendo o sr. Marechal do Ar D.A. Boyle concedido entrevista coletiva à imprensa.

26 — DOMINGO: — Altos funcionários filipinos e norte-americanos reunem-se durante quase seis horas, em Manilha, para discutir as diversas disposições tendentes a reforçar a defesa anticomunista no ocidente do Pacífico. O Presidente da República, sr. Elpidio Quirino, preside a delegação filipina e o embaixador Raymond Spruance, a norte-americana. Ao terminar a conferência, expede-se uma nota oficial informando que o Presidente Quirino pediu mais ajuda militar aos Estados Unidos, ressaltando que o fortalecimento das Filipinas «também reforçaria» a posição dos Estados Unidos. ★ Realizam-se as solenidades que assinalaram o encerramento da «Semana da Asa».

27 — SEGUNDA-FEIRA: — A Comissão Política Especial da O.N.U. é encarregada do exame e solução de um projeto de resolução, que eleva a 23.000.000 de dólares o orçamento da assistência aos refugiados árabes da Palestina, durante o exercício financeiro 1952-53. Essa proposta é apresentada pela França, Grã-Bretanha, Estados Unidos e Turquia, e leva em conta dificuldades na execução de grandes obras previstas para a re-instalação dos 900.000 refugiados árabes e, ao mesmo tempo, da autorização à repartição das Nações Unidas encarregada da ajuda aos refugiados árabes, para fazer «os reajustamentos necessários» se se chegar à conclusão da necessidade de aumentar as despesas de assistência direta e de levantar os fundos precisos para o custeio das referidas obras. ★ Na Câmara dos Deputados entrou em discussão o projeto constituindo a Comissão Especial de Mudança da Capital da República. ★ O sr. Presidente da República assina decreto nomeando Ministro do Superior Tribunal Militar o General de Exército Pedro Aurélio de Góis Monteiro. ★ O sr. Presidente da República assina decreto criando o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, que será organizada pelo Conselho Nacional de Pesquisas.

28 — TÊRÇA-FEIRA: — Falando em Saint Paul, o Presidente Truman acusa a imprensa norte-americana (que é quase inteiramente re-

ÁGUA PURA
SAÚDE SEGURA
VELAS
SENUN
ESTERILISANTE
FABRICADAS
PELO PROCESSO SENUN

LUTO EM 5 MINUTOS
TIC-TAC
Á VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

publicana) de atacá-lo injustamente, sempre que êle cita fatos desfavoráveis ao General Eisenhower. «Nos seus editoriais — declara o Presidente — os jornais se declaram profundamente magoados porque ouso responder ao General, citando as suas próprias palavras». ✭ O govêrno uruguaio respondeu ao protesto argentino sôbre o tratado de aeronavegação anglo-uruguaio e a manutenção de um vice-consulado honorário nas ilhas Falkland ou Malvinas, dizendo que «considera que nem o texto do convênio acima aludido, em sua letra ou seu espírito, nem a manutenção de um funcionário consular, implica, de forma alguma, no propósito ou efeito de desconhecer os direitos territoriais invocados pelo govêrno argentino». Assinala igualmente que «o govêrno da República Oriental do Uruguai foi penosamente surpreendido com o protesto formulado pela Argentina, de vez que transcorreu longo tempo desde que se realizaram os atos aludidos sem que o govêrno argentino fizesse qualquer manifestação a respeito». ✭ O Partido Popular (direitista) do Chanceler Figl e o Partido Socialista — os dois grupos que governam a Áustria desde o fim da guerra — combinaram adiar os acôrdos sôbre o novo orçamento até depois das eleições gerais do próximo ano. ✭ O Primeiro Ministro Churchill diz à Câmara dos Comuns que o Presidente Truman sabe que a Inglaterra quer reatar a cooperação atômica em grande escala com os Estados Unidos. «Não obstante, disse êle, tal coisa não é possível neste momento, porque a posição dos Estados Unidos é definida pelas estipulações da lei McMahon».

29 — QUARTA-FEIRA: — O sr. Anthony Eden declara achar razoáveis as propostas aliadas acêrca da troca de prisioneiros. ✭ O Departamento da Defesa dos Estados Unidos torna pública a maior lista semanal de baixas na Coréia, num período de quase um ano, no total de 1.278 mortos, desaparecidos e feridos. ✭ A infantaria aliada recaptura as alturas da colina «Ponta de Alfinete». ✭ O General Eisenhower declara que os Estados Unidos não devem deixar-se pilhar sempre na armadilha da Coréia, para ter que lutar contra a equipe reserva do verdadeiro inimigo». Em discurso que pronunciou na primeira hora do dia em Yonkers, localidade vizinha de Nova York, o General promete que, se fôr eleito, levará uma equipe de homens de valor a Washington. Termina dizendo que procuraria constituir um govêrno do qual o país pudesse se orgulhar. ✭ A Argentina apresenta uma segunda nota-protesto ao govêrno uruguaio. ✭ A delegação egípcia presidida pelo General Naguib, e a da Frente de Independência Sudanesa, assinam o acôrdo estabelecido sôbre a questão do Sudão. ✭ As fôrças francesas e comunistas ocupam-se em sondar mùtuamente as defesas do adversário, ao longo do estreito e lamacento Rio Negro, alinhadas em posição para a esperada arrancada para o sul. ✭ Ocorre um terremoto na América Central, atingindo a vários pontos. ✭ Os partidos anti-comunistas da Guatemala apresentam um protesto ao Presidente Arbenz, por haverem sido detidos cinco dirigentes anti-comunistas sob a acusação de injúrias às autoridades e de incitar à rebelião, quando realizavam um comício público. ✭ O sr. Pierre Montel, Secretário de Estado do Ar da França, declara que nutria a esperança de que sua viagem ao Brasil permita o ressurgimento dos contactos «com nossos amigos brasileiros». ✭ Chegou a Buenos Aires o sr. Vice-Presidente Café Filho.

30 — QUINTA-FEIRA: — Milhares de alunos de escolas secundárias desfilam pelas ruas de Buenos Aires, com assobios e tambores, em grupos barulhentos, cantando: «Nenhuma carne para a Grã-Bretanha, a menos que a Grã-Bretanha desista das Malvinas». Os grupos deram vaias diante do Consulado e do Escritório de Turismo uruguaios, pedindo que seus funcionários deixassem o país. Gritos inamistosos foram também proferidos defronte à Embaixada Britânica e das lojas e escritórios com nomes inglêses ou estrangeiros. ✭ Informa-se que o monte «Ponta de Alfinete», cenário de quase um mês de luta na Coréia Central, estava em mãos das fôrças da O.N.U. esta noite. A elevação havia trocado de mãos doze vêzes durante o dia. ✭ A delegação americana procura atualmente, em consulta com o Secretário Geral das Nações Unidas, um meio legal de licenciar, do Secretariado da O.N.U., os cidadãos americanos comunistas, informou-se de fonte americana. ✭ O sr. Presidente da República assina decreto designando o General José Bina Machado, delegado do Brasil à Junta Interamericana de Defesa.

31 — SEXTA-FEIRA: — E' lida pelo General Eisenhower uma carta assinada pelo General Van Fleet em que o Comandante do 8º Exército norte-americano manifesta a opinião de ser entregue aos sul-coreanos a defesa de sua pátria. A divulgação da citada carta provoca rumores de que o General Van Fleet seria destituído daquele comando, rumores que foram desmentidos pela Casa Branca. ✭ O embaixador britânico protesta junto ao govêrno argentino contra as manifestações hostis à Inglaterra verificadas na véspera. Os principais jornais londrinos ocupam-se dos incidentes verificados em Buenos Aires. ✭ O jornal «Figaro» reclama contra a «demasiada brandura» usada pelo govêrno Pinay sôbre as negociações para a repatriação dos capitais franceses no Brasil. ✭ O govêrno holandês declarou que os exportadores holandeses serão temporàriamente creditados em cruzeiros. ✭ Em vultosa cerimônia popular, o Presidente Paz Estensoro decreta a nacionalização das minas de estanho na Bolívia. ✭ O Vice-Presidente Café Filho, em sua passagem por Buenos Aires, fêz declarações à imprensa argentina. Noticia-se que o avião do Vice-Presidente do Brasil foi forçado a descer numa localidade argentina, em virtude de defeitos nos motores, que estavam sendo reparados por mecânicos da aviação da Argentina. ✭ Noticia-se que o Marquês de Reading, membro do Foreign Office, partirá no próximo dia 9 para o Brasil e outros países da América do Sul. ✭ O sr. Presidente da República assina decreto nomeando membro do Conselho da Ordem do Mérito Militar, o Marechal João Batista Mascarenhas de Morais.

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÜ — ANO XXXVI — Nº 7 — DEZEMBRO — 1952
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9ª edição — Papyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

ENIGMAS

— 105 —

Balançando as grossas pernas
Com o gordo lia o João,
Freqüentador de tavernas,
Instrutivo livro bom.

Pele Vermelha T. B. (S. Paulo)

Ao Dr. Lavrud, confrade e Amigo

— 106 —

Bom Amigo, desta feita,
Fora a segunda intenção,
Uma adivinha imperfeita
Entrego à publicação.
Não tem maldade, é insonte;
Nem é a arte uma OFENSA.
Procede da mesma fonte.
Donde flui a benquerença.

Jayreis (Bahia)

— 107 —

Dentro da voragem,
Ali, tal visagem
Em medonho açoite
Geme pela noite:
Será sem batismo
Quem sofre no ABISMO?

Dr. Jofran (Fortaleza-Ce.)

— 108 —

Sou corda de içar bandeiras
E velas, se quereis, também
Com seis letras bem faceiras.

Mas se alguém já me cortou
Uma das pontas que vêm
Ainda a mesma corda sou!

Cejotace (Camaquã)

— 109 —

A festança era completa,
Com a música a tocar.
Exibiu-se até um atleta,
De MANEIRA singular.

Gil Virio (Andradina)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

110 — Uma, duas — Tenha *coragem*; vamos transportar a *depressão* do terreno com um *salto*.

Pompeu Júnior (Botucatu)

---

111 — Duas, uma — Já vem do *princípio* do mundo, gente *ruim* morar no *bairro habitado por mouros e judeus*.

RACHA (Rio)

---

112 — Uma, três — Na *realidade*, é preciso *alisar* a fita antes de a *enrolar*.

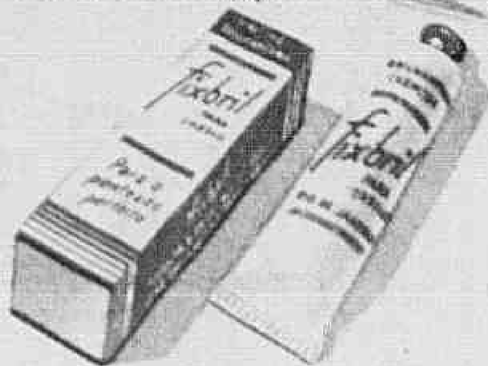
Zytho (Rio)



assenta e dá brilho ao cabelo!







De Witt - Rio - Londres - Nova York - Buenos Aires

113 — Uma, duas — Quem foi o *primeiro* a *espalhar* notícias que o rio vai *desviar do seu curso?*

Cysneirense

---

114 — Duas, duas — *Qualquer cousa* terrena é uma *bagatela*, uma verdadeira *insignificância*, dentro do Universo.

Dr. Jofran (Fortaleza-Ce.)

---

115 — Duas, duas — O garôto se *esconde* do pai com *cuidado*, temendo o *bofetão* prometido.

Ed Vep (Maceió)

---

116 — Duas três — *No meio de um movimento impetuoso de gente, é que sobrevém a confusão.*

Fiote (Cuiabá)

---

117 — Três, uma — Êle tanto *esfalfa* o animal para procurar a *mantilha*, que terminará *cansado*.

Gumercindo Leite (J. Pessoa)

---

118 — Três, duas — *Regressa* ao campo e *recomeça* a *piruêta*.

Gomes Júnior (Maceió)

---

119 — Duas, duas — Quem *pára* na *entrada* daquela casa, ouve sempre uma forte *discussão*.

Gil Virio (Andradina)

---

120 — Uma, uma — O *senhor* que sempre *mostra-se alegre*, e que *zomba* de tudo, é feliz?

KTQZ (S. Paulo)

121 — Duas, uma — Apesar de *decrépito tua* cabeleira é preta como o *azeviche*...
Malba Tantan (Santos)

———

122 — Uma, uma — *Além de* ser um *relicário dos japonêses*, não é usado nesta *região*.
Segon (Rio)

———

123 — Uma, uma — *Nada* mais *simples* do que armar-se um presépio para comemorar o *nascimento de Jesus Cristo*.
Eva Dio (Rio)

———

124 — Duas, uma — O *caixilho de tipógrafo* apresenta a forma de uma *ramagem*.
Iza Abel (Rio)

———

125 — Duas, uma — Com um cordão de *batina* fiz uma *armadilha* para *apanhar aves*, e o que peguei foi um *lobo pequeno*.
Guilherme Tell (Rio)

*

CHARADAS SINCOPADAS

126 — Três (duas) — A fim de *evitar excessos* êle procura *permanecer* na mais completa abstinência.
P. Del Debbio — C.E.P. (S. Paulo)

———

127 — Três (duas) — A *negrinha* está tomando *café*.
Tony (Campo Florido)

———

128 — Três (duas) — Em *casa de jôgo* o *descuido* é precioso.
Velo-Vela — C. E. C. (Rio)

———

129 — Três (duas) — Nos tempos de hoje até o *sossêgo* é *pago*.
Acobar (Maceió)

130 — Três (duas) — O *cortejo* religioso percorreu *rápido* as ruas da cidade.
Agalves (Bento Simões-Ba.)

———

131 — Três (duas) — *Confere* a mercadoria e deixa de *manha*.
Bisilva (Manaus)

———

132 — Três (duas) — Eu encontrei um homem, um homem não, um *farrapo* humano, que além de tudo era uma *pessôa bondosa*.
Carlinhos (Morro Agudo)

———

133 — Três (duas) — O *velhaco* logrou o negociante em *três quartos de palmo* de fio de ouro.
Donatila Borba (Creciúma)

———

134 — Três (duas) — Eu tive uma *brilhante* atuação quando disputei contigo uma partida daquela *espécie de jôgo em que se usam dados*.
Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

———

— 135 — Três (duas) —
Por trás da *carrapateira*
Eu vi a moça solteira
Brincando com o namôrado.
Coisa excelente! Depois
Eu notei que todos dois
Só falavam do passado.
Apolônia Vilar (C. Grande)

———

136 — Três (duas) — Todo individuo de modo *crêspo* no falar é, via de *regra*, um ignorante.
Emidlej (Salvador)

———

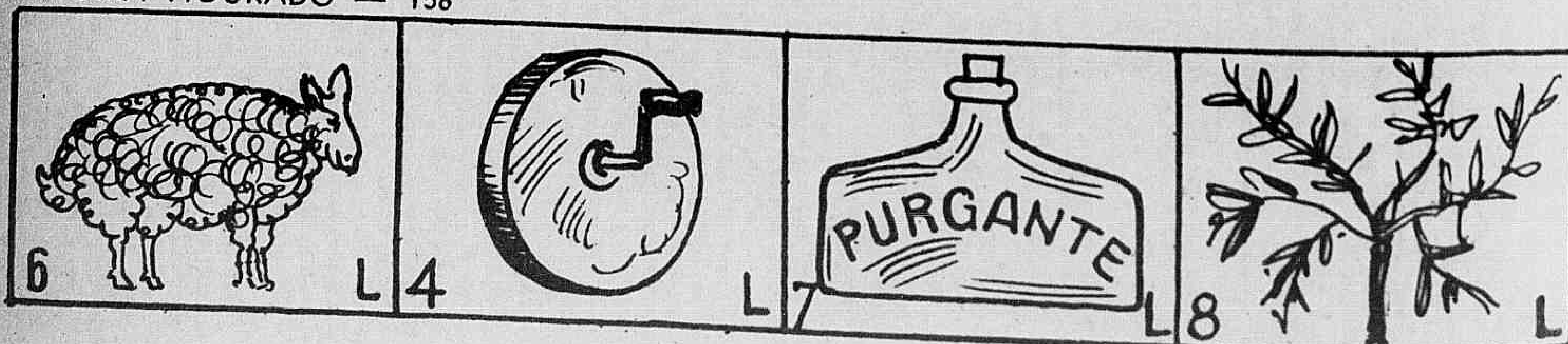
137 — Três (duas) — *Para-*



Juntas rijos e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem forças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnifica ação tonificante

Pilulas DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

ENIGMA FIGURADO — 158



Costa Pereira (Rio)

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Noã contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

da súbita do cavalo a galope, salteador na *vereda.*

Jayreis (Salvador)

---

138 — Três (duas) — *Pessôa obesa* dificilmente dança *samba.*

Marcimento (S. Paulo)

---

139 — Três (duas) A *bebida feita de mel de abelha e vinho* é de uso *vulgar.*

Matsuk (Rio)

ENIGMA PITORESCO — 159



—



Sotnas (Rio Grande)

140 — Três (duas) — Talhei um *pedaço de pão* com o *instrumento de cortar papel.*

P. Del Debbio (S. Paulo)

---

141 — Três (duas) — Mocinha *elegante* não gosta de *namôro* de portão.

Roazo (Maranhão)

---

142 — Três (duas) — A nossa lingua *vernácula* já atingiu a um elevado grau de *aperfeiçoamento.*

Tony (Campo Florido)



LOGOGRIFO

— 143 —

O *vestido velho* da Rita
— 4-2-3-1-5
Que ela trazia no *bando*
— 4-2-5-1-3
Era um vestido de chita.

Para a *casa* rumando
— 1-5-2-4-3
Lá ia a Rita ligeira
Encontrar o Armando
— 4-5-1-3-2

Já em casa, fagueira,
Apresentava o *guisado,*
Muito bela e faceira!

Cejotace (Camaquã-R.G.S.)



CHARADAS CASAIS

144 — Três — Sempre *canto em verso* o que diz êste *indivíduo que fala bem.*

Pele Vermelha — T.B. (S. P.)

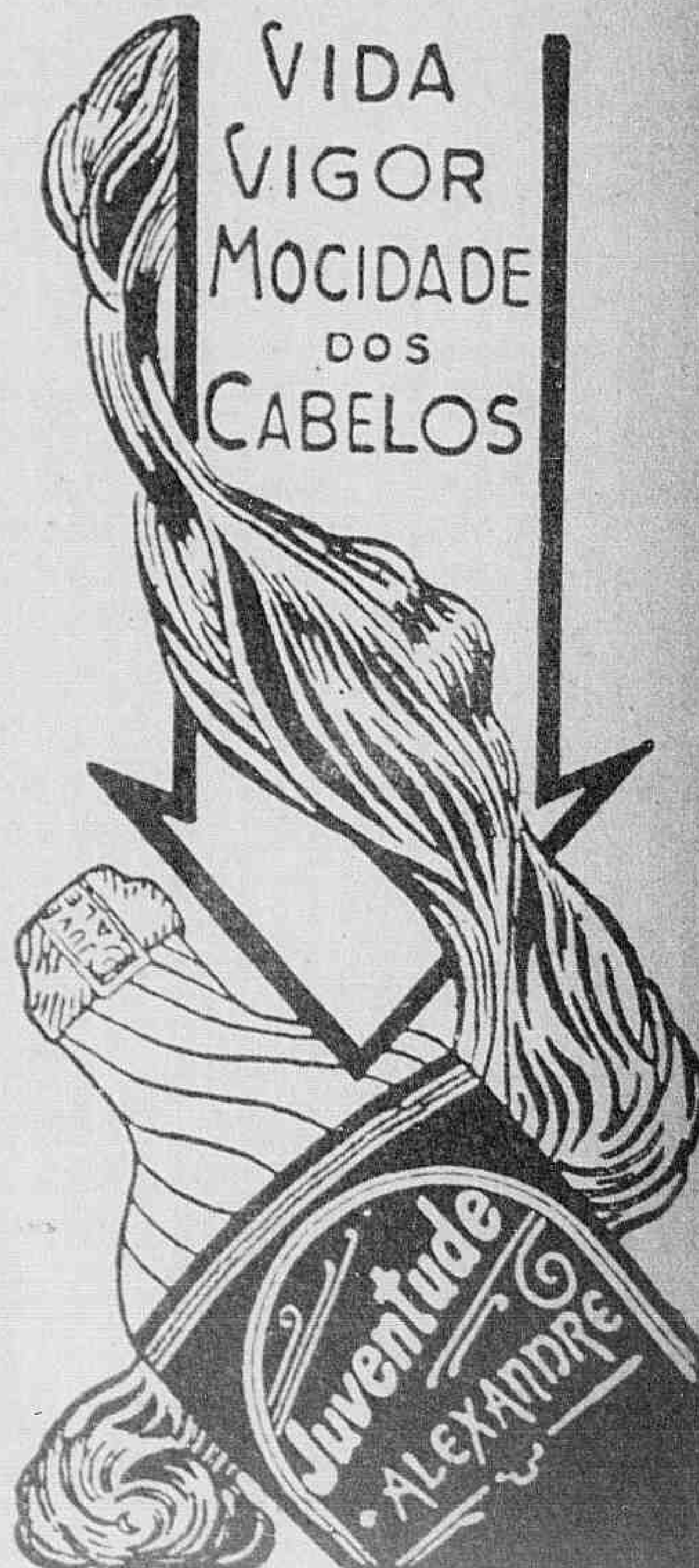
---

145 — Três — *Amontoa* a *caliça* ali no canto.

Roazo (Maranhão)



JUVENTUDE
ALEXANDRE



146 — Quatro — O seu discurso *restringido* a uma *réplica vigorosa*.

Sertanejo II (Lavras)

---

147 — Duas — *Caçador inexperiente* não *tira proveito* das artimanhas da caça.

Sefton (Rio)

---

148 — Três — Fizeram a *queimada do mato para limpar* e procurar o tesouro *oculto*.

Seamva (Santos)

---

149 — Três — Na *obra que se acrescenta ao costado do navio para obstar a abordagem*, o que é *que não é parte integrande* da mesma?

Sam (Rio)

---

150 — Três — Um comandante *sem mêdo encoraja* a tropa.

Alô Trópina — H.C. (Rio)

---

151 — Duas — *Purifico* o meu pecado com a *chama* do arrependimento.

Asclepios (Rio)

---

152 — Quatro — Todo *individuo ámoroso*, *ter*do sempre *hesita*, antes de iniciar qualquer trabalho.

El Principe (Uberaba)

153 — Três — Não tolero a *lisonja*, sou contrário a quem *faz elogios excessivos*.

Farani (Salvador)

---

154 — O oficial *censura* o sargento pelo mau resultado da *experiência*.

Jovaniro (Rio).

---

155 — Três — O maior *atoleiro* está situado num *terreno apaúlado*.

Ranzinza (Rio)

---

156 — Quatro — Quem *faz movimento rápido e inesperado* é sempre *ligeiro*.

Sertanejo II (Lavras).

---

157 — Uma — Mais depressa entra um camelo pelo *fundo de agulha* do que uma *senhora* rica no reino do céu.

Paulistinha (Rio)

HEMORRÓIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

HEMO-VIRTUS

VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO.

HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL



USAR DURANTE TRÊS MESES.



BIGODE

de SENHORAS e VERRUGAS

ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES

GUILHERME KLOTZ

FUNDADO 1926 — AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO

PEÇA PROSPECTOS

AMARALINA

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA À VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL.

O PREÇO DE "*AMARALINA*" É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"*AMARALINA*", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**

AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

COMO APRENDER A DANÇAR

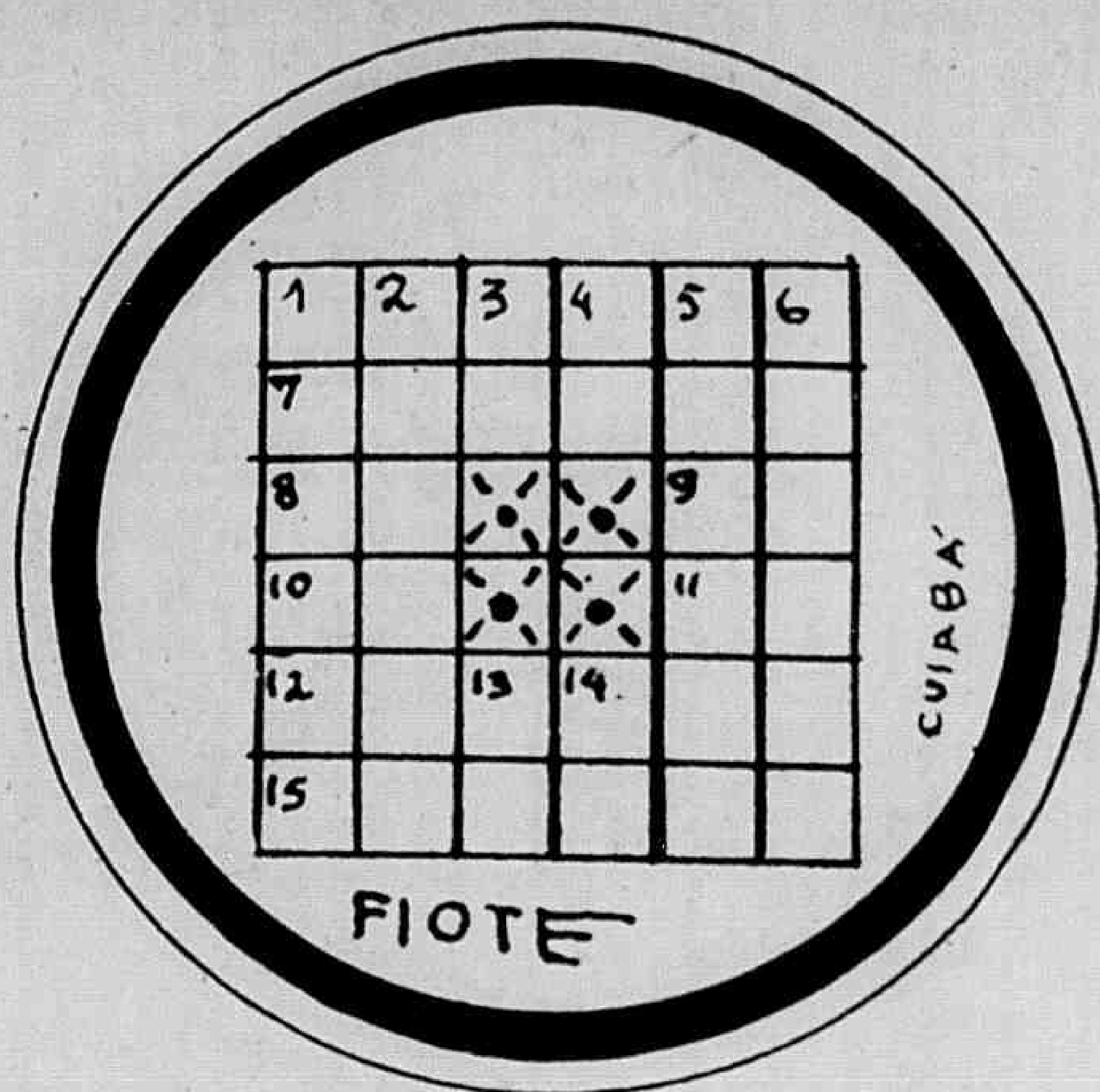


4ª EDIÇÃO AMPLIADA

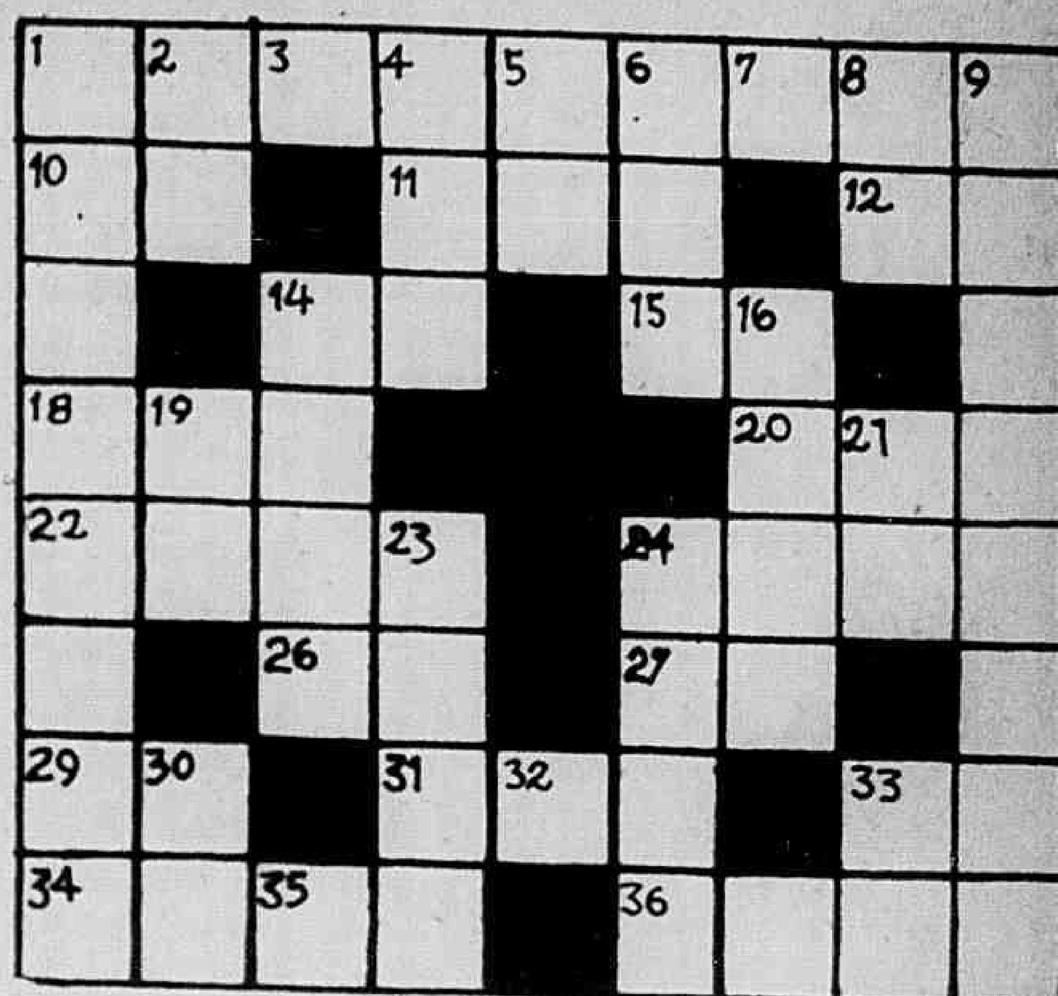
Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

PROBLEMA Nº 5



PROBLEMA Nº 6



Paulistinha (Rio)

HORIZONTAIS: 1 — Sofismar; 7 — Insulado; 8 — Letra do alfabeto sânscrito; 9 — Pronome reflexivo; 10 — Em; 11 — Fim; 12 — Soprado; 15 — Regente.

VERTICAIS: 1 — Patuscar; 2 — Por diante; 3 — Onde; 4 — Êle; 5 — Zangado; 6 — Ébrio; 13 — Eu; 14 — Árvore da Ásia.

HORIZONTAIS: 1 — Doutrina de Jesus Cristo; 10 — Instrumento de padejar; 11 — Afl. esquerdo do Rheno, nasce nos Alpes Berneges; 12 — Outra cousa; 14 — Pron. pessoal; 15 — Rio da Suiça; 18 — Ecoa; 20 — Letra do alfabeto semítico, correspondente a K; 22 — Cautela!, veja lá; 24 — Peça de música para uma só voz; 26 — Desig. de agente, ofício etc.; 27 — Nota musical; 29 — Acolá; 31 — Via; 33 — Nome antigo da nota *dó*; 34 — Instrumento de ataque ou defesa; 36 — Grupo de objetos leiloado de uma vez.

VERTICAIS: 1 — Carta; 2 — Consinto, seja; 4 — Embarcação; 5 — Símbolo do galio; 6 — Período; 8 — Interjeição de admiração; 9 — corneta de uso na idade média, feita de uma presa de elefante; 14 — Tino; 16 — Azêdo; 19 — Suf. feminino da terminação ão; 21 — Int. de dor, admiração; 23 — Não acerta em; 24 — Terra arroteada e própria para cultura; 30 — Aparência; 33 — Nome antigo da nota *dó*.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

DESEMPATES

2º Torneio de 1951

1º LUGAR — Janota, 01; Julião Riminot, 02; O Sineiro, 03; Carlino, 04; Ziul, 05; Lutércio, 06; Niva, 07; Piá, 08; Nostradamus, 09; Cantagalo, 10; Dr. Kean, 11; Oicaroh, 12; Durmel, 13; Jotoledo, 14; Irahydes, 15; Enlina Guimarães, 16; El Principe, 17; Imara, 18; Dupla Jorisa, 19; Jayreis, 20; Seamva, 21; Pompeu Júnior, 22; Dr. Zinho, 23; Toberal, 24; Sefton 25; Farani, 26; Major Agá, 27; Buridan, 28; Matsuk, 29; Emidlej, 30; RACHA, 31; Thisbe, 32; Walter T. Chaves, 33; Rio-San, 34; Malba Tantan, 35; Caboclo, 36; Edpim, 37; Jotoracio, 38; Sertanejo II, 39; Mambira da Jiquitaia, 40; Arpetra, 41; Lupe, 42; Gato Prêto, 43; Johanas Latium, 44; Xixto, 45; Aglaé, 46; Ycaro, 47; Ronega, 48; Alvasco, 49; Rodge, 50;

Alívio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, *na hora*, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.


ÁGUA INGLÊSA GRANADO

Faz de você um forte!
TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

Sônia, 51; Sam, 52; Alô Tropina, 53; Zizinho, 54; Kinosos, 55; Chico Bacamarte, 56; Binastro, 57; Rafinha, 58; Alguém, 59; Edipo, 60; Lujoca, 61; Varetas, 62; Leiria Dias, 63; Ruvina, 64; Antero, 65; Jocati 68; Ordisi, 69; O. Janz, 70; Juca Pirolito, 71; Padre Chagas, 72; Nami, 73; Tencel, 74; Lord, 75; Viviani, 76; Ordaleh, 77; Debuto, 78; Roazo, 79; Spartaco, 80; Júpiter, 81; Zepenha, 82; Lidaci, 83; De Souza, 84; Paraná, 85; Diamante, 86; Ralvo Ilvas, 87; Sinhô, 88; Ueniri, 89; Centauro, 90; Pele Vermelha, 91; Paco, 92; Raul Petrocelli, 93; R. Kurban, 94; Don Roal, 95.

2° LUGAR — Aufergo, 01 a 05; Gil Virio, 02 a 10; Regito, 11 a 15; Conde de la Fére, 16 a 20; Tony, 21 a 25; Argonauta, 26 a 30; Seu Teixeira, 31 a 35; Botucarahy, 36 a 40; Milon, 41 a 45; Sphynx, 46 a 50; Plutarco, 51 a 55; Donalila Borba, 56 a 60; Welton, 61 a 65; Notrya, 66 a 70; Zèzinho, 71 a 75; Zun Cronitano, 76 a 80; Magali, 81 a 85; Bisilva, 86 a 90; Dr. Barreto Cardoso, 91 a 95; Sertaneja, 96 a 00.

Desempate no dia 17 de Janeiro.



1.° TORNEIO DE 1952

SOLUÇÕES

1 — Onisciente; 2 — Atomatar; 3 — Grazinada; 4 — Gascão; 5 — Curial; 6 — Advento; 7 — Natal; 8 — Aposentadoria; 9 — Tinote; 10 — Matéria; 11 — Caraolho; 12 — Sobremaneira; 13 — Grelador; 14 — Fundiária; 15 — Sigilo; 16 — Recato; 17 — Molesto; 18 — Prestante; 19 — Diserto; 20 — Natento; 21 — Previsto; 22 — Catita; 23 — Lidima; 24 — Ternura; 25 — Chilique; 26 — Sacaca; 27 — Patau; 28 — Palavra; 29 — Malacia; 30 — Maúla; 31 — Ligeiro; 32 — Festa; 33 — Foca; 34 — Borracho; 36 — Desvia; 37 — Treso; 38 — Pasto; 39 — Espinha; 40 — Fabrico; 41 — Labrego; 42 — Mêdo; 43 — Desmerecido; 44 — Seca; 45 — Sela; 46 — Profundo; 47 — Regalo; 48 — Rodeiro; 49 — Movido; 50 — Prêto ou branco, um homem é um homem; 51 — Dê mas não diga; 52 — Mexedura; 53 — Alçapão; 54 — Entornado; 55 — Torena; 56 — Roleta; 57 — Matungo; 58 — Lisura; 59 — Graúdos; 60 — Invido; 61 — Boato; 62 — Moente; 63 — Caiva; 64 — Fúfia; 65 — Bodeco; 66 — Fervo; 67 — Primorosa; 68 — Afobação; 69 — Búzio; 70 — Varapau; 71 — Emprestadar; 72 — Opalanda; 73 — Crista; 74 — Fulminar; 75 — Marcado; 76 — Panacarica; 77 — Grulhada; 78 — Lastimadura; 79 — Manhoso; 80 — Tribofar; 81 — Espalhafa-


LAXANTE SUAVE!
Eficaz alcalinizante! Ideal antiácido e estomacal


Para adultos ou crianças, ENO satisfaz.
A VENDA EM TRES TAMANHOS
"SAL DE FRUCTA"
ENO

toso; 82 — Pocema; 83 — Pelanco; 84 — Espandongado; 85 — Pregado; 86 — Anca; 87 — Marro; 88 — Pilha; 89 — Precinta; 90 — Tormenta; 91 — Diserto; 92 — Largo; 93 — Trabalho; 94 — Meado; 95 — Intimativa; 96 — Bromo; 97 — Pantufa; 98 — Guincha; 99 — Partida; 100 — Penetro; 101 — Dionisíaco; 102 — Dinheiro de cobre não pesa — 103 — Dor é a da minha mãe; 104 — Burela; 105 — Dopo; 106 — Matacão; 107 — Fardo; 108 — Perito; 109 — Floresta; 110 — Vitória; 111 — Cochicholo; 112 — Mecópode; 113 — Marosca; 114 — Maldade; 115 — Comovida; 116 — Fumoso; 117 — Crástino; 118 — Galopeação; 119 — Chuchado; 120 — Coima; 121 — Trato; 122 — Creche; 123 — Trezena; 124 — Pontapé; 125 — Trava-contas; 126 — Casório; 127 — Obscuridade; 128 — Suspira; 129 — Custódia; 130 — Tenta; 131 — Devaneias; 132 — Consolado; 133 — Devo; 134 — Olha; 135 — Desempanada; 139 — Sócia; 136 — Derriço; 137 — Cabeço; 138 132 — Forame; 143 — Cruzado; 140 — Recorroída; 144 — Medraço; 145 — Penela; 146 — Tiquara; 147 — Cepudo; 148 — Pucela; 149 — Moente; 150 — Levado; 151 — Loucura; 152 — Estimo; 153 — Nem sempre quem assa o peru é quem o come; 154 — Peixe barato, nem no Crato.

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser enviada ao seu diretor.

DR. LAVRUD



O MILHO NA ALIMENTAÇÃO

O milho terá, futuramente, maior valor nutritivo. Os cultivadores científicos realizaram em excelente trabalho, ao produzir híbridos que dão maior rendimento, resistem mais eficazmente às enfermidades e conservam as hastes eretas e as espigas firmes até a ocasião da colheita.

Agora, os cientistas estão procurando produzir variedades que tenham melhor valor nutritivo. Êsse maior valor alimentício do milho, por sua vez, se refletirá na melhoria da qualidade da carne e do leite dos animais alimentados a milho.

N.º 427 DO **EU SEI TUDO** N.º 7 — 1952
ANO XXXVI Dezembro

SUMÁRIO:

Frontispício — História muito antiga 7
A semana do Natal 10
Autógrafos 10
Snobismo 10
A significação dos brinquedos no mundo das crianças 11
Enquanto não chega a meia-noite 14
História e Linguagem da bandeira branca 15
Vagão de primeira classe 18
Você tem certeza? 19
Homens gigantes no Himalaia! 20
Esteja em dia com o mundo 23
Itália, calcanhar de Aquiles da NATO? 24
Saiba resolver os seus problemas 28
O Oceano, um novo mundo a ser descoberto 29
Como você resolveria isto? 34
Tática financeira 34
Luto eterno 34
O triste Natal de uma rainha (Narrativa histórica) 35
Ilusões de ótica 39
O último caso (Conto de Natal) 40
Máquina que vê as côres 42
A fôrça de um juramento (Romance — 1.º fascículo) 43
Consciencioso em excesso (Episódio real) 51
Falsário de acôrdo com a lei 53
A fôrça do Destino 56
O que as mulheres não podem fazer 57
O preço das enfermidades mentais 58
O homem dêste hemisfério é muito velho 58
Aqui também faz calor 58
Morte por intimação — (Episódio real) 67
Os grandes erros judiciários (VI) — O escandaloso processo de Joseph Borras 68
Explorando o Brasil Meridional 69
Eu só acredito quando vejo! 71
Eu disse que te mataria — (Novela) 72
A pupila rubra (Romance — continuação) 75
Experiências zootécnicas com o gado leiteiro nos climas quentes — (Adaptação do gado zebu — Incremento da produção láctea — Adaptação do gado de pura-raça — Experiências zootécnicas nas regiões antilhanas) 83
Criação de porcos 88
Alimentação musical para leitões 88
Super-população 88
Nos domínios da Gramática 90
Memento EU SEI TUDO — Outubro de 1952 95
Quebra-cabeças, charadas, etc. 107

★

O preço desta revista, em todo o Brasil, é CINCO CRUZEIROS (Cr$ 5,00). Os agentes recebem a revista com um grande desconto para vender pelo preço acima indicado, com lucro.

CORRESPONDÊNCIA



Sílvio Pinto Ferreira — Osasco, S. Paulo — Foi em 1838 que o Dr. Lafargue de Saint Emilion teve, antes de qualquer outro, a idéia de introduzir medicamentos sob a pele dos pacientes. Mas foi sòmente depois da invenção da "seringa de Pravaz" (Carlos Gabriel Pravaz, médico francês, nascido em 1791 e morto em 1853) que o "método hipodérmico" pôde entrar em prática. Foi Pravaz, pois, o inventor da seringa para injeções, que tem o seu nome, a qual, modificada mais tarde, por outros profissionais, é ainda usada atualmente.

Idalina Lopes de Figueiredo Filha, Rua 15 de Novembro, 959 — Pelotas — Rio Grande do Sul — A referência é muito vaga. Estamos procurando, entretanto. Logo que possa ser satisfeito o seu pedido enviaremos a informação por meio de carta.

Luís E. Sellmer, Associação Filatélica e Numismática Santamariense — Santa Maria — R. Grande do Sul — Agradecemos a gentileza do prezado amigo, o esplêndido presente, o qual será imediatamente aproveitado na seção correspondente.

Sílvio C. Maia — Rio Prêto — Minas Gerais — Não recebemos. O que solicita será publicado, justamente, no mês próximo.

★

A CAPA — *A lenda do Natal é bela e é triste. Bela porque dela mesma nasceu a semente da paz e da boa vontade entre os homens e assim viveu através dos séculos e ainda vive hoje. Triste, porque até agora os homens, em vão, perseguem uma grande esperança inatingível. O Natal dêste ano chega num mundo povoado de crentes na fé cristã e no qual é cada dia maior a esperança na promessa divina de paz eterna, mas onde a guerra cobra seu tributo destruidor da humanidade. Esta amarga verdade, porém, não deve quebrar definitivamente essa esperança, embora nos faça olhar com piedade infinita os anos e anos perdidos em erros sempre os mesmos e que tão fàcilmente poderiam ser corrigidos. Mas, como Jesus no horto de Getsemani, onde soube que devia morrer e sofrer em breve, roguemos, por nossa vez: "Pai, a Ti para quem tôdas as coisas são possíveis: afasta de nossos lábios êste cálice de amargura. Mas faça-se a Tua vontade!"*